



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

CINTHIA BARRETO SANTOS SOUZA

**DE CASA PARA A RUA E DA RUA PARA CASA:
IMPLICAÇÕES E INTERAÇÕES FAMÍLIA E TRABALHO**

Salvador
2012

CINTHIA BARRETO SANTOS SOUZA

**DE CASA PARA A RUA E DA RUA PARA CASA:
IMPLICAÇÕES E INTERAÇÕES FAMÍLIA E TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito para obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira

Salvador
2012

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

S729 Souza, Cinthia Barreto Santos.
De casa para a rua e da rua para casa: implicações e
interações família e trabalho. – Salvador, 2012.
232 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em
Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

1. Família 2. Trabalho 3. Interação – Família e Trabalho
4. Conciliação – Família e trabalho I. Título.

CDU316.356.2:331

TERMO DE APROVAÇÃO

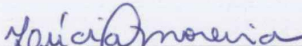
Cinthia Barreto Santos Souza

De casa para a rua e da rua para casa: implicações e interações família e trabalho

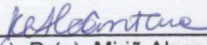
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 23 de fevereiro de 2012

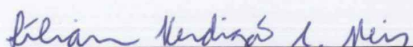
Banca Examinadora:



Prof(a). Dr(a). Lúcia Vaz de Campos Moreira - Orientador(a)
Doutorado em
Universidade Católica do Salvador



Prof(a). Dr(a). Miriã Alves Ramos de Alcântara
Doutorado em Saúde Coletiva
Universidade Católica do Salvador



Prof(a). Dr(a). Lílian Perdigão Caixeta Reis
Doutorado em Psicologia

À Deus, palavras de gratidão em tempo de ação de graças. Dele, Trindade Santa, sou filha do Pai, salva pelo Filho e guiada pelo Espírito Santo.

À Deus, criador da família, que nela fez nascer o Cordeiro, filho de Maria, mãe de todas as mães, mulher santa e escolhida como prova de fé. Nela, o milagre da vida por obediência e gratuito amor a Cristo.

Pela família, Jesus veio ao mundo, fez-se homem e tornou o homem e a mulher, semelhantes a Deus. Na família, santuário da vida, foi educado para a missão até a morte. Nasceu, cresceu e morreu como se fosse um de nós. Escolheu-me, me ensina e me envia para que em família, por ela e com ela possa mais que dizer. Afinal a palavra educa e o testemunho converte.

Às famílias, por toda a minha vida, todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Mistério de fé. Nele, a esperança de uma família capaz de relacionamento pleno de reciprocidade entre gêneros e gerações, favorecendo e fortalecendo a solidariedade social.

À Maria, mãe de Deus e da humanidade, imagem e sinal de fé, obediência e coragem. Mulher, esposa e mãe que venceu a imobilidade do medo para fazer nascer a Luz do mundo.

À família de Nazaré, referência para todas as famílias, igreja doméstica, templo da vida, lugar fértil de valores relacionais. Jesus, Maria e José, pai fecundo de Jesus, exemplo de amor e fidelidade à palavra de Deus.

A todas as famílias, objeto do meu desejo. À minha família de origem que me faz pertencer, à família extensa, berço que acalentou o outro, com quem compartilho o meu eu.

À minhas queridas tias, Anita e Odete, minha bisavó Vetúria, mulheres de fé e de amor. Em cada colo, uma lição de vida, um testemunho de coragem, um relato de luta, um mimo, um denço. Em vocês, a virtude de mãe, a força da mulher, corações caridosos que receberam a vida, como um útero fértil. Obrigada pela oportunidade de cuidar de vocês até o último dia, como quer uma filha ser cuidada e como deve uma filha, saber cuidar.

À minha família, Geo, Caio, Geca e Giu. Os culpados. Nosso caso de amor nos fez cúmplices de um projeto de família para sempre. Amo vocês como ensina o segundo mandamento da Palavra de Deus: *amai ao outro como a ti mesmo*. Assim eu os quero: grandes amores. Únicos, singulares, perto ou distantes, eu os tenho comigo todos os dias. À Deus e para vocês, são as minhas preces.

Em Geo, reconheço a alegria e orgulho pelos meus ganhos. O que nem sempre é dito, mas é possível enxergar. Em cada reconhecimento ou por algum mérito, o esboço de um sorriso otimista e motivador. Obrigada, esta celebração é nossa.

Em Caio, a confiança recíproca de que a luta é um trajeto para a conquista. Assim crescemos juntos, nem sei quem dos dois foi mais mestre que o outro, mas sei que “quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus, resolvem se encontrar”, somos juntos “*pro que der e vier...*”

À Geca, pela companhia, cuidado e desejo de saudade. Sua presença me estimulou a estar longe de casa e perto de você. Tempo de feliz comunhão. Eu e você. Uma mesa para dois, uma cama apertada e muita conversa até que o sono chegasse. Cuidados de filho para mãe. Foi assim que me senti: protegida sob seus afetivos cuidados. Por último, um pedido: quero ouvir o som do seu violão nos últimos acordes dessa jornada: “*quando o segundo sol chegar para realinhar as órbitas do planeta...*” Se isso não acontecer, confesso que precisarei ficar um pouco mais e tentar um Doutorado. Sua presença é uma eterna diversão. *Eu amo amar você.*

À Giu, minha pequena grande menina. Quanto esforço fizemos para suportar a ausência? Quem a levaria para a escola? Para a academia. E os trabalhos de colégio? Quem a ajudaria? E na hora de dormir? Eram questões para todas as vésperas de viagem. Saber que deixei meu lugar na cama e o colo do pai foi um pensamento que alimentei quando, por telefone, ouvia o som frágil da sua voz de “*dor no coração*”. Era assim que seu pai dizia: o coração dela está doendo. Queria saber qual coração dói mais, da mãe ou da filha? De qualquer jeito, o fato é que aprendemos com a distância, crescemos e agora somos maiores que antes. Obrigada filha. Você venceu.

Sou grata pela presença direta ou não, daqueles que me fizeram escolher a família como objeto de estudo. Devo escrever alguns nomes: Ana, minha amada irmã, Moni, Melina, Inho, Lu, Moni Caribé...

À Escola de Pais do Brasil, a seção Santo Antonio de Jesus, movimento que inspira as mais nobres iniciativas em prol das famílias com as quais, partilho a vida social. Sou eternamente cativada por cada um de vocês.

Ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, pela grande inspiração e esforço acadêmico para estudar, compreender e tratar o tema família. Pela coragem e responsabilidade de recolocar a família no lugar de instituição básica, capaz de gerar recursos valiosos para a pessoa e o meio social, meu reconhecimento. Vocês foram capazes de permitir a realização de um sonho.

À equipe de professores, Mestres e Doutores da pesquisa em família em âmbito nacional e internacional, uma saudação celebrativa.

Aos livros que suportam o peso das teorias, o conhecimento de mentes autoras, de ditos inéditos, de palavras originais e infinitas...

À professora Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira, orientadora deste trabalho, minha admiração. Conciliar postura profissional, formação acadêmica e profundo respeito e apreço pela instituição família é um mérito para poucos. Nesta oportunidade devo dizer o quanto nos identificamos. Sua presença cuidadosa, rigor científico, trato paciente e educado durante o processo de orientação, me fizeram acreditar que o espaço destinado ao saber, pode ser assertivo e afetuoso, prazeroso e solidário, eficiente e eficaz. Um encontro entre conhecimento e espiritualidade, pois o que seria da ciência sem o poder da inteligência humana? Obrigada. Não foi por acaso que nos escolhemos. Tudo esteve nos planos de Deus, cremos Nele.

À professora Dra. Elaine Rabinovich, veia poética desse programa, poucas palavras e muitos sentidos. Com você, aprendi a contar histórias de famílias, narrativas inéditas de fatos comuns. Olhar para a família a partir da nossa família é mesmo uma invenção que cabe num poema. Uma metáfora de não ditos que não resiste a um gesto leitor. Obrigada por fazer parte do instante consagrado da poética da família.

Às professoras, Miriã Alcântara e Lilian Perdigão que com sabedoria, confiança e visão refinada, muito contribuíram para as melhorias dessa pesquisa de Mestrado. Durante a banca de qualificação, mostraram-se competentes e acolhedoras na avaliação dela. Apontaram valiosas sugestões, compartilharam conhecimentos, textos e habilidades. A participação dessa banca foi decisiva para a finalização desse estudo.

À equipe de profissionais do Programa em suas diferentes funções. Sou grata pelos serviços prestados, pela higiene e organização dos espaços, pelo café e a água, pelos contatos e correspondências, pelos encaminhamentos solicitados e pronto atendimento.

À Alane, um anjo bom que conheci na sala de aula e descobri vizinha. Por todos os momentos e quilômetros de estrada, conversas, segredos, orações. Gostaria muito de dividir com você este instante. Começamos juntas e vamos terminar esse projeto, em tempos diferentes. Não importa, estarei com você para aplaudir sua chegada. Obrigada amiga, seu nome está escrito nesta conquista.

Ao Colégio Santo Antonio de Jesus, *locos* da pesquisa de campo. Espaço dos filhos e dos pais inscritos nesse texto. Vocês são personagens e autores desse tempo. Obrigada pela disponibilidade, doação e cuidado dedicados à família e ao trabalho.

Às Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, sou grata por abrir as portas do colégio para meu trabalho. Acolho com responsabilidade e orgulho a confiança depositada e disponibilizo todo o meu conhecimento como gesto de reciprocidade. Às professoras da Educação Infantil, a coordenação e a professora Nau, um abraço de admiração.

Pela cidade de Santo Antonio de Jesus, alimento um grato afeto. Cidade mãe da minha família. Lugar que embala meus sonhos e recebe os meus projetos e iniciativas.

A todos os meus colegas de trabalho que comigo compartilharam a esperança e motivaram meus atos na direção do Mestrado, obrigada.

A Nega, Ane e Lurdinha que cuidaram da nossa casa e da nossa filha com amor e dedicação. Que estão sempre na torcida em meu favor e demonstram diariamente o quanto me querem bem, devo escrever: eu também adoro vocês. Obrigada.

A Rosa, profissional exemplar que me emprestou seus dedos ágeis para compor tabelas e conferir somas, em tempo de férias.

Aos leitores desse texto, minha gratidão pelo interesse e esforço para compor comigo todos os sentidos. Obrigada por ter dividido comigo a responsabilidade de dizer para significar. A você Lúcia, que aferiu os rabiscos e enfrentou a rotina necessária e exaustiva pela qual nenhum texto deve escapar. Minha gratidão.

Recomeçar

Despertar, sob a luz de um novo dia e renovar
Encontrando nova força para Amar
Em tempos difíceis

Descobrir
Sem querer o quanto é frágil
Decidir
Escolhendo cada passo onde ir
Num futuro incerto

Não é fácil, prosseguir apagando da memória
Tudo aquilo que fez a nossa história
Nossa vida de novo começar

...

Decidi avançar o meu caminho
Sem deixar
Que o passado, o destino, possam destruir
Uma vida honesta

Revirar
Alegrias e lamentos
Entender, que só mesmo o próprio tempo
Nos dará, todas as respostas

Tânia Mara

SOUZA, Cinthia Barreto Santos. **DE CASA PARA A RUA E DA RUA PARA CASA: IMPLICAÇÕES E INTERAÇÕES FAMÍLIA E TRABALHO**. F. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2012.

RESUMO

A pesquisa “De casa para a rua e da rua para casa: implicações e interações família e trabalho” objetivou identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional. A relação entre as duas esferas tem estimulado dificuldades que aparentam ter efeitos negativos em vários níveis: saúde, bem-estar individual, familiar e conjugal, além da produtividade no trabalho. Tal fato aponta para a relevância desse projeto, pois ele investiga as influências de recursos externos e internos que facilitam a compatibilidade da vida familiar e trabalho profissional. Trata-se de um estudo quantitativo que teve como participantes 30 pais e 30 mães, totalizando 30 casais que convivem juntos e têm filho(s) com idades entre dois e cinco anos. Foi realizada em Santo Antonio de Jesus, cidade do interior da Bahia, com os pais de uma escola particular. Como instrumento de coleta de dados, usou-se um questionário adaptado a partir do roteiro construído no Projeto *FAMWORK*. Foram focadas as interações e conciliações família e trabalho, a partir dos segmentos: profissão: realização, satisfação, organização e influências família e trabalho; divisão de tarefas: conflitos e negociações para conciliar demandas familiares e profissionais; vida familiar: relações casal e pais e filhos; conciliação: estratégias orientadas para a vida comum e vida pessoal. Houve aprovação do trabalho por Comitê de Ética em Pesquisa. Na sequência, procedeu-se o sorteio de 20,0% dos alunos matriculados na Educação Infantil da referida escola. Foi então entregue aos pais desses alunos os questionários a serem respondidos, juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados obtidos foram analisados utilizando o programa *Satatistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Para as questões abertas estabeleceu-se categorias a partir das respostas encontradas. Obteve-se como resultados: os casais trabalham em turno integral, vivenciam relações conjugais, parentais e profissionais e reconhecem interesses individuais, enquanto desenvolvem estratégias de conciliação entre trabalho e família. Os participantes conhecem as implicações e interações entre as duas esferas: família e trabalho, bem como, a centralidade delas na vida pessoal. Neste sentido, pais e mães buscam dividir tarefas familiares, apoiar-se em familiares e apoios externos (babás, escola/instituição de educação infantil), como principais estratégias de conciliação. Fazem revezamento de horários entre os pares, procuram redução de carga horária de trabalho, planejam e organizam horários, agendas e tarefas, distribuindo obrigações. As famílias têm buscado apoio familiar e institucional para a prole e investem na babá como colaboradora na tarefa. Finalmente, conclui-se que existe um esforço real entre os casais e profissionais para conciliar família e trabalho. Entretanto diante da complexidade e densidade de fatores que circulam no entorno da questão, verifica-se a necessidade de outros estudos que aprofundem os focos salientes e ampliem os resultados aqui obtidos.

Palavras-chave: família, trabalho, interação, conciliação.

ABSTRACT

This research titled "From Home to the Street and from the Street to Home: Family and Work Implications and Interactions" has as aim to identify how couples with little children organize themselves to conciliate family, marriage life, care with the sons and professional fulfillment. It is characterized for being a quantitative study that has 30 (thirty) fathers and 30 (thirty) mothers as participants of the research. It was developed in Santo Antonio de Jesus, an interior city of Bahia with parents from a private school. The method consisted of a questionnaire adapted from the schedule of the FAMWORK Project. It is focused family and work interactions and conciliations from the following segments: family and work: profession, fulfillment, satisfaction, organization and influence; division of duties: conflicts and negotiations to conciliate families and professionals contests; family life: married couple relationships, parents and sons; conciliations: oriented strategies to a common life and a personal life. It has already approved by Ethics Committee of Research. There was a selection by raffle of 20% (twenty percent) of registered students of Kindergarten of the mentioned school. The students' parents answered the questionnaire together with the term of free and clarified agreement. The data were analyzed by the *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). The open questions were elaborated by categories from the given answers. The results were: couples with an eight-hour workday, to live together establishing marriages, relatives and professional relationships and recognizing individual interests while they develop strategies of conciliation between work and family. The participants recognize the implications and interactions between the two spheres: family and work and the centralization of both for the personal life. In this sense, fathers and mothers look for to divide the family duties with the help of relatives and external support (babysitter, school/institution of kindergarten) as principal strategies of conciliation. They arranged to take turns looking for to reduce the eight-hour workday, they plan and organize schedule, agenda and duties distributing the obligations. In conclusion, there is a real effort of both, the couples and professionals to conciliate family and work. It was observed that they are dividing the duties but the majority of the obligations in relation to the care with the sons, the mothers are responsible for them. The families are looking for help from relatives and institutions and they invest in a babysitter as a helper of their families. This verifies the necessity of other studies to become deep and extend the results obtained in this work.

KEYWORDS: family, work, interaction, conciliation

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 Distribuição percentual dos participantes por idade. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011.
- Tabela 2 Distribuição percentual do tempo de convivência do casal na mesma residência. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 3 Distribuição percentual do tempo de casamento dos casais. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 4 Distribuição percentual dos participantes que foram casados antes da união atual. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 5 Distribuição percentual da quantidade de pessoas que moram na casa dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 6 Distribuição percentual das configurações familiares dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 7 Distribuição percentual de dados relativos aos filhos: sexo, idade, residência. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 8 Distribuição percentual relativa ao setor profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 9 Distribuição percentual das atividades profissionais dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 10 Distribuição percentual sobre realização profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 11 Distribuição percentual dos fatores que afetam a atividade profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 12 Distribuição percentual de afirmações relativas às implicações profissão e família dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 13 Distribuição percentual sobre a compreensão do empregador relativa às obrigações familiares dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 14 Distribuição percentual sobre influência da atividade profissional na atividade familiar dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 15 Distribuição percentual sobre influência da vida familiar na atividade profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

- Tabela 16 Distribuição percentual da divisão de tarefas na família dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 17 Distribuição percentual de avaliação sobre: trabalho doméstico, manutenção/reparação e cuidado com os filhos dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 18 Distribuição percentual de horas semanais utilizadas pelos participantes, em atividade profissionais. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 19 Distribuição percentual de tarefas como peso ou fonte de realização/satisfação pessoal dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 20 Distribuição percentual da conciliação entre obrigações familiares e profissionais dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 21 Distribuição percentual da conciliação entre profissão e família no que diz respeito ao companheiro (a) dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 22 Distribuição percentual de renúncias perante as dificuldades em conciliar profissão e família dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 23 Distribuição percentual de avaliação sobre: a carga de trabalho total distribuída entre o casal. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 24 Distribuição percentual sobre a negociação do casal quanto à distribuição do trabalho. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 25 Distribuição percentual das influências na distribuição de tarefas entre os participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 26 Distribuição percentual do grau de satisfação quanto à divisão de tarefas entre os participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 27 Distribuição percentual da avaliação dos participantes, quanto à divisão de tarefas praticadas por outros casais. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 28 Distribuição percentual da valorização do trabalho individual de um companheiro pelo outro. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 29 Distribuição percentual de constatações sobre a realidade vivida pela pessoa quando avalia sua experiência com outras. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 30 Distribuição percentual de constatações sobre a realidade vivida pela pessoa quando avalia sua experiência com outras. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

- Tabela 31 Distribuição percentual sobre grau de exigência quanto à arrumação e limpeza. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 32 Distribuição percentual da divisão desejada do trabalho familiar dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 33 Distribuição percentual sobre relação pais e filhos dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 34 Distribuição percentual sobre comportamento dos pais em relação aos filhos. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 35 Distribuição percentual dos motivos de sobrecarga na vida familiar dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 36 Distribuição percentual de características particulares da relação pais e filho indicado para o estudo, nos dois últimos meses. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 37 Distribuição percentual de necessidade do filho estudado dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 38 Distribuição percentual das características comportamentais, do filho estudado, no último mês. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 39 Distribuição percentual sobre a percepção dos participantes quanto o relacionamento com o filho estudado. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 40 Distribuição percentual sobre a forma de lidar com os filhos (2 a 5 anos). Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 41 Distribuição percentual sobre as estruturas de apoio disponíveis para o cuidado dos filhos pequenos. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 42 Distribuição percentual da avaliação dos participantes sobre o apoio disponível para os filhos. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 43 Distribuição percentual de afirmações que se aplicam às famílias dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 44 Distribuição percentual de horas por dia, em que os filhos recebem apoio. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 45 Distribuição percentual de carências no campo profissional para conciliação família e trabalho. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 46 Distribuição percentual de aspectos importantes da relação conjugal para a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

- Tabela 47 Distribuição percentual de aspectos da relação conjugal a serem melhorados para a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 48 Distribuição percentual de mudanças no campo da política familiar para melhorar a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 49 Distribuição percentual das condições sociais que favorecem a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 50 Distribuição percentual de afirmações alinhadas ao conceito de vida dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 51 Distribuição percentual de valores como princípios que orientam a vida dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 52 Distribuição percentual de características da configuração da relação conjugal dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 53 Distribuição percentual de percepções sobre a vivência dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 54 Distribuição percentual do grau de influência individual dos participantes nas decisões do casal. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 55 Distribuição percentual de fatores que motivam conflitos no casal participante. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011
- Tabela 56 Distribuição percentual de reações do companheiro(a) durante discussões. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCAA	Centro de Cultura Anglo Americano
CD	Ciclo de Debates
COC	Curso Oswaldo Cruz
CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Estadual de Assistência Social
DDP	Setores de Distribuição de Pessoal
EPB	Escola de Pais do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMMB	Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil
MOW	Meaning of Work International Research Team

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
1. INTRODUÇÃO	24
2. REVISÃO DE LITERATURA	28
2.1 FAMÍLIAS: DE CASA EM CASA	28
2.2 TRABALHO: DE CASA PARA A RUA	31
2.3 TRABALHO E FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE: CARACTERÍSTICAS E EXIGÊNCIAS ATUAIS	35
2.3.1 O tempo: uma construção real, uma sobreposição de fatos, um espaço na contemporaneidade	42
2.3.2 Atividade profissional e vida familiar: implicações, conexões	47
2.3.3 A utilização do tempo para o trabalho e para a família	50
2.4 CONJUGALIDADE E TRABALHO	52
2.4.1 Vida pessoal: valores relacionais	52
2.4.2 Vida em comum: configuração das relações familiares	55
2.4.3 Vida em comum: campo profissional, políticas familiares e sociedade	59
2.5 PARENTALIDADE E TRABALHO	63
2.5.1 Vida familiar: relações pais e filhos	66
2.5.2 Cuidados com os filhos: apoios disponíveis	70
2.6 PARENTALIDADE, CONJUGALIDADE E TRABALHO: ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	76
2.7 O ESTUDO	79
2.7.1 O objetivo geral	81
2.7.2 Os objetivos específicos	81
3. MÉTODO	82
3.1 DELINEAMENTO	83
3.2 O CONTEXTO: LOCAL E PARTICIPANTES	85

3.3 INSTRUMENTO	87
3.4 PROCEDIMENTOS	88
3.5 ANÁLISE DE DADOS	89
4. RESULTADOS	91
4.1 PERFIL DAS FAMÍLIAS ESTUDADAS	91
4.2 PROFISSÃO: REALIZAÇÃO, SATISFAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E INFLUÊNCIAS FAMÍLIA E TRABALHO	95
4.3 DIVISÃO DE TAREFAS: CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES PARA CONCILIAR OBRIGAÇÕES FAMILIARES E PROFISSIONAIS	111
4.4 VIDA FAMILIAR: RELAÇÕES PAIS E FILHOS	145
4.5 APOIOS DISPONÍVEIS	163
4.6 ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO FAMÍLIA E TRABALHO: CAMPO PROFISSIONAL, VIDA EM COMUM, POLÍTICAS FAMILIARES E SOCIEDADE	173
4.7 VIDA PESSOAL E VIDA EM COMUM: PRINCÍPIOS E VALORES INDIVIDUAIS, CONFIGURAÇÃO DA RELAÇÃO CASAL	187
5. DISCUSSÃO	205
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
REFERÊNCIAS	223
APÊNDICES	
APÊNCIDE A	
APÊNCIDE B	
APÊNCIDE C	
APÊNCIDE D	
ANEXOS	

APRESENTAÇÃO

O desejo de estudar e compreender os relacionamentos vividos no ambiente familiar foi motivado por uma experiência própria de vida.

Desde muito cedo, ainda na idade infantil, ao olhar para a minha família de origem, questionava com estranhamento e sentimento de angústia, as relações entre as pessoas. Desconfiava que o ambiente de casa pudesse ser mais promotor do desenvolvimento humano do que era.

Medo, castigos, desrespeito pela pessoa e momentos tensos de preocupações, deixavam os filhos em situação de suspense e ânsia, cotidianamente. Uma rotina que teimava sobressair-se entre os outros momentos de encontros e alegrias. Meu desejo era que a família fosse muito mais feliz.

Com este relato, aponto para o primeiro motivo da escolha que faço, pelo tema família. Certamente, ao recortar este entre tantos objetos de estudo, espelho a necessidade de compreender as carências familiares diante de experiências pessoais conflituosas ou não, vividas no contexto dessas relações.

Na família, experimentamos o acolhimento de pertença, ganhamos identidade, nos recolhemos e com ela nos lançamos seguros ou temerosos. É certo, não estamos sós. Para as famílias, destino também este meu esforço acadêmico e atenção.

Do desejo subjetivo ao interesse científico, outros envolvimento me aproximaram do objeto família. A real possibilidade de constituir uma família nova por meio da união conjugal alimentou o sonho da criança que fui. Uma menina empolgada pela vontade de aprender e viver uma realidade familiar distinta do modo precedente.

Assim, compactuei com meu esposo o empenho de investir na construção de um ambiente familiar harmonioso. Empenhar-nos-íamos para garantir proteção e equilíbrio emocional aos diversos membros, principalmente cuidaríamos da educação dos filhos primando pelo respeito no trato com eles e descartando a possibilidade de castigá-los rotineiramente.

O relacionamento familiar para nós, enquanto casal, também carece de cuidados. Acreditamos na potencialidade da união conjugal capaz de proteger o funcionamento da família. Finalmente, compreendemos que tal investimento exige de

cada um, cumplicidade, desprendimento, caridade e disponibilidade para ceder em prol do outro, da satisfação pessoal e realização profissional.

Neste sentido, o trajeto da família é longo, muitas vezes exaustivo e exigente, o que demanda interesse e empreendimento da família para aprender, atualizar conhecimentos, participar da vida social como exercício prático e educativo.

Diante das infinitas demandas, decidimos agregar valores relacionais na convivência com outras famílias. Resolvemos participar de forma disciplinada e contínua de trabalhos voluntários, movimentos sociais e religiosos com interesse e foco na família. Temos a impressão de que há sempre algo para aprender e transformar em experiência de relacionamento prazeroso, duradouro e confortável em família e na relação com o diferente.

Segundo o paradigma relacional, elaborado por Donati (2008), a realidade social pode ser interpretada com foco nas relações sociais entre pessoas, na interação com as mais variadas circunstâncias sociais.

Nesta perspectiva, interessei-me por todas as famílias, não importava qual, que desenho, forma e beleza tivesse. Amava a família em seu pleno existir, no exercício de sua função ou desprovida de convivência solidária. Planejei, construí e montei muitas casas de bonecas e suas famílias. Decidi por um modelo que manuseio com cuidado e afeição, todos os dias. Um exercício constante por um relacionamento compassivo e leal. Esse foi o sentido de família que apreciei no convívio com a família extensa materna. Uma família de mulheres afetivas, independentes, destemidas e fortes.

Tais memórias revelam uma paixão particular por esse lugar de acolhimento e luta: a família. Reconheço-me, então, sujeito do escrito de Roudinesco (2003), quando relata que a família não morreu, porém é reinventada no cotidiano. Ela continua sendo amada e desejada por mulheres, homens e crianças em todas as idades, condições sociais e orientações sexuais.

Devo dizer que me sinto desafiada ao aproximar o conhecimento comum, prático, empírico do estudo acadêmico, científico que estou fazendo. Mas, segundo, Velho (2004), o familiar é, cada vez mais, um objeto relevante de investigação no intuito de perceber a mudança social como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. Assim, um envolvimento inevitável com o objeto de estudo não constitui nesse, um defeito ou imperfeição.

Aqui vale lembrar também o debate de Bourdieu (2005) sobre a relação entre conhecimento e interesse. Para ele, não há conhecimento desinteressado. A noção de interesse se coloca para o autor como um instrumento de ruptura com uma visão encantada e mistificadora das condutas humanas. No campo da Sociologia, trabalhar com essa noção significa compreender que há uma racionalidade para os agentes fazerem o que fazem. Tal razão favorece a escolha intencional desse estudo.

Os interesses são contingenciais e podem surgir a partir das práticas sociais em que cada agente/sujeito está inserido e que já supõe um *habitus* incorporado. A escolha por um tema de pesquisa, o surgimento de um interesse, também pode estar marcado por circunstâncias diversas ligadas ao ambiente profissional e acadêmico e às possibilidades de maior inserção e reconhecimento dentro do campo.

Enquanto educadora de profissão, ocupo a área das linguagens e me aproximo da literatura escrita em contos, crônicas, poesias. Uso o texto que adorna a curiosidade filosófica e pergunta insistentemente sobre os sentidos das coisas, do outro, do existir e pertencer. Falo do lugar que experimenta saberes carregados de sensações particulares e públicas. Pela linguagem e por ela, fui tecendo interesses pelo outro que lê e escreve suas histórias de vida. Ao lado da literatura, encontrei nos livros, pessoas, crianças, jovens, pais, filhos e famílias em relacionamento.

Dos diferentes núcleos familiares, aproximei-me intimamente através da Escola de Pais do Brasil (EPB), uma iniciativa voluntária que existe para cuidar da relação pais e filhos e conseqüentemente do espaço que ocupam, hoje, na sociedade contemporânea.

A Escola de Pais é uma instituição particular, voluntária e gratuita. Foi implantada no Brasil em outubro de 1963. Aberta a todos os casais, pais e famílias, independente da etnia, condição social, credo religioso ou político. Destina-se a todos os interessados na educação e orientação dos núcleos familiares.

Em Santo Antonio de Jesus, interior da Bahia, cidade em que resido, a Escola de Pais tem vinte anos de existência, exatamente a quantidade de tempo que atuo como coordenadora de Ciclos de Debates (CD) da EPB. Dentre as atividades realizadas pela escola, congressos, seminários, atualizações, revisões, publicações, os CDs são os mais relevantes, pois é um trabalho pontual, orientado para o atendimento das famílias.

A experiência com a Escola de Pais do Brasil em Santo Antonio de Jesus é, para mim, um ponto de intersecção entre o conhecimento empírico e o desejo de

avançar no estudo científico do tema família. A pesquisa que emerge do saber comum deve romper a fronteira da informação disponível, do sentimento perceptível, da visão particular para enfrentar o desafio da investigação, questionar evidências e manipular atentamente o objeto para tratar o tema escolhido para a presente dissertação de mestrado: a relação família-trabalho. Assim, buscou-se verificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, realização profissional, vida conjugal e cuidados com os filhos.

Esta dissertação foi inspirada no projeto: “*Famwork*: vida familiar e profissional, conflito e sinergia”. Tal estudo envolveu nove universidades européias. Além da Universidade do Porto, em Portugal, integraram o projeto, as universidades de Munique, Friburgo, Graz, Nijmegen, Mons, Palermo, Toulouse e Jyväskylä.

O estudo centrou-se na caracterização e comparação das modalidades de conciliação da vida familiar e profissional, adotadas por famílias com filhos em idade pré-escolar.

A rede de sete grupos de investigação europeus pretende contribuir para uma das questões centrais da vida familiar moderna e trabalho profissional na Europa: a relação família-trabalho. A palavra modernização implica antagonismos entre as necessidades da vida familiar e as condições de trabalho profissional. Esses antagonismos podem afetar os vários níveis da vida, tais como saúde, bem-estar e produtividade no trabalho. O projeto proposto investiga as influências de recursos externos e internos que facilitam a compatibilidade da vida familiar e trabalho profissional.

Para analisar estas questões, o projeto refere-se a diferentes tipos de informações como números oficiais, dados psicológicos e o desenvolvimento de instrumentos aplicáveis, que forneceram resultados, para orientar a elaboração de políticas futuras.

O estudo desenvolvido pelo projeto teve início no ano de 2003 e término no ano de 2005. Durou 33 meses e foi mantido por financiamento. A sigla do projeto foi definida como FAMWORK.

Tal projeto de pesquisa oferece pela concentração no foco família e trabalho, um viés importante para pesquisa aplicada à família contemporânea no Brasil. Assim, o instrumento utilizado no projeto FAMWORK foi traduzido e adaptado ao português pela Profa. Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli Alves (USP-RP).

Tendo em vista as tendências da estrutura familiar e composição sexual do mercado de trabalho brasileiro, evidencia-se uma justaposição entre o Brasil e os países desenvolvidos, no que diz respeito a esse aspecto. Entretanto, a ausência de uma nova percepção e atualização de práticas sociais impede a inserção igualitária da mulher, mãe, com filhos pequenos no mercado emergente.

Tal fato aponta para a relevância da pesquisa anunciada, principalmente se levarmos em conta a demanda por soluções que respondam ao conflito da conciliação família e profissão, observado pela mestrandia em seu trabalho voluntário na Escola de Pais do Brasil. Em paralelo, nota-se um aumento no interesse por pesquisas sobre família e trabalho por estudiosos de várias áreas do conhecimento.

Neste sentido, apresento e disponibilizo as informações que seguem e reafirmo que para enfrentar o tema família e trabalho vale debruçar sobre as relações conjugais, parentais e profissionais. A expectativa é identificar estratégias de organização nas famílias que possibilitem o alcance da conciliação justa entre os sexos e mobilize responsabilidades coletivas para além do âmbito do privado.

I INTRODUÇÃO

O estudo, “De casa para a rua e da rua para casa: implicações e interações família e trabalho”, objetiva conhecer as estratégias de organização usadas pelos casais, com filhos pequenos, para conciliar vida familiar e trabalho.

Inicialmente, o interesse pela relação trabalho e família, foi motivado por dados empíricos, resultantes da demanda apresentada por casais com filhos na idade infantil, no contexto da experiência da pesquisadora, com a Escola de Pais do Brasil.

Durante o atendimento às famílias participantes do movimento, notou-se que entre às dificuldades familiares dos casais, estava a conciliação entre vida familiar e profissional. Alinhar interesses da vida pública e privada no contexto da contemporaneidade constitui-se, para os casais, em um conflito que ressoa na relação conjugal, profissional e parental.

O fato é que os segmentos família e trabalho emergem como eixos estruturantes para a satisfação da pessoa e razão da existência humana. Nos dias atuais, a relação com a família apresenta-se como elemento central na vida das pessoas. Do mesmo modo, o trabalho, tanto para homens quanto para as mulheres obtém valorização ascendente. Daí a questão, como conciliar os interesses de modo satisfatório?

Entre as notícias atuais que circulam na mídia impressa, temas e curiosidades que adentram o espaço da família, destaca-se por hora, a abordagem de opinião realizada por um instituto paulista e divulgada pela Folha de São Paulo¹, em 7 de outubro de 2007, que revelou dados de uma pesquisa nacional do Datafolha sobre família Brasileira. Registrou-se que 98% dos entrevistados, acreditam que a família é importante ou muito importante para as pessoas entrevistadas.

Em busca de estudos e literaturas sobre a questão, verifica-se que não só as proeminências afirmam ser a família, um desejo e necessidade básica do sujeito social, mas também, a realização pessoal, conjugal e profissional que associadas, produzem satisfação e bem estar às pessoas.

De posse das informações revisadas sobre a literatura específica, Petrini (2008, p.20), escreve sobre a família, como recurso pessoal e social:

¹ Folha de São Paulo, 7 de outubro de 2007.

A família responde a necessidades humanas e sociais relevantes, por isso é considerada um recurso para a pessoa e para a sociedade. É recurso para a pessoa porque está presente como uma realidade simbólica que proporciona experiências no nível psicológico e social, bem como orientações éticas e culturais. No espaço da vida familiar, vive-se experiências humanas básicas que duram no tempo, independentemente da vontade das pessoas envolvidas, tais como, a paternidade, a maternidade, a filiação, a fraternidade, a relação entre as gerações e seu impacto na descoberta do nexos com a geração da vida e com a realidade da morte. Em suma, a família é um requisito do processo de humanização, que enraíza a pessoa no tempo, através das relações de parentesco, destinadas a permanecer durante toda a existência.

A família também constitui um recurso para a sociedade, pois facilita respostas a problemas e necessidades cotidianos de seus membros. A família é um recurso sem o qual a sociedade entraria em colapso, caso fosse obrigada a assumir tarefas que, via de regra, são realizadas por ela, de forma melhor e a menor custo. Através da proteção, da promoção, do acolhimento, da integração e das respostas que oferece às necessidades de seus membros, a família favorece o desenvolvimento da sociedade.

Visitando pesquisas sobre tais aspectos, o estudo, “Família: recurso da pessoa e da sociedade”, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica de Salvador, em 2010, objetivou analisar a situação da família no Brasil elucidando os valores humanos e sociais que ela gera, quando vive relações de cooperação entre os sexos e gerações ao longo do tempo.

Indagados sobre o que representa a família, a categoria base de tudo, alcançou o maior índice, entre os 102 participantes de Salvador de classe média. Sobre a escolha que o entrevistado faz quando precisa privilegiar trabalho ou família revela que 66,7% do total tende a privilegiar a família ao trabalho e 26,5% colocaram-se em posição intermediária.

No que se refere à busca de uma conciliação trabalho e família, 100% das respostas obtidas, foram afirmativas. Em seguida perguntou-se a respeito da importância de conciliar família e trabalho para a realização de aspirações pessoais. Os dados coletados apontam para um percentual de 93,1% de tendência a concordar.

Ainda, em relação ao favorecimento do crescimento dos filhos, 90,9% acreditam que a conciliação é necessária. Sobre o investimento de tempo nas relações como um todo, 95,1% crê na conciliação.

A propósito, as respostas demonstradas, estão em consonância com os estudos teóricos registrados na revisão de literatura a seguir. Eles devem sustentar a análise e a discussão de dados contemplada nesse texto, a partir do que sugere Gilbert e Rachlin (1987). Eles indicam que a eficiência de estratégias de adaptação ao estilo que combina trabalho e família depende da articulação entre fatores pessoais, interacionais e ambientais. Eis então, a problemática que implica na discussão família e trabalho no espaço relacional da conjugalidade, parentalidade e da realização profissional.

O investimento para favorecer as relações oriundas da conciliação família e trabalho, tem engajado os membros familiares em ações que apóiam necessidades próprias. Os dados que seguem, sobre movimentos sociais, particulares, voluntários e iniciativas públicas demonstram a preocupação com o bem estar da instituição família, tendo em vista o valioso trabalho que ela desempenha na formação e educação do indivíduo, da sociedade e na geração de trabalho e riqueza.

As ações são propostas de prestação de serviços de apoio à família como faz o Projeto Âncora Social. Destinado ao bem estar da Família Naval.

A Marinha² presta assistência permanente e Integrada às famílias em foco, a partir da execução de doze programas sociais. O trabalho é realizado pelos trinta e um órgãos do Serviço de Assistência Integrada ao Pessoal da Marinha, localizados em todas as áreas Distritais do País.

Enquanto iniciativa destinada ao apoio às famílias ligadas à Marinha, há um plano de execução que demonstra pela sua completude, interesse na promoção integral do funcionamento familiar, associando ações educativas, proativas, preventivas e solidárias no sentido da realização coletiva da comunidade usuária dos serviços, além da capacidade de inserção no mundo do trabalho, produção de riqueza, conscientização de direitos e deveres sociais por meio do apoio à conciliação: família e trabalho.

Outras iniciativas podem ser listadas e posteriormente analisadas, a exemplo dos programas: CRAS e CREAS, Centros de Referência e Assistência Social, responsáveis pela oferta de serviços de proteção social básica às famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade. O programa é uma ação dos Governos

² Dados obtidos em www.mar.mil.br/arquivos/ancora_social_web.pdf. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

Federal e Estadual. O foco do projeto está na proteção da violação dos direitos básicos da pessoa, entre eles, ter uma identidade, moradia, saúde, educação e paralelamente, oportunidade de trabalho.

Além da rede pública, são inúmeros os programas de apoio à pessoa e as famílias que disponibilizam informações e serviços atualmente. Os dados e *links* podem ser visualizados em meio virtual. A Escola de Pais do Brasil, a Associação Beneficente Direito de Ser, Campinas - SP, o Centro de Atendimento ao Trabalhador (CEAT), o Centro de Orientação Familiar, Campinas - SP são iniciativas de adesão à necessidade de apoiar, sustentar e valorizar a existência das famílias e sua reconhecida utilidade social. Esses programas buscam o fortalecimento das relações pessoais, munindo os sujeitos de competência para enfrentar desafios e conciliar necessidades e benefícios.

Ao olhar para a problemática da conciliação trabalho e família como provocação que ronda os núcleos familiares na contemporaneidade, a presente dissertação apresenta o tema a partir dos seguintes segmentos: revisão de literatura; que elucida as discussões sobre o perfil das famílias na contemporaneidade, as exigências do mercado de trabalho, os desafios da convivência conjugal, a educação dos filhos e finalmente as possibilidades de conciliar vida familiar e trabalho no cotidiano de casais com filhos pequenos.

Para verificar a aplicabilidade dos aportes teóricos e contribuir com o conhecimento já sistematizado, segue-se à pesquisa de campo. O método de estudo utilizado pode ser denominado quantitativo. O instrumento predominantemente fechado, foi aplicado em 30 casais que vivem juntos, trabalham e têm filhos com idades entre dois e cinco anos. Ao todo foram 60 questionários respondidos. O conteúdo foi analisado mediante dados coletados e incluídos em programa estatístico.

Os resultados foram apresentados e na sequência, discutidos à luz da literatura adotada. Nas considerações finais fez-se a síntese dos principais achados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura, a seguir, estará focada em suporte teórico específico a fim de atender aos objetivos gerais e específicos desse estudo. Cada tópico reúne de forma sistemática, os temas contemplados pelo instrumento de coleta da pesquisa. Os teóricos e paradigmas apresentados fundamentarão as discussões de resultados.

2.1 FAMÍLIAS: DE CASA EM CASA

A família em sua função mais primária é o lugar do nascimento. Toda pessoa nasce a partir dela, mesmo que nela não dure ou esteja. De alguma forma remete a origem e ao pertencimento, bem como, ao espaço de partida para todos os relacionamentos.

Segundo o critério domiciliar usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) família é um conjunto de pessoas que compartilham uma unidade habitacional. Entretanto, sabe-se que este é um conceito de difícil apreensão. O simples fato da moradia não significa uma formação de família.

O termo família designa uma gama de formas sociais com estruturas relacionais diversificadas e limites variáveis de cultura para cultura. (GOODE, 1964; SCOOT; TREAS; RICHARDS, 2004 apud DONATI, 2008).

Nestas circunstâncias, as formas familiares podem ser principalmente evidenciadas em vista de dois eixos constitutivos da família: da relação conjugal e da relação parental. Tais relações permitem o conhecimento e realização do eu, por meio do outro diferente, promovendo superação e capacidade de luta por objetivos comuns.

Em família, os indivíduos analogicamente, alinham-se para alcançar projetos de vida, enfrentar os obstáculos e eventualidades que possam ameaçar objetivos propostos.

Para Donati (1998), a família reage e adapta-se aos condicionamentos externos, reconstituindo-se gradativamente. Daí sua força. Ela mostra-se resiliente e capaz de assegurar as mais significativas experiências relacionais.

As vivências no eixo parental e conjugal são geralmente intensas, a proximidade, consanguinidade e afetos entre os membros de uma família, asseguram a proteção recíproca e incondicional de seus componentes. Experimentos de dor e alegria, frustração e prazer são comuns no ambiente familiar. Eles favorecem a solidariedade e complementaridade nos relacionamentos.

A família oferece alguns bens que dependem dos vínculos que se estabelecem entre os seus membros, por conta da natureza particular de suas relações. Os bens relacionais, tais como paternidade, maternidade, filiação, fraternidade, vão além do afeto, do apoio mútuo e da proteção e constituem bens que somente a família pode acomodar. Ela permite a experiência de construção da identidade e a consciência da alteridade integrante.

Pierpaolo Donati (1998; 2008), explica que bens relacionais são aqueles que derivam dos laços de parentesco, amizade, vizinhança. Eles são apoiados por vínculos afetivos e de solidariedade que asseguram o apoio mútuo diante de circunstâncias variadas.

Os bens relacionais são aqueles que o mercado não pode oferecer. Trata-se de um componente resultante de um compromisso e responsabilidade com necessidades singulares, e que não encontram resposta fora das relações familiares.

Em Sousa (2000, p. 2), lê-se: “O indivíduo é incapaz de satisfazer todas as suas necessidades através da compra e da venda de bens e serviços, no mercado”. Isto porque vive em condições de pobreza, ou porque necessita de bens que o mercado não é capaz de produzir e de oferecer. “Os indivíduos que vivem em sociedade necessitam consumir, além de bens e mercadorias, serviços que não podem ser obtidos pela via do mercado” (CARVALHO, 2003, p. 57).

Neste sentido é que se coloca a família, como experiência de cumplicidade filial, paternal e conjugal. Ela é capaz de oferecer bens originais, próprios da relação familiar, portanto exclusivos desse tipo de vínculo.

A natureza familiar do homem origina-se desde o ato de nascer e o acompanha ao longo da existência. Sendo assim, é possível compreender a extensão dos vínculos relacionais que se constituem no contexto desse relacionamento. A proteção e a solidariedade entre os membros de uma família são valores socialmente reconhecidos e especialmente ensinados a partir da experiência entre suas partes.

A valorização da família pela sociedade contemporânea amplia-se pelo reconhecimento de sua cidadania. (PETRINI, 2010). Afirmar a cidadania da família é o mesmo que reconhecê-la como promotora de comportamentos inspirados em valores de solidariedade e reciprocidade. Ela pode ser concebida como sujeito de benefícios social porque antes mesmo do Estado, introduz e realiza a mediação entre pessoas e comunidade. Isto resulta na certeza de que a família é um valioso recurso da pessoa e da sociedade como um todo.

A compreensão do valor ativo, social e cidadão da família tem como consequência a aquisição de direitos legais relativos aos cuidados que o Estado deve assumir ao olhar a criança, a mulher, o jovem, o idoso como membros de uma comunidade familiar e parte de uma rede de relacionamentos fraternos. A família carece de ser ajudada para que possa cumprir de maneira satisfatória, às demandas dos seus membros.

Na atualidade, cada vez mais, não causa estranhamento verificar que as famílias estão no centro da atenção dos governos e programas estatais, federais e municipais. A exemplo disso, destacam-se os programas bolsa família, bolsa escola, saúde da família, entre outros, que apesar de suas limitações com relação ao favorecimento das relações familiares, existem como forma de apresentar a instituição família, como potencialmente capaz de promover o indivíduo e a sociedade coletiva, gerando bem universal.

O fato de constituir-se como parceira dos Governos para combater a fome, a falta de escolaridade, doenças físicas e emocionais, por meio de políticas públicas, eleva o poder e o valor da família e enfraquece as vertentes que postulam seu fracasso. O fato é que o paradoxo em torno da questão revela a dual postura: a que percebe a família como realidade residual, destinada a desaparecer (COOPER, 1994) e a que acredita ser ela, a base de tudo (KALOUSTIAN, 1994).

Certamente, a experiência familiar como fonte de humanização, educação, prática cidadã, cooperação entre sexos e gerações desperta um curioso interesse social. A família alcança um empenho positivo por assumir o lugar da relação, da resistência e alternativa, frente à lógica e necessidades do mercado.

Na relação, os sujeitos geram ações e reações recíprocas que por sua vez originam vínculos que podem ser atualizados e experimentados como recurso, nas mais adversas situações. A família constitui um fundamento da sociedade. É identificada como uma relação primordial e universal, relação constitutiva da espécie humana. (ALCÂNTARA; PETRINI; 2002).

Partindo desse pressuposto, a família tem papel central no processo de vinculação psíquica, social e cultural, pois participa da formação do sujeito que por gerações seguidas, perpetua elos relacionais, transmite valores, adapta-se às mudanças, rompe, mantém ou modifica comportamentos necessários para o desenvolvimento e renovação da autonomia dos sujeitos em sua relação familiar e no trabalho.

2.2 TRABALHO: DE CASA PARA A RUA

O trabalho é uma das atividades de referência da vida adulta. Na prática, ele representa o alcance à faixa etária produtiva do sujeito, à oportunidade de independência econômica, realização profissional e satisfação pessoal.

O acesso ao trabalho pode promover conforto e bem estar pela possibilidade de garantia das necessidades vitais e sociais, via remuneração, e consequente posse dos bens materiais.

Entretanto, os significados para o termo trabalho ampliam-se quando associados às diferentes realidades e contextos de mercado. O que se evidencia é que os cenários, onde tais relações são vivenciadas, estão vinculados às conjunturas constituídas por segmentos como: Governos, economias, culturas, sociedades, pessoas, que de certa forma, definem tais vínculos. Isso implica em muitas definições da palavra trabalho.

A relação particular trabalho e trabalhador pode ser a melhor forma de entendimento dessas ligações, afinal, ao relacionar-se com tal atividade, o profissional pode atender tanto os interesses próprios, quanto as necessidades que acabam por escravizá-lo. O fato é que nem toda ligação com o trabalho é prazerosa, satisfatória ou mesmo profissional.

Os significados e sentidos do trabalho constituem temática pesquisada por autores e vertentes epistemológicas e multidisciplinares. Historicamente os primeiros

estudos sobre o sentido do trabalho são atribuídos a Hackman e Oldhan (1975). Eles relacionaram a qualidade de vida no trabalho ao sentido do trabalho. Segundo os autores um trabalho realizador é importante, útil e legítimo para aquele que o executa.

Para promover a satisfação desejada, o trabalho, na lógica dos autores, deve garantir a possibilidade de uso de competências múltiplas, gerando identificação; ele não deve ser alienante e por último, precisa gerar um retorno no que se refere ao desempenho de atividades e ajustes necessários à performance do indivíduo.

Apropriando-se dessa ideia, Morin (1996) define o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada por três componentes: o significado, a orientação e a coerência. O significado refere-se às representações que o sujeito tem de sua atividade, assim como o valor que lhe atribui. A orientação é sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o que guia suas ações. E a coerência é a harmonia ou o equilíbrio que ele espera de sua relação com o trabalho.

A concepção histórica do trabalho apóia-se ou na tradição filosófica clássica que relaciona trabalho a sofrimento, sacrifício e punição; neste sentido, ele é degradante, inferior, de baixa centralidade na vida (BORGES; YAMAMOTO, 2004), ou na perspectiva da valorização do trabalho, tido como possibilidade de aplicação das capacidades humanas por meio do empenho, e com vistas na dominação da natureza pelo homem, portanto, de alta centralidade.

A segunda concepção, de base capitalista, atende à necessidade do sistema que emerge e desenvolve-se na medida do aumento e legitimação do lucro. Sendo assim, em vista dos objetivos postos, o protestantismo concretiza-se como referencial fazendo vigorar os princípios que definem o trabalho como esfera central e prioritária da vida dos indivíduos, atribuindo-o ao merecimento da graça divina (BORGES; YAMAMOTO, 2004).

A composição entre os preceitos da fé cristã, trabalho como dádiva e a concepção antropocêntrica, que acredita no potencial humano como capaz de interferir e modificar o espaço social revela a convergência entre sentidos, bem como, a multiplicidade dos relacionamentos entre o homem e o trabalho.

O resgate da construção histórica sobre o significado do trabalho permite afirmar a existência de dois níveis de abordagem para o tema. O primeiro, um nível social, que foca na construção sócio-histórica dos fenômenos, e outro individual e ocupacional, que enfatizam os significados atribuídos pelas pessoas (BORGES;

YAMAMOTO, 2010). Sendo assim, os autores propõem que o significado de trabalho seja concebido como uma cognição subjetiva e social.

O fato é que o sujeito abriga-se na sociedade e comporta-se em consonância com a cultura relativa ao meio social. Assim, ele reproduz fenômenos ao mesmo tempo em que se identifica como personalidade individual e reage mediante experiências particulares e oportunidades únicas, aos acontecimentos sociais. Neste sentido, a percepção do sujeito frente à atividade laboral é variável.

O que ocorre é que as muitas definições para trabalho, produzidas e fundamentadas na história, coexistem. Elas são aceitas pela sociedade e são propagadas por agentes socializadores como a escola, família, ambiente de trabalho, sindicatos, governos, outros. A complexidade em torno do tema amplia-se na medida em que novas concepções são aceitas por meio das influências do conhecimento humano. Novos paradigmas definem o lugar do trabalho na vida da sociedade e de cada indivíduo, ao longo do tempo.

Entre 1981 e 1983 a equipe de investigação *Meaning of Work International Research Team* (MOW) esteve na condução de pesquisas com amostras representativas em oito países, definindo e identificando variáveis que explicassem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho.

A partir dos principais artefatos do modelo heurístico, o grupo passou a conceituar o significado de trabalho como um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo, no ambiente ao seu redor ou no trabalho.

Os mesmos pesquisadores estruturaram os dados resultantes do estudo, em 12 fatores, posteriormente agrupados em quatro dimensões principais: a centralidade do trabalho, as normas sociais sobre o trabalho, os resultados valorizados do trabalho e a identificação das regras do trabalho. Como a última dimensão apresentou, estatisticamente, pouca consistência interna foi excluída da estrutura geral do construto (MOW, 1987).

As contribuições disponíveis através desses estudos, segundo Borges e Yamamoto (2010) citando Borges, Tamayo e Alves-Filho (2004), são relevantes, pois divulgaram a noção de centralidade do trabalho, identificaram a elevada centralidade do trabalho em diversos países, incorporaram a noção de normas sociais ao construto e consideraram de caráter sistêmico, o significado do trabalho.

No que se refere à centralidade do trabalho, trata-se da importância atribuída pelo indivíduo, ao trabalho, independente das motivações para realizá-lo. Neste aspecto, avalia-se o valor atribuído pelo eu, pessoalmente. Em seguida, tomam-se como referência, escolhas, preferências mediante as várias esferas da vida que se relacionam com o eu: lazer, família, comunidade, religião, outros.

Quanto à dimensão normas sociais, avaliam-se as relações entre direitos e deveres no ambiente do trabalho. Finalmente, a dimensão motivacional relativa aos resultados do trabalho, aponta para os aspectos de valor a serem alcançados no trabalho. São eles: saber, prestígio, função econômica, manutenção da atividade, contato e relacionamento social, utilidade social, função auto-expressiva.

A partir dessa reflexão, o sentido do trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida, que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade num dado momento histórico.

Os valores relacionados ao trabalho se estabelecem por intermédio da educação na infância e na adolescência e tem efeito durável na personalidade das pessoas, mas se modificam e se adaptam nas diferentes etapas da vida e em situações sociais distintas (MOW, 1987).

Desse modo, o trabalho agrega valor individual e social. Ele é um meio de produção que permite prover a subsistência, aguça a criação e percepção de sentidos existenciais e compõe a estrutura da identidade e subjetividade. Seu valor é socialmente reconhecido, entretanto, por sua atribuição psicológica e social, varia em sentido porque deriva do processo polissêmico de atribuição de significados e está associado às condições históricas da sociedade. Assim, apresenta-se como um constructo inacabado e em permanente foco de interesse.

No Brasil, resultados preliminares das pesquisas sobre sentido do trabalho (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2003; OLIVEIRA; PICCININI; FONTOURA; SCHWEIG, 2004) realizadas com gestores, alunos de cursos de especialização em São Paulo e Porto Alegre, demonstram que o trabalho continua a ser essencial na vida das pessoas. Elas, por meio do trabalho, buscam utilidade para suas atividades nas organizações e na sociedade.

Os estudos de Morin (2001) revelam que as pessoas, em grande maioria, mesmo que tivessem condições para viver o resto da vida confortavelmente, continuariam a trabalhar, pois o trabalho, além de ser uma fonte de sustento, é um

meio de relacionamento, de integração social. Ainda, o trabalho tem o poder de favorecimento da ocupação, de conquista de objetivos na vida (MORIN, 2001).

Estes estudos apontam, ainda, que o trabalho pode representar tanto uma condição de neutralidade quanto de centralidade na identidade pessoal dos trabalhadores, assim como, na identificação dele com a sociedade.

De qualquer forma, ele favorece a proatividade quando o sujeito reconhece o trabalho como categoria integradora que possibilita desenvolver habilidades e competências humanas para o bem estar social, atribui significados e sentidos positivos ao seu fazer e escapa da condição alienante que enxerga no trabalho a obrigatoriedade da subsistência ou a aquisição de bens materiais.

Neste sentido, a relação com o trabalho é uma perspectiva realizadora, atende a carências básicas, interesses e conquistas pessoais constituindo-se como elemento formador da subjetividade, promotor de elo social e de equilibrada integração das famílias com a produção de bens coletivos.

2.3 TRABALHO E FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE: CARACTERÍSTICAS E EXIGÊNCIAS ATUAIS

As novas formas de famílias emparelhadas às mudanças atuais do mercado de trabalho potencializam os estudos que aproximam as contingências familiares das profissionais, na contemporaneidade.

Até pouco tempo, trabalho e família eram domínios independentes da vida social. Respectivamente, denominadas esferas privada e pública, a ideia de diálogo permanente entre os dois mundos foi formalizada por estudos que afirmam haver uma relação estreita, íntima e dinâmica entre eles.

Segundo autores como Clark (2000), Edwards e Rothbard (2000), Namasivayam e Zhao (2007) e Eby, Maher e Butts (2010), uma vez identificada a existência dessa interdependência entre trabalho e família, o desafio volta-se para a busca de equilíbrio entre os dois domínios. Entretanto, o que se tem verificado é que o desafio está na conciliação de demandas oriundas de pólos distintos e ao mesmo tempo complementares.

A partir deste desafio, as interações entre trabalho e família têm despertado o interesse de muitos pesquisadores nos últimos anos, pois sua compreensão é

importante para as famílias, as organizações e a sociedade como um todo (EDWARDS; ROTHBARD, 2000).

Rocha, Almeida, Silva e Cezar-Vaz (2011), em artigo intitulado “Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães”, expõem os resultados do estudo realizado com 92 casais com filhos de idade até seis anos, residentes na cidade do Rio Grande. O objetivo norteador foi mensurar influências da vida familiar na atividade profissional e da atividade profissional na vida familiar.

A pesquisa constatou que o cansaço físico e mental relacionado ao trabalho, influenciou nas tarefas familiares, causando desânimo e irritabilidade. Os homens apresentaram maior preocupação com o pouco tempo disponível em família em razão da profissão. As autoras identificaram como muito importante o apoio familiar, tornando o diálogo colaborador na resolução dos problemas profissionais e na criação de um ambiente propício ao enfrentamento dos desafios impostos pelo trabalho. Os genitores consideraram que a vida familiar não prejudica a atividade profissional, mas disseram pensar nas questões familiares enquanto trabalham. Finalmente entenderam que são poucas as influências que prejudicam a conciliação entre vida familiar e atividade profissional.

A pesquisa realizada, de caráter exploratório e descritivo utilizou uma abordagem quantitativa. O projeto Famwork, originalmente iniciado por um grupo de pesquisadores da Universidade do Porto/Portugal, conforme referência anterior, vem sendo explorado por grupos de pesquisa de outros países, inclusive do Brasil.

Isto posto, vale realçar os aspectos da interação família e trabalho na contemporaneidade para enfrentar e conciliar as demandas oriundas de ambos. Mais do que isso, é importante compreender e adaptar comportamentos para lidar com as transformações elaboradas. Afinal, a família atual é um espaço de significativas mudanças sociais.

Na atualidade, ela revela arranjos originais e caracterizam-se pela redução do número de filhos, mobilidade conjugal, uniões consensuais, obrigações recíprocas entre cônjuges, busca por realização profissional, aumento de famílias monoparentais, entre outros, fatores que acentuam a diversidade de suas formas, bem como, estimulam a elaboração de estratégias relacionais de sobrevivência.

O fato é que os modelos de comportamento que regulavam as relações patriarcais, estudadas amplamente por Freyre (1992), não atendem mais às necessidades do mundo atual. O formato estável do exercício da autoridade do adulto/varão foi enfraquecido (CASTELL, 2003). Também perdeu força o modelo nuclear onde a rígida divisão do trabalho e do cuidado com os filhos não vigora mais.

Tradicionalmente, as famílias funcionavam segundo normas estabelecidas de forma clara e objetiva. Os ensinamentos eram transmitidos por meio do diálogo intergeracional, de pais para filhos, no espaço privado da casa. Afinal, afirma Donati (1998), a família nasce para regular interações e trocas de maneira não casual.

Atualmente, a dinâmica familiar enaltece aspectos mais subjetivos da convivência, tornando as relações mais instáveis e flutuantes. Desse modo, a família encontra-se no contexto da contemporaneidade, em mudança. Inserida nas dinâmicas das relações sociais, empenha-se em reorganizar aspectos de sua própria realidade alterada continuamente, pelo ambiente sociocultural em transformação.

Novos valores relacionais são incorporados. Féres-Carneiro (1999; 2003) anuncia que as mudanças concentram-se nas relações estabelecidas entre o casal e entre pais e filhos.

O perfil da família no cenário atual desenha-se a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho. Tal configuração eleva a expectativa feminina por um espaço de realização profissional, relativa autonomia de consumo, e convivência conjugal mais ajustada, no que se refere à divisão de tarefas familiares. Embora as promessas de igualdade de funções sejam evidenciadas, elas ainda se constituem numa disparidade entre homens e mulheres (JABLONSKI, 2003).

Na relação pais e filhos, cresce o investimento destinado à educação, saúde física e emocional. Para Campanini (1989), há um aumento de gratificação emocional e afetiva dos pais para com os filhos. Vale lembrar que as mudanças sinalizadas são mais ou menos aplicadas às diferenças sociais, econômicas e culturais próprias de cada família.

Tais variações familiares são positivas no aspecto da realização e satisfação pessoais, em contraponto, indicam fragilidades das funções destinadas à família e aos pais, enquanto educadores, isto porque regras e funções existem para serem adequados, flexibilizados a fim de atenderem demandas pessoais.

O desafio da família contemporânea está na capacidade de adaptar-se às permanentes e progressivas variações as quais estão suscetíveis. O movimento é de esforço para garantir o bem estar das relações intersubjetivas, objetivo maior da família que coopera continuamente na construção, organização e reorganização da convivência entre seus membros.

O fato das mudanças familiares é uma realidade do contexto contemporâneo. Isto implica em estudos investigativos sobre os arranjos e relacionamentos nas estruturas familiares, evidenciando as relações de trabalho, conjugalidade e parentalidade.

Petrini (2004) afirma que algumas mudanças são irrenunciáveis conquistas porque ampliam a liberdade, estimulam relações igualitárias, respondem exigências pessoais e humanas. Outras advêm do interesse político em redesenhar o perfil populacional para atender a demandas econômicas e sociais de produção de recursos para o mercado.

Adentrando o espaço da produção por meio do trabalho, a família contemporânea comprova, cada vez mais, a marca ativa da mulher no mercado de trabalho. Tal acontecimento contraria a lógica tradicional da divisão do trabalho que há pouco tempo, concentrava a responsabilidade das tarefas domésticas nas mulheres, enquanto os homens destinavam-se ao mercado.

A nova configuração demanda um ajuste na dinâmica familiar a fim de atender a conciliação entre trabalho e relações familiares. Neste contexto, as interações parentais e de conjugalidade carecem de esforço para equilibrar variados papéis nos espaços do particular e do compartilhado.

Sobre tais papéis, Silva (2007) em dissertação de mestrado intitulada “Vida profissional e familiar: padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis”, realizada na Universidade do Porto, analisa as relações entre os papéis profissionais e familiares, numa amostra de casais de duplo rendimento com filho(s) em idade pré-escolar, enfatizando quer as condições potencializadoras de conflito, quer as condições facilitadoras da relação entre as duas esferas.

É objetivo fundamental do trabalho da autora, testar uma estrutura multidimensional da interface trabalho-família que compreende os aspectos positivos e negativos, em ambas, bem como, os valores de influência do trabalho para a família e da família para o trabalho (direções de *spillover*).

A autora, afirma que a conciliação entre a vida profissional e familiar é um dos grandes desafios dos países em desenvolvimento e uma das temáticas com maior destaque na União Européia. Sendo assim, o referido estudo também faz parte do projeto designado Famwork financiado pela União Européia.

Este estudo confirmou a necessidade de uma análise integrada sobre família/trabalho, pois se trata de uma relação complexa, cuja análise separada de cada um dos domínios, não possibilitaria captar todas as suas especificidades.

Como resultado, a pesquisadora verificou que o *spillover* negativo trabalho-família é mais frequente que o *spillover* negativo família-trabalho; contudo, para o processo de *spillover* positivo a família parece menos permeável às influências do trabalho, embora seja a origem destas influências. Isto quer dizer que o trabalho é mais influente na família que o contrário e que tais interferências são mais positivas, apesar da família ser a motivação para o trabalho.

Como estratégias de interação positiva, os dados da mesma pesquisa sugerem: (a) flexibilidade de tempo para realizar atividades no trabalho, o que gera autonomia e satisfação; (b) implementação de medidas de suporte para a família; (c) divisão de tarefas familiares que resulta na diminuição de sobrecarga e satisfação conjugal; (d) reconhecimento obtido pelo parceiro.

Os resultados apontam ainda que as mulheres continuam as principais responsáveis pelo trabalho familiar, sentindo-se sobrecarregadas e sofrendo maior conflito entre o seu papel familiar e profissional. Homens e mulheres percebem as relações entre os dois papéis de forma distinta, havendo um grau de abertura, nos homens, para uma mudança nos padrões tradicionais relativos aos sexos. Enfim, pais e mães estão em busca de opções mais flexíveis e fluidas de trabalho que permitam integrar as duas esferas: trabalho e família.

Diante das informações, a questão maior é mesmo: como desenvolver estratégias de conciliação que satisfaçam as exigências do trabalho, o crescimento individual e as relações afetivas em família e no trabalho? A família precisa desenvolver competência para usufruir das vantagens conjugais e parentais integrando vida familiar e trabalho de forma conciliadora.

Na tentativa de promover tal integração entre família e trabalho, os estudos de Diniz (1996) apontam para os diferentes arranjos conjugais para explicar prováveis dificuldades e facilidades experienciadas na prática do cotidiano familiar.

O arranjo denominado tradicional ou normativo foi o modelo ideal durante décadas, escreve Diniz (1996). Nesse, havia uma clara determinação de papéis. O homem aparece como provedor e a mulher como cuidadora dos filhos e responsável pelas tarefas domésticas.

Numa situação de posição intermediária, estão os casais em que a mulher trabalha em tempo parcial ou em situação temporária. Já os casais em que os dois trabalham fora em tempo integral, esses, segundo Diniz (1996), devem ser categorizados em três grupos: os casais de duplo trabalho, os de dupla carreira e os mistos.

Duplo trabalho corresponde à configuração em que as atividades executadas por ambos, não exigem alto grau de instrução tão pouco pressupõe progressão e durabilidade.

Os casais de dupla carreira ocupam posições que exigem alto investimento e constante trabalho de capacitação. Segundo Gilbert e Rachlin (1987), esses estariam em frequente zona de conflito gerada pela exigência da carreira, estilo de vida acelerado e em progressão. Muitos casais inseridos nesse contexto podem enfrentar dificuldades relativas à distância física, quando residem em lugares diferentes um do outro.

Os casais ditos mistos são assim designados porque agregam as duas formas de ocupação onde um pode ser profissional de carreira e outro de trabalho. Tais estilos de arranjos conjugais em consonância com as formas de inserção no trabalho podem influenciar as relações familiares afetando positivamente ou não, na conciliação entre família e trabalho profissional.

Entender a realidade da inserção dos casais no mercado de trabalho, a interação deles com as atividades profissionais, os esforços de conciliação do trabalho com a família e suas relações afetivas interessa, na medida em que a necessidade de adaptação da família à sociedade contemporânea emerge progressivamente e em velocidade rápida. Além disso, é imprescindível para a família atual proteger e usufruir das relações interpessoais e afetivas de forma prazerosa e satisfatória.

Questões relativas a valores e ideais também carecem de investigação e motivam perguntas que identificam desejos, ideais, aspirações de casais, pais e famílias circunscritas no mercado de trabalho atual. Frente à ânsia por desempenho financeiro e posição social confortável, estão as preocupações relativas à qualidade

dos relacionamentos no âmbito da família, no convívio conjugal e na atenção e cuidados destinados aos filhos.

A família nuclear contemporânea absorve com facilidade os estímulos de consumo do mercado, enquanto luta insistentemente por condições supostamente indispensáveis à vida em sociedade. Entretanto, a tarefa da família para assegurar bem estar físico e emocional a seus membros, agregou mudanças significativas ao convívio familiar na contemporaneidade.

No que se refere às condições econômicas, Jablonski (1999) sugere que tal esforço tem sido ameaçado face às exigências por obtenção de sobrevivência e qualidade de vida. Quanto às demandas afetivas e emocionais, o autor revela que a ausência de ambos os pais tem gerado desconforto emocional, fragilidade na transmissão de valores, bem como inversão deles.

Ainda, a transferência de cultura compartilhada pela escola, mídia, entre outros impacta sobre os valores oriundos da família que ocupa um espaço relativamente tímido na companhia dos filhos. A quantidade de tempo em companhia dos pais é cada vez mais reduzida agravando a sensação de ausência do casal que busca insistentemente agregar vantagens à qualidade do tempo dispensado à prole.

Assim, o desafio dos estudos sobre família é conhecer a medida das transformações vividas por ela, a partir das mudanças que ocorreram na sociedade ao longo do século XX. A ruptura com o modelo tradicional de família e a flexibilização para explorar novos modelos relacionais deve ser uma tendência para tais estudos, neste momento atual. A relação trabalho e família aparece, então, como eixo significativo da transformação vigente acessível à investigação.

Trabalho e família exigem tempo, energia e investimento emocional, afirma Rocha-Coutinho (2007). Em pesquisa realizada com mulheres que se afastaram da carreira profissional para se dedicar aos filhos, a autora informa que elas reduziram a carga horária de trabalho ou fizeram ajustes em sua jornada para cuidar da prole. Isto configura uma dificuldade de articulação entre maternidade e trabalho.

Sobre a criação de filhos, Hoffnung (1995, apud ROCHA-COUTINHO, 2009) justifica que esse é um trabalho social extremamente necessário para a continuidade das sociedades, gratificante para os humanos e altamente valorizado pelas mulheres. Por outro lado, Rocha-Coutinho (2009) pondera que o trabalho constitui-se numa realização pessoal para a mulher inserida no mundo das exigências contemporâneas.

A interação família e trabalho passa, então, a ser um desafio para o exercício da parentalidade, conjugalidade e divisão de tarefas entre os cônjuges. A complexidade dessa interação pode provocar alterações consideráveis para o arranjo conjugal em funcionamento, adverte Diniz (1996).

Ainda, sobre casamento, trabalho e aspectos da realidade brasileira, Nicholson (1987) retrata o paradoxo instalado em uma nova ordem social onde a mulher encontra-se inserida no mercado de trabalho, porém não há mudanças de valores e de normas na gestão da vida familiar e do trabalho.

Gilbert e Rachlin (1987) entendem que o apoio ao outro e a capacidade de empatia com os desafios enfrentados pelo parceiro são fatores importantes para a saúde e qualidade da vida conjugal. Entretanto, a experiência de casais brasileiros aponta para os dilemas que os casais enfrentam para implementar um estilo de vida de dupla carreira. Eis então a problemática de real relevância neste estudo.

2.3.1 O tempo: uma construção real, uma sobreposição de fatos, um espaço virtual na contemporaneidade

Entre os fatores mais complexos da relação trabalho e família encontra-se o tempo. Como conciliar ou mensurar espaço de tempo, disponibilidade, qualidade, finalidade e necessidade de presença física entre familiares e atividade profissional?

Eis aqui uma questão importante que está no centro das preocupações que afligem a família contemporânea. Tendo em vista as demandas do mercado de trabalho atual e as necessidades que emergem da família no limiar do século XXI, a temporalidade parece ser um desafio que marca o cotidiano particular das pessoas.

Sobre o tempo³, escreve Quintana, em “O tempo”³:

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal... Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem
olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a
casca dourada e inútil das horas...

³ Disponível em: <http://pensador.uol.com.br>. Acesso:11/11.

Tão difícil de explicar que é possível que seja de natureza literária, afinal o poema não nasceu para ser entendido. O mesmo autor, em outro dito, afirma que é tolo aquele que pergunta sobre os sentidos de um texto poético. Que conhecimento é válido usar para manusear esse conceito tão abstrato e tão prático a ponto de ser vivenciado ininterruptamente?

Em um texto carregado de imagens poéticas, um pouco de todas as impressões poderiam ser descritas. Mas impressões, sensações, percepções são elementos subjetivos, pouco palpáveis para explicar eventos científicos. Eles não cabem no mundo físico.

Apesar de a subjetividade ser objeto da curiosidade científica e ao mesmo tempo, qualidade do texto literário, tratar um conceito de forma científica, representa coletar objetivamente dados de pesquisa para responder problemas formulados. Mas quando o assunto é o tempo, os textos colocam os leitores diante de escritos densos, filosóficos e porque não dizer poéticos.

Entre os achados, argumentos à luz da filosofia. Observações cuidadosas e sábias. Capazes de convencer? O que dizem estudiosos e teóricos?

Ao referir-se ao tempo, Noronha (2003) afirma: as reflexões sobre a categoria do tempo têm despertado o interesse desde os acadêmicos até aqueles preocupados em explicar a problemática dele relacionado à vida cotidiana. Certamente, a preocupação com o tempo não é recente para o homem.

Desde a filosofia antiga, dos hebreus, passando pelos gregos, pela filosofia cristã, pela filosofia moderna até os dias atuais, o tempo é um mistério pouco dado a conhecer. No entanto, o que mais aguça o interesse dos estudiosos atuais é como o tempo está sendo vivido na contemporaneidade.

Se o texto do poeta fosse dado para discussão, já, nas considerações iniciais, poder-se-ia ler algumas das afirmações: vida e tempo são faces de uma mesma moeda. Enquanto corre a vida, o relógio marca o tempo. Não há como viver sem que o tempo corra. Ainda, ao tratar o tempo no espaço da contemporaneidade, o autor arrisca-se a dizer que a vida não cabe no tempo disponível para viver. Por último, parafraseando o texto da música, uma afirmação: o tempo não pára.

Mas, para que refletir sobre o que significa a compreensão do tempo? Talvez por conta da centralidade e profundidade dele, nos processos de constituição da identidade humana. O tempo seria a substância da qual todos os indivíduos são

feitos. A maior e mais invisível convenção social, uma marca cultural inatingível e inacessível aos sentidos?

A experiência com o tempo, ou seja, as vivências e eventos da vida e das práticas de socialização pressupõem relações culturais balizadas por um tempo marcado em calendário. Esses exames compõem vastas sínteses históricas que apontam para o presente com vistas no passado. Um movimento que evoca percepções do hoje como virtude de um enorme legado humano e social que permanece, sofre mudanças, continuidades e descontinuidades que se constituem em desafios de compreensão e aprendizagem.

Ao longo do tempo, as pessoas aprendem, experimentam, escrevem histórias e transformam saberes em conhecimento novo. A produção humana pode então ser contada em uma linha de tempo real. Enquanto realiza, o indivíduo gasta tempo. Apesar de não ter feito esforço algum, o tempo presente, já não é o mesmo instante da improdutividade. Complexo constructo constituído de três instantes: presente, passado e futuro.

Ao tratar o conceito, Bergson (1988) afirma que o tempo real é sucessão, continuidade, memória e criação. Uma oposição ao tempo fictício que segundo o autor, não pode ser vivido porque não realiza, não faz nada.

Para Bergson (1988), o tempo é real, é duração. Tempo que é mudança essencial e contínua; tempo que passa incessantemente modificando tudo e que constitui a própria essência da realidade psíquica.

Todavia, não é assim que a ciência objetiva percebe a realidade. Ela é vista como estática e passível de ser fragmentada, o que facilita a compreensão do agir humano no mundo. Trata-se de uma noção espacial da realidade, que olha o mundo do ponto de vista da extensão. A esta visão escapa o tempo real, que flui incessantemente em seu contínuo movimento. O tempo espacializado origina-se da confusão que inadvertidamente, se faz entre tempo e espaço:

Há um espaço sem duração, onde fenômenos aparecem e desaparecem simultaneamente com os nossos estados da consciência. Há uma duração real, cujos momentos heterogêneos se interpenetram podendo cada momento aproximar-se de um estado do mundo exterior que é dele contemporâneo e separar outros momentos por efeito dessa aproximação. Da comparação destas duas realidades nasce uma representação simbólica da duração, tirada do espaço. A

duração toma assim a forma ilusória de um meio homogêneo. (BERGSON, 1988, p. 78).

O raciocínio do autor demonstra que tempo e espaço são realidades distintas. São concepções diferentes de tempo: o tempo espacial usado pela ciência e o tempo interior, no qual vive e dura o eu.

Para Gouhier (1989, p. 42), “o tempo da ciência é assim o tempo da linguagem, a expressão de uma espécie de ‘senso comum’ cuja vocação natural é de pensar, visando a agir. O tempo da existência é esse da duração interiormente vivida e, de fato, interiormente percebida”.

Portanto, devem-se separar duas realidades distintas: um espaço sem duração onde somente existe o presente absoluto e outro da duração pura onde se encontra o tempo real passando contínuo e heterogêneo, no qual ocorrem os fenômenos psíquicos.

Bergson (1988) compreende que o primeiro acesso a essa realidade é a vida interior, constituída pela psique. Ele revela que essa vida interior é de natureza temporal: o tempo, enquanto duração é a essência da vida psíquica.

Ao considerar o tempo real, ou, o tempo vivido ou aquele que poderia ser vivido, o autor descreve os fundamentos desse tempo, identificando a *priori* a sucessão. Ele afirma que tanto as vivências interiores quanto os acontecimentos físicos do mundo são sucessivos, ocorrem um após o outro, portanto são históricos.

Pensando o presente, o passado e o futuro, verifica que ao focar um instante presente, esse já é passado, portanto a coexistência espacial entre presente e passado não é possível. Ainda nesta perspectiva, a sucessão é uma continuidade e pressupõe mudança. Os acontecimentos não são os mesmos, ainda que haja repetição. Mesmo que um texto seja dito pela segunda vez, não seria exatamente o mesmo texto. A mudança é inerente ao real.

A compreensão da relação continuidade e mudança pode ser evidenciada pela memória que registra marcas do passado no presente. A presença física de pessoas, eventos sociais, saberes e coisas universais ativam situações que as precederam e promovem a disposição para fazer inferências, sem, contudo, realizar uma repetição. Daí pode-se também dizer que o tempo real é criação.

Devido à irreversibilidade do tempo, a memória é capaz de nutrir a criatividade. Quanto maior o acúmulo de experiências retidas na memória, podem ser as oportunidades de produzir novidades. Neste caso, vale considerar que toda criação

está também vinculada aos freios sociais e exigências da vida prática e de eventos experimentados.

Neste sentido, o tempo que agrega a sucessão, continuidade, mudança, memória e criação é o tecido do real, em conexão com os acontecimentos. Desse modo, o tempo é único, e essa é a natureza da infinidade de fluxos e durações temporais da existência.

A consciência temporal é percebida pela memória. Ela permite estabelecer relações entre fatos e religar dois instantes. A partir da intuição do tempo, o indivíduo é também capaz de conceber a velocidade dos acontecimentos.

Um tempo varia de acordo com a inserção pragmática do sujeito no mundo. A durabilidade de um fenômeno está associada a um interesse da vida prática. Quanto mais atento ao fenômeno, mais se atribui um tempo maior ao processo.

Neste contexto, importa saber como o tempo é percebido pelo sujeito na contemporaneidade e quais os efeitos das mudanças atuais sobre a consciência de temporalidade.

Na perspectiva do tempo, é oportuno considerar que os indivíduos vivem transformações importantes no que se refere às experiências relativas ao tempo. A disponibilidade de informações em tempo real, o encurtamento das distâncias via web, a velocidade dos acontecimentos em fluxos acelerados geram diferentes impressões, incertezas e sofrimento para o indivíduo moderno, na relação com o tempo.

Na configuração contemporânea, segundo Virilio (1999), o progresso tecnocientífico faz surgir um tempo com ritmo acelerado ao máximo, indicando o fim da Geografia. Bauman (1999, p. 19) acrescenta: "... as distâncias já não importam, ao passo que uma ideia de fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no mundo real".

Nesta medida, em que o tempo se acelera e as distâncias encurtam, passado e futuro se dissolvem, ocorrendo o surgimento do reinado do presente, onde todo lugar está ao alcance de um instante.

O que se verifica na atualidade é uma intensa compressão, tempo-espço, ou aceleração do ritmo de vida, que por sua vez causa um impacto desorientador e destrutivo sobre as práticas políticas, sociais e econômicas, bem como, sobre a vida social e cultural (HARVEY, 2004). São movimentos e mudanças que atingem, de

forma diferenciada e desigual, os diversos extratos da sociedade, gerando, também, distintos efeitos nas relações sociais.

O tempo está cada vez mais curto e passa cada vez mais rápido; as distâncias e as fronteiras devem ser transponíveis quase instantaneamente. Entre os acontecimentos do cotidiano estão a família, o trabalho, o indivíduo.

A compressão tempo e espaço implica sobre as relações família e trabalho que também sofreram condensação nas experiências de vida das pessoas que ocupam o território atualizado da sociedade que emerge. As sensações vivenciadas pelos indivíduos são ansiedades provocadas por vários afazeres em um tempo encolhido.

São demandas sociais que se originam dos novos modelos econômicos, culturais, pessoais e profissionais que desafiam o sujeito cotidianamente. Para adequar-se às exigências externas que imprimem um ritmo acelerado à vida, as pessoas aprendem a desejar, querer cada vez mais, satisfazer ânsias pessoais, lutar incessantemente para realizar-se. O fardo de muitas carências move ações que não cabem num curto espaço de tempo.

Daí o verso que revela o motivo para o “dever de casa”, o exercício que não ficou pronto em tempo hábil e que clama por mais instantes. Está aí também a denúncia de um tempo mal consumido e a frustração pela falta que faz, a justa distribuição do tempo na vida.

2.3.2 Atividade profissional e vida familiar: implicações, conexões

Família e trabalho são esferas da vida que ocupam, cada vez mais, um lugar de importância para realização humana. Elas são desejadas como fonte de efetivação pessoal e social. Neste sentido, a interação entre ambas é muito relevante para o indivíduo situado no mundo contemporâneo.

O estudo sobre as possíveis interações entre essas esferas apontam para variadas percepções, construídas ao longo da história e vivenciadas pelos sujeitos enquanto trabalham e vivem em família.

As investigações focadas na problemática sinalizam modelos de interação assim conhecidos e denominados: (a) segmentação, (b) compensação, (c) congruência, (d) drenagem de recursos e (e) extravasamento (EDWARDS; ROTHBARD, 2000; FRONE, 2003; FRASER, 2005; SOUZA, 2007; EBY et al., 2010).

Por *segmentação*, entende-se um modelo que considera família/trabalho domínios independentes, portanto sem relação entre si. Essa concepção representa o esforço ativo de indivíduos que constroem obstáculos entre suas vidas ocupacional e familiar (EDWARDS; ROTHBARD, 2000). Tal posicionamento, entretanto, foi questionado e reformulado, por contrariar pressupostos teóricos que sinalizam uma aproximação íntima entre os campos.

Partindo desse argumento, a segmentação passa a ser compreendida como interação com a qual o indivíduo é capaz de promover a separação física e psicológica entre ambos os domínios. Ela é de caráter adaptativo e atende à necessidade do indivíduo que carece de compartimentalizar as duas esferas da vida. Isto porque o trabalho é visto como um domínio impessoal, competitivo e instrumental, enquanto a família é associada às noções de intimidade, afetividade e desenvolvimento de relacionamentos significativos (PIOTRKOWSKI, 1978 apud EBY et al., 2010).

O pensamento da segmentação concebe a relação família/trabalho. Ao mesmo tempo, condiciona comportamentos aos espaços físicos do privado e do público, distintamente. O lugar do trabalho associa-se ao formal e o da família ao afetivo.

Já no modelo de interação denominado *compensação*, os sujeitos comportam-se fazendo investimentos diferenciados no trabalho e na família. A ideia é suprir *deficits* em um domínio através de maior investimento no outro e vice-versa (EVANS; BARTOLOMÉ, 1984 apud EBY et al., 2010).

Frone (2003) exemplifica o pensamento afirmando que a possibilidade da insatisfação em um domínio leva à redução de energia e tempo dedicados a ele, e, conseqüentemente, ao aumento de energia e tempo dedicados a outro. Daí o termo compensação.

Edwards e Rothbard (2000) afirmam que a compensação pode apresentar-se de duas maneiras: suplementar, quando as recompensas em determinada esfera são insuficientes, mas são supridas por outra esfera, ou reativa, quando as experiências indesejáveis em um domínio são amenizadas pela busca de experiências e realizações no outro domínio. A primeira instância evidencia um movimento compensatório menos ativo, diferente da reação que pressupõe uma atividade mais voluntária.

Quando ao formato da *congruência*, os traços de personalidade do indivíduo são responsáveis tanto pela satisfação no trabalho quanto na família. Segundo

Edwards e Rothbard (2000) e Frone (2003), apesar de variáveis familiares e ocupacionais poderem apresentar correlações positivas ou negativas, estas relações são derivadas de uma terceira variável que se comporta como causa comum.

No que diz respeito ao modelo da *drenagem de recursos*, o conceito de interação parte do pressuposto de que alguns recursos, como tempo, atenção e energia, são finitos e a utilização deles em um domínio reduzem a quantidade destes mesmos recursos disponíveis para outro domínio (EDWARDS; ROTHBARD, 2000; FRONE, 2003). Nesta direção, o que se observa é uma tendência ao atendimento à família ou ao trabalho o que gera carência em um dos campos.

A prática de drenagem de recursos traz a tona, a conhecida tensão vivida pelas famílias, especialmente pelos membros que acumulam a maior parte das tarefas familiares, quando se deparam com o pouco tempo e as muitas demandas. Como conduzir ações, dirigir esforços de forma equilibrada e satisfatória quando os recursos são reduzidos?

O modelo denominado *extravasamento* reconhece o potencial de vivências em um domínio gerarem experiências na direção no outro domínio (FRONE, 2003). Para Edwards e Rothbard (2000), duas versões do modelo foram discutidas na literatura: a primeira é a da similaridade entre um construto presente em um domínio e um construto diferente, porém relacionado, no outro domínio. Exemplo: satisfação na família e satisfação no trabalho; a segunda versão descreve este tipo de interação como a transferência intacta de experiências de um domínio para o outro. O desgaste no trabalho é de alguma forma, transferida para o contexto familiar, por exemplo.

Esse reflexo aparenta ser uma tendência comum, pois a extensão de um estado físico ou comportamento são dados da realidade experienciados em muitas esferas da vida. Na família ou no trabalho é comum ouvir dizer que se deixa em casa os problemas e vice-versa. Isto, como se fosse possível separar a pessoa do profissional.

As formas de relação entre família/trabalho podem ser categorizadas: (a) contaminação: trabalho e família são similares, havendo um impacto de uma dimensão sobre a outra; (b) compensação: a insatisfação num domínio leva a pessoa a aumentar seu envolvimento ou procurar recompensas no outro; (c) segmentação: separação do trabalho e da família, de modo que um domínio não influencia o outro; (d) escoamento de recursos: os recursos são limitados, aqueles despendidos num domínio ficam indisponíveis para outro. A categoria final, conhecida como (e) conflito,

admite que demandas do trabalho e da família são mutuamente incompatíveis, de modo que cumprir as necessidades em um domínio dificulta o cumprimento em outro.

As interações família/trabalho estão sendo estudadas e carecem de dados empíricos, entretanto afirmam Edwards e Rothbard (2000) que há um consenso entre estudiosos sobre duas formas primordiais de relação entre as esferas. A primeira realça o impacto do trabalho sobre a família e a segunda, o impacto da família sobre o trabalho (FRONE; RUSSELL; COOPER, 1992; KELLOWAY; GOTTLIEB; BARHAM, 1999).

Num mesmo tempo de vida das pessoas, encontram-se paralelamente trabalho e família, eixos estruturantes para a satisfação e realização pessoal, familiar e profissional. Condições essenciais para o humano em sua finita e plena existência.

2.3.3 A utilização do tempo para o trabalho e para a família

A natureza dos impactos sobre a interação família/trabalho apóia-se nas demandas particulares oriundas de cada campo, do nível de apoio que o indivíduo recebe para atender as responsabilidades nos diferentes domínios, além dos mecanismos disponíveis na sociedade.

De fato, as interações entre trabalho e família têm recebido especial atenção dos pesquisadores. Uma questão em pauta, foco de investigações é o de conflito entre papéis profissionais e familiares (FRONE et al. 1992; KELLOWAY et al. 1999).

Polasky e Holahan (1998) afirmam que a literatura sobre o tema demonstra o quanto é importante para a saúde e bem-estar do indivíduo, desempenhar-se nos diversos papéis dentro e fora de casa. Tais atividades aumentam a auto-estima e oferecem maiores oportunidades de apoio social.

Em contraposição, estudos têm revelado que tentativas de equilibrar demandas advindas do trabalho e da família podem provocar consequências negativas no âmbito familiar e profissional (CARNET, 1993; THOMPSON; WALKER, 1989). De acordo com Greenhaus e Beutell (1985), essa ênfase ocorre devido ao fato da família e do trabalho ainda possuírem regras e exigências bastante distintas, o que os torna, muitas vezes, incompatíveis.

O conflito trabalho-família foi definido por Greenhaus e Beutell (1985) como uma forma de conflito entre papéis no qual as pressões advindas do trabalho e família são, de alguma forma, mutuamente inconciliáveis. Os autores realizaram uma revisão

de literatura apoiada em estudos empíricos sobre o tema e apresentam três possíveis fontes de conflito.

A princípio, o conflito baseia-se no tempo, pois o indivíduo tem muitas tarefas para executar num único tempo ou tempo reduzido. Ainda, tais papéis divergem e não podem ser atendidos em pares. Essas pressões são evidenciadas por uma dificuldade física de cumprir as expectativas nos dois campos, ou ainda, são tensões que permanecem presentes mesmo quando o indivíduo está fisicamente ausente atendendo ao outro domínio. De acordo com McMillan, Morris e Atchley (2011), este é o tipo de conflito mais comum.

Os autores citados explicam que a interferência do trabalho na família baseada no tempo é, em geral, atribuída à quantidade de horas que o indivíduo dedica ao trabalho. Essas horas incluem não apenas o tempo fisicamente permanecido no emprego, mas também o tempo gasto em reuniões, encontros e viagens de trabalho. Já a interferência da família no trabalho baseada no tempo envolve a quantidade de tempo gasto com a família ou lidando com problemas com membros da família, quando deveria estar dedicado ao trabalho.

Quanto aos conflitos baseados em tensão, sabe-se que estressores ocupacionais podem produzir sintomas de tensão como estresse, ansiedade, cansaço, depressão, apatia e irritabilidade. Assim, é possível que a tensão gerada por um domínio dificulte o desempenho do papel relacionado a outro domínio. Qualquer característica do papel de família ou trabalho que produza tensão é capaz de contribuir para o desenvolvimento do conflito. É fundamental, aqui, registrar que o excessivo envolvimento de tempo exigido por um domínio pode produzir sintomas de tensão, o que sugere uma aproximação entre os conflitos baseados no tempo e na tensão.

McMillan et al. (2011), identificam que a interferência do trabalho na família baseado na tensão está positivamente relacionado à ambiguidade das tarefas e negativamente relacionado com suporte e facilitação por parte do superior. Está relacionado, ainda, a eventos estressantes no trabalho e a *burnout*, que gera fadiga ou depressão. Já a interferência da família no trabalho baseada em tensão ocorre predominantemente quando a carreira do indivíduo e as expectativas da família não estão congruentes.

Os conflitos baseados no comportamento sinalizam que padrões comportamentais específicos de um papel podem ser incompatíveis com as

expectativas comportamentais para o desempenho de outro papel. Um exemplo refere-se ao estereótipo associado ao homem de negócios, que enfatiza a estabilidade emocional, agressividade e objetividade. Os membros da família, por outro lado, podem esperar que este mesmo indivíduo comporte-se de forma calorosa, emocional e vulnerável. Considera-se, portanto, que o conflito baseado no comportamento se desenvolve quando o indivíduo não tem a habilidade de ajustar sua conduta para se adequar às expectativas de cada papel.

A exposição teórica dos dados apresentados justifica a demanda por pesquisas com foco nas interações família/trabalho. Elas apontam para a necessária preocupação de verificar como se dão os impactos de uma esfera sobre outra, os efeitos deles sobre o indivíduo, a família e o ambiente de trabalho.

2.4 CONJUGALIDADE E TRABALHO

As relações de conjugalidade, por constituírem-se resultado do relacionamento adulto, disputam com a profissão, um espaço e tempo comum na vida individual e na conjugal. Valores e princípios pessoais e configurações do casamento podem ajudar a compreender a interação entre as duas esferas: o trabalho e a vida a dois.

2.4.1 Vida pessoal: valores relacionais

Trabalhar, realizar-se profissionalmente, encontrar um parceiro conjugal, formar uma família e ter filhos sempre foram projetos de vida nas agendas de muitos homens e mulheres. Entretanto, aqueles que escolhem constituir uma família na contemporaneidade, estão sendo obrigados a rever condicionamentos impostos socialmente como: alto nível de pressão e exigência, mudanças rápidas de valores e crenças, individualismo e sucesso, flexibilização dos papéis de gênero, construção de relações mais igualitárias, além da busca humana pela satisfação.

A vivência da conjugalidade nos dias atuais exige flexibilidade dos modelos rígidos reconhecidos socialmente. O desafio está no exercício constante de adaptação às necessidades da vida comum. Cotidianamente, os cônjuges enfrentam-se para equilibrar tensões e alcançar desempenho familiar satisfatório. São interações que resignificam o sentido de casamento que passa a ser entendido

como uma relação entre dois adultos que tentam coordenar e equilibrar diversos papéis inscritos pela lógica do mundo contemporâneo.

Conforme Diniz (2009), os estudos na área de família demonstram que sucesso no relacionamento conjugal, na maternidade e no campo profissional são dimensões de valor na contemporaneidade e remetem ao modelo de vida desejado por ambos, homem e mulher, seja nas famílias que se originam na relação de conjugalidade ou nas que alcançam as mais diversas formas.

A fim de desenhar a diversidade de modelos conjugais na relação com o trabalho, Giddens (2005), escreve que a globalização econômica vem afetando as relações familiares, afinal, o empreendimento econômico representa um índice de sucesso nas relações contemporâneas. Homens e mulheres trabalham juntos e arduamente para produzir um patrimônio familiar confortável. Tal perspectiva quebra o pacto da vida pública para o homem e privada para a mulher. A relação é fortemente marcada pela parceria econômica, além da afetiva.

Conforme o autor, o lugar do masculino e do feminino constituídos culturalmente desfigura-se. O homem compreende a desmistificação relativa às tarefas domésticas e cuidados com os filhos, antes recomendado às mulheres e mães, apesar de nem sempre, mostrar-se pronto e disposto para isto.

O tempo é de viver uma transição e flexibilização de papéis relativizados entre sexos em prol do fortalecimento e satisfação das relações. Neste contexto, a conjugalidade é um espaço de investimento amoroso em que os sujeitos se reconhecem complementares e partilham desejos pessoais relativos também à profissionalização. Fala-se de uma relação de intensa significação na vida de cada cônjuge mediante alto grau de intimidade entre os pares e validade entre os adultos.

Ainda assim, as marcas da individualidade do casal contemporâneo são evidenciadas por Singly (1993). O autor enfatiza a atenção dispensada à qualidade das relações conjugais no espaço familiar em consonância com as particularidades do casal. Tais relacionamentos constituem-se a partir das identidades desvalorizando a dependência e estimulando o reconhecimento da identidade pessoal.

Para Giddens (1992), reconhecer as especificidades e potencialidades individuais, não se constitui em ameaça para o casal. Tal perspectiva revela uma comunicação aberta, livre que proporciona condição ideal para a intimidade e qualidade da interação. Sendo assim, a clara explicitação de limites de cada indivíduo

fortalece a igualdade e comunicação emocional do par. Tal vinculação pode ser centrada especialmente nos interesses do casal ou na identidade pessoal da unidade.

Considerando as concepções de casamento em estudo realizado por Féres-Carneiro (1997) no Rio de Janeiro, nota-se que homens e mulheres destacam a importância da individualidade na vida a dois, como valor constitutivo da relação. Ao mesmo tempo, reafirmam a necessidade de compartilhar e dividir.

As configurações da vida conjugal estão em processo contínuo de renovação. A necessidade de adaptação e flexibilidade para explorar novas formas de relacionamento é uma marca do momento atual que aponta para a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

Discutir conjugalidade e satisfação profissional no ambiente familiar é um fato relevante e corriqueiro nos dias atuais. Para além disso, o relacionamento conjugal e as implicações da profissão na vida a dois, também interferem nas relações parentais.

Markman e Halford (2005) destacam que a satisfação conjugal está associada ao ajustamento emocional de cônjuges e filhos, pois promove saúde física e estabilidade econômica.

Tais perspectivas teóricas que concentram nas relações familiares as expectativas de realização conjugal, bem como, de satisfação pessoal, também reconhecem a multiplicidade de papéis impostos ao estilo de vida que quer conciliar vida pessoal, conjugal e demandas do mundo do trabalho (WALSH, 2002; JABLONSKI, 2001; PERLIN, 2001).

Rocha-Coutinho (2000, p. 81) adverte que, nesse contexto, “homens e mulheres acabam exigindo de si próprios que sejam múltiplos, verdadeiros super-heróis”. O que de fato acontece nos dias atuais é que o trânsito entre as atividades da esfera pública e privada é livre para homens e mulheres. Além disso, a divisão de tarefas significa um compartilhamento muito mais que uma fragmentação de atos.

Na partilha, as pessoas envolvem-se com a ação do outro, o comportamento colaborativo exige comprometimento com os resultados alçados por cada um do par. Daí o sentido de cumplicidade na relação conjugal. O casal trabalha junto e em tempo integral por objetivos comuns, pois são coniventes e alinhados pelos objetivos e projetos de vida em família.

2.4.2 Vida em comum: configuração das relações familiares

As relações da família com o trabalho revelam no cotidiano os ajustes e arranjos conjugais que vêm sendo tecidos pelos pares a fim de atender às expectativas pessoais, profissionais e sociais estabelecidas pelo mercado contemporâneo.

Entre as acomodações já refletidas anteriormente, a literatura destaca e denomina casamento de duplo trabalho ou dupla carreira, o casamento onde ambos os cônjuges trabalham fora em tempo integral. A opção por esse estilo de vida imposto pela situação de duplo trabalho torna-se um desafio para os casais e para a sociedade.

Além da necessidade de adaptação ao intenso ritmo de vida, as referências ao ônus pago pelas mulheres que optam por este estilo conjugal são consideráveis. Ele está relacionado ao acúmulo de jornadas de trabalho, ao desempenho de múltiplos papéis e funções e o alto nível de exigência pessoal, do cônjuge e da sociedade à mulher (DINIZ, 1993; OLIVEIRA, 1995; DIOS, 1997; AMMANN, 1997; JABLONSKI, 2001).

A falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas, na administração da casa, na educação e cuidado dos filhos são fatores geradores de estresse na esfera familiar, vividos especialmente pelas mulheres. As características que marcam o trabalho feminino como a desigualdade de salários com os homens, diferenças de acesso à promoção, à realização e ao investimento profissionais são fatores geradores de estresse na esfera profissional (Diniz, 1999).

Paralelo a uma carga horária muitas vezes semelhante à dos homens, responsabilidade inerente a cargos e atividades de gestão, estão os desagrados com remunerações, falta de oportunidade de realização e injustas concorrências relativas às promoções. Apesar da rotina profissional, as mulheres ainda assumem o peso de uma jornada que se estende para além do espaço de trabalho e estende-se quando chega à casa para o justo descanso.

Rocha-Coutinho (2000, p.81) escreve: “parece que homens e mulheres hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram responsabilidades”. Na maioria das vezes, é a mulher quem tem que abdicar de seus interesses pessoais e profissionais em favor dos planos do cônjuge ou das necessidades do grupo familiar. É possível

que as normas que regem as relações de trabalho feminino estimulem a prática desigual de interesses. Isto porque os salários oferecidos às mulheres e o acesso limitado de ocupação do mercado por elas, é uma realidade importante para a análise do conflito.

Essas desigualdades na forma de conciliar família e trabalho podem afetar a satisfação no casamento, no trabalho, ou no desempenho feminino em diferentes áreas da vida.

Perlin e Diniz (2005) apresentam dados de uma pesquisa sobre satisfação no casamento e aspectos da vida pessoal, conjugal e profissional de homens e mulheres que optaram por relacionamentos de duplo trabalho. Participaram do estudo 222 homens e 222 mulheres, casados/as, funcionários públicos.

Sobre a amostra de participantes, as pesquisadoras concluíram que a média de horas trabalhadas pelos homens, bem como, à participação deles na renda familiar, é maior que a das mulheres, entretanto 22,6% das mulheres e 27,3% dos homens disseram que seus salários representam entre 75,0% a 100% do orçamento familiar.

A primeira importante constatação foi relativa à aproximação entre homens e mulheres no que se refere à contribuição salarial destinada aos custos com a família. No tempo atual, a remuneração da mulher é imprescindível para a sobrevivência da família ou para a manutenção do padrão de vida dela.

Quando o assunto é participação nas atividades domésticas, os dados indicam que as mulheres ainda são as maiores responsáveis pela organização e administração da vida doméstica. Estudos de Féres-Carneiro (2001), Jablonski (1996; 2001), Carter e McGoldrick (1988/1995), Rocha-Coutinho (2000), entre outros, apontam resultados semelhantes.

Outros aspectos como tempo de relacionamento, idade, presença ou ausência de filhos, foram abordados no estudo realizado (PERLIN; DINIZ, 2005) a fim de verificar o grau de satisfação da experiência conjugal no geral, e das uniões de duplo trabalho, em especial. Os resultados apontam que há satisfação no casamento de homens e mulheres que estão buscando conciliar conjugalidade e trabalho, ou seja, entre aqueles que de maneira conivente, perseguem tal objetivo.

Perlin e Diniz (2005) afirmam que a satisfação é um elemento fundamental num relacionamento interpessoal. Entre as muitas explicações sobre o que significa satisfação, as autoras apresentam o conceito a partir do que escrevem (DINIZ, 1993,

1996; FALCKE; DIEHL; WAGNER, 2002). A satisfação é uma reação subjetivamente experimentada no casamento; é uma atitude a respeito do próprio relacionamento conjugal; é o resultado da diferença entre a percepção da realidade do casamento e as aspirações que os cônjuges têm para a relação.

Falcke et al. (2002) lembram que a satisfação conjugal pode ser afetada por fatores conscientes e inconscientes e por eventos advindos do meio ambiente social como: o sexo; o grau de escolaridade; o número de filhos e a presença, ou não, deles em casa; o nível socioeconômico; e o tempo de casamento.

A satisfação no casamento tem gerado controvérsias entre os casais considerados de duplo trabalho e dupla carreira. Há posições que defendem a ideia de que o próprio estilo de vida conduz a satisfação uma vez que os cônjuges têm a compreensão dos desafios que cada um enfrenta para lidar com a interação entre o mundo do trabalho e o da família. Isto leva os pares a apoiar-se mutuamente.

Outros pesquisadores alegam que o trabalho feminino é um elemento negativo para a vida familiar o que elimina a possibilidade de satisfação do casal que adota a dupla carreira como estilo de vida.

Existem ainda aqueles que dizem que tanto o aumento quanto a diminuição da satisfação são acontecimentos legítimos da vida conjugal e que a variação desse fator está associada a uma série de outros elementos que compõem a relação (DINIZ, 1993, 1996).

Na mesma pesquisa realizada por Perlin e Diniz (2005), os resultados sobre a satisfação dos casais afirmam que a maioria dos homens e mulheres percebe seu casamento como feliz. Os percentuais de pessoas insatisfeitas resultam das respostas dadas pelas mulheres.

Quanto ao empenho para investir na relação, homens e mulheres consideram o relacionamento conjugal como uma dimensão importante de suas vidas e estão interessados em esforçar-se para manter a união estável e de qualidade.

Estes resultados reiteram outros encontrados por Falcke et al. (2002) num estudo com 45 casais de nível socioeconômico médio da cidade de Porto Alegre. Na interpretação dos dados sobre questões semelhantes, eles revelam que 87,9% dos participantes estão satisfeitos com o relacionamento. A justificativa para tal posicionamento apóia-se na ideia de que seriam capazes de qualquer esforço para mantê-lo.

Falcke et al. (2002, p. 181) concluem que “o relacionamento conjugal tem prioridade na vida dos sujeitos investigados”.

A fim de explicitar sobre o grau de insatisfação das mulheres evidenciado nas pesquisas, sublinha-se o fato da sobrecarga de trabalho destinado à mulher, como de efeito deletério na percepção da satisfação conjugal feminina (DINIZ, 1993; OLIVEIRA, 1995; AMMANN, 1997).

Sobre esse mesmo aspecto, Féres-Carneiro (2001), encontrou em sua pesquisa, indicadores de que as mulheres estão constantemente em busca de mudanças qualitativas em seus relacionamentos, enquanto os homens mostram-se mais acomodados e satisfeitos com a situação tal como ela se apresenta.

Os dados da autora revelam que os homens, ao engajarem-se em um relacionamento conjugal, tendem a adotar uma postura de acomodação caracterizada por padrões comportamentais baseados em modelos mais tradicionais de casamento.

Ainda, as mulheres têm-se mostrado exigentes em relação à satisfação com o comportamento masculino de forma geral. Isso indica que elas estão questionando os homens. Elas tendem a não aceitar comportamentos de desleixo; ressentem-se com demonstrações de negligência na administração da vida doméstica e com os filhos; exigem fidelidade, companheirismo, amizade e investimento na relação. Tudo isso leva a crer que os critérios de avaliação do casamento são mais rígidos e o nível de satisfação em torno do relacionamento conjugal é diferente entre homens e mulheres.

Em relação à satisfação conjugal consorciada ao casal de duplo trabalho, a experiência partilhada pode resultar numa convivência funcional da família e da individualidade, dimensões importantes para a manutenção da conjugalidade.

Perlin e Diniz (2005, p. 22) acrescentam:

Os casais de duplo trabalho podem estar conscientes das limitações e dificuldades desse modelo de casamento. Entretanto, tal conscientização não os impede de perceber os aspectos positivos da relação. A família e o casamento parecem representar um lado reconfortante, um contraponto para enfrentar as demandas e exigências do mundo do trabalho. Ao serem percebidos como locais de apoio e como lugares para aliviar o estresse e as pressões cotidianas, casamento e família podem contribuir para a satisfação em nível pessoal e relacional.

A consciência sobre a qual escrevem as referidas pesquisadoras pode ser resultado da experiência de limitação partilhada pelos pares, enquanto profissionais

de tempo integral, bem como, de cumplicidade e apoio vivenciados na relação conjugal, nesse estilo de vida.

Assim, as pessoas parecem estar desenvolvendo estratégias de adaptação e apoio para enfrentar a tensão da vida atual, investindo na qualidade e manutenção de seus relacionamentos.

O estilo de vida de duplo trabalho implica em redução de tempo para a intimidade do casal, expressão de afeto, disponibilidade para estar com a família e poucas oportunidades para atender necessidades próprias.

Abdicar de tais prazeres passa a ser uma exigência social proveniente das demandas profissionais, aumento de renda, desejo de consumo, acúmulo de bens em vista do conforto da família, bem estar das pessoas, além da concorrência de um mercado de trabalho competitivo e ameaçador. Ainda assim, a relação harmoniosa entre conjugalidade e trabalho é uma realidade desejada e buscada pelos casais de duplo trabalho.

A organização social contemporânea tem apresentado às pessoas o desafio de integrar ou equilibrar, de forma saudável e prazerosa, a “necessidade de criar laços significativos e alcançar a autonomia” (FÉRES-CARNEIRO, 2001, p. 70).

Na vida comum, a autonomia entre casais parece fortalecida pela parceria no espaço da família. Segundo Sarti (2003), a família não deixa de ser um espaço de intensas idealizações, entretanto a realidade das mudanças em curso desestabiliza e abala o paradigma do modelo entendido como ideal ou adequado.

Dito isto, reconhecer os pares nas mutantes relações atuais significa compreender o trajeto de seus vínculos, os valores que sustentam os relacionamentos, bem como a capacidade de enxergar as pessoas como indivíduos únicos, em relação.

2.4.3 Vida comum: campo profissional, políticas familiares e sociedade

O universo familiar é uma construção social que vincula pessoas e ações, num espaço interativo e variável. Nele coexistem culturas, ideologias, fazeres, épocas e necessidades que carecem de ser assistidas para garantir a dignidade dos indivíduos.

Neste universo, as famílias assumem os pleitos pela gestão da vida comum, da jornada profissional e das pendências sociais que coexistem e relacionam-se progressivamente, ao mesmo tempo em que geram tensões e carências.

O campo familiar absorve todos os litígios do cotidiano social, pois neste lugar, estão os sujeitos de ações que implicam sobre a coletividade. Na família os indivíduos são educados para agirem em função do seu próprio destino.

Para Kaloustian e Ferrari (1994), a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm-se estruturando.

Como entidade fundamental da ação educadora, é no espaço dela, que os valores relacionais são absorvidos e os laços de solidariedade se firmam. No seu interior, adquirem-se as marcas geracionais e os bens culturais.

Sarti (1996) afirma que a família é o próprio substrato de sua identidade social. Sua importância se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo.

Neste sentido, além de constituir-se socialmente como influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e formação do caráter das pessoas, ela está presente em todas as histórias de vida, em cada indivíduo que como ser biopsicossocial, está inserido no meio ambiente, integra uma cultura, um grupo de pertença.

É verdade que a família tem encontrado novas formas de estruturação, mas nem por isso deixa de ser reconhecida como estrutura básica e permanente da experiência humana (PETRINI, 2003). Afirma ainda o autor que a família é identificada como o fundamento da sociedade.

Na família, os valores individuais ganham fundamento. A partir dela, são explicados, absorvidos e modificados todos os comportamentos. Ao espaço familiar, dirigem-se os olhares, as críticas, os entendimentos que teimam em responsabilizar a família por toda e qualquer ação do indivíduo, que a ela pertence.

O modo de vida de uma família evidencia sua existência. Ela abriga sob a casa o grupo de pessoas que têm uma vida em comum. Como diz Sarti (1996), a família compreende a casa; a casa está, portanto, contida na família. Viver sob o mesmo teto traz também em seu bojo a dimensão de sua complexidade, de seus encontros e desencontros; o fato de a família ser um espaço privilegiado de convivência não significa que não haja conflitos nesta esfera (VICENTE, 1994).

A complexidade das relações familiares sofre implicações da sociedade, bem como, projeta na vida social, preocupações que motivam a reflexão sobre sua repercussão na coletividade. Sendo assim, a atuação de políticas públicas junto à

família carece de uma atitude mais expressiva e eficaz, já que ela representa o alvo da ação bem sucedida, o lugar da multiplicação dos bens públicos.

Entretanto, o que se observa é que o Estado, por meio das políticas públicas, não assegura os direitos, tão pouco propicia condições para a efetiva participação da família no desenvolvimento de seus filhos, afinal, os investimentos públicos brasileiros, na área social, estão cada vez mais vinculados ao desempenho da economia.

De acordo com Vêras (2003), vive-se no país em que a estrutura de poder vigente é focada em um modelo econômico que gera crescente riqueza para poucos e pobreza para muitos, e que garante e privilegia o crescimento da economia, sem uma política de renda justa e de atendimento às necessidades básicas da maioria da população. As desigualdades de renda impõem sacrifícios e renúncias para toda a família.

Petrini (2003) argumenta a favor da família quando afirma que à medida que ela encontra dificuldades para cumprir de maneira satisfatória suas tarefas básicas de socialização e de amparo/serviços aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade. A vida familiar para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos.

Entre as situações de tensões e conflitos familiares está a carência de renda, uma situação socioeconômica que tem contribuído para a desestruturação da família, repercutindo diretamente no casal, nos filhos, impondo à família uma luta desenfreada e desumana pela sobrevivência, por um espaço no mercado de trabalho, uma justa remuneração, uma luta para fazer valer seus direitos cidadãos.

O exercício da cidadania prevê a inserção ativa da pessoa como sujeito de ação, capaz de promover a melhoria de sua vida social e apontar os rumos das políticas públicas. Isto porque elas são destinadas à sociedade e existem para atendê-la. Entretanto, tais políticas sociais muito pouco têm contribuído para amenizar as condições de vulnerabilidade da família. Muito embora, algumas sejam centradas nela. Essa é a pretensão do Programa Saúde da Família do Ministério da Saúde (BRASIL, 2002). O Programa tem como unidade de atendimento a família em seu *habitat* e prevê ações que levem em conta a possibilidade de detectar no domicílio, as necessidades de suporte e incrementar estratégias comunitárias, no sentido de ampliar redes de apoio social.

Para que as famílias sejam contempladas por tais políticas será importante compreender os processos de transformação aos quais estão expostas, seus conflitos, movimento e vulnerabilidade.

É relevante para gerar autonomia, escutar a família em sua heterogeneidade, considerá-la no conjunto de seus membros, centrar as políticas públicas na família, reconhecendo-a como potencializadora dessas ações e como sujeito capaz de maximizar recursos por meio da parceria: Estado e família.

Neste sentido, a gestão pública enxerga a família como parceira de suas ações, o que é significativo, escreve Petrini (2007), mas o autor reitera que ainda não se trata de políticas familiares. A administração pública federal elaborou uma grande quantidade de programas de assistência, que envolvem a família, cujo foco, no entanto, é outro. Em Petrini (2007) pode-se ler:

A maior parte das ações facilita a sobrevivência, constituem iniciativas de tipo emergencial, pois, o investimento dirigido a esses programas, dificilmente poderá corresponder um dinamismo de desenvolvimento auto-sustentável. De fato, a família não é suficientemente compreendida e, mesmo nos casos em que é pensada como parceira para a implementação desses programas, não é considerada na trama de relações que a constituem para identificar, nessas relações, dificuldades e problemas e para oferecer soluções e respostas. (p. 214).

Pautados nessa linha de pensamento, Guimarães e Almeida (2003) comentam que descuidos, abusos, violências, evasão escolar, trabalho infantil e mendicância não se resolvem com a oferta de auxílio financeiro. Será necessário elaborar um programa que planeje a presença de técnicos e de voluntários que, entrando na convivência cotidiana das famílias, possam melhorar as relações familiares, fortalecendo a rede que elas constituem.

Neste sentido, ergue-se a questão: Políticas públicas, políticas sociais dirigidas à família ou políticas familiares? Explica Petrini (2007):

Políticas públicas são ações e intervenções planejadas por órgãos da administração públicas em benefício daqueles que o Estado reconhece como sujeitos de direitos de cidadania. Políticas sociais referem-se a orientações, medidas e decisões que um sistema social, não necessariamente estatal, adotada em matéria de bem-estar para aqueles que lhe pertencem, quer indivíduos, quer famílias e associações. Políticas sociais dirigidas à família fazem pensar a uma pluralidade de sujeitos que, livremente, coordenam suas ações, de maneira a convergir para uma finalidade comum, a de promover o

bem-estar da família em algum aspecto decidido em conjunto como relevante. (p. 216).

O número considerável de políticas públicas e de políticas sociais dirigidas aos diversos segmentos da população e aos diferentes problemas sociais implica na necessidade de distinguir as ações para melhor apreensão das características inerentes às políticas dirigidas à família.

A diferença entre tais políticas não se concentra no objeto de atenção dos programas, mas no fato deles estarem orientados de modo a sustentar as relações familiares, fortalecendo-as e tornando-as mais capazes de agir com responsabilidade diante das próprias circunstâncias de vida.

Em síntese, Donati (2003) propõe que a orientação da ação é que define uma política social como familiar. Trata-se do reconhecimento legítimo da subjetividade social da família, titular de direitos e de deveres. Isto sugere o reconhecimento de bens relacionais particulares do grupo familiar, e dignos de proteção.

Os bens relacionais, capital humano da família, caracterizam o recurso de valor com os quais, as políticas devem trabalhar para alcançar as necessidades familiares (VITTADINI, 2004).

Agindo desse modo, a família passa a sujeito ativo de projetos em seu favor. Ela atua com responsabilidade e compromisso durante o processo de intervenção. Fortalece a capacidade de ação e posiciona-se como autora do plano público. O Estado enquanto subsidiário, deve intervir para fortalecer a família em suas relações ao mesmo tempo em que deve valorizá-la e promovê-la como protagonista de sua vida, nunca a substituindo em suas tarefas e responsabilidades.

Entender a família como promotora de sua própria vida implica em apoiá-la, garantir direitos básicos de sobrevivência, saúde, trabalho, moradia, segurança e educação a fim de que ela possa assistir seus entes e reconhecer seu dever social.

2.5 PARENTALIDADE E TRABALHO

O termo parentalidade foi proposto por Racamier (1961), e utilizado pelos estudiosos na década de 80 para referir-se ao exercício de papéis e funções parentais.

A parentalidade está associada à experiência de tornar-se pai e mãe e assumir a herança parental. Esse mandato transgeracional evoca o dever de comunicar valores culturais e familiares transmitidos como modelo a cada geração.

Segundo Lebovici (2004), o olhar da criança também parentaliza os pais. Ele ativa um processo que envolve circunstâncias, competências e habilidades para o cuidado. Entre pais e filhos, estão ainda os familiares. Os pais geralmente estão acompanhados neste instante. O apoio de laços familiares, o ambiente e as relações sociais são fatores importantes para a função da parentalidade.

A prática da atividade parental resulta em diferentes formas de interação, bem como, em desiguais percepções de homens e mulheres em relação aos filhos e responsabilidades para com eles.

O exercício parental, apesar de incluir mulheres e homens, continua sendo na contemporaneidade, realizado principalmente pelas mães. Diversas pesquisas sobre o tema apontam que as mães tendem a se envolver mais do que os pais nas tarefas do dia a dia, junto à prole. Do mesmo modo, pesquisas atuais indicam que o trabalho doméstico continua sendo executado pelas mulheres, mesmo quando elas participam ativamente na economia familiar (IBGE, 2006; 2008; MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2008; SOARES; SABÓIA, 2007).

Mesmo diante de todas as mudanças ocorridas na sociedade e na família contemporânea, marcadas pela consolidação do papel da mulher no mercado de trabalho e, conseqüente necessidade de uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas e de cuidados com os filhos, ainda existe a crença de que a unidade mãe e filhos é básica, universal e psicologicamente mais apropriada para o desenvolvimento saudável da criança do que a relação pai e filhos. Ao pai, cabe o papel coadjuvante dos cuidados.

No que se refere ao cuidar e ser cuidado, é comum que os primeiros sinais de presença familiar sejam garantidos através dos cuidados que os pais dedicam aos filhos. Ao assumirem o papel de educadores de sua prole, os pais podem estimular a formação de vínculos, garantir a sobrevivência, manifestar afeto aos filhos.

Ao atenderem com eficiência a solicitação requerida nas diferentes idades, os pais promovem a relação com trocas afetivas, estabelecem valores, limites e provável comportamento social competente. Apesar de tudo isso, não é possível negar que os relacionamentos passam por tensas e rápidas mudanças e as decisões na família resultam cada vez mais de negociações, pontua Goldani (1993).

Pensar o tempo atual significa reconhecer que as relações familiares estão ancoradas num ambiente social de mudanças. Nesse sentido, cuidar dos filhos passa a ser uma realidade que carece de investigações, reflexões, análises e aprendizados, pois a família contemporânea incorpora configurações que refletem as transformações da sociedade, bem como, suas implicações na constituição da subjetividade familiar. O cuidado com os filhos ganha, portanto, um novo contexto de ação.

O cenário da família foco dessa reflexão é, portanto, a contemporaneidade. Momento no qual a mulher, após revolução sexual, adentra no mercado de trabalho e acumula a dupla função de cuidadora e profissional. Este novo e importante dado força uma modificação substancial nas relações familiares.

Nesse contexto, alguns homens passam a assumir as funções cuidadoras, dividindo com a mulher as duas tarefas. Outros se mantêm como provedores, sobrecarregando a mulher, que passou a realizar as tarefas domésticas e de cuidados maternos, nos intervalos de seu trabalho profissional. Tais fatos demonstram hipoteticamente que influências e interferências do trabalho dos pais incidem sobre o cuidado com os filhos, já que o tempo dedicado à tarefa de cuidar foi encurtado, o que configura novas relações subjetivas na comunidade familiar.

O fato é que, embora haja participação masculina nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, a cobrança feita às mulheres quando se trata de tais atividades, é surpreendentemente maior. Importa revelar que o processo de construção de relações igualitárias é uma expectativa importante e constitui-se em mais uma conquista que eleva o nível de satisfação e sucesso desejado pelo casal. Tal tensão onera pessoas e relações cotidianas na busca por estratégias de conciliação e prazer.

O dilema da conciliação entre trabalho, parentalidade e vida conjugal é um desafio perseguido pela família. Tais questões que estão no entorno do problema são abordagens frequentes nos estudos sobre família. Segundo Lamela, Nunes-Costa e Figueredo (2010), a investigação empírica e teórica sobre a coparentalidade tem crescido ao longo da última década. A aliança parental tem sido um dos elementos essenciais para a harmonia sistêmica da família.

O fato é que no espaço da transição entre dois tempos, a contemporaneidade expressa o vigor das mudanças rápidas para as quais há necessidade de adaptação,

assimilação e reflexão de comportamentos e desenhos relacionais propostos aos pais na relação com os filhos.

A afirmação do trabalho feminino seja por necessidade ou realização pessoal em consonância com as transformações sociais, culturais e econômicas tem impulsionado os pais a dividirem com as mulheres os cuidados e afetos com os filhos, exercendo uma função que, até então, era denominada maternalizante.

O lugar concedido à mãe vem sendo compartilhado com o pai, os avós e tantos outros membros da família, assim como com a comunidade. No interior das famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos pode-se dizer que o exercício da parentalidade já se apresenta de outro modo.

Esse momento da organização social da família é denominado de pós-patriarcado e ele deve significar autonomia adulta com relação aos pais e direito de família iguais para homens e mulheres (ATALLA, 1996; DIAS, COSTA; RANGEL, 2005).

Neste contexto é que a aliança parental constitui-se numa estratégia viável para os casais que vivem juntos, trabalham e cuidam dos filhos. Ao partilharem tarefas de maneira bem distribuída, possivelmente serão capazes de agregar recursos necessários à prática da conciliação entre família e trabalho.

2.5.1 Vida familiar: relações pais e filhos

As relações entre pais e filhos têm como marco a transição entre ser cuidado e cuidar. Isto significa dizer que os lugares de filhos na relação parental tendem a ser substituídos ou naturalmente invertidos ao longo do tempo. Neste trajeto, os moldes aprendidos no contexto da família, indicam atitudes, escolhas, decisões pontuais que orientam os pais na tarefa de educar.

Entretanto, os modelos de paternidade trazidos por cada um dos cônjuges, registros de como foram educados pelas suas famílias de origem, não são suficientes para o exercício pleno da função parental. Ainda, as mudanças sociais e demográficas especialmente ocorridas nas últimas décadas, descortinaram novos fatos, mentalidades e comportamentos na relação entre pais e filhos.

A nova conjuntura parental evoca a necessidade de elaborar e firmar novos postos que implicam na redefinição de identidades individual e conjugal, levando à reavaliação de papéis masculinos e femininos.

O crescimento de separações, casamentos tardios, menor número de filhos, emancipação feminina e inserção da mulher no mercado de trabalho de maneira competitiva, ocasionaram uma mutação de valores, normas sociais e funções desempenhadas pelo homem e mulher no cenário da família, no relacionamento conjugal e nas interações parentais.

A tarefa parental exige que o casal nuclear garanta a disponibilidade para compor múltiplas funções, demandas pessoais, profissionais, conjugais e parentais, que fazem parte da vida familiar.

Destaca-se neste panorama uma nova cultura da parentalidade que chama os homens para um envolvimento mais próximo, direto e ativo junto aos filhos. Existe um clamor social que convoca à responsabilidade de criação e educação conjunta da prole. Entretanto, na prática, as pesquisas vão demonstrando que o comportamento masculino ainda não atende aos anseios dessa conclamação consciente e considerada justa.

Segundo Jablonski (1998), o monstro que habita as profundezas da alma masculina, reage com energia e forças insuspeitas, às novas demandas da igualdade entre sexos e limita-se a lidar com as crianças em poucos e determinados momentos.

Lamb (1987) garante que para cada hora de envoltura ativa gasta pelo pai com os filhos, correspondem outras três a cinco horas a encargo da mãe. Além da quantidade de tempo destinado por ela, vale destacar que os tipos de tarefas realizadas pela mulher são: banho, vestimenta, alimentação, higiene, outras, enquanto os pais ocupam-se em atividades relativas ao brincar.

Neste aspecto, os homens assumem o privilégio da proximidade com o lúdico, o prazeroso, os instantes de lazer. O mesmo autor alega que o trabalho invisível de planejar, organizar, delegar funções, exigir responsabilidades, supervisionar orientações, cronometrar horários, fica sob domínio da mulher. Um percentual de 90% nas famílias pesquisadas.

Crouter e Crowley (1990) observam em seus estudos que os pais dedicam-se mais aos filhos do sexo masculino. Aliam-se a esse dado, o fato de que à medida que os filhos vão crescendo a relação homem e filhos tende a ser mais próxima. A afirmação evidencia a natural relação mãe e filhos pequenos, pois é a mãe que amamenta e posiciona-se como adulto em situação de simbiose com o bebê.

Outro fator importante que motiva o debate sobre a competência paterna no trato com os filhos, são os elementos de natureza cultural. A nova visão de família,

em consonância à emancipação feminina e conseqüente divisão de tarefas entre os sexos, tornou nebulosa a função paterna nos dias atuais. Os modelos são frouxos e as mudanças rápidas, o que exige velocidade e habilidade de adaptação. Nem sempre os pares conseguem compreender ou escolher qual a forma adequada de aproximação, que modelo ter como referência, como comportar-se diante dos filhos e suas questões particulares.

Pais e mães parecem flutuar em situações de conflitos na tentativa de satisfação e reconhecimento paternal e conjugal. Até que os filhos completem dois anos de idade, faixa etária que demanda muitos cuidados, além de amor e proteção, os pais experimentam na relação familiar, sofrimentos, desgaste, insatisfação, tensões e até rompimentos da união.

Kalmuss (1992), em sua investigação com 473 mulheres casadas, entrevistadas no último trimestre da gravidez e um ano após o parto, reitera o que foi dito no parágrafo anterior, sobre a desordem familiar enfrentada pelos casais com filhos pequenos. Ele acrescenta que as mulheres estão 90% mais inclinadas para as tarefas de cuidado com os filhos que os homens, uma pauta importante para desavenças.

Reafirmando, Jablonski (2007) salienta que ao comparar atividades domésticas e cuidados com os filhos, a participação masculina em relação às funções parentais é maior que nas atividades de casa. Entretanto, a atuação do pai é predominantemente complementar à da mãe. Há exceções, nos casos em que o homem tem horários de trabalho mais flexíveis que a mulher.

Araújo e Escalon (2005) escrevem que os homens são coadjuvantes das mulheres nas atividades domésticas. Em pesquisa realizada pelas autoras os dados revelam que há uma falta de sintonia quanto à percepção do casal sobre a divisão de tarefas em casa. Ambos mostram uma incoerência entre o que fazem e o que o companheiro diz que foi feito pelo parceiro.

Esses resultados também são registrados por Davis e Greenstein (2004). Ao apurarem dados de estudos sobre a questão, identificaram que os homens subestimam a própria contribuição nas tarefas domésticas, diferindo da avaliação das mulheres sobre elas mesmas.

Na sequência, vale dizer que há uma exigência importante acerca da participação dos pais nas atividades familiares, bem como, na vida dos filhos. O que se usa chamar de paternidade responsável. Neste sentido, Demo (1992) verifica que

há um alento: os pais estão mais próximos e dispostos a aprender os novos papéis culturalmente sugeridos. Desse modo, eles estão respondendo de forma progressiva, às exigências atuais da família, esforçando-se para atender necessidades profissionais e de convivência parental.

O certo é que os modelos de paternidade e maternidade influenciam a relação entre pais e filhos e deixam marcas na subjetividade em construção. A própria ausência paterna pode ser considerada produto de uma ideologia que excluiu o homem, durante muito tempo da vida privada, já que os mesmos ideais que confinavam a mulher ao espaço doméstico restringiam o homem ao espaço público.

A ausência do pai pode ter sido estimulada, consciente ou inconscientemente, pelo desejo da mãe de "ter" o filho só para si, de modo a manter o máximo controle possível sobre o território que lhe foi instituído (BURDON, 1998; DANTAS; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004; ROCHA-COUTINHO, 1994).

De outro modo, a mãe alienada ao espaço do privado pode constituir-se num modelo ultrapassado, pouco funcional e inadequado ao contexto contemporâneo no qual convivem os pares, os filhos e as diferentes famílias em relação.

A complexidade que envolve a divisão das tarefas parentais na família atual tem motivado a busca de uma compreensão aprofundada sobre tal dinâmica. O estudo realizado por Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), sinaliza que as mudanças nas funções e papéis na família contemporânea não vêm ocorrendo com a mesma frequência e intensidade em todos os núcleos. Co-existem modelos familiares e há um descompasso nas mudanças.

Os dados apresentados apontam para a importância dos aspectos históricos que incidem sobre as funções familiares ao longo do tempo e no momento de avaliar e intervir na otimização dos recursos que cada família apresenta para enfrentar demandas. Não é possível prever um modelo ideal, igualitário e equilibrado. Entretanto, é fundamental conhecer o contexto de cada família e a força que suas crenças, valores e atitudes que interferem na definição e distribuição das tarefas e papéis familiares.

Esse novo tempo abriga o (des)compasso entre modelos distintos, valores que incidem sobre um tempo passado e presente, culturas que explicitam comportamentos opostos e muitas vezes complementares, um exercício cuidadoso de manipulação da realidade complexa, na qual se insere a família.

Sendo assim, parece que a lógica delineada pelos estudos sobre o tema em questão, sugere a necessidade de organização, conciliação e sintonia entre vida conjugal, trabalho, tarefas domésticas e cuidados com os filhos como estratégia de estabelecer compasso familiar. Há hipóteses de que a evidência de uma qualidade conjugal protege o funcionamento da família. Sendo assim, combinar trabalho, vida pessoal, conjugal e familiar significa um afastamento dos papéis femininos e masculinos estabelecidos tradicionalmente e maior flexibilidade para construção de novos modelos de conduta (SILVA; ANASTÁCIO, 2008).

Suportar de forma resistente as dificuldades da vida a dois, amplia as potencialidades de desenvolvimento das habilidades sociais, promove a saúde familiar na medida em que a percepção do equilíbrio e justiça na divisão de tarefas gera conforto, respeito pelo outro, valorização de direitos e deveres. Segundo Silva e Anastácio (2008), as famílias funcionam melhor quando mostram menos estereótipos relativos aos gêneros.

2.5.2 Cuidados com os filhos: apoios disponíveis

O suporte da rede de apoio é um recurso da família e ao indivíduo no enfrentamento de transições normativas e não normativas do processo de desenvolvimento das pessoas. No que se refere à transição decorrente ao nascimento e cuidado com os filhos, as boas interações familiares constituem-se em artifício facilitador da adaptação e equilíbrio de tensões, diante de situações novas.

A família enquanto sistema complexo abarca vários subsistemas à exemplo das relações pai-mãe, irmão-irmão, genitores-filhos, que em constante interação, influenciam e são influenciados uns pelos outros (DESSEN, 1994, 1997; FEIRING; LEWIS, 1978; MINUCHIN, 1985, 1988; TROST, 1995). A dinâmica de funcionamento interno da família está vinculada a outros sistemas fora dela. A escola, o trabalho, os vizinhos, as comunidades e toda a rede social, impactam sobre os intercâmbios entre os sujeitos e controlam o desenvolvimento dos membros familiares.

Diante de tal concepção, Bronfenbrenner (1996) defende a necessidade de estudar a interdependência e a mútua influência dos processos intra e extrafamiliares no cotidiano das relações em família.

A rede social de apoio nas famílias emerge, portanto, como estratégia relacional importante para manutenção do equilíbrio e da dinâmica familiar,

principalmente durante períodos de transição. Geralmente dão suporte aos sujeitos quando são submetidos às novas experiências transformadoras, para as quais, carece de aprendizagem e ajuda.

Rede social, segundo Lewis (1987), é um sistema composto por objetos sociais: pessoas, suas funções e situações que oferecem apoio instrumental e emocional à pessoa, em suas diferentes necessidades.

Por apoio instrumental entende-se ajuda financeira, divisão de responsabilidades e informação prestada ao indivíduo. Apoio emocional, por sua vez, refere-se à afeição, aprovação, simpatia e preocupação com o outro. Ainda, refere-se às ações que remetem a um sentimento de pertença a um grupo (CRAIG; WINSTON, 1989).

O apoio às famílias pode gerar melhoria da qualidade de vida dos beneficiados, bem como, oferecer oportunidade para exercício de bens relacionais e promoção da solidariedade. Sendo assim, é comum que várias pessoas proporcionem suporte à família e ao indivíduo (BRITO-DIAS, 1994; FERREIRA, 1991; LEWIS, 1987). Dentre elas, encontram-se os próprios membros familiares, parentes da família extensa, amigos, companheiros, vizinhos e profissionais, que prestam amparo de diversas formas.

O apoio material ou financeiro; a execução de tarefas domésticas por meio da divisão justa entre pares, ou pela ajuda de terceiros; o cuidado dos filhos de forma partilhada; os préstimos com orientações pontuais e disseminação de informações variadas; o suporte emocional são, dentre outras ajudas, providências que apóiam e garantem a manutenção do equilíbrio do sujeito favorecido.

Os suportes sociais de apoio, embolsados pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde mental e para o enfrentamento de situações estressantes. Tornar-se pai, cuidar de alguém doente ou idosa por muito tempo, adaptar-se a vida conjugal e às tarefas domésticas são desafios que, enfrentados em rede, tornam-se mais leves e fáceis de alcançar.

Os suportes sociais são, também, fatores importantes para a adequação dos comportamentos maternos em relação aos filhos (CRITTENDEN, 1985). A autora, ao estudar as correlações entre as redes sociais, a qualidade do cuidado da criança e o desenvolvimento infantil, observou 121 díades mãe-criança, através do procedimento da “Situação Estranha”, utilizado em estudos sobre a relação de apego. Os resultados

mostraram que os padrões maternos de suporte social estavam relacionados com a segurança da criança nas relações de apego.

Jennings, Stagg e Connors (1991) também encontraram efeitos benéficos do suporte social recebido por mães, que apresentaram comportamentos mais adequados em relação a suas crianças. Em sua pesquisa, 44 mães foram entrevistadas sobre suas redes sociais. Elas redigiram um diário de seus contatos com os membros da rede e foram observadas em interação com suas crianças de quatro anos de idade, em uma sessão de brincadeira.

Os resultados mostram que as mães que relataram níveis mais altos de satisfação com suas redes de apoio pessoais e tinham redes maternas mais extensas emitiram mais comportamentos maternos considerados adequados. Em outras palavras, essas mães eram menos intrusivas e controladoras e estabeleciam relações mais satisfatórias com suas crianças.

Os estudos descritos refletem o significado e importância das redes sociais de apoio, demonstrando o quanto elas favorecem os pais e filhos por meio de uma ação em cadeia. No caso das mães, apoiadas por extensa rede materna, a atuação dirigida a elas, atinge o filho, que por sua vez, chega ao casal e ressoa no espaço da família. Trata-se um ato que transcende os limites do alvo pretendido e favorece o conjunto das pessoas envolvidas.

As pessoas que compõem a rede social de apoio e as funções que exercem mudam de acordo com o contexto sócio-cultural, o tempo histórico e o estágio de desenvolvimento do indivíduo e da família enquanto grupo. As transições pelas quais as famílias passam, movimentam esforços, redes e pessoas em torno de necessidades particulares, atendimentos pontuais ou permanentes.

Entre os apoios internos, constitutivos da própria família, os pais são considerados os mais importantes no cuidado aos filhos. Afirmam as mulheres. Neste sentido, o pai aparece mais uma vez, como coadjuvantes das mães. Em segundo lugar, as avós maternas são as preferidas. O apoio dos amigos e de outros membros familiares, como pai, sogro e sogra, é considerado como menos importante (BELSKY, 1981; BRONFENBRENNER, 1986; LEVITT; WEBER; CLARK, 1986).

Autores como Feiring e Lewis (1978), Kreppner (1999), Minuchin (1988), Sroufe e Fleeson (1988) revelam que casamentos saudáveis proporcionam mais suporte para os cônjuges. Principalmente quando a mulher sente-se apoiada pelo marido. Ainda, o apoio emocional oferecido pelos pais às mães, contribui para o

desenvolvimento dos filhos. O pai é, portanto, um dos membros mais importantes da rede social no que fere ao apoio oferecido à mãe e à família.

Ao estudarem sobre a importância da rede social de apoio na família, Dessen e Braz (2000), investigaram a partir do ponto de vista de mães e de pais, as transformações ocorridas na rede social de apoio de famílias brasileiras em períodos de transição familiar, decorrentes do nascimento de filhos, da participação do pai nesse contexto e da participação e influência dos avós na vida familiar.

Os resultados foram descritos focalizando a estrutura e o contato social da família, a divisão do trabalho doméstico e a responsabilidade pelo cuidado dos filhos, a participação e o envolvimento do pai na vida familiar. Além disso, descreve-se, ainda, o apoio recebido e as mudanças percebidas na rede social durante períodos de transição decorrentes do nascimento dos filhos, as expectativas quanto à participação do pai na vida familiar e a participação e influência dos avós na vida da família e no desenvolvimento da criança.

No que se refere ao trabalho doméstico e cuidado dos filhos: tarefas compartilhadas, os dados lidos esclarecem que as mães eram as principais responsáveis pela realização das tarefas domésticas e pelos cuidados dispensados aos filhos. Os pais, os avós, os irmãos da criança e outras pessoas também colaboravam, executando algumas das atividades domésticas.

Quanto à participação e envolvimento do pai na vida familiar, relatos de mães e pais registram a participação e o apoio do pai em tarefas domésticas e nos cuidados dispensados aos filhos. A maioria das mães (80%) relatou que os pais realizavam algum trabalho doméstico. Já os pais disseram que ajudavam em casa naquilo que podiam e quando possível, isto é, após chegarem do trabalho ou nos finais de semana.

Ao analisar os dados relativos ao apoio recebido pela rede e mudanças decorrentes do período de transição familiar, a maioria das mães relatou a ocorrência de mudanças na sua rede de apoio durante a gravidez. Elas consideraram positivas as ajudas: apoio psicológico; cuidados físicos e orientações recebidas sobre alimentação, gravidez e filhos; ajuda financeira; ajuda nas tarefas domésticas e de cuidados com os filhos; melhoria no relacionamento com o marido e a família. Na mesma ordem crescente de importância, elas citaram como apoios negativos: não receber o apoio psicológico esperado; afastamento de amigos/outras pessoas;

dificuldades no relacionamento com o marido e a família; alterações de humor; parar de trabalhar; mudanças nas atividades de lazer.

Na opinião dos pais, as mudanças positivas nesse período foram relacionadas ao apoio psicológico recebido pela família, dentre eles, foram destacados a aprovação dos parentes, a ajuda financeira recebida. Como alteração negativa, alguns pais mencionaram não ter recebido o apoio psicológico necessário.

Finalmente as autoras, Dessen e Braz (2000), discutem os dados do estudo em questão e sinalizam que as alterações na rede social de apoio de famílias pobres durante períodos de transição, decorrentes do nascimento de filhos, caracterizaram-se, sobretudo, pelo aumento nos suportes emocional e instrumental recebidos de familiares e não familiares.

Durante este tipo de transição no desenvolvimento da família, o auxílio é recebido, principalmente, da família materna e de parentes do sexo feminino (BRITODIAS, 1994; FERREIRA, 1991; LEWIS, 1987). Dentre os familiares, o marido/companheiro foi apontado como a principal fonte de apoio e, em segundo lugar, as avós maternas, conforme relatado na literatura (BELSKY, 1981; BRONFRENBRENNER, 1986; LEVITT; WEBER; CLARK, 1986). O apoio psicológico recebido, tanto de familiares como de não familiares, foi considerado fundamental para o bem estar da família durante este período, segundo o relato das mães. No entanto, para os pais, a ajuda financeira e material recebida foi considerada de maior relevância.

Estes dados mostram que pais e mães têm valores diferentes, possivelmente associados aos sexos feminino e masculino. Embora haja uma forte tendência à mudança de valores no que tange aos papéis atribuídos aos pais nos tempos modernos (DEUTSCH; LUSSIER; SERVIS, 1993; LEWIS, 2000; LEWIS; DESSEN, 1999).

Dados semelhantes foram encontrados por Tudge et al. (2000), independente de momentos de transição decorrentes do nascimento de filhos. Os autores constataram que os pais gastavam menos horas em atividades com suas crianças do que as mães e, na maioria das vezes, isto se devia ao fato de eles estarem trabalhando, o que reduzia a sua possibilidade de participação na rotina doméstica. Com relação ao “ideal” de participação do pai na vida da família, a maioria das mães considerou a atenção, o carinho, o apoio e a compreensão dispensados a elas, bem

como, a presença física do pai em casa como aspectos essenciais ao bem-estar da família e dos filhos, em geral.

A interação família e rede de apoio requer dos indivíduos, contínua readaptação às demandas e circunstâncias eventuais. Os momentos transitórios vividos pela família oportunizam aprendizados e reorganizam o funcionamento da nova estrutura.

Uma readaptação bem sucedida solicita mudanças significativas na rede social de apoio das famílias e assegura saúde física e emocional do indivíduo e, conseqüentemente, da família (RHODES; LAKEY, 1999).

As pesquisas sobre a rede social de apoio, que constitui objeto de estudo de várias disciplinas como a Medicina, a Sociologia e a Psicologia, precisam considerar, em seus planejamentos, a diversidade e a complexidade da rede social e dos apoios recebidos e percebidos pelos membros da família. O avanço nessa área permitirá uma compreensão mais aprofundada das relações maritais e parentais e dos períodos de transição normativos decorrentes do nascimento de filhos (DESSEN; BRAZ, 2000).

Até então, vale observar que as redes de apoio familiares constituem-se naturalmente, pois no instante em que a família forma pais, conseqüentemente deriva avós, tios, irmãos, entre outros, que por sua presença, manifesta-se para apoiar os filhos, netos e empreendimentos que se concretizam no espaço da relação familiar.

Aos apoios familiares agregam-se os colaboradores externos: babás, escola e instituições de educação infantil. Suportes importantes também no processo de desenvolvimento e educação dos filhos pequenos. Sobretudo porque se constituem em experiências distintas da mediação pais, mães e filhos. Sobre os estilos de mediação nas relações babá/criança, Ristum e Fantin (2008) identificam quatro modelos: Participativa, Participativa-Diretiva, Diretiva e Autoritária.

O estilo participativo caracteriza-se pelo incentivo a autonomia da criança, o participativo-diretivo agrega direcionamento às mediações, a diretiva diferencia-se pelo controle e a autoritária pela determinação. Neste último caso, a presença da babá não acrescenta possibilidade de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Nesta complexa rede de interação estão envolvidos muitos fatores que influenciam os comportamentos, o que reuni os significados culturais da babá e da família usuária do serviço, as especificidades das crianças, a história pessoal e profissional da colaboradora, o contexto doméstico das relações.

O fato é que o apoio de redes familiares ou não, envolve modelos de educação. Eles estão no centro da preocupação dos pais e mães. Segundo Moreira e Carvalho (2008), as questões educativas nas últimas décadas angustiam pela incerteza da ação assertiva. Sobre tais práticas educativas, Biasoli-Alves (2002), sintetiza que elas resultam, ao longo do século XX, de crenças religiosas ou da transmissão geracional. A partir das décadas de 1950 e 1960 tais orientações eram oriundas de pediatras, especialistas, professores, psicólogos, numa perspectiva mais permissiva. O resultado gera um descontrole o que exige novas estratégias educacionais.

A preocupação dos adultos com a educação dos filhos é evidente, afinal constatam Moreira e Carvalho (2008), os pais e as mães sentem-se protagonistas da educação dos filhos. Eles têm retornado o ideal de limite, sem contudo perder de vista a afetividade e o diálogo.

Como recurso de apoio, buscam recursos no cônjuge, nas orientações técnicas e científicas, nas instituições especializadas, inclusive no ensino da educação infantil, na sabedoria geracional.

2.6 PARENTALIDADE, CONJUGALIDADE E TRABALHO: ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Conciliar trabalho, relacionamento conjugal e o cuidado dos filhos pequenos tornou-se um desejo de conquista para os casais contemporâneos.

O processo de mudança nas estruturas das famílias e do trabalho é uma realidade que aproxima o Brasil dos países desenvolvidos ao mesmo tempo em que salienta a ausência de uma nova concepção e práticas sociais que atribuam uma dimensão coletiva aos cuidados da família.

Na relação com o mercado, as famílias têm experimentado o prolongamento de um modelo fortemente desigual da divisão sexual do trabalho, que limita as oportunidades laborais para as mulheres, principalmente, mães com filhos dependentes.

Diante desse cenário parece justificável que desde o final da década de 60, do século XX, inicie-se a queda da fecundidade no País, sendo que os registros alcançaram em 2000, taxas semelhantes às verificadas nos países mais

desenvolvidos (CAMARANO; MEDEIROS, 1999). Aliás, se os efeitos da queda da fecundidade estavam limitados aos grupos sociais mais privilegiados das regiões mais desenvolvidas, tal processo se estendeu a todas as classes sociais e espaços geográficos, embora ainda persistam grandes diferenças regionais e socioeconômicas na população.

Vale dizer que a redução da fecundidade deve levar em conta fatores variados como: a melhoria e popularização dos métodos contraceptivos, mudanças comportamentais relativas ao lugar da maternidade na identidade social das mulheres e, também, o fato de as mulheres estarem ingressando maciçamente no mercado de trabalho, dando menos prioridade, inicialmente, à formação de um núcleo familiar com filhos.

As causas que motivam os casais a adiarem a decisão de ter filhos variam, entretanto muitas delas refletem a indigência de estabilidade no trabalho que garanta os gastos com a educação dos filhos e bem estar da família. A priori, é fato que a redução ou decisão de não ter filhos tem influenciado as estratégias de formação dos núcleos familiares.

De fato, o número de filhos significa uma redução do trabalho reprodutivo e pode repercutir positivamente na capacidade das mulheres de aumentarem sua inserção no mercado e das famílias de conciliarem trabalho e responsabilidades com a linhagem.

Além da redução familiar, a composição das famílias também sofreu alterações. No Brasil, estão em ascensão os núcleos menores, monoparentais. Segundo pesquisa realizada por Sorj, Fontes e Machado (2007, p. 69):

O núcleo tradicional, formado por um casal e filhos, não é a única forma estrutural da família na sociedade brasileira, apesar de ainda ser a principal. Embora a maior parte das famílias ainda seja composta por casais com filhos (50%), houve uma forte retração no número de famílias com essa estrutura (em 1981, o percentual de famílias desse tipo era de 65%). Em compensação, cresceu expressivamente o número de famílias compostas por chefes mulheres e filhos sem a presença do cônjuge, isto é, as famílias monoparentais femininas. Esse tipo de família é o segundo mais comum e passou de 12% nos anos 80 para 18% em 2006. Outra transformação que merece ser destacada é que a proporção de casais com filhos e com parentes também registrou queda. Esta mudança pode indicar que as soluções privadas para a conciliação entre trabalho e cuidados familiares, que se assenta no apoio dos parentes, sobretudo das avós, pode estar hoje menos disponível do que no passado.

Do ponto de vista da conciliação entre trabalho e responsabilidades familiares, mudanças como essas, podem acentuar as dificuldades que as mulheres encontram para conciliar as demandas competitivas por trabalho remunerado e responsabilidades familiares, pois, cuidar dos filhos, realizar as tarefas domésticas e educativas, além de trabalhar profissionalmente tem sido um desafio importante para mulheres mães.

A caracterização das mudanças no arcabouço familiar por si só, não é suficiente para entender os desafios que as famílias encaram para conciliar trabalho e cuidados familiares.

A problemática da conciliação emerge dentre outras situações, do baixo desenvolvimento de serviços coletivos que permitem socializar os custos dos cuidados com a família e penaliza a quantidade e qualidade da inserção feminina no mercado de trabalho. Afirmam Sorj, Fontes e Machado (2007).

Apesar das novas oportunidades de trabalho para as mulheres, a cultura conservadora do homem provedor e da mulher cuidadora do lar é estimulada por uma lógica de mercado que não insere o homem na vida privada.

As normas sociais que regulam as relações entre trabalho e família são culturalmente construídas e as políticas voltadas a esse objetivo sinalizam como a sociedade percebe e valoriza a conciliação entre as duas extensões.

Gornick e Meyers (2003) destacam três tipos de políticas públicas mais comuns, sobretudo nos países desenvolvidos, que favorecem a conciliação de trabalho e cuidados familiares, considerando as variações no desenvolvimento e grau de cobertura que oferecem aos cidadãos e a capacidade de neutralizar as desigualdades de sexo. São elas: licenças do trabalho para cuidar dos filhos, sem perda do emprego e com a manutenção do salário ou de outros tipos de benefícios; regulação do tempo do trabalho que permite aos pais reduzir ou realocar as horas de trabalho quando as necessidades de cuidados com os filhos são mais prementes; acesso a creches, pré-escolas e escolas em tempo integral como uma acomodação alternativa para os cuidados dos filhos, quando os pais estão no local de trabalho.

Fazendo referência às políticas públicas anunciadas, pode-se dizer que a situação brasileira obtém fraca legitimação social e política. A insuficiência dos serviços coletivos não permitem remanejar ou socializar os custos dos cuidados familiares. O baixo nível de abrangência das políticas existentes confirmam que a

gestão das ações conflitivas entre família e trabalho permanecem em grande medida, um assunto privado.

No que se refere à legislação trabalhista brasileira, ela só regula o segmento formalizado do mercado de trabalho. Neste caso, as normas não favorecem ao número de trabalhadores informais, em sua maioria, mulheres e mães.

Quanto aos benefícios outorgados por ela focalizam prioritariamente os direitos reprodutivos das mulheres, garantindo, entre outros, a estabilidade para a gestante, licença maternidade de 120 dias e creches nos primeiros meses de vida dos filhos de mães trabalhadoras.

Ademais, a legislação trabalhista é pouco real para garantir a articulação entre trabalho e necessidades familiares ao longo de todas as etapas da vida familiar dos trabalhadores. Concentrando os benefícios apenas no momento inicial da procriação, a legislação não garante facilidades para que o trabalhador possa tratar das demandas familiares como um evento normal e regular da sua vida pessoal.

Desse modo, o panorama que se apresenta ilustra as recentes mudanças nas famílias e no mercado de trabalho e espelha a incapacidade das famílias de lidarem com as exigências colidentes dessa relação.

As portas para as tensões que decorrem desse processo foram quase que completamente alocadas na vida das mulheres, especialmente das mães que, por meio da precarização laboral, das relações com a família extensa e com a vizinhança, procuram responder a esses novos desafios.

2.7 O ESTUDO

O estudo, “De casa para a rua e da rua para casa: implicações e interações família e trabalho”, justifica-se pela necessidade de refletir essa problemática emergente entre as demandas e estudos sobre família, na contemporaneidade.

Os fatos que afloram no cotidiano das famílias atuais têm estado sob a mira do olhar atento de pesquisadores e teóricos da área em questão, entre eles, ventila as relações trabalho e família no sentido de entender os impactos pessoais, conjugais e sociais que afligem as duas esferas.

Cada vez mais, o trabalho passa a configurar importante realização para a vida social e satisfação pessoal e corrobora para o contentamento e bem estar coletivo. Na família, ele é visto como possibilidade de ascensão, prosperidade e júbilo.

As expectativas de uma vida familiar satisfatória e bem sucedida também é o alvo desejado pelos indivíduos. Reconhecida como base da pessoa humana, a família é vislumbrada como fonte inesgotável de valores.

Alcançar a família e o trabalho na proporção das necessidades pessoais e sociais torna-se objeto de desejo e de consumo dos indivíduos. Entretanto, o que se pode visualizar de concreto, na vida prática das famílias é que essa conciliação carece ser exercitada e equilibrada a fim de atender interesses e litígios que se movimentam e se clamam por soluções, no contexto da contemporaneidade.

Como enfrentar o tempo que corre instantaneamente, move-se equivalente as mudanças rápidas do mundo do trabalho e, em paralelo, adaptar-se aos novos modelos no âmbito da família?

De um lado, um mercado competitivo que exige saber, flexibilização, habilidade, liderança, criatividade e rapidez. De outro lado, grita a família. Ela também não é mais a mesma. Em sua pluralidade, torna-se cada vez mais singular. As relações modificam-se para atender as pressões econômicas, sociais, culturais.

Qual o sentido da conjugalidade, da parentalidade que insurge desse painel? As relações com o trabalho e a família modificaram-se. Como escolher entre os comportamentos aprendidos ou, ainda, como adaptar-se às novas disposições familiares que se apresentam como desafio?

As novas interações apontam para uma dinâmica compartilhada de tarefas entre homens e mulheres, casais, pais e profissionais em busca de satisfação na vida pública e privada.

Tal desafio instiga perguntas: como os casais enfrentam o desafio de combinar tarefas profissionais, vida conjugal e cuidados com os filhos? É possível conciliar as exigências oriundas de tantas demandas? Quais são as estratégias usadas para atender necessidades profissionais, individuais, relacionais e afetivas?

Essas são questões que integram a curiosidade dos estudos sobre relações familiares e trabalho, objeto do estudo aqui apresentado. Por meio de uma pesquisa quantitativa, objetiva-se conhecer a problemática que envolve a interação família e trabalho, impactos que decorrem desse convívio, elementos conflituosos que divergem e implicam em escolhas, sofrimentos, busca e realização.

Para tal percurso, seguem delineados os objetivos perseguidos, a estrutura e decurso inerente ao método de estudo. Na sequência, uma descrição do local, participantes, bem como, exposição detalhada do instrumento de análise.

2.7.1 O objetivo geral

O objetivo maior da pesquisa é identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional.

2.7.2 Os objetivos específicos

Os objetivos específicos do estudo são:

1. identificar as influências da atividade profissional na vida familiar e vice-versa;
2. verificar como se dá a divisão de tarefas nas famílias dos participantes em termos de trabalho: (a) doméstico⁴, (b) de manutenção/reparação⁵, (c) relativo ao cuidado com os filhos⁶; como comparam a divisão de tarefas em suas famílias com a praticada por outros casais e qual a divisão desejada por eles;
3. caracterizar a relação dos participantes com os seus filhos em termos de facilidades, dificuldades e apoios recebidos no cuidado e educação deles;
4. caracterizar a relação dos participantes com seus companheiros, identificando influências do trabalho na relação;
5. descrever possíveis estratégias adotadas pelos participantes para conciliar família e trabalho;
6. identificar possíveis diferenças entre as concepções e práticas sobre a relação família-trabalho apresentadas por pais e mães.

⁴ Atividades de limpar, cozinhar, lavar louça e roupa, passar ferro, fazer compras, etc.

⁵ Atividades relativas a pequenos consertos, cuidar de plantas/animais, ocuparem-se com carros, motos, bicicletas, tratar assuntos burocráticos e financeiros.

⁶ Atividades de cuidados com os filhos: trocar fraldas, dar banho, alimentar, brincar, transportar, apoiar nas atividades escolares, etc.

3 MÉTODO

Biasoli-Alves (1998) ao escrever sobre método, explica: é uma forma estruturada de fazer perguntas à natureza a fim de obter respostas. Neste sentido, continua a autora, trabalhar cientificamente é identificar as regras que compõe essa atividade e criar condições para cumpri-las.

A partir desse fundamento, o pesquisador deve proceder de modo ordenado ao planejar a execução de um estudo. Inicialmente deve determinar o problema de pesquisa, escolher o método de estudo, elaborar perguntas, definir o que, quem, onde, quando e como investigar, definir técnicas a serem usadas na coleta de dados e como fazer análise, interpretação e discussão de resultados.

A escolha dos procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos orienta o percurso metodológico previsto pelo método, desde a delimitação do problema, elaboração de objetivos até a realização e interpretação de observações. As leituras devem ser feitas com base nas relações encontradas, fundamentando-as, nas teorias existentes.

O método quantitativo é essencialmente reconhecido pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas. Usam-se técnicas estatísticas para aferição dos dados. Exemplo: percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, dentre outras. Neste estudo, os números em percentuais vão apontar resultados e orientar discussões.

O método aplicado a esta pesquisa prevê a quantificação de ocorrências e busca desvendar e classificar relações entre variáveis, investigar a relação de causalidade entre fenômenos e a mensuração de variáveis previamente estabelecidas, verificando e explicando sua influência sobre outras variáveis, mediante a análise da frequência de incidências e de correlações estatísticas.

Ao fazer descrições, pretende-se ordenar e classificar as características dos fenômenos, analisar as variáveis que influenciam ou causam o surgimento deles.

A importância dessa modalidade de estudo deve-se à correlação de variáveis que conseqüentemente promovem o melhor entendimento do comportamento de diversos fatores e elementos que influem, causalmente, sobre determinado fenômeno.

No que se refere às contribuições do método escolhido, é possível reconhecer que o uso de um questionário prévio no momento da observação ou entrevista pode contribuir para delimitar o problema estudado e a informação coletada, permitindo identificar casos representativos ou não, em nível grupal ou individual.

Na coleta de dados, o questionário prévio pode ajudar a evitar perguntas rotineiras e a identificar características objetivas. Durante a análise da informação, as técnicas estatísticas podem auxiliar na verificação de informações.

A respeito dos instrumentos e/ou técnicas de coleta de dados quantitativos será utilizado questionário com perguntas pré-elaboradas e sequencialmente dispostas em itens que constituem o objeto de pesquisa. O objetivo é estimular os envolvidos a responderem questões sobre um assunto conhecido por eles.

Como se trata de uma interlocução planejada foi necessário que as perguntas fossem padronizadas para servirem de indicadores explicativos do problema. Quando há um nível de aprofundamento psicológico nas perguntas, foram propostas algumas questões de características “semi-abertas”, ou a partir de um discurso livre do entrevistado sobre um tema. As informações foram registradas de forma escrita pelo próprio participante. O mesmo consentiu o livre manuseio dos dados disponibilizados, mediante Termo de Consentimento.

A análise dos dados quantitativos pauta-se na quantificação dos dados identificados na realidade, através de tabelas sínteses.

3.1 DELINEAMENTO

A presente pesquisa caracteriza-se por ser quantitativa, pois a opção foi por um instrumento estruturado visando abarcar uma amostra significativa de pais e mães cujos filhos estavam inseridos em escola particular localizada na cidade de Santo Antônio de Jesus (Bahia).

Além dos recursos materiais, objetivos traçados e determinada pergunta científica, a pesquisadora dispõe-se à tarefa de encontrar e usar uma abordagem teórico-metodológica, que permita chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem-estar social.

Para chegar a essa compreensão, a pesquisa quantitativa deve alcançar o entendimento das questões, via explicação ou compreensão das relações entre variáveis.

Quanto ao pesquisador e o objeto de estudo, na pesquisa quantitativa a dinâmica de interação entre participante e pesquisador é limitada, dificilmente se escuta o participante, após a coleta de dados.

No caso desta pesquisa, a amostra representativa assegura a possibilidade de uma generalização dos resultados. Relaciona-se a isto a ênfase no processo indutivo, partindo de elementos individuais para chegar a hipóteses e generalizações.

Quanto à postura da pesquisadora frente ao estudo e interpretação de dados, na pesquisa quantitativa, crenças e valores pessoais não devem influenciar o processo de análise científica.

A estratégia usada para coleta de dados primou pelo controle de variáveis relativas ao contexto e atributos do objeto de estudo para atender às necessidades da pesquisa.

No caso desse estudo, a análise dos dados emprega o sistema quantitativo-interpretativo como modelo. Conforme Biasoli-Alves (1998), tal sistema pactua com algum nível de inferência, sem perder o foco das respostas objetivas fornecidas pelos participantes. Ainda, abarca as possibilidades de interpretação de questões abertas.

Posterior à descrição de dados, deve-se proceder com a leitura das questões fechadas e abertas.

O itinerário da pesquisa foi orientado pelo objetivo geral: identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional.

O local e participantes selecionados para pesquisa serão devidamente identificados a seguir. Trata-se de uma escola particular do interior do Recôncavo baiano e de pais com filhos de dois a cinco anos. Eles responderam ao instrumento de coleta de dados preenchendo um questionário estruturado com a maioria das questões fechadas.

O aporte metodológico que sustenta a análise de dados justifica-se diante da importância de procedimentos metodológicos quantitativos, bem como, a fundamental necessidade dessa abordagem para a compreensão de fenômenos sociais e

humanos. Foi preciso lidar com a interpretação e compreensão particularizada da área de concentração desse estudo, para tal posicionamento.

Desse modo, foi salutar descrever os aspectos qualitativos observáveis dos discursos dos participantes, sem abrir mão da sistematização, objetividade e clareza da quantificação de informações sobre o fenômeno em pauta.

3.2 O CONTEXTO: LOCAL E PARTICIPANTES

O estudo foi desenvolvido em uma escola particular, localizada na cidade de Santo Antônio de Jesus, interior da Bahia. A cidade tem, segundo censo do IBGE de 2010, 90 mil habitantes e localiza-se no centro do Recôncavo Bahiano. Está à 193 km de Salvador, a capital.

A referida escola tem sessenta e quatro anos de funcionamento e um total de 1.248 alunos matriculados e distribuídos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Para tanto, conta com o trabalho de 75 professores e 43 funcionários.

Sua estrutura física pode ser descrita como privilegiada; um amplo prédio no centro da cidade. Tem biblioteca, laboratório de informática, sala de videoconferência, salas ambientes para Educação Infantil, quadras coberta e descoberta, cantinas, sanitários masculinos e femininos, infantins e adultos, duas enfermarias, salas de atendimento para alunos e professores, duas recepções, auditório, estacionamento rotativo para pais e fixo para professores.

Na Educação Infantil há duas professoras por sala, sendo uma auxiliar. Há na equipe pedagógica, coordenadores de área e por nível de ensino. O colégio conta com o apoio de duas psicólogas para atendimentos pontuais. A direção é ampliada e composta por quatro profissionais. A unidade escolar pertence a Rede de Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil e faz parte do sistema COC de Ensino.

O colégio oferece aulas de música: guitarra, órgão, flauta, violão, outros. Ainda, karatê, dança, teatro, Inglês e Espanhol em convênio com o Centro de Cultura Anglo Americano (CCAA).

A escola é parceira da Escola de Pais do Brasil, realizando ciclos de pais durante os dois semestres letivos. Trata-se de uma instituição comprometida com a educação em parceria com a família, o que a torna próxima dos pais e dos objetivos delineados pela pesquisa.

O presente estudo teve como participantes 30 pais e 30 mães de crianças que frequentaram a Educação Infantil na referida escola, no ano 2011. São casais que moram juntos e que têm filho(s) com idade(s) entre dois e cinco anos.

As idades dos participantes variaram de 26 a 54 anos o que pode ser visualizado a partir da Tabela 01.

**Tabela 01: Distribuição percentual dos participantes por idade.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

Faixas etárias	Percentagem pais	Percentagem mães	Percentagem total
25 a 29 anos	03,3	23,3	13,4
30 a 34 anos	16,6	26,7	21,6
35 a 39 anos	30,2	33,5	31,7
40 a 44 anos	19,9	13,2	16,6
45 a 49 anos	26,7	3,3	15,0
50 a 54 anos	03,3	-	01,7
Percentagem total		100	
Numero de participantes	30	30	60

A predominância de genitores, considerando o total dos participantes, homens e mulheres, ocupa a faixa etária entre 35 a 39 anos, totalizando 31,7% da amostra. Desse número, 30,2% correspondem aos pais e 33,5% refere-se à idade das mães.

Outros 21,6% dos genitores estão na faixa de 30 a 34 anos. Os números relativos ao percentual total, leva em conta os 60 participantes, os percentuais que indicam idade dos pais e idade das mães, equivalem ao total de 30 participantes em cada grupo.

Os dados disponíveis em tabela comunicam que os participantes, pais e mães das crianças de dois a cinco anos tendem a serem genitores em idade madura. Isto porque já não se encontram mais em idade de formação escolar e inserem-se na categoria adulta da população. A incidência de pais nessa faixa etária sugere que eles façam parte da população ativa economicamente.

3.3 INSTRUMENTO

A coleta de dados deu-se por meio de um questionário adaptado e estruturado sobre a vida profissional e familiar. O instrumento original faz parte do projeto *Famwork: family life and professional work – conflict and synergy*. O projeto aconteceu em cooperação pelas Universidades de Munique (Alemanha), Friburgo (Suíça), Porto (Portugal), Graz (Áustria), Nijmegen (Holanda), Mons (Bélgica) e Palermo (Itália).

As questões, em sua grande maioria fechadas, foram adaptadas ao objeto desta pesquisa, sendo adequadas às especificidades da amostra de entrevistados, bem como, aos objetivos traçados. O questionário foi organizado em conjuntos de perguntas que apontam para categorias conceituais como: conjugalidade, parentalidade e trabalho.

O instrumento, após adaptação, passou por testes, apresentando necessidade de ser reduzido. Sua versão final encontra-se no Apêndice A. Uma versão foi escrita para pais e outra para mães, contendo o mesmo conteúdo.

Os questionários chegaram aos pais, via correspondência escola e família, em envelopes fechados. Neles continha uma cópia do questionário feminino, outra do masculino, carta convite e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme modelo em apêndices.

O instrumento foi constituído por partes. Na sequência, lê-se: dados de identificação; profissão: horário de trabalho e realização profissional, influência da atividade profissional na vida familiar e vice-versa; divisão de tarefas na família: avaliação na distribuição de trabalho, divisão desejada do trabalho familiar; vida familiar: relação pais e filhos, apoios disponíveis; conciliação: campo profissional, vida em comum, políticas familiares, sociedade; vida pessoal: conceito de vida; vida em comum: conciliação na relação, decisões do casal, conflitos no casal.

Quanto às questões abertas, podem ser localizados no instrumento: dados de identificação, quantidade de pessoas que moraram na casa, tempo de casamento, idade dos filhos, religião, profissão. Na seção, divisão de tarefas, encontram-se informações relativas aos turnos de trabalho. Em conciliação, estratégias para conciliar trabalho e vida familiar e finalmente na última página, algumas linhas destinadas a comentários relativos ao preenchimento do questionário.

O instrumento foi aplicado com 283 alternativas distribuídas em seções de concentração. Na seção Dados de Identificação, estão as treze primeiras alternativas,

por exemplo. Para cada questão dirigida, o entrevistado avaliou e escolheu sua resposta observando as escalas que variaram de: (0 a 5: não se aplica em nada, até aplica-se totalmente); (0 a 4: nunca até sempre); (0 a 5: nada a tudo/nada a muito/nunca a muitas vezes/não é importante a é muito importante); entre outras, seguindo a lógica. Houve também questões com duas alternativas (sim ou não), além das alternativas com apenas uma possibilidade de resposta (eu, meu companheiro ou os dois).

3.4 PROCEDIMENTOS

A viabilidade da pesquisa firmou-se a partir das etapas assim constituídas: revisão de literatura sobre família e trabalho, escrita do capítulo de método e adaptação do questionário utilizado no estudo. Com isso, solicitou-se à direção da escola investigada, a autorização para a realização do estudo junto a pais e mães de alunos matriculados na educação infantil, o que foi concedido.

O projeto foi então submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador que concedeu autorização para coleta de dados, tendo em vista a aprovação do estudo.

Na sequência, a pesquisadora teve acesso à lista de alunos das turmas de crianças com idades entre dois e cinco anos, totalizando 160 alunos. Então se procedeu ao sorteio (processo casual ou aleatório) de 20,0% das crianças de cada turma, o que corresponde à aproximadamente 30 casais de pais para participantes do estudo.

Encaminhou-se aos 30 pais e 30 mães dos alunos sorteados: uma carta convite para participarem do estudo (Apêndice B), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) para ser lido e assinado por aqueles que consentissem em participar da pesquisa. Destinou-se também os questionários para que fossem respondidos separadamente pelos participantes. Os genitores que não consentiram a própria participação foram substituídos por outros, utilizando-se sorteio.

Os questionários respondidos foram entregues, em envelopes fechados às respectivas professoras dos filhos e posteriormente recolhidos pela pesquisadora.

Ficou ainda acordado que aqueles que desejassem maiores informações poderiam telefonar para a mestrandia e marcar um encontro para esclarecimentos.

Durante o preenchimento do questionário, houve solicitações de esclarecimentos que foram atendidos em tempo hábil. Cabe informar que houve maior aderência das mães, à pesquisa. Treze questionários femininos respondidos foram descartados, já que a outra pessoa do casal, o pai, optou por não participar do estudo. Na ocasião das interações, alguns pais e mães pediram para que os resultados fossem partilhados.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Devidamente coletados, os dados das questões fechadas constaram em planilha especialmente montada para receber as informações disponibilizadas pelos participantes.

Utilizou-se o programa *Satistical Package for the Social Sciences*⁷ (13ª versão do SPSS) como recurso de armazenamento de dados, organizados em dois grupos: respostas de mães e de pais.

Deu-se então a descrição, tabulação de informações e elaboração de tabelas. Elas evidenciaram resultados e permitiram a realização dos cálculos de porcentagem das respostas obtidas.

Posteriormente, tratou-se as questões abertas, através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma prática definida por Bardin (1997) como conjunto de técnicas de análises das comunicações, ou método das categorias, que permite a classificação de elementos de significação a fim de explicitar o conteúdo evidente no material de pesquisa.

A análise de conteúdo decorrente do instrumento de pesquisa, prevê a leitura de dados nele contidos e avanço para além da compreensão imediata. Isto significa estabelecer relações entre as premissas e os elementos que se fazem presentes nas respostas dadas (SOUZA; LUZ, 2006).

As intepretações realizadas estão fundamentalmente apoiadas na literatura revisada e considera o conhecimento empírico do pesquisador.

⁷ SPSS é um software aplicativo do tipo científico. Este pacote inclui aplicação analítica, *Data Mining*, *Text Mining* e estatística que transformam os dados em informações.

As tabelas receberam as informações coletadas, facilitando o olhar do pesquisador para apreensão de resultados. Elas estão devidamente explicadas e agregam conhecimento teórico a partir da discussão de resultados.

4 RESULTADOS

Os dados obtidos a partir dos questionários estruturados foram analisados com base na frequência das respostas, que calculadas, geraram percentuais. Os dados foram tabulados, lidos e interpretados conforme requer o método quantitativo adotado para este fim.

Os resultados serão disponibilizados na ordem do conjunto de questões formuladas, obedecendo os blocos de interesse: dados de identificação, profissão, divisão de tarefas, vida familiar, conciliação, vida pessoal. As relações de conjugalidade, parentalidade e profissionais permearão as discussões posteriores que, por sua vez, estarão focadas na conciliação trabalho e família. Os percentuais indicarão as respostas dos pais, das mães e do casal, em paralelo.

4.1 PERFIL DAS FAMÍLIAS ESTUDADAS

Os 30 casais participantes do estudo responderam inicialmente sobre questões que definiram o perfil de suas famílias, informando sobre tempo de convivência, situação conjugal, número de filhos e suas respectivas idades, quantidade e pessoas que moram na casa, nível de escolaridade, religião, atividade profissional, enquadramento nos setores do mercado, rendimento mensal. Tais dados encontram-se a seguir.

Tabela 02: Distribuição percentual do tempo de convivência do casal na mesma residência.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

Tempo de residência comum do casal	Percentagem total
1 a 5 anos	16,6
6 a 10 anos	48,5
11 a 15 anos	28,3
16 a 20 anos	06,6
Percentagem total	100,0
Número de participantes	60

O tempo de convivência dos casais na mesma residência variou de dois a vinte anos. O maior percentual foi de 48,5% de casais com seis a 10 anos de vida comum, na mesma casa. Na sequência, 28,3% dos casais vivem juntos de 11 a 15 anos. Esses dois grupos representam 76,8% do total de participantes. A média entre os dois percentuais varia de oito a 13 anos de convivência.

Dentre os casais, 86,7% afirmaram ser casados, enquanto 13,3% não. Quanto ao tempo de casados, seguem dados na Tabela 03, a seguir.

**Tabela 03: Distribuição percentual do tempo de casamento dos casais.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

Tempo de casamento dos casais	Percentagem total
1 a 5 anos	11,7
6 a 10 anos	56,9
11 a 15 anos	27,5
16 a 20 anos	3,9
Percentagem total	100,0
Número de participantes	60

A variação foi de quatro a 20 anos. A maior parte é casada durante seis a dez anos. Isto corresponde a 56,9% da totalidade. O dado converge com a idade dos filhos escolhidos para este estudo, bem como, permite aferir critérios elecados para delimitar o manuseio de informações sobre o tema.

Ainda, perguntou-se aos participantes, se haviam sido casados antes da união atual, o que pode ser observado na Tabela 4:

**Tabela 04: Distribuição percentual dos participantes casados antes da união atual.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

Casamento anterior à união atual	Percentagem pais	Percentagem mães	Percentagem total
Sim	28,6	10,3	18,0
Não	71,4	89,7	82,0
Porcentagem total		100,0	
Número de participantes	30	30	60

A resposta afirmativa de 18,0% do total, indica que a maioria não foi casada anteriormente. Ao olhar os dados separadamente, verifica-se que 89,7% das mulheres estão no primeiro casamento, já os homens são 71,4%.

No que se refere à quantidade de pessoas que moram na casa, a Tabela 05 evidencia:

Tabela 05: Distribuição percentual da quantidade de pessoas que moram na casa dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

	Percentagem pais	Percentagem mães	Percentagem total
Quantidade de residentes			
Três pessoas	36,7	40,0	38,8
Quatro pessoas	40,0	40,0	40,0
Cinco pessoas	16,7	13,3	15,0
Seis pessoas	06,6	06,7	06,2
Porcentagem total		100	
Número de participantes	30	30	60

A maior parte dos respondentes disse ter quatro ou três pessoas morando na residência, o que totaliza 78,8% das assertivas. Houve variação nas respostas de pais e mães para a afirmação três e cinco pessoas. Em comparação, a alternativa quatro pessoas manteve-se por um percentual igual nos grupos de pais e mães. Isto aponta para uma divergência entre casais, ao definirem sobre as pessoas que moram na casa. Tal oscilação permite inferir que uma pessoa na casa foi desconsiderada, possivelmente por não fazer parte da família, não morar na casa integralmente, prestar serviço durante o dia, outros.

Questionados sobre quem reside na casa dos participantes, as informações disponíveis estão categorizadas: (a) nuclear: quando a família era composta por pais e filhos; (b) nuclear mais funcionária: quando ao arranjo anterior, acrescentou-se uma trabalhadora doméstica; (c) ampliada: quando outro membro da família, no caso uma sogra, passou a morar na residência, integrando-se ao grupo nuclear. Ver Tabela 06, a seguir:

Tabela 06: Distribuição percentual das configurações familiares dos participantes.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

Configurações familiares	Percentagem pais	Percentagem mães	Percentagem total
Nuclear	50,5	63,7	57,1
Nuclear + funcionária	46,2	36,3	41,3
Ampliada	03,3	-	01,6
Porcentagem total		100	
Número de participantes	30	30	60

A maior incidência é de famílias nucleares com 57,1% do total, 63,7% na avaliação das mães e 50,5% na percepção dos pais. A família tida como nuclear mais funcionária, corresponde a 41,3% do total das respostas dadas. Observa-se que os pais, 46,2%, consideram mais a funcionária como pessoa residente do que as mães, 36,3%.

Os dados referentes aos filhos estão descritos na Tabela 07. Eles registram as respostas fornecidas pelo casal, pai e mãe, juntos.

Tabela 07: Distribuição percentual de dados relativos aos filhos: sexo, idade, residência.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

FILHOS	Sexo		Idade (em anos)					Vive a maior parte do tempo com os pais	
	masc	fem	Não tem*	0 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	Sim	Não
1º filho	50,0	50,0	-	35,1	48,5	11,8	04,6	90,0	10,0
2º filho	50,0	50,0	40,0	48,3	06,7	01,7	03,3	88,6	11,4
3º filho	71,4	28,6	88,3	08,3	01,7	01,7	-	85,7	14,3
4º filho	-	100,0	95,0	05,0	-	-	-	96,7	03,3

Porcentagem total: 100,0

Número de participantes: 60

* Todos os participantes têm pelo menos um filho.

Os números percentuais inscritos na tabela chamam atenção para o fato de que 40% dos casais não têm o segundo filho, 88,3% não têm o terceiro. Destacando os dados relativos ao primeiro filho, observa-se que as idades dos filhos variam entre zero a quatro anos, em 35,1% dos casos e cinco a nove anos, em 48,5%. Portanto, são casais com filhos pequenos, boa parte em idade escolar e dependente dos pais para obterem os cuidados básicos como alimentação, higiene, segurança, outros. Ainda, considerando a média de percentuais obtidas para a questão: com quem ficam os filhos a maior parte do tempo, 90,2% estão com os pais.

Os genitores participantes da pesquisa, apreciando o total da amostra, 60 respondentes, têm nível de escolaridade: 40% Pós-Graduação, 25% Ensino Superior e 35% Ensino Médio. As incidências apontam para o grau superior de formação acadêmica dos pais, o que certamente deve impactar na relação com o trabalho. Aspecto a ser analisado posteriormente na discussão.

Vale destacar os números relativos à formação das mães: 46,7% possuem Pós-Graduação e 33,3% nível Superior. Enquanto os pais, respectivamente, apresentam: 33,3% Pós-Graduação e 16,7% Ensino Superior. São 20,0% de mães com Ensino Médio, em contraposição, 50,0% de pais com esse nível. Os dígitos revelam que as mães investiram mais na formação escolar.

Ao serem indagados sobre religião, 96,6% do total de respondentes disseram pertencerem a alguma igreja ou comunidade religiosa. São 68,3% católicos. Esses últimos dados delineiam o perfil dos casais estudados. Seguem os dados ilustrativos que elucidam a realidade profissional dos pais e mães.

4.2 PROFISSÃO: REALIZAÇÃO, SATISFAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E INFLUÊNCIAS FAMÍLIA E TRABALHO

A fim de conhecer a realidade profissional dos pais, coletar expectativas particulares em relação à realização no trabalho e relacionamento familiar, foram formuladas questões relativas ao enquadramento profissional, rendimento salarial, atividade profissional, entre outros aspectos que possibilitam discutir a problemática.

Sobre o setor de atuação, obteve-se:

**Tabela 08: Distribuição percentual relativa ao setor profissional dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

Setores	Percentagem pais	Percentagem mães	Percentagem total
Funcionário(a) do setor público	26,7	33,3	30,0
Funcionário(a) do setor privado	26,7	33,3	30,0
Funcionário(a) dos setores público e privado	6,7	6,7	6,7
Autônomo	36,7	20,0	28,3
Funcionário(a) do setor público e autônomo	-	3,3	1,7
Funcionário(a) do setor privado e autônomo	3,2	3,4	3,3
Porcentagem total		100	
Número de participantes	30	30	60

Observando a Tabela 08, verifica-se que os genitores, na totalidade, estão distribuídos e concentrados entre os setores: público (30,0%) e privado (30,0%), e autônomo (28,3%).

Ao fixar os dados referentes às mães, 20,0% delas estão alocadas no setor autônomo, enquanto 36,7% dos pais concentram-se neste setor. A princípio, tal autonomia concedida aos homens, pode sugerir maior flexibilidade para planejar e distribuir o tempo. Necessariamente o fato não implica em atividades de fácil manipulação. Ainda, o maior número dos participantes estudados aqui, não está localizado no setor autônomo. O resultante da soma entre público e privado é de 53,4% dos homens pesquisados. Os comentários mediante tabela são para revelar saliências e projetar possibilidades de discussão posterior.

Ao definir atividades profissionais exercidas, muitas funções foram nomeadas o que motivou a necessidade de agupar as profissões por área de concentração. Ficando, assim, definido: (a) Administração (administradores, comerciante, empresários, gerentes comerciais, comerciários); (b) Saúde (dentistas, enfermeiras, médicos, psicólogos, gestor de saúde, tecnico de enfermagem); (c) Segurança e Direito (advogados, oficiais de justiça, policiais e serventurios); (d) Formação

Técnica (acessores, auxiliares de escritório, profissionais da construção civil, mecânicos, publicitários, chapistas e bancários); (e) Educação (coordenadores escolares, coordenadores de educação de órgãos públicos, professores e educadores); ver tabela:

**Tabela 09: Distribuição percentual das atividades profissionais dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

Atividades	Pais	Mães	Porcentagem total
Administração	33,9	29,7	63,6
Saúde	06,6	19,8	26,4
Segurança/ Direito	16,5	03,3	19,8
Formação Técnica	23,1	9,9	33,0
Educação	19,9	37,3	57,2
Porcentagem total		100,0	
Número de participantes	30	30	60

A Tabela 09, que faz alusão às atividades profissionais dos participantes, mostra que há um grupo significativo de pais e mães atuando na área de administração, 63,3%. São 33,9% dos pais nesta atividade. Focando a área de Formação Técnica, verifica-se que 33,0% que os profissionais agrupados nesta categoria, atuam no espaço comercial, prestando serviços.

As afirmativas confirmam informações acerca da principal atividade econômica que movimentava o mercado na cidade de Santo Antonio de Jesus (Ba), citada como polo comercial da região do Recôncavo Bahiano. Ela centraliza cerca de 38 cidades, que se situam no raio de 100 km de distância (PORTO et al., 1993). Segundo o mesmo autor, o comércio e os serviços representam as principais alternativas de crescimento da economia local.

Santo Antônio de Jesus está situada na região de maior densidade demográfica do Estado. Na área de influência da cidade, incluindo a Região Metropolitana de Salvador, localizam-se uma população estimada em 6,5 milhões de habitantes (num raio de 200 km) que é o principal sustentáculo da economia regional através de sua diversificação na agricultura, pecuária, indústria, serviços e no

comércio, considerado um dos mais desenvolvidos do Estado e tradicionalmente conhecido como o comércio mais barato da Bahia.

Por localizar-se fora do polígono da seca e numa região rica e progressista, o município está em franco desenvolvimento, oferecendo à população e às empresas que nele instalam-se, inúmeras condições para uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento de suas atividades. Nos últimos anos, o município despontou como um dos que mais atrai novos investidores, inclusive, uma indústria espanhola. Uma das maiores fabricantes de fogos em todo o mundo.

Neste sentido, é que as atividades comerciais em Santo Antonio de Jesus demandam um contingente importante de profissionais na área administrativa. O que justifica os números achados.

Vale salientar que as mães concentram suas atividades profissionais na área de Educação: 37,3%.

Quanto ao rendimento salarial mensal, obteve-se entre os genitores: (a) até três salários mínimos (21,7%); (b) de quatro a seis (31,7%); (c) de sete a nove (26,7%); (d) mais de nove salários mínimos (20,0%).

Os participantes encontram-se mais representados nas classes que recebem: de quatro a seis salários mínimos (31,7%) ou sete a nove (26,7%).

Separadamente, o rendimento salarial mensal de pais e mães foi assim distribuído: (a) até três salários mínimos (pai: 10,0%, mãe: 33,3%); (b) de quatro a seis (pai: 30,0%, mãe: 33,3%); (c) de sete a nove (pai: 33,3%, mãe: 20,0%); (d) mais de nove salários mínimos (pai: 26,7%, mãe: 13,3%).

Mesmo a escolaridade das mães sendo superior, a remuneração dos pais é maior que a delas. O valor entre as duas faixas de remuneração paga aos homens (33,3% de sete a nove salários mínimos, e 30,0% de quatro a seis), quando comparado ao salário delas, verifica-se a diferença (33,3% das mães recebem até três salários mínimos e, a mesma porcentagem, de quatro a seis). Apenas 10,0% dos pais recebem até três mínimos.

Importa dizer que, apesar de nesta amostra os pais terem remunerações mais significativas, não é suficiente para inferir sobre as contribuições salariais destinadas aos custos com a família.

Sobre os aspectos que envolvem o tema trabalho, a revisão de literatura realizada endossa as percepções de que a realização profissional é um aspecto central na relação da pessoa com o seu afazer diário (HACKMAN; OLDHAN, 1975).

Para levantar subsídios sobre tal envolvimento, formularam-se questões concernentes a horário de trabalho e realização profissional, organização profissional e implicações na vida familiar, reciprocamente.

Ver Tabela 10, sobre realização profissional:

**Tabela 10: Distribuição percentual sobre realização profissional dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Não se aplica em nada 0			Aplica-se muito pouco 1			Aplica-se pouco 2			Aplica-se 3			Aplica-se muito 4			Aplica-se totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
14*. Sinto-me realizado (a) na minha atividade profissional.	-	3,3	1,6	3,3	-	1,6	16,7	16,7	16,7	16,7	16,7	16,7	33,3	30,0	31,7	30,0	33,3	31,7
15. Estou satisfeito(a) com as possibilidades de evolução na minha vida profissional.	-	3,3	1,7	3,6	3,3	3,4	14,3	3,3	8,6	21,4	30,0	25,9	25,0	40,1	32,8	35,7	20,0	27,6
16. Na minha atividade profissional sinto-me satisfeito (a) por poder colocar em prática as minhas capacidades.	-	3,3	1,7	3,6	6,7	5,2	3,6	-	1,7	21,4	6,7	13,8	32,1	50,0	41,4	39,3	33,3	36,2
17. No final de um dia de trabalho sinto-me exausto (a).	14,3	10,0	12,1	7,1	13,3	10,3	14,3	16,7	15,5	25,0	26,7	25,9	25,0	20,0	22,4	14,3	13,3	13,8
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 participantes					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

A primeira questão em pauta avalia a realização e satisfação profissional dos participantes. Sobre realização, eles selecionam a alternativa aplica-se muito e aplica-se totalmente, com a mesma grandeza, 31,7%. Em separado, 33,3% dos pais escolhem a afirmação aplica-se muito e 30,0% e aplica-se totalmente. As mães optam por aplica-se totalmente, 33,3% e aplica-se muito, 30,0%. Pode-se dizer que a soma de variáveis denotam satisfação dos dois grupos.

A próxima questão aponta para as possibilidades de evolução na vida profissional. Ao julgarem as possibilidades de respostas, 35,7% dos pais, elegem a afirmação aplica-se totalmente e 25,0% aplica-se muito. Quanto às mães, 40,1% dizem que se aplica muito e 30% sinalizam para a alternativa aplica-se. As evidências revelam que os participantes têm expectativas de evolução profissional, tanto que na totalidade, 32,8% assinalou a opção aplica-se muito e 25,9%, aplica-se. Cabe destacar que os pais apresentam expectativas mais intensas do que as mães.

Questionados sobre o grau de satisfação experimentado, ao colocar em práticas capacidades pessoais, 39,3% dos pais responderam que se aplica totalmente e 32,1%, aplica-se muito. As mães, 50% delas, acham que se aplica muito e 33,3 que se aplica totalmente. Apurando o voto do total de participantes, obteve-se: 41,4% de aplica-se muito e 36,2, aplica-se totalmente. Assim, ambos sentem-se satisfeitos por poderem colocar em prática capacidades profissionais.

Apesar do bom índice de satisfação e realização profissional, os participantes, sentem-se exaustos no final de um dia de trabalho. Constatou-se que 64,3% dos pais e 60% das mães tendem a concordar com o sentimento de exaustão. Tais porcentagens foram obtidas somando-se os itens: aplica-se, aplica-se muito e totalmente.

Na sequência, perguntou-se sobre os fatores que afetam a atividade profissional dos pesquisados. Entre os elementos, estão: ambiente tenso, trabalho cansativo, remuneração, ameaça de perda de emprego. As respostas podem ser visualizadas na Tabela 11:

**Tabela 11: Distribuição percentual dos fatores que afetam a atividade profissional dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nunca 0			Eventualmente 1			Algumas vezes 2			Na metade das vezes 3			Muitas vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
18*. Ambiente de trabalho tenso	6,6	20,0	13,3	20,0	23,3	21,7	16,7	16,7	16,7	26,7	13,3	20,0	20,0	20,0	20,0	10,0	6,7	8,3
19. Trabalho cansativo	3,3	10,0	6,7	16,7	13,3	15,0	13,3	30,0	21,7	23,3	10,0	16,7	33,3	30,0	31,7	10,0	6,7	8,3
20. Sensação de que o trabalho não é devidamente remunerado	6,7	20,0	13,3	13,3	6,7	10,0	23,3	16,7	20,0	13,3	20,0	16,7	30,0	13,3	21,7	13,3	23,3	18,3
21. Ameaça de perda do trabalho	65,5	73,3	69,5	20,7	16,7	18,6	6,9	6,7	6,8	6,9	-	3,4	-	-	-	-	3,3	1,7
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30						30						60					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

O fator ambiente tenso de trabalho afetou eventualmente 21,7% do total de participantes, a metade das vezes, 20,0% e muitas vezes, 20,0%. Tal decorrência implica numa posição intermediária entre os dois pólos, nunca e sempre. Ao fixar os dados emitidos pelos pais, 26,7% deles, afirmam ser afetados pelo ambiente, na metade das vezes, enquanto às mães, 23,3% acreditam que isto acontece eventualmente. O fato é que o ambiente de trabalho aparece como elemento estressor mais para os pais que para as mães.

Outro elemento avaliado foi o trabalho qualificado como cansativo. Os números gerais apontam para uma concordância de 31,7% do total de participantes, sobre esse aspecto. Eles sentem-se afetados por esse fator, muitas vezes. Na percepção dos pais, são 33,3% deles, afetados muitas vezes. As mães, 30,0% sentem-se afetadas muitas vezes e a mesma porcentagem algumas vezes. Assim, os pais consideraram um pouco mais cansativo o trabalho que realizam, que as mães.

No que se refere à remuneração indevida, 21,7% dos participantes, sentem-se muitas vezes afetados. Os pais, 23,3%, dizem sentirem-se afetados algumas vezes, as mães, 23,3% sempre. Ao cruzar os dados refletidos pela última tabela com as informações descritas na tabela sobre faixa de rendimento mensal individual, há uma coerência entre os resultados, pois entre as mães estudadas 33,3% ganham até três salários mínimos, contra 10% dos pais nesta condição.

Sobre ameaça de perda do emprego, 69,5% do total, nunca se sentem ameaçados. São 65,5% de pais e 73,3% de mães que alimentam a confiança de significativa estabilidade. Nesta perspectiva vale salientar que 30,0% da amostra trabalham no setor público e 28,3% são autônomos. Entre as mães, 33,3% são funcionárias públicas.

Objetivando compreender as implicações imbricadas na relação trabalho e família, os participantes desse estudo, foram instigados a responder as questões transcritas na Tabela 12:

Tabela 12: Distribuição percentual de afirmações relativas às implicações profissão e família dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Sim			Não			Não sei responder		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
22. No meu emprego, existe a possibilidade de trabalhar em tempo parcial por razões familiares.	53,3	53,3	53,3	46,7	40,0	43,3		6,7	03,4
23. Existe flexibilidade no meu período de trabalho diário (horários de chegada e saída, interrupções, turnos, etc.)	70,0	53,3	61,7	30,0	33,3	31,7		13,4	6,6
24. Em certas circunstâncias são aceitas dispensas, mesmo que comunicadas sem grande antecedência (ida ao pediatra, primeiro dia de escola, reunião de pais, etc.)	30,0	86,7	78,3	70,0	6,7	18,3		6,6	3,4
25. No meu emprego existe apoio para a assistência aos filhos dos trabalhadores (auxílio financeiro para despesas com filhos em idade escolar ou pré-escolar, etc.)	80,0	26,7	73,3	20,0	66,7	23,3		6,7	3,4
Porcentagem total	100								
Número de participantes	30			30			60		

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Após distribuição de informações na tabela, é possível visualizar que existe uma equivalência de respostas para a questão 22. Um percentual de 53,3% de pais, mães e total acreditam na possibilidade de distribuir os turnos do dia, entre trabalho e família, caso exista uma necessidade de atender interesses familiares. Entretanto, são significativos os números que indicam o contrário. Das incidências insurgem as demandas pelas redes de apoio que dão suporte aos pais, principalmente quando as ocorrências estão centradas nos cuidados com os filhos.

Ainda sobre a flexibilidade no horário de trabalho, os pais responderam sim, 61,7% dos participantes. Como os pais, a maior parte, são profissionais autônomos, a probabilidade de afirmativas se confirmou: 70,0% disse sim à questão 23 da tabela.

Já as mães, 53,3% responderam sim e 33,3%, não. As possibilidades de acordos para mães são menores que as dos pais.

Sobre as possibilidades de dispensa, 78,3% dos entrevistados reconheceram que há como efetivar ajustes. Os pais, 70,0%, acreditam na disponibilidade. As mães, 86,7%, confirmam as probabilidades de dispensa. Curioso é que apesar de terem menor flexibilidade no trabalho, as mães são afirmativas no que diz respeito à concessão de dispensa. O episódio deve ser discutido posteriormente à luz a literatura consultada.

Acerca dos apoios disponíveis pelo estabelecimento empregador, 73,3% dos consultados disseram não. Desse total, 80,0% são pais e 66,7% mães. Os dados legitimam informações coletadas na revisão de literatura sobre a carência de políticas públicas destinadas ao apoio e suporte familiar.

Para avaliar o grau de compreensão do empregador relativo às obrigações familiares, os respondentes foram submetidos aos questionamentos que constam na Tabela 13:

Tabela 13: Distribuição percentual sobre a compreensão do empregador relativa às obrigações familiares dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Não se aplica em nada 0			Aplica-se muito pouco 1			Aplica-se pouco 2			Aplica-se 3			Aplica-se muito 4			Aplica-se totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
26. Fico prejudicado (possibilidade de ser promovido, atingir um lugar de chefia, participar em ações de formação...) por causa das minhas obrigações familiares	62,1	53,3	57,6	24,1	13,3	18,6	-	10,0	05,1	06,9	06,7	06,8	06,9	10,0	8,5	-	06,7	03,4
27. Existem formas de apoio suficientes para os pais prestarem assistência aos filhos (assistência inadiável a familiares doentes)	33,3	20,0	26,7	13,3	10,0	11,7	13,3	26,7	20,0	16,7	10,0	13,3	06,7	23,3	15,0	16,7	10,0	13,3
28. O meu superior/chefe mostra-se muito compreensivo em relação à minha situação familiar (exemplo, na distribuição do trabalho, na marcação das férias, etc.)	48,3	20,0	33,9	03,5	10,0	06,7	17,2	06,7	11,9	06,9	20,0	13,6	03,4	20,0	11,9	20,7	23,3	22,0
29. Considero que, em geral, no meu emprego, há muita compreensão relativamente à minha situação familiar.	27,6		20,3	06,9		06,8	06,9		06,9	13,8		18,6	20,7		25,4	24,1		22,0
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30						30						60					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Em vista dos dados expostos na tabela, verifica-se que a maioria dos pesquisados acredita não sofrer prejuízos na profissão por conta das obrigações familiares: 57,6% do total, 62,1% dos pais e 53,3% das mães, sendo a porcentagem dos homens maior do que a das mulheres.

Sobre as formas de apoio para assistência aos filhos, predomina o item não se aplica em nada, apesar de entre as mães, a alternativa aplica-se pouco, ter sido selecionada por 26,7% delas. Quanto à compreensão dos chefes em relação às pendências familiares, 33,9% do total acham que não se aplica em nada. As mães mostram-se mais amparadas em suas solicitações, pois 23,3% sentem-se compreendidas em suas necessidades.

No que se refere à compreensão advinda do emprego em geral, 25,4% crêem que se aplica muito, os pais, 27,6%, consideram que não se aplica em nada e 30% das mães pensam que se aplica muito.

Perguntados se usam as capacidades profissionais em casa, 45,0% dos participantes acreditam que sim, na metade das vezes. Os pais, 30,0%, dizem que nunca usam.

Ao responderem sobre a influência da atividade profissional na atividade familiar os pais posicionaram-se:

**Tabela 14: Distribuição percentual sobre influência da atividade profissional na atividade familiar dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nunca 0			Algumas vezes 1			Na metade das vezes 2			Muitas vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
30*. Devido à minha atividade profissional, sinto-me muito cansado (a) para realizar as coisas que tenho que fazer em casa	13,3	16,7	15,0	10,0	6,7	8,3	46,7	43,3	45,0	13,3	26,7	20,0	16,7	6,6	11,7
31. Utilizo as minhas capacidades profissionais nas tarefas de casa	30,0	26,7	28,3	20,0	23,3	21,7	10,0	33,3	21,7	16,7	-	8,3	23,3	16,7	20,0
32. Devido à minha atividade profissional, tenho menos tempo para as de casa	6,7	13,3	10,1	13,3	13,3	13,3	26,7	30,0	28,3	33,3	23,4	28,3	20,0	20,0	20,0
33. Após um dia de trabalho estressante fico facilmente irritado (a)	13,3	6,6	10,0	23,3	16,7	20,0	26,7	20,0	23,3	20,0	30,0	25,0	16,7	26,7	21,7
34. As coisas que faço no trabalho ajudam-me a lidar melhor com problemas em casa	17,2	23,3	20,3	27,6	13,3	20,3	27,6	33,4	30,5	6,9	20,0	13,6	20,7	10,0	15,3
35. Não consigo me desligar das preocupações profissionais quando estou em casa	33,3	23,3	28,4	6,7	20,0	13,3	23,3	23,3	23,3	16,7	16,7	16,7	20,0	16,7	18,3
36. O que faço no meu trabalho torna as conversas que tenho em casa mais interessantes	13,8	23,3	18,6	20,7	6,7	13,6	17,2	33,3	25,4	27,6	26,7	27,1	20,7	10,0	15,3
Porcentagem total	100														
Número de participantes	30						30						60		

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre as implicações da atividade profissional na vida familiar, os dados da Tabela 14 indicam que a atividade profissional deixam os pais cansados para realizarem atividades em casa, na metade das vezes. Isto corresponde a 45,0% das respostas dos participantes, 46,7% dos pais e 43,3% das mães. Quanto ao uso de capacidades profissionais nas tarefas de casa, considerando o total dos participantes, 28,3% dizem nunca utilizarem de tais capacidades. Ao fixar os dados relativos às respostas das mães, verifica-se que elas tendem a usar mais as habilidades profissionais em casa que os pais.

Quanto à disponibilidade para as atividades de casa em proporção às profissionais, nota-se que as mães dedicam mais tempo que os pais. Enquanto elas selecionam a opção na metade das vezes, 30,0%, eles elegem a alternativa muitas vezes, 33,3%. Em relação ao sentimento de irritação após um dia estressante de trabalho, verifica-se que muitas vezes ou na metade das vezes, os genitores sentem-se irritados. A irritação é mais intensa nas mães do que nos pais.

Questionados sobre a possibilidade de as coisas feitas no trabalho ajudarem na lida com os problemas de casa, observa-se que há uma tendência para a resposta, na metade das vezes. O dado confere uma aproximação entre habilidades atitudinais para áreas de atuação distintas, entretanto convergentes.

A questão 35 revela o quanto as preocupações profissionais permanecem ou não, mesmo depois do expediente de trabalho. A preferência pela afirmação nunca representa 28,4% do todo. Na metade das vezes, corresponde a 23,3%. Os pais são 33,3% da opção nunca. Ou seja, eles conseguem dispersar melhor as preocupações que as mães.

Para levantar dados sobre as influências da vida familiar na atividade profissional, os pais responderam as seguintes questões:

**Tabela 15: Distribuição percentual sobre influência da vida familiar na atividade profissional dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nunca 0			Algumas vezes 1			Na metade das vezes 2			Muitas vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
37. A minha vida familiar ajuda-me a descansar e sentir-me preparado (a) para enfrentar os desafios profissionais do dia seguinte	-	3,4	1,6	16,7	13,3	15,0	10,0	13,3	11,7	30,0	33,3	31,7	43,3	36,7	40,0
38. As tarefas de casa impedem-me de dormir o suficiente para o bom desempenho da minha atividade profissional	46,6	30,0	38,4	16,7	40,0	28,3	26,7	20,0	23,3	10,0	6,7	8,3	-	3,3	1,7
39. O estresse em casa torna-me mais irritado (a) no emprego	40,0	34,5	37,3	46,7	41,4	44,1	6,7	13,8	10,2	6,6	6,9	6,8	-	3,4	1,6
40. O afeto e a consideração que recebo em casa dão-me mais autoconfiança na minha atividade profissional	-	6,7	3,4	3,4	3,3	3,3	3,3	3,3	3,3	43,3	16,7	30,0	50,0	70,0	60,0
41. As minhas responsabilidades familiares diminuem a dedicação que posso ter à minha atividade profissional	36,7	40,1	38,3	20,0	13,3	16,7	23,3	13,3	18,3	20,0	23,3	21,7	-	10,0	5,0
42. Não consigo me desligar das preocupações familiares ou pessoais durante a atividade profissional	33,3	13,3	16,7	6,7	30,0	28,3	23,3	36,7	28,3	16,7	16,7	23,3	20,0	3,3	3,4
43. Conversar com o meu companheiro (a) ajuda-me a lidar melhor com problemas profissionais	13,8	-	-	20,7	6,7	6,6	17,2	13,3	15,0	27,6	16,7	21,7	20,7	63,3	56,7
Porcentagem total	100														
Número de participantes	30						30						60		

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Os dados demonstrados na tabela evidenciam que a vida em família ressoa positivamente sobre as atividades profissionais. Os números apontam que 40,0% dos participantes sentem-se preparados para enfrentar os desafios profissionais por influência da família. O afeto e confiança recebidos promovem autoconfiança durante as atividades no trabalho, 60,0%. O diálogo com o companheiro auxilia na resolução de problemas profissionais, na opinião de 56,7% dos respondentes.

No que diz respeito à repercussão das atividades familiares no trabalho, os dados demonstram que as seleções nunca e algumas vezes são as mais salientes. O que minimiza implicações adversas neste trânsito. Ao serem examinados sobre a questão 41 da tabela, percebe-se que as responsabilidades familiares requerem destinação de tempo, entretanto, os participantes manifestam inclinação para as opções nunca, total: 38,3%, pais: 46,6% e mães: 40,1%. A média alcançada para a seleção: na metade das vezes é de 19,4% e muitas vezes: 18,3%. O que indica sutil implicação da família sobre o trabalho.

Sobre o desligamento de preocupações familiares durante as atividades profissionais, dos índices registrados na Tabela 15, chama atenção a alternativa nunca, selecionada pelos pais em 33,3% das vezes e pelas mães, 13,3%. As alternativas algumas vezes, na metade das vezes e muitas vezes dividem opiniões do total de participantes. Finalmente, somando os indicadores que denotam alguma preocupação familiar durante a jornada de trabalho, chega-se a: 61,7% de concordância dos participantes.

4.3 DIVISÃO DE TAREFAS: CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES PARA CONCILIAR OBRIGAÇÕES FAMILIARES E PROFISSIONAIS

Os dados referentes à divisão de tarefas interessam para destacar informações sobre quem faz o quê, o número de tarefas feitas, e como se organiza a divisão dos trabalhos, considerando os sete dias da semana. As tarefas foram distribuídas em trabalho doméstico: limpar, cozinhar, lavar louça, fazer compras, outras; trabalhos de manutenção/reparação: consertos, cuidados com plantas, animais, ocupações com veículos, assuntos burocráticos, financeiros, outros; cuidados com os filhos: trocar fraldas, dar banhos, alimentar, brincar, acompanhar na escola, transportar, etc.

Quanto a quantidade dos trabalhos e as pessoas que os executam, o participante, o(a) companheiro(a) ou outras pessoas, obteve-se os seguintes resultados:

**Tabela 16: Distribuição percentual da divisão de tarefas na família dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			A metade 3			A maioria 4			Tudo 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
44*. Que quantidade de trabalho doméstico faz você, seu companheiro, outras pessoas?																		
Eu próprio/a	10,3	-	05,1	58,6	20,0	39,0	17,2	30,0	23,7	10,3	30,0	20,3	-	13,3	06,8	03,6	06,7	05,1
O companheiro/a	-	17,2	08,5	06,6	37,9	22,0	26,7	27,6	27,1	30,0	13,8	22,0	20,0	03,5	11,9	16,7	-	08,5
Outras pessoas	06,9	06,9	06,9	03,5	03,4	-	-	-	-	13,8	06,9	10,3	37,9	55,2	46,6	37,9	27,6	32,8
45. Que quantidade de trabalho manutenção/reparação fazem as pessoas em sua casa?																		
Eu próprio/a	-	13,8	06,8	10,0	31,1	20,3	13,3	31,0	22,0	13,3	10,3	11,9	40,1	13,8	27,1	23,3	-	11,9
O companheiro/a	17,2	-	08,6	31,0	03,6	17,2	31,0	10,3	20,7	10,3	17,2	13,8	06,9	44,8	25,9	03,6	24,1	13,8
Outras pessoas	24,2	30,0	27,1	20,7	33,3	27,1	17,2	10,0	13,6	06,9	16,7	11,9	24,1	3,3	13,6	06,9	06,7	06,7
46. Que quantidade de trabalho relativo ao cuidado com os filhos fazem as pessoas em sua casa?																		
Eu próprio/a	-	-	-	06,9	-	03,5	24,1	10,0	16,9	48,4	16,7	32,2	10,3	46,6	28,8	10,3	26,7	18,6
O companheiro/a	-	-	-	-	13,8	06,8	03,3	24,1	13,6	23,3	44,8	33,9	30,0	13,8	22,0	43,4	03,5	23,7
Outras pessoas	03,4	10,3	06,9	13,8	17,2	15,5	13,8	20,7	17,2	20,7	27,6	24,1	38,0	20,7	29,4	10,3	03,5	06,9
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30						30						60					

* As numerações que antecedem as perguntas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

Para as tarefas domésticas, os números indicam que os participantes e seus companheiros ocupam-se muito pouco ou pouco, enquanto as outras pessoas realizam a maioria ou tudo, nesta ordem.

No que se refere ao trabalho de manutenção/reparação, verifica-se que os pais fazem a maioria ou tudo, enquanto as mulheres fazem muito pouco ou pouco. Ao considerar os valores numéricos do total de participantes, fixados na tabela, pode-se dizer que os percentuais, 27,1% de a maioria e 22% de pouco, são próximos.

Quando a tarefa é dirigida para o cuidado com os filhos, a totalidade dos participantes responde que faz a metade, 32,2% ou a maioria, 28,8%. As mães afirmam que fazem a maioria das tarefas, 46,6% ou tudo, 26,7%. Os pais acreditam fazer a metade dos trabalhos, 48,4% ou na sequência, pouco, 24,1%. Diante da alternativa companheiro(a), o resultado a metade, mantém-se preferencialmente na opinião do total. As mães confirmam o dado, sinalizando que o companheiro realiza a metade dos cuidados. Já os pais, 43,4%, indicam que a companheira faz tudo, 30,0% a maioria e 23,3% a metade.

Os índices indicam uma evolução no que se refere ao compartilhamento das tarefas de cuidados com os filhos, mais que uma contribuição. Neste sentido, verifica-se que o sobrepeso para as mães vem diminuindo, apesar de haver ainda uma concentração destinada a elas. Ainda, os pais, muitos ainda não reconhecem o próprio trabalho que realizam em prol dos filhos, o que as mães, visualizam com clareza.

Sobre as outras pessoas envolvidas com essa tarefa, os pais e mães informam que 29,4% e 24,1% do trabalho é feito por elas. Os pais atribuem às outras pessoas, a maioria ou metade dos cuidados: 38,0% e 20,7%. As mães também, sendo num percentual menor, já que elas acreditam realizar a metade deles.

Ao avaliar a divisão de tarefas na família, os participantes declaram que a distribuição por igual de afazeres domésticos e de manutenção/reparação é bastante justa ou um pouco justa. Não há disparidades importantes nas opiniões de pais e mães em separado. Ver Tabela 17.

Tabela 17: Distribuição percentual de avaliação sobre: trabalho doméstico, manutenção/reparação e cuidado com os filhos dos participantes.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

ALTERNATIVAS	Muito Injusta			Bastante Injusta			Um pouco Injusta			Um pouco Justa			Bastante Justa			Muito Justa		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
47*. Como avalia a distribuição, entre você e o seu companheiro(a), do trabalho doméstico e do trabalho de manutenção/reparação, conjuntamente?																		
	-	03,3	01,6	-	03,3	01,7	06,7	16,7	11,7	33,3	26,7	30,0	36,7	26,7	31,7	23,3	23,3	23,3
47.1 Quem realiza mais atividades?																		
	Pai						Mãe						Total					
Eu próprio/a	14,3						34,5						24,6					
O meu companheiro/a	39,3						13,8						26,3					
Os dois	46,4						51,7						49,1					
48. Como avalia a divisão do trabalho relativo ao cuidado dos filhos, entre você e o seu companheiro(a)? Quem realiza mais atividades?																		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
	-	-	-	-	10,0	04,9	13,3	10,0	11,7	36,7	36,7	36,7	20,0	23,3	21,7	30,0	20,0	25,0
48.1 Quem realiza mais atividades?																		
	Pai						Mãe						Total					
Eu próprio/a	10,0						58,6						33,9					
O meu companheiro/a	50,0						06,9						28,8					
Os dois	40,0						34,5						37,3					
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30						30						60					

* As numerações que antecedem as perguntas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre quem realiza mais atividades, os participantes juntos responderam: 49,1%, os dois. Separadamente, as mães confirmaram: 51,7% e os pais 46,4%. Quando a resposta é o(a) companheiro(a), os homens definem que o maior percentual é das mulheres, 39,3%. Dado que elas complementam quando destinam para si, 34,5% das tarefas.

Ao efetuar os números relacionados aos cuidados comos filhos, verifica-se uma convergência de opiniões, os participantes avaliam como um pouco justa a divisão dessa tarefa específica.

Ao serem indagados sobre quem realiza mais atividades como um todo, as mães atribuem a elas 58,6% da carga e os pais afirmam que 39,3% das tarefas, são feitas pelos dois.

Pesquisados sobre as atividades profissionais particulares, especificamente acerca da distribuição do trabalho em turnos, identificou-se que 73,4% dos participantes trabalham em tempo integral, organizando os afazeres em dois turnos, conforme Tabela 18, sobre distribuição percentual de horas semanais utilizadas pelos participantes.

Os resultados sinalizam que os participantes usam de 36 a 42h semanais para atividades profissionais e destinam para horas livres de 0 à 4h. Ver tabela a seguir:

Tabela 18: Distribuição percentual de horas semanais utilizadas pelos participantes, em atividades profissionais. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

Horas Semanais	Eu Individualmente			Horas Semanais	O meu companheiro(a)		
	Pai	Mãe	Total		Em atividades profissionais	Pai	Mãe
Em atividades profissionais				Em atividades profissionais			
08 à 12h	06,6	06,9	06,8	06 à 10h	06,7	03,4	05,1
13 à 17h	-	-	01,5	10 à 15h	-	03,4	01,7
18 à 22h	03,3	13,7	06,8	16 à 20h	06,7	03,4	05,1
23 à 27h	-	-	-	21 à 25h	03,3	-	01,7
28 à 32h	06,7	24,1	15,3	26 à 30h	16,7	03,4	10,2
29 à 37h	03,5	03,8	03,4	31 à 35h	03,3	03,8	03,4
38 à 42h	36,6	27,6	32,2	36 à 40h	36,7	41,4	39,0
43 à 47h	16,7	10,3	13,6	41 à 45h	13,3	10,3	11,9
48 à 52h	10,0	06,8	08,5	46 à 50h	03,3	17,2	10,2
53 à 57h	06,6	-	03,4	56 à 60h	06,7	13,7	10,2
58 à 62h	10,0	06,8	08,5	62 à 65h	03,3	-	01,5
Em atividades livres				Em atividades livres			
0 à 4h	35,7	50,0	42,8	0 à 4h	39,3	33,3	36,5
5 à 9h	10,8	07,1	09,0	5 à 9h	10,7	11,1	10,9
10 à 14h	17,8	14,3	16,1	10 à 14h	21,4	14,8	18,2
15 à 19h	03,5	07,2	05,4	15 à 19h	03,6	03,7	03,6
20 à 24h	25,0	07,2	16,1	20 à 24h	10,7	22,2	16,3
25 à 29h	-	-	01,8	25 à 29h	-	-	-
30 à 34h	-	03,6	01,6	30 à 34h	07,1	-	03,6
35 à 39h	-	03,6	-	35 à 39h	-	-	-
40 à 44h	07,2	07,0	07,2	40 à 44h	07,2	14,9	10,9
45 à 49h	-	-	-	45 à 49h	-	-	-
50 à 54h	-	-	-	50 à 54h	-	-	-
55 à 59h	-	-	-	55 à 59h	-	-	-
60 à 64h	-	-	-	60 à 64h	-	-	-
Porcentagem total	100						
Número de participantes	30 pais		30 mães		60 genitores		

Quanto à distribuição percentual de tarefas como peso ou fonte de realização/satisfação pessoal dos participantes, os pais selecionaram numa escala de zero a cinco, itens graduados, correspondentes a escolha desejada. Ver tabela:

**Tabela 19: Distribuição percentual de tarefas como peso ou fonte de realização/satisfação pessoal dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Muito 4			Totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Até que ponto se sente:																		
52. ...sobrecarregada com o trabalho que tem que fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)?	26,7	20,0	23,3	26,7	06,7	16,7	30,0	43,3	36,7	13,3	20,0	16,7	03,3	06,7	05,0	-	03,3	01,6
53. ...realizada/satisfeita com o trabalho que tem que fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)?	-	13,3	-	16,7	-	15,0	10,0	20,0	15,0	33,3	30,0	31,6	23,3	20,0	21,7	16,7	16,7	16,7
54. ...sobrecarregada com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos?	26,7	16,7	21,7	33,3	33,3	33,3	13,3	06,7	10,0	20,0	33,3	26,7	06,7	06,7	06,7	-	03,3	01,6
55. ...realizada/satisfeita com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos?	-	-	-	-	-	-	06,7	-	03,3	13,3	06,6	10,0	33,3	36,7	35,0	46,7	56,7	51,7
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas, refere-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

Relativo à questão: até que ponto se sente sobrecarregado(a) com o trabalho doméstico, as afirmativas pouco ou nada, sequencialmente, são as mais representativas. Pais: 30%, mães: 43,3% e total: 36,7%.

Se realizado(a) ou satisfeito(a) com as mesmas atividades, responderam que em grau médio, pais: 33,3%, mães: 30,0% e total: 31,6% primeiramente, e muito, na ordem anterior.

Se sobrecarregados com as atividades de cuidados com os filhos, 33,3% responderam: muito pouco. Os números relativos à realização e satisfação para tais tarefas, justificam os anteriores. São 46,7% de pais, 56,7% de mães e 51,7% do total, de satisfeitos ou realizados totalmente. Na mesma proporção, são 33,3%; 36,7% e 35,0% de muito satisfeitos.

Os últimos indicadores refletem que, apesar da carga horária de aproximadamente oito horas diurnas em atividades profissionais e poucas horas livres, o cuidado com os filhos é uma tarefa realizadora que estimula sensações de satisfação e carece da disponibilidade de pessoas para compartilhar atribuições.

Pais e mães mostram-se envolvidos e dispostos a experimentar os benefícios e méritos advindos da tarefa de cuidar dos filhos.

A fim de saber sobre as repercussões de atividades profissionais sobre as obrigações familiares e vice-versa, elaboraram-se algumas questões relativas às possíveis conciliações entre as duas esferas. Ver tabela:

**Tabela 20: Distribuição percentual da conciliação entre obrigações familiares e profissionais dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Muito 4			Totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
56*. As minhas obrigações familiares dificultam o cumprimento das minhas obrigações profissionais	36,7	23,3	30,0	26,7	33,3	30,0	23,3	13,3	18,3	06,7	13,3	10,0	06,6	13,3	10,0	-	03,5	01,7
57. As minhas obrigações familiares impedem-me de ter o tempo que gostaria para a minha atividade profissional/carreira.	43,3	30,0	36,7	30,0	23,3	26,7	16,7	20,0	18,3	06,7	16,7	11,7	03,3	06,7	05,0	-	03,3	01,6
58. A minha atividade profissional dificulta o cumprimento das minhas obrigações familiares	34,5	26,7	30,5	20,7	13,3	16,9	06,9	20,0	13,6	17,2	20,0	18,6	20,7	10,0	15,3	-	10,0	05,1
59. A minha atividade profissional impede-me de estar com a família o tempo que desejaria	23,3	23,3	23,3	06,7	06,7	06,7	10,0	10,0	10,0	13,3	26,7	20,0	36,7	10,0	23,7	10,0	23,3	16,7
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem -se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

A primeira pergunta condiciona o cumprimento de compromissos profissionais aos deveres familiares. Refletindo sobre o fato de as obrigações com a família dificultarem a execução de serviços no trabalho, os pesquisados tendem a responder nada ou muito pouco. As preferências somam 60% das respostas válidas. Em separado, os pais concentram-se mais na opção nada e as mães em muito pouco.

No que diz respeito às obrigações familiares, perguntou-se: elas impedem de ter o tempo que gostariam para a atividade profissional/carreira? Mais uma vez, os índices nada e muito pouco foram escolhas preferenciais. As alternativas para os pais têm frequência maior que para as mães: 43,3% e 30,0% para nada; 30,0% e 23,3% para muito pouco, respectivamente.

A questão seguinte busca averiguar se a atividade profissional dificulta o cumprimento das obrigações familiares. Nota-se que existe uma pulverização de escolhas, entretanto a opção nada aparece como a mais representativa. Destaca-se mais uma vez, a diferença entre as informações disponibilizadas pelos pais em comparação às mães. Eles optam pela seleção nada com mais constância que elas.

No que tange a impossibilidade de estar com a família por conta da atividade profissional, há uma oscilação de números nos dados apresentados. Apesar do consenso de 23,3% pela opção nada, verifica-se que as mães demonstram sentirem-se na média (26,7%) ou totalmente (23,3%) afetadas em seu tempo com a família e os pais 36,7% muito impedidos do convívio familiar.

Os referenciais da Tabela 20 salientam que as atividades profissionais e familiares ressoam uma na outra de maneira recíproca, que as implicações são mais sentidas pelas mães, apesar dos pais terem manifestado maior necessidade de tempo para este fim.

A exposição dos dados transcritos na Tabela 21 sintetiza a distribuição percentual da conciliação entre profissão e família no que diz respeito ao(à) companheiro(a) dos participantes.

Tabela 21: Distribuição percentual da conciliação entre profissão e família no que diz respeito ao companheiro(a) dos participantes.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Muito 4			Totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
A atividade profissional do meu companheiro:																		
60*. ...dificulta o cumprimento das suas obrigações familiares	23,4	16,7	20,0	30,0	26,7	28,3	23,3	13,3	18,3	10,0	23,3	16,7	13,3	10,0	11,7	-	10,1	05,0
61. ...impede-o de passar com a família o tempo que ele gostaria	13,3	13,3	13,3	20,0	20,0	20,0	16,7	06,7	11,7	30,0	33,3	31,7	03,3	20,0	11,7	16,7	06,7	11,6
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Examinados sobre a atividade profissional do(a) companheiro(a), perguntou-se: ela dificulta o cumprimento das suas obrigações familiares? A seleção muito pouco e nada corresponde à preferência dos participantes e reafirma o compromisso deles com as tarefas familiares, já que elas são oportunidades de realização e satisfação reveladas.

À pergunta: elas impedem de passar com a família o tempo que gostaria? As respostas: média e muito pouco foram as mais selecionadas. A predileção reforça a ideia de que o(a) companheiro(a) gostaria de passar mais tempo em família e que as atividades profissionais interferem neste tempo.

Os próximos dados apresentam as cedências perante as dificuldades em conciliar profissão e família dos participantes.

Quando a sobrecarga resultante do trabalho e das tarefas familiares é muita, o participante é obrigado a ceder em diferentes campos de sua atuação: na profissão, na vida conjugal, nas atividades com as crianças, no trabalho ou abdicar de algum tempo livre. Ver:

Tabela 22: Distribuição percentual das cedências perante as dificuldades em conciliar profissão e família dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

ALTERNATIVAS	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Muito 4			Totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
62. Quando a sobrecarga resultante do meu trabalho e das tarefas familiares é muita, sou obrigada a ceder:																		
62.1* Na minha profissão	10,0	16,7	13,2	26,7	26,7	26,7	20,0	13,3	16,7	26,7	16,7	21,7	13,3	20,0	16,7	03,3	06,6	05,0
62.2 Na vida de casal	10,0	06,8	08,3	06,7	13,3	10,0	10,0	20,0	15,0	30,0	23,3	26,7	33,3	23,3	28,3	10,0	13,3	11,7
62.3 Nas atividades das crianças	06,7	03,3	05,0	13,3	16,7	15,0	13,3	26,7	20,0	33,3	30,0	31,7	30,0	20,0	25,0	03,4	03,3	03,3
62.4 No trabalho em casa	10,0	10,4	10,1	23,3	-	11,9	20,0	31,0	25,4	20,0	34,5	27,1	20,0	10,3	15,3	06,7	13,8	10,2
62.5 No tempo livre	06,9	10,7	08,8	13,8	03,5	08,8	20,7	17,9	19,3	13,7	14,3	14,0	34,5	25,0	29,8	10,3	28,6	19,3
63. E no que diz respeito ao seu companheiro(a)? Quando a sobrecarga resultante do trabalho dele(a) e das tarefas familiares é muita, é obrigado(a) a ceder:																		
63.1 Na minha profissão	13,3	30,0	21,7	13,3	23,3	18,3	10,0	16,7	13,3	26,7	23,3	25,0	26,7	03,3	15,0	10,0	03,4	06,7
63.2 Na vida de casal	13,3	16,7	10,0	10,0	03,3	06,7	23,3	26,7	25,0	26,7	23,3	25,0	30,0	30,0	30,0	06,7	-	03,3
63.3 Nas atividades das crianças	06,9	17,2	12,1	13,8	03,6	08,6	24,1	17,2	20,7	34,5	34,5	34,5	13,8	17,2	15,5	06,9	10,3	08,6
63.4 No trabalho em casa	06,8	10,0	08,3	13,3	13,3	13,3	13,3	16,7	15,0	40,0	20,0	30,0	13,3	20,0	16,7	13,3	20,0	16,7
63.5 No tempo livre	06,7	20,0	13,3	10,0	06,7	08,3	13,3	10,0	11,7	40,0	13,3	26,7	20,0	40,0	30,0	10,0	10,0	10,0
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Aproximando os dados achados, verificou-se que os participantes tendem a ceder muito: 34,5% (pais), 25% (mães) e 29,8% (totalidade) no tempo livre. Na subsequência, na vida de casal, muito: 33,3% (pais), 23,3% (mães) e 28,3% (totalidade). Em grau médio com as crianças: 33,3% (pais), 30,0% (mães), 31,7% (totalidade) e nos trabalhos em casa: 20,0% (pai), 34,5% (mãe) e 27,1% (totalidade). Na profissão, os participantes revelam que cedem muito pouco: 26,7% de pais, mães e total.

A ordem de apresentação dos dados, por si, já indicam onde as cedências são mais acentuadas.

Solicitados a responderem a mesma questão, focando as cedências feitas pelo companheiro(a) nas mesmas circunstâncias, obteve-se os resultados, na mesma ordem. Na percepção da outra pessoa do casal, tanto pais como mães acreditam que cedem muito na vida conjugal: 30,0%.

O total dos participantes juntos ou separadamente, pensam que renunciam nas atividades com as crianças 34,5%, a alternativa selecionada é a média. A mesma seleção foi eleita para as abdições no âmbito profissional: 26,7%, 23,3% e 25,0% dos pais, mães e total.

Quanto às cedências relativas às atividades de casa é importante notar que os pais renunciam mais a elas que as mães. 40,0% de pais e 20,0% de mães dizem abdicar da tarefa em grau médio. Sobre o tempo livre, ocorre que 40,0% das mães cedem muito. Este mesmo índice repete-se para os pais de forma menos intensa: média.

A profissão firma-se, dessa forma, como o espaço menos atingido pelas cedências, enquanto a relação do casal aparece como a mais desprotegida ao lado do tempo livre ocupado para fins emergenciais.

A Tabela 23 proporciona uma visão sistematizada, da avaliação feita pelos participantes, sobre a carga de trabalho total distribuída entre o casal. Considerando as atividades profissionais e familiares, os indivíduos estudados julgaram a divisão de tarefas e indicaram a pessoa que mais as realiza.

**Tabela 23: Distribuição percentual de avaliação sobre: a carga de trabalho total distribuída entre o casal.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Muito Injusta			Bastante Injusta			Um pouco Injusta			Um pouco Justa			Bastante Justa			Muito Justa		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
64*. Tendo em vista a carga de trabalho total (atividade profissional, trabalho em casa e cuidar dos filhos), como avalia a distribuição do trabalho entre os dois?																		
	03,6	03,3	05,1	13,8	13,3	06,8	44,8	20,0	16,9	17,2	36,7	40,7	17,2	20,0	18,6	03,4	06,7	11,9
64.1 Quem realiza mais atividades?																		
	Pai						Mãe						Total					
Eu próprio/a	06,9						66,7						35,7					
O meu companheiro/a	41,4						-						21,4					
Os dois	51,7						33,3						42,9					
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* A numeração que antecede a afirmativa refere-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Dentre os pais, 44,8% crêem que a repartição é um pouco injusta. Quanto às mães, 36,7% classificam como um pouco justa. De forma igual, 20,0% delas, afirmam que a divisão é um pouco injusta ou bastante justa. Do total dos participantes, 40,7% vota na alternativa um pouco justa.

Sobre o segundo questionamento, a alternativa eu próprio(a) corresponde a 35,7% do total, 66,7% das respostas das mães e 06,9% dos pais. A opção companheiro(a) obteve 21,4% de votos do todo e 41,4% dos pais. “Os dois” foi a seleção preferida com 51,7% dos pais, 33,3% das mães e 42,9% do conjunto.

A avaliação demonstra que, apesar da divisão estar concentrada no casal, quando isto não acontece, as mães assumem mais tarefas.

As informações registradas na Tabela 24 expõem negociações do casal sobre a distribuição do trabalho doméstico e de cuidados com os filhos.

**Tabela 24: Distribuição percentual sobre a negociação do casal sobre distribuição do trabalho.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

	Muitíssimo Injusta			Bastante Injusta			Um pouco Injusta			Um pouco Justa			Bastante Justa			Muitíssimo Justa		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
65*. Como avalia a forma como chegaram à divisão do trabalho em casa (trabalho doméstico e de manutenção/reparação)?																		
	-	03,2	01,7	-	10,0	05,0	13,3	06,7	10,0	30,0	26,7	28,3	50,0	46,7	48,3	06,7	06,7	06,7
66. Como avalia a forma como chegaram à divisão das tarefas relativas aos cuidados dos filhos?																		
	-	-	-	03,4	03,4	03,4	13,3	26,7	20,0	26,7	23,3	25,0	43,3	33,3	38,3	13,3	13,3	13,3
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Solicitados a responderem as questões: como avalia a forma como chegaram à divisão do trabalho em casa e das tarefas relativas aos cuidados dos filhos, os participantes chegaram às conclusões: bastante justa 50,0% dos pais, 46,7% das mães e 48,3% do total ou um pouco justa como segunda opção mais votada.

Quanto à forma da negociação, avaliaram o processo como bastante justo, apesar dos índices menores que os anteriores. As afirmações denotam que a maioria dos participantes tende a uma avaliação positiva, próxima da classificação justa. A graduação referente ao índice injusta concebe a minoria dos estudados.

A distribuição de tarefas entre os participantes revela influências oriundas de variados fatores. As pessoas, as características das relações, condições financeiras, costumes da sociedade e tradições familiares exercem controles sobre a divisão de responsabilidades. Sobre isso, foram indagados: até que ponto você próprio(a) influenciou na atual distribuição do trabalho em casa (trabalho doméstico e de manutenção/reparação)? Ainda, você próprio(a) influenciou a atual distribuição das tarefas relativas ao cuidado dos filhos?

**Tabela 25: Distribuição percentual das influencia na distribuição de tarefas entre os participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Muito 4			Totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
67*. Até que ponto você próprio(a) influenciou na atual distribuição do trabalho em casa (trabalho doméstico e de manutenção/reparação)?																		
67.1 Eu próprio (a)	06,6	03,3	05,0	10,0	-	05,0	16,7	10,0	13,3	40,0	33,3	36,7	10,0	26,7	18,3	16,7	26,7	21,7
67.2 O companheiro(a)	06,7	03,3	05,0	-	06,7	03,3	10,0	10,0	10,0	26,7	33,3	30,0	26,7	26,7	26,7	30,0	20,0	25,0
67.3 As características da relação	03,6	03,2	03,4	03,4	06,7	05,1	06,9	06,7	06,8	16,2	10,0	13,8	17,2	26,7	22,0	51,7	46,7	49,1
67.4 Condições financeiras	10,1	20,0	15,0	13,3	10,0	11,7	13,3	06,7	10,0	23,3	13,3	18,3	20,0	33,3	26,7	20,0	16,7	18,3
67.5 Costumes da sociedade local	23,3	30,0	26,7	16,7	23,3	20,0	10,0	13,3	11,7	23,3	13,3	18,3	20,0	13,3	16,7	06,7	06,8	06,6
67.6 Tradições familiares	20,0	20,7	20,3	20,0	31,0	25,4	03,3	03,6	03,5	20,0	17,2	18,6	20,0	03,4	11,9	16,7	24,1	20,3
68. Até que ponto você próprio(a) influenciou a atual distribuição das tarefas relativas ao cuidado dos filhos?																		
68.1 Eu próprio(a)	03,4	-	01,7	03,3	-	01,7	26,7	10,0	18,3	20,0	16,7	18,3	33,3	33,3	33,3	13,3	40,0	26,7
68.2 O companheiro(a)	03,4	03,3	03,3	-	03,3	01,7	03,3	06,7	05,0	30,0	43,3	36,7	40,0	06,7	33,3	23,3	16,7	20,0
68.3 As características da relação	10,7	06,8	08,3	07,1	03,3	05,2	03,6	03,3	03,4	14,3	23,3	19,0	25,0	40,0	32,8	39,3	23,3	31,0
68.4 Condições financeiras	10,0	13,8	11,9	16,7	17,2	16,9	06,7	17,2	11,9	36,7	24,3	30,5	23,3	17,2	20,3	06,6	10,3	08,5
68.5 Costumes da sociedade local	20,0	21,4	20,7	30,0	28,6	29,3	13,3	07,1	10,3	03,3	21,4	12,1	26,7	17,9	22,4	06,7	03,6	05,2
68.6 Tradições familiares	33,4	13,3	22,2	08,3	26,7	18,5	08,3	-	03,8	08,3	20,0	14,8	25,0	20,0	22,2	16,7	20,0	18,5
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

O primeiro ponto obteve como resultado saliente a alternativa “totalmente” para o item “as características da relação” (51,7%, na opinião dos pais, 46,7% das mães e 49,1% do total). Como os outros tópicos tiveram adesões pulverizadas, optou-se pela soma dos índices média, muito e total para demonstrar os aspectos que mais influenciam na referida distribuição. Efetuados, os indicadores apontam: 66,7% de influência de pais, 80,0% das mães, 76,7% dos participantes. Em cada segmento representado, o maior índice percentual localiza-se na alternativa média.

Procedendo da mesma forma quanto à afirmação: o(a) companheiro(a) influencia mais na distribuição de tarefas, alcançam-se os resultados: 83,4% dos pais dizem ser a companheira a maior responsável, 80,0% das mães, afirmam serem os pais e o total de participantes representa 81,7%.

Quanto às condições financeiras, elas aparecem como o terceiro fator na escala de motivadores da distribuição de tarefas. Em muito, concentram-se a maior parte dos votos, entretanto, dividem posições com as opções média e totalmente. O total que representa os participantes soma 63,3%.

Sobre os costumes do local ou tradições familiares, os números chamam atenção pela pouca ou média influência na divisão.

No que tange à distribuição das tarefas relativas ao cuidado com os filhos, a tabela exhibe os subsequentes dados: reunindo as alternativas: nada, pouco e muito pouco, e as outras três opções: média, muito e totalmente, percebe-se que os pais influenciam 66,0% na divisão, as mães 90,0% e os dois juntos 76,7%. Os pais destacam-se na posição muito e as mães em totalmente.

Sendo assim, quem detém o maior poder neste aspecto, são as companheiras. Os pais elegem as mães como as mais influentes no processo: 93,3% da responsabilidade, se somados os três indicadores. A influência dos pais chega a 66,7% da mesma soma, segundo as mães.

As características da relação apresentam significativas influências na opinião dos participantes. Os indicadores concentram-se nas seleções muito e totalmente e somam 82,8% das três opções destacadas. As condições financeiras situam-se em quarta posição de influência, seguida das tradições familiares e costumes locais.

O exercício de exploração da Tabela 26 permite figurar informações sobre o grau de satisfação dos participantes quanto à divisão de tarefas entre eles.

**Tabela 26: Distribuição percentual do grau de satisfação quanto à divisão de tarefas entre os participante.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

	Nada 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Muito 4			Totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
69*. Satisfação com a distribuição, entre você e o seu companheiro, do trabalho que é necessário fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)																		
	-	-	-	-	06,7	03,3	13,4	20,0	16,7	23,3	26,7	25,0	33,3	33,3	33,3	30,0	13,3	21,7
70. Satisfação com a distribuição, entre você e o seu companheiro, das tarefas relativas ao cuidado dos filhos																		
	-	03,3	01,6	03,3	03,3	03,3	10,0	20,0	15,0	13,3	20,0	16,7	46,7	36,7	41,7	26,7	16,7	21,7
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre a distribuição das atividades domésticas, os pais situam-se entre as alternativas muito, 33,3% e totalmente satisfeitos, 30,0%. Quanto às mães, concentram-se nas opções média, 26,7% e muito, 33,3%. Sendo assim, pode-se dizer que os pais estão mais satisfeitos que as mães.

Sobre o cuidado com os filhos, o nível de satisfação quanto à partilha de tarefas fica evidente nas opções muito e totalmente. Há maior intensidade na seleção muito. A soma de níveis correspondentes à satisfação aproxima pais e mães quase que exatamente: 86,6% equiparado a 86,7%.

A Tabela 27 traz a distribuição percentual da avaliação dos participantes, quanto à divisão de tarefas praticadas por outros casais numa escala de muito pior a muito melhor.

Tabela 27: Distribuição percentual da avaliação dos participantes, quanto à divisão de tarefas praticadas por outros casais.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

Muito pior			Pior			Um pouco pior			Igual			Um pouco melhor			Melhor			Muito Melhor					
Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total			
71*. A distribuição do trabalho em sua casa é melhor ou pior do que a que é feita pelos outros casais?																							
-	-	-	-	0,35	01,7	10,3	13,8	12,1	20,7	17,2	19,0	13,8	13,8	13,8	34,5	41,4	37,9	20,7	10,3	15,5			
72. A distribuição das tarefas relativas ao cuidado dos filhos é melhor ou pior do que a que é feita por outros casais?																							
-	-	-	-	03,6	01,8	06,9	10,3	08,6	13,8	03,4	08,6	17,2	10,3	13,8	27,6	48,3	37,9	34,5	24,1	20,3			
Porcentagem total			100																				
Número de participantes			30 pais						30 mães						60 genitores								

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Para as atividades em casa, os participantes concluíram que as três últimas alternativas representam melhor seu julgamento. Assim, o maior percentual ocupou o espaço da seleção melhor e a soma das opções “um pouco melhor”, “melhor” e “muito melhor” chegou a 69,0% e 65,5% de pais e mães respectivamente.

O questionamento: a distribuição das tarefas relativas ao cuidado dos filhos é melhor ou pior do que a que é feita por outros casais, alcançou os resultados que seguem. Os pais, 34,5% pensam que é muito melhor e as mães, 48,3% dizem ser melhor. A adição dos índices positivos totaliza 72,0% na opinião do todo, 79,3% para os pais e 82,7% para as mães.

Vale salientar que a percepção dos genitores em relação a outras famílias é de o seu convívio familiar encontra-se em situação de maior bem estar que o das famílias no entorno.

A distribuição percentual da valorização do trabalho individual de um companheiro pelo outro, encontra-se disponível na Tabela 28.

**Tabela 28: Distribuição percentual da valorização do trabalho individual de um companheiro pelo outro.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Nenhum 0			Muito pouco 1			Pouco 2			Média 3			Algum 4			Muito 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Até que ponto sente que o seu companheiro dá valor:																		
73*. ...ao trabalho que você faz em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)	03,4	-	01,6	03,3	10,0	06,7	20,0	20,0	20,0	26,7	16,7	21,7	13,3	13,3	13,3	33,3	40,0	36,7
74. ...ao seu trabalho com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos por você realizadas	-	-	-	06,6	10,0	08,4	06,7	03,3	05,0	16,7	20,0	18,3	30,0	10,0	20,0	40,0	56,7	48,3
75. ...ao seu trabalho profissional	-	03,3	01,6	03,3	10,0	06,7	06,7	06,7	06,7	13,3	10,0	11,7	36,7	23,3	30,0	40,0	46,7	43,3
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

Sobre o tópico, investigou-se: até que ponto sente que o(a) seu/sua companheiro(a) dá valor ao seu trabalho em casa, com os cuidados destinados aos filhos e atividades profissionais.

A respeito do valor atribuído pelo companheiro ao trabalho doméstico e de manutenção, a alternativa “muito” ganhou o maior percentual de adeptos. São 40,0% das mães e 33,3% dos pais, valorizados por essa iniciativa.

Sobre o trabalho com os filhos, 48,3% dos participantes sentem-se muito estimados. São 40,0% de pais e 56,7% de mães que optaram pela alternativa “muito”, havendo, portanto, destaque para elas. A valorização também está presente no que diz respeito às atividades profissionais. Computando os números referentes ao total de pessoas estudadas e levando em consideração os trabalhos julgados, pode-se dizer que os participantes sentem-se 86,6% valorizados pelos cuidados com os filhos, 85,0% em suas atividades profissionais e 71,7% nas tarefas domésticas.

Os últimos percentuais resultam da soma das opções média, algum e muito da coluna relativa à porcentagem total.

As aglutinações das colunas equivalentes, tanto da direita quanto da esquerda, nas tabelas, facilitam a apreensão dos dados coletados. Eles podem ser conferidos mediante observação da tabela.

Ao avaliar a própria experiência com a realidade vivida por outras pessoas, os participantes fizeram constatações sobre a frequência com que pensam na quantidade de trabalho que fazem em casa (doméstico e de manutenção/conserto) e na que faz o seu companheiro, na quantidade de trabalho que faz em casa e na que fazem outras mulheres, na quantidade de trabalho que o seu companheiro faz em casa e na que outros homens fazem.

A mesma análise fizeram em relação ao trabalho de cuidados com os filhos. Os resultados apontam a constância desses pensamentos, organizados de acordo com as magnitudes: nunca, algumas vezes, na metade das vezes, muitas vezes e sempre. Ver tabela:

Tabela 29: Distribuição percentual de constatações sobre a realidade vivida pela pessoa quando avalia sua experiência com outras. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

ALTERNATIVAS	Nunca 0			Eventualmente 1			Algumas vezes 2			Na metade das vezes 3			Muitas Vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Com que frequência pensa na quantidade de:																		
76*. ... trabalho que faz em casa (doméstico e de manutenção/reparação) e na que faz o seu companheiro (a)?	03,5	03,3	03,2	23,3	30,0	26,7	23,3	30,0	26,7	23,3	20,0	21,7	13,3	10,0	11,7	13,3	06,7	10,0
77... trabalho que faz em casa e na que fazem outras mulheres?	13,3	06,7	10,0	43,7	23,3	35,0	13,3	26,7	20,0	06,7	16,7	11,7	10,0	23,3	16,7	10,0	03,3	06,6
78. ... trabalho que o seu companheiro(a) faz em casa e na que outros homens fazem?	06,6	10,4	08,5	36,7	17,2	27,1	10,0	34,5	22,0	16,7	10,3	13,6	20,0	13,8	16,9	10,0	13,8	11,9
79. ... trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz e na que o seu companheiro faz?	06,6	06,6	06,7	16,7	16,7	16,7	20,0	20,0	20,0	23,3	16,7	20,0	16,7	20,0	18,3	16,7	20,0	18,3
80. ... trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz e na que outras mulheres fazem?	10,0	10,1	10,0	36,7	23,3	30,0	16,7	20,0	18,3	23,3	13,3	18,3	-	23,3	11,7	13,3	10,0	11,7
81. ... trabalho relativo ao cuidado dos filhos que faz o seu companheiro e na que outros homens fazem?	13,3	0,70	10,3	36,7	24,1	30,5	13,3	20,7	16,9	06,7	10,3	08,5	13,3	20,7	16,9	16,7	17,2	16,9
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre quanto o participante faz de trabalho de casa em comparação ao companheiro(a), obteve-se como preferência as alternativas: eventualmente, algumas vezes, na metade das vezes. Os pais estão divididos entre as alternativas com 23,3% em cada coluna. As mães tendem a pensar menos já que os índices maiores estão nas seleções eventualmente e algumas vezes, 30,0% em cada. Focando as outras escalas de resposta, confirma-se a intenção.

Na perspectiva do que fazem as outras mulheres, os participantes repetem a avaliação e distribuem-se entre as seleções. Há maior polarização de pais, 43,7%, em eventualmente e 26,7% de mães em algumas vezes. O total de participantes prefere a opção eventualmente, 35,0%.

Em relação ao que fazem os outros homens, as opiniões também são dispersas. Vale registrar que os pais agrupam-se na opção eventualmente 36,7% e as mães, em 34,5%, em algumas vezes.

A presença de pensamentos sobre o trabalho de cuidados com os filhos também foi mensurada pelos participantes. Seguindo a ordenação anterior, inicialmente refletiram a respeito da quantidade de tarefas exercidas pela própria pessoa e pelo(a) companheiro(a). Considerando a seleção feita pelo conjunto de casais, 20,0% manifestaram-se pensar algumas vezes ou na metade das vezes. As opiniões também aparecem muito espalhadas.

Quanto aos cuidados com os filhos por outras mulheres, o conjunto dos maiores índices está situado na afirmação eventualmente: 36,7% (pais), 23,3% (mães) e 30,0% (total).

Quanto ao que os homens fazem, os percentuais são similares.

Novas constatações sobre a realidade vivida pela pessoa, quando avalia sua experiência com outros, podem ser conferidas na Tabela 30.

Tabela 30: Distribuição percentual de constatações sobre a realidade vivida pela pessoa quando avalia sua experiência com outras. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

ALTERNATIVAS	Muito menos			Menos			Um pouco menos			Igual			Um pouco mais			Mais			Muito mais		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
82*. A quantidade de trabalho doméstico e de manutenção feito por você em relação ao seu companheiro é	-	06,6	03,4	20,0	06,7	13,3	20,0	10,0	15,0	36,7	30,0	33,3	03,3	16,7	10,0	03,3	23,3	13,3	16,7	06,7	11,7
83. ... que você faz em comparação com outros/as homens/mulheres é	03,3	06,9	05,1	03,3	24,1	13,6	10,0	10,3	10,2	13,3	20,7	16,9	26,7	27,6	27,1	26,7	06,9	16,9	16,7	03,5	10,2
84. ... que faz o seu/sua companheiro(a) em comparação com outros homens/mulheres é	-	06,9	03,4	16,6	13,8	15,3	26,7	10,3	18,6	20,0	10,3	15,3	10,0	34,5	22,0	16,7	20,7	18,6	10,0	03,5	06,8
85. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz em comparação com o seu companheiro é	03,5	03,4	03,3	23,3	03,3	13,3	23,3	-	11,7	30,0	10,0	20,0	13,3	40,0	26,7	03,3	33,3	18,7	03,3	10,0	06,7
86. ... que você faz em comparação aos outros homens/mulheres é	-	03,3	01,8	-	-	-	03,5	03,3	03,4	34,5	26,7	30,5	24,1	26,7	25,4	24,1	20,0	22,0	13,8	20,0	16,9
87. ... que o seu/sua companheiro(a) faz em comparação com outros homens/mulheres é	-	-	-	-	03,2	01,6	06,6	06,7	06,7	16,7	06,7	11,7	30,0	26,7	28,3	26,7	26,7	26,7	20,0	30,0	25,0
Porcentagem total	100																				
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores								

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

Diante das afirmativas 82 a 87, os participantes selecionaram entre as opções: muito menos, menos, um pouco menos, igual, um pouco mais, mais e muito mais, a alternativa que mensurasse a quantidade de trabalho doméstico e de manutenção feito por eles em comparação ao companheiro(a), na série, a outras mulheres e a outros homens.

A fim de visualizar objetivamente os resultados, serão somadas as seleções nomeadas por menos, singularizadas as percentagens relativas a igual e mais uma vez, juntadas as opções constituídas por mais.

Em comparação com o(a) companheiro(a), os pais em 40,0% (da soma) confirmam que fazem menos, 36,7% igual e 23,3% mais. As mães, 23,3% dizem fazer menos, 30,0% igual e 46,7% mais que os companheiros.

Na checagem com outros homens, os pais 16,6% alegam realizar menos, 13,3% igualmente e 70,1% mais que elas. Conferindo com outros homens, os pais 43,3% contam fazer menos, 20,0% equivalente e 36,7% mais que eles. As mães narram fazer menos 31,0%, igual 10,3% e mais 58,7%. O extrato dos números indica que as mães no todo, realizam mais trabalhos domésticos.

Em relação à quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos, em comparação ao companheiro(a), os pais 50,1% revelam fazer menos, 30% idêntico e 19,9% mais. As mães indicam que fazem mais 83,3%, igual, 10% e menos 6,7%. Portanto elas recebem carga maior de trabalho dirigido aos cuidados com os filhos.

Em analogia a outras mulheres, os pais reconhecem que fazem mais, 62,0% e igual, 34,5%. As mães, similarmente, 66,7% dizem fazer mais que as outras e 26,7% congruente. Comparando o próprio trabalho de cuidados com o mesmo feito por outros homens, os pais concordam que realizam mais 76,7%, bem como as mães, 83,4%.

Os participantes foram investigados quanto ao grau de exigência de arrumação e limpeza da casa. Para tal posicionaram-se, escolhendo entre as variações disponíveis: muito baixa, pouco baixa, baixa, pouco alta, alta e muito alta. Vide Tabela 31, a seguir:

**Tabela 31: Distribuição percentual sobre grau de exigência quanto à arrumação e limpeza.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Muito baixa 0			Pouco Baixa 1			Baixa 2			Pouco Alta 3			Alta 4			Muito Alta 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
88.1* Como avalia as suas exigências no que se refere à arrumação e limpeza da casa?	06,8	-	03,4	03,3	03,5	03,4	10,0	0,34	06,8	23,3	24,1	23,7	23,3	27,6	25,4	33,3	41,4	37,3
88.2 Como avalia as exigências do seu companheiro no que se refere à arrumação e limpeza da casa?	06,7	-	03,4	-	06,9	03,4	03,3	13,8	08,5	26,7	20,7	23,7	30,0	34,5	32,2	33,3	24,1	28,8
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						30 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

As opiniões preferenciais estão concentradas nas três últimas alternativas, especialmente na opção muito alta. Isto vale para pais, mães e totalidade dos participantes.

A busca por dados sobre a divisão de tarefas pelos casais ampliou a reflexão, alcançando o foco da distribuição desejada do trabalho. Para tanto, perguntou-se: “que quantidade de trabalho doméstico, de manutenção/reparação e de cuidados com os filhos, deveria ser feita por você e pelo companheiro(a)?” Os resultados encontram-se na Tabela 32:

**Tabela 32: Distribuição percentual da divisão desejada do trabalho familiar dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Todo por mim			Quase todo por mim			Um pouco mais por mim			Por ambos em parte iguais			Um pouco mais por ele(a)			Quase todo por ele(a)			Todo por ele(a)			
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	
Que quantidade de trabalho:																						
89*. ... doméstico deveria ser feita por você e pelo seu companheiro?	-	-	-	-	10,0	05,0	-	16,7	08,3	73,4	70,0	71,7	13,3	03,3	08,3	13,3	-	06,7	-	-	-	
90. ... de manutenção/reparação deveria ser feita por você e pelo seu companheiro?	13,8	-	06,8	10,3	-	05,1	13,8	03,3	08,5	44,8	33,3	39,0	06,9	53,3	30,5	03,4	06,7	05,1	07,0	03,4	05,0	
91. ... relativo ao cuidado dos filhos deveria ser feita por você e pelo seu companheiro?	-	-	-	-	-	-	-	13,3	06,7	83,3	83,3	83,3	13,3	03,4	08,3	03,4	-	01,7	-	-	-	
Porcentagem total	100																					
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores									

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

Sobre trabalhos domésticos e cuidados com os filhos, observa-se uma acentuada tendência dos pais, mães e totalidade pela seleção: por ambos em partes iguais: 73,4%, 70,0%, 71,7% para trabalhos domésticos e 83,3% para cuidados com os filhos.

Ao tratar do aspecto manutenção e reparação, apesar dos percentuais indicarem a necessidade de execução da tarefa, de forma distributiva, é relevante o número de mães, 53,3%, que acreditam que deve ser feito um pouco mais por ele. Tal revelação motiva pensar nos impactos das tradições familiares e culturais que destinam trabalhos dessa categoria para os homens.

4.4 VIDA FAMILIAR: RELAÇÕES PAIS E FILHOS

A relação pais e filhos foi explorada no eixo vida familiar. Os dados resultantes devem descrever expectativas dos pais em relação à existência dos filhos, o comportamento, atitudes, sentimentos, conflitos e negociações que insurgem desse relacionamento. Ainda, características marcantes da personalidade dos filhos estudados, bem como, da faixa etária peculiar.

Na continuidade, seguem as informações sobre redes de apoio: disponibilidades, pessoas envolvidas, dificuldades, entre outros.

A Tabela 33 apresenta as percepções iniciais dos pais em relação a experiência dos filhos. Daí as questões 93, 94 e 95, transcritas a seguir. A educação dos meus filhos impede-me de fazer coisas que considero importantes para mim? Por causa dos meus filhos, não posso planejar a minha vida como gostaria? A educação dos meus filhos traz-me mais problemas do que pensava?

**Tabela 33: Distribuição percentual sobre relação pais e filhos dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Não se aplica em nada 0			Aplica-se muito pouco 1			Aplica-se pouco 2			Aplica-se 3			Aplica-se muito 4			Aplica-se totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
92*. A educação dos meus filhos impede-me de fazer coisas que considero importantes para mim	43,3	43,3	43,4	30,0	10,0	20,0	10,0	16,7	13,3	03,3	16,7	10,0	06,7	10,0	08,3	06,7	03,3	05,0
93. Por causa dos meus filhos, não posso planejar a minha vida como gostaria	40,0	33,3	36,7	30,0	30,0	30,0	10,0	16,7	13,3	06,7	13,3	10,0	10,0	03,3	06,7	03,3	03,4	03,3
94. A educação dos meus filhos traz-me mais problemas do que pensava	60,0	63,3	61,7	16,7	16,7	16,7	-	13,3	06,7	13,3	06,7	10,0	06,7	-	03,3	03,3	-	01,6
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas, refere-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa

A primeira interrogação agrupa a maioria de pais, mães e todos, na coluna: não se aplica em nada, 43,4% do total. Entretanto, quando se analisa pais e mães, representados nas outras opções, verifica-se que para as mulheres, a educação dos filhos promove mais impedimentos em fazer coisas consideradas importantes para elas do que para os pais.

Na afirmação seguinte, a preferência se repete, agora aproximando mais os percentuais entre pais e mães.

Ao avaliarem a última afirmação, os pais e mães mostram-se afinados e concentrados na alternativa: não se aplica em nada, revelando que a educação dos filhos não é um incidente.

Na subsequência, os participantes conjecturaram sobre reações próprias diante de alguns comportamentos dos filhos, posicionando-se diante das afirmativas propostas.

A primeira afirmação foi: quando estou nervoso(a) ou estressado(a), reajo ao que os meus filhos fazem tendendo a agir de uma forma mais implicante do que é costume ou não mais implicante do que é costume? A esta e as declarações posteriores, os pais e mães deviam esclarecer, explicitando a conduta adotada no cotidiano.

Os resultados para esta afirmação podem ser verificados na Tabela 34, a seguir.

**Tabela 34: Distribuição percentual sobre comportamento dos pais em relação aos filhos.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	ALTERNATIVAS					
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
95*. Quando estou nervoso(a) ou estressado(a), reajo ao que os meus filhos fazem...	Tendência a reagir de uma forma mais implicante do que é costume			Tendência a reagir de uma forma não mais implicante do que é costume		
	66,7	58,7	62,7	33,3	41,3	37,3
96. Quando os meus filhos me deixam nervoso(a), tirando a minha paz...	Tendência a facilmente ignorar o comportamento deles			Tendência a não ignorar o comportamento deles		
	43,4	31,0	37,3	56,8	69,0	62,7
97. Quando os meus filhos são malcriados ou se comportam mal...	Tendência a falar-lhes em voz alta ou gritar-lhes			Tendência a falar calmamente com eles		
	53,4	76,7	65,0	46,6	23,3	35,0
98. Depois de surgirem problemas com os meus filhos...	Tendência a permanecer muito tempo zangada			Tendência a voltar rapidamente ao normal		
	20,0	30,0	25,0	80,0	70,0	75,0
99. Quando os meus filhos são malcriados ou se comportam mal...	Tendência a nunca castigá-los fisicamente			Tendência a sempre lhes castigar fisicamente		
	89,6	80,0	84,7	10,4	20,0	15,3
100. Quando os meus filhos são malcriados ou se comportam mal...	Tendência a nunca perder o controle			Tendência a sempre perder o controle		
	80,0	76,6	78,3	20,0	23,4	21,7
Porcentagem total	100					
Número de participantes	30 pais		30 mães		60 genitores	

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Os resultados indicam uma tendência a reagir de uma forma mais implicante do que é costume, sendo tal tendência maior nos homens do que nas mulheres: pais: 66,7%, mães: 58,7% e juntos 62,7%.

De modo geral, para a segunda declaração da tabela, os pais (56,8%) e as mães (69,0%) tendem a não ignorar esse tipo de comportamento dos filhos, sendo tal posicionamento mais intenso nelas.

Continuando 76,6% de mães dizem falar em voz alta ou gritar com os filhos quando são malcriados ou se comportam mal. Isto sugere o grau de envolvimento delas na educação dos filhos. Sobre a questão em pauta, conclui-se que pais (53,4%) também tendem à mesma reação das mães, mesmo em quantidade menor.

Em resposta à afirmativa 98, “depois de surgirem problemas com os meus filhos...”, os pais manifestam disposição de espírito a voltarem rapidamente ao normal: pais: 80,0%, mães: 70,0% e juntos: 75,0%. Ainda assim, as mães parecem mais ressentidas.

Para a ocasião de malcriação dos filhos ou mau comportamento, os pais e mães juntos tendem a nunca castigá-los fisicamente: 84,7% do total de participantes, entretanto, tal tendência é maior nos pais (89,6%) do que nas mães (80,0), ou seja, as mães tendem a bater um pouco mais do que os pais.

Da mesma forma, os genitores também tendem a não perder o controle: 80,0% (pai), 76,6% (mãe), 78,3% (total).

Sobre a vida familiar em casa, nos últimos 12 meses, os participantes refletiram sobre a constância com que se sentiram sobrecarregados e por quais motivos.

Dificuldades de entendimento uns com os outros, problemas com a distribuição de tarefas em casa, falta de tempo para relaxar, problemas com o comportamento de um ou mais filhos foram insinuações lembradas. Os participantes colocaram-se selecionando as alternativas: nunca, eventualmente, algumas vezes, na metade das vezes, muitas vezes e sempre. Ver Tabela 35:

**Tabela 35: Distribuição percentual dos motivos de sobrecarga na vida familiar dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Nunca 0			Eventualmente 1			Algumas vezes 2			Na metade das vezes 3			Muitas Vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Sobre a vida familiar na sua casa, com que frequência se sentiu sobrecarregada devido:																		
101*. ...às dificuldades em se entenderem uns com os outros	20,7	20,0	20,3	34,5	26,7	30,5	24,1	30,0	27,1	20,7	13,3	16,9	-	06,7	03,4	-	03,3	01,8
102. ...aos problemas com a distribuição de tarefas em casa	20,0	10,0	15,0	50,0	60,0	55,0	23,3	20,0	21,7	03,3	06,7	05,0	03,4	03,3	03,3	-	-	-
103. ...à falta de tempo para relaxar	16,7	03,5	10,4	16,7	03,3	10,3	23,3	25,0	24,1	23,3	14,3	19,0	06,7	25,0	15,5	13,3	28,6	20,7
104. ...aos problemas com o comportamento de um ou mais filhos	36,7	26,7	31,7	23,3	16,7	20,0	33,3	26,7	30,0	03,3	26,7	15,0	03,4	03,2	03,3	-	-	-
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

No que se refere à falta de compreensão, os participantes têm intenção de entenderem-se, pois a soma entre as alternativas: nunca, eventualmente, algumas vezes corresponde a 79,3% dos pais, 76,7% das mães, tendo em vista que a preferência é pela opção eventualmente.

A respeito da distribuição de tarefas em casa, a mesma soma indica que 93,3% dos pais e 90,0% das mães, quase não se sentem sobrecarregados por esse motivo. "Eventualmente" foi a seleção de maior aderência.

Sobre a afirmativa "falta de tempo para relaxar", foram selecionadas todas as opções, desde nunca à sempre, concentrando 24,1% do total em algumas vezes. A decorrência implica numa disseminação de tendências, mas indica que este é um motivo superficial. No entanto, o tempo para relaxar é percebido como menor pelas mulheres do que pelos homens.

Quanto às razões relativas ao comportamento de um ou mais filhos, nunca, algumas vezes e eventualmente, nesta ordem, desaconselham que este seja a causa maior da sobrecarga em casa. Os números estão precisos na tabela que segue.

Finalmente, entre as suposições postas, ajuda salientar que a escassez do tempo aparece como fator importante.

Convidados a pensar com foco nos filhos selecionados para este estudo, os participantes foram estimulados a responder sobre as características particulares da própria relação com sua criança.

Nunca, eventualmente, algumas vezes, na metade das vezes, muitas vezes e sempre foram os índices para medir a frequência das atitudes interativas entre pais e filhos. Ver Tabela 36:

Tabela 36: Distribuição percentual de características particulares da relação pais e filho indicado para o estudo, nos dois últimos meses.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

ALTERNATIVAS	Nunca 0			Eventualmente 1			Algumas vezes 2			Na metade das vezes 3			Muitas Vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
105*. Nos últimos dois meses brinco com o meu filho	-	-	-	03,3	-	01,7	10,0	06,7	08,3	13,3	13,3	13,3	40,0	40,0	40,0	33,4	40,0	36,7
106. Nos últimos dois meses acaricio o meu filho	-	-	-	-	-	-	03,3	03,3	03,3	06,7	-	03,3	23,3	16,7	20,0	66,7	80,0	73,4
107. Nos últimos dois meses falo e converso com o meu filho	-	-	-	-	-	-	03,3	-	01,6	16,7	06,7	11,7	20,0	23,3	21,7	60,0	70,0	65,0
108. Nos últimos dois meses dou valor aos progressos que o meu filho faz	-	-	-	-	-	-	03,3	-	01,6	13,3	-	06,7	16,7	16,7	16,7	66,7	83,3	75,0
109. Nos últimos dois meses ouço o que o meu filho me diz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23,3	10,0	16,6	30,0	23,3	26,7	46,7	66,7	56,7
110. Nos últimos dois meses interrompo ou paro o que estou fazendo, sempre que o meu filho precisa de mim	-	-	-	-	-	-	06,7	03,3	05,5	30,0	26,7	28,3	33,3	30,0	31,7	30,0	40,0	35,0
111. Nos últimos dois meses fico nervoso(a) com o meu filho	03,4	06,7	05,1	41,4	23,3	32,2	13,8	23,3	18,6	20,7	20,0	20,3	17,2	23,3	20,3	03,5	03,4	03,5
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

As respostas para essas questões mantiveram-se fixadas nas alternativas “na metade das vezes”, “muitas vezes” e “sempre”, especialmente da afirmação 105 à 110.

Efetuada a soma dos percentuais dos índices predominantes, apreende-se: brincar com o filho: 86,7% de pai e 93,3% das mães costumam brincar na metade das vezes, muitas vezes ou sempre. As mães mais que os pais tendem à afirmação sempre, além do número maior alcançado por elas na referida soma.

Se acariciam os filhos, muitas vezes e sempre sustenta-se. Sendo 90,0% dos pais e 96,7% das mães. As mães também aparecem mais na opção sempre, 80,0%, do que os pais, 66,7. Quanto à conversa com o filho, a declaração sempre se destaca. A soma entre os três índices utilizados preferencialmente, resulta em 96,7% de pais e 100% das mães.

No que faz menção ao valor dado aos progressos que o filho faz, a soma entre muitas vezes e sempre é de 83,0% dos pais e 100% das mães. A propósito da atenção dada ao que o filho diz, 100% de pais e mães optaram pelos indicadores algumas vezes, muitas vezes e sempre. Dada a ocorrência vale notar que a maior parte das mães, selecionaram muitas vezes e sempre, somando 96,3%, enquanto 76,7% dos pais podem ser identificados nessas duas opções.

Questionados sobre: nos últimos dois meses interrompo ou paro o que estou fazendo, sempre que o meu filho precisa de mim? Eles e elas distribuíram as seleções entre as quatro alternativas à direita da tabela. Juntos, concentraram de forma equilibrada e crescente a preferência pelas opções: metade das vezes (28,3%), muitas vezes (31,7%) e sempre (35,0%).

Os dados até então, sinalizam certo alinhamento de atitudes de pais e mães com presença maior de atenção por parte das mães que se mostram mais dispostas para brincar, acariciar, conversar, ouvir, valorizar progressos, atender solicitações.

Nota-se uma pulverização entre todas as referências da tabela quando a demanda é: nos últimos dois meses fico nervoso(a) com o meu filho? Eventualmente, algumas vezes, na metade das vezes e muitas vezes foram itens que alcançaram maior adesão. Observa-se uma distribuição quase que equivalente das mães entre as alternativas: 23,3%, 23,3%, 20,0%, 23,3% consecutivamente. Já os pais, 41,4% deles optam por eventualmente, mostrando-se mais sereno que nervoso.

Os filhos foco desse estudo, na opinião de pais e mães, apresentam algumas necessidades que serão demonstradas na Tabela 37.

Os pais e mães avaliaram o grau de importância das necessidades sugeridas, graduando suas opções desde não é importante à extremamente importante, numa escala de zero a cinco respectivamente.

Carinho, atenção, confiança, segurança, independência, autonomia, proximidade com a família e regras claras foram carências citadas em questionário de coleta.

**Tabela 37: Distribuição percentual de necessidade do filho estudado dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Não é importante 0			É pouco importante 1			Tem importância media 2			É importante 3			É muito importante 4			É extremamente importante 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Nesta fase da vida meu/minha filho/a necessita de:																		
112*. ...carinho, atenção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03,3	03,3	03,3	13,3	-	06,7	83,4	96,7	90,0
113. ... que confie nele	-	03,3	01,7	-	-	-	-	-	-	16,6	10,0	13,3	16,7	10,0	13,3	66,7	76,7	71,7
114. ...segurança	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03,3	03,3	13,3	13,3	06,7	10,0	83,4	90,0	86,7
115. ...independência, autonomia	03,4	03,4	03,4	06,9	-	03,4	06,9	10,3	08,6	17,2	24,1	20,7	17,2	20,7	19,0	48,4	41,5	44,9
116. ...proximidade, ligação com a família	-	-	-	-	-	-	-	-	-	06,7	06,9	03,4	10,0	-	08,5	83,3	93,1	88,1
117. ...regras claras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10,0	-	05,1	16,7	03,4	10,2	73,3	96,6	84,7
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

De forma aparente, o aglomerado de participantes acredita na extrema importância de tais necessidades. Considerando a totalidade de percentagens e o conjunto das afirmativas, é possível organizar em ordem crescente as opiniões sistematizadas apenas na seleção extremamente importante e sugerir proposições.

Os números totais indicam: 90,0% de extrema importância para carinho, 88,0% para proximidade com a família, 86,7% segurança, 84,7% regras claras, 71,7% para confiança no filho e 44,9% de necessidade de independência e autonomia. O derradeiro número pode ser justificado pela idade dos filhos em estudo. Eles têm de dois a cinco anos e encontram-se ainda dependentes dos pais para cuidados de higiene, alimentação, saúde, transporte, entre outros.

É relevante dizer que dados numéricos fornecidos pelas mães constituem-se maiores que os dos pais, salvo para a afirmação autonomia. Para eles, essa necessidade requer maior empreendimento que para elas.

No que diz respeito às características comportamentais do filho estudado, a Tabela 38 revela os dados, tendo em vista as opções disponíveis para os participantes: não se adequa em nada, adequa-se em parte, adequa-se totalmente.

**Tabela 38: Distribuição percentual das características comportamentais, do filho estudado, no último mês.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Não se adequa em nada 0			Adequa-se em parte 1			Adequa-se totalmente 2				
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total		
118*. O comportamento do/a seu/sua filho/a, no último mês é nervoso, hiperativo, não consegue estar quieto muito tempo	26,7	40,0	33,3	70,0	60,0	65,0	03,3	-	01,7		
119. ...tem frequentemente dores de cabeça, dores de barriga ou enjoos	89,7	80,0	84,7	10,0	20,0	15,3	-	-	-		
120. ...divide seus brinquedos com os outros	10,0	06,7	08,3	70,0	63,3	71,7	20,0	20,0	20,0		
121. ...faz birra frequentemente ou é temperamental	26,7	26,7	26,7	66,7	73,3	70,0	06,6	-	03,3		
122. ...prefere brincar sozinho	55,2	76,7	66,1	37,9	23,3	30,5	06,9	-	03,4		
123. ...fácil de lidar, obedece	03,4	03,3	03,4	58,7	60,0	59,3	37,9	36,7	37,3		
124. ...parece muitas vezes desolado, triste	83,4	86,7	85,0	13,3	13,3	13,3	13,3	-	01,7		
125. ...mostra solidariedade quando os outros estão tristes	-	03,3	01,7	43,3	30,0	36,7	56,7	66,7	61,6		
126. ...gosta especialmente de brincar com uma determinada criança	06,7	20,0	13,3	66,6	56,7	61,7	26,7	23,3	25,0		
127. ...briga muitas vezes com as outras crianças	46,7	56,7	51,7	43,3	33,3	38,3	10,0	10,0	10,0		
128. ...de uma maneira geral, as outras crianças gostam dele	-	06,7	03,3	13,3	23,3	18,3	86,7	70,0	78,4		
129. ...tem dificuldades em se concentrar, distrai com facilidade	62,1	60,0	61,0	34,5	30,0	32,2	03,4	10,0	06,8		
130. ... é inseguro, medroso, agarra-se às pessoas	70,0	73,3	71,6	23,3	16,7	20,0	06,7	10,0	08,3		
131. ...as outras crianças caçoam dele	86,7	83,3	85,0	10,0	10,0	10,0	03,3	06,7	05,0		
132. ...colabora, ajuda os outros espontaneamente (ex.: a arrumar)	26,7	03,3	15,0	40,0	50,0	45,0	33,3	46,7	40,0		
133. ...dá a impressão de que pensa sempre antes de agir	17,2	10,0	13,5	48,3	43,3	45,8	34,5	46,7	40,7		
134. ...destrói as coisas dos outros, de propósito	85,7	86,8	86,2	14,3	06,7	10,3	-	06,7	03,5		
135. ...tem medo de certas situações, pessoas, animais ou coisas	26,7	26,7	26,7	60,0	60,0	60,0	13,3	13,3	13,3		
136. ...tem ou cria, frequentemente, problemas durante às refeições	26,7	40,0	33,3	56,7	53,3	55,0	16,6	06,7	11,7		
137. ...consegue brincar sozinho muito tempo, leva as brincadeiras até ao fim	10,0	03,3	06,7	63,3	63,4	63,3	26,7	33,3	30,0		
138. ... é interessado, curioso, vivo	03,3	03,3	03,3	20,0	13,3	16,7	76,7	83,4	80,0		
139. ...dorme mal, tem um sono agitado	66,7	73,3	70,0	23,3	16,7	20,0	10,0	10,0	10,0		
140. ...reage a tudo com muita emoção	03,3	06,7	05,5	63,4	73,3	68,3	33,3	20,0	26,7		
141. ... é muitas vezes teimoso	16,7	06,7	11,7	70,0	66,6	68,3	13,3	26,7	20,0		
142. ...ainda precisa de fraldas	66,7	70,0	68,3	23,3	23,0	23,3	10,0	06,7	08,4		
143. ...tem dificuldade de adaptar-se a novas pessoas	63,4	50,0	56,7	33,3	36,7	35,0	03,3	13,3	08,3		
144. Em que medida o comportamento do/a seu/sua filho/a é uma sobrecarga para você ou para toda a família?											
Nenhuma			Pouca			Muita			Enorme		
44,8	41,4	43,1	51,7	48,3	50,0	03,5	10,3	06,9	-	-	
Porcentagem total			100								
Número de participantes			30 pais			30 mães			60 genitores		

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

A primeira questão pretende verificar o comportamento do(a) filho(a) no último mês, indagando se: é nervoso, hiperativo, não consegue estar quieto muito tempo. A opção adequa-se em parte foi a mais selecionada, obtendo os percentuais: 70,0% de pais, 60,0% de mães e 65,0% do contexto. Outro percentual de 33,3% do conjunto sinalizou para não se adequa em nada.

Sobre: tem frequentemente dores de cabeça, dores de barriga ou enjôos, os participantes centralizaram suas opções para a coluna “não se adequa em nada”: 89,7%, 80,0% e 84,7% de pais, mães e total. Interrogados sobre: se o filho divide seus brinquedos com os outros, para “adequa-se em parte”, obteve-se os percentuais 70,0% de pais e 63,3% de mães. Quanto à birra frequente ou personalidade temperamental, a opção de escolha se repete. São 70,0% do total de adequa-se em parte e 26,7% de não se adequa em nada, prioritariamente.

Quanto à escolha: brincar sozinho, percebe-se que as crianças preferem estar acompanhadas. É o que demonstram os dados em tabela: 66,1% do conjunto argumentam: não se adequa em nada e 30,5% adequa-se em parte. Perguntou-se: ele(a) é fácil de lidar, obedece? A sugestão “adequa-se em parte” satisfaz a 58,7% dos pais e 60,0% das mães. Outros 37,3% do total escolheram a opção adequa-se totalmente. Para “parece muitas vezes desolado, triste?” Os participantes, 85,0% deles responderam não se adequa em nada.

Averiguados sobre: “mostra solidariedade quando os outros estão tristes?” As opiniões foram distribuídas entre as opções: adequa-se em parte, 43,3%, 30% e 36,7% e adequa-se totalmente 36,7%, 56,7%, 66,7% de pais, mães e total.

Quanto a: gosta especialmente de brincar com uma determinada criança? Adequa-se em parte foi a opção eleita como principal, o que corresponde a 61,7% do total.

As crianças estudadas não costumam brigar muito com outras: 51,7%, não brigam e 38,3%, brigam em parte. Apenas 10,0% costumam brigar muitas vezes. De uma maneira geral são queridos 78,4% do todo, informam. A maioria das crianças é concentrada, 61,0%. São consideradas seguras por 71,6% do conjunto. Especialmente, 85,0% não sofrem com galhofas, zombarias.

Quanto ao espírito colaborador, de ajuda espontânea, as opiniões estão distribuídas, os percentuais mais salientes 45,0% do total, fixam-se na seleção “em parte”. Se ponderam antes de agir? Em parte 45,8% e totalmente 40,7%. Asseveram os participantes juntos.

Dando continuidade à análise do perfil das crianças em estudo, a fim de ganhar objetividade e tendo em vista a proximidade de opiniões entre os pais e mães, as proposições a seguir, estarão apoiadas nos percentuais que correspondem à resposta do casal junto. No que se refere à afirmativa: destrói as coisas dos outros, de propósito? Verifica-se que a maioria, 86,2% não tem essa atitude.

Sobre medo de certas situações, pessoas, animais ou coisas, 60,0% dos genitores crêem que o filho não demonstra. Durante as refeições, 55,0% dos filhos, em parte, causam problemas. As crianças do estudo 63,3% delas consegue brincar sozinhas muito tempo, levando as brincadeiras até ao fim. São interessadas, curiosas, vivas em 80,0% das opiniões. Não têm sono agitado, 70,0% e reage, em parte, 68,3% a tudo com muita emoção.

São consideradas teimosas 68,3%, em parte. Não precisam de fraldas: 68,3% e não tem dificuldade de adaptar-se a novas pessoas 56,7% do total declara.

Para finalizar, questionou-se: “em que medida o comportamento do/a seu/sua filho/a é uma sobrecarga para você ou para toda a família?” Nenhuma, pouca, muita ou em enorme medida? As alternativas nenhuma e pouca foram aderidas pelos participantes de maneira equilibrada, contudo, a medida pouca reuniu maior soma tanto para os pais (51,7%), como para as mães (48,3%) do(a) filho(a) em foco.

Diante do exame sobre a personalidade dos filhos em análise, pode-se supor que as crianças não promovem preocupações exageradas ou inserem-se em problemáticas inconciliáveis, entretanto, a existência de um filho pressupõe cuidados e inquietações inerentes à tarefa educativa de formação do indivíduo para a liberdade e adequação social.

A percepção dos participantes quanto ao relacionamento com o filho estudado, foi o foco das afirmações dispostas na tabela a seguir.

A partir das declarações: eu e o meu filho aborrecemo-nos frequentemente, a relação entre mim e o meu filho é harmoniosa e tranquila, basta uma pequena coisa para que um de nós se exalte e eu e o meu filho raramente nos zangamos, os colaboradores escolheram entre as alternativas: não se aplica em nada, aplica-se muito pouco, aplica-se pouco, aplica-se, aplica-se muito, aplica-se totalmente.

Tabela 39: Distribuição percentual sobre a percepção dos participantes quanto o relacionamento com o filho estudado Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Não se aplica em nada 0			Aplica-se muito pouco 1			Aplica-se pouco 2			Aplica-se 3			Aplica-se muito 4			Aplica-se totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
145*. Eu e o meu filho aborrecemo-nos frequentemente	41,4	33,3	37,3	34,5	43,4	39,0	24,1	13,3	18,6	-	06,7	03,4	-	03,3	01,7	-	-	-
146. A relação entre mim e o meu filho é harmoniosa e tranquila.	-	-	-	03,3	-	01,7	03,3	03,3	03,3	10,0	06,7	08,3	23,3	30,0	26,7	60,1	60,0	60,0
147. Na relação, basta uma pequena coisa para que um de nós se exalte	-	46,6	55,0	63,4	40,0	30,0	20,0	06,7	10,0	13,3	-	01,7	03,3	06,7	03,3	-	-	-
148. Eu e o meu filho raramente nos zangamos	16,7	-	08,3	30,0	20,0	25,0	13,3	03,3	08,3	-	06,7	03,3	23,3	43,3	33,4	16,7	26,7	21,7
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

A primeira afirmação da tabela foi respondida em percentuais distribuídos nas três primeiras opções da esquerda: não se aplica em nada, aplica-se muito pouco, aplica-se pouco.

Mesmo assim, verifica-se que enquanto 41,4% dos pais não se aborrecem frequentemente com o filho estudado, a mãe apresenta um percentual de 33,3% para a mesma alternativa. Em contraponto, os pais dizem se aborrecer muito pouco 34,5% enquanto 43,4% das mães têm esta opinião. Somando as três alternativas contempladas o saldo é de 90,0% de mães representadas e 100% de pais. Portanto, os genitores tendem a não se aborrecerem com seus filhos. Os pais se aborrecem um pouco menos do que as mães, no relacionamento com eles. Importa lembrar, entretanto que os pais ficam pouco tempo com os filhos, o que foi constatado anteriormente. O fato pode justificar o pouco aborrecimento.

Quanto aos dados, eles evidenciam que a relação entre os pares é harmoniosa, resultando em 83,4% de pais e 90,0% de mães adeptos das opções: aplica-se muito e aplica-se totalmente. A soma das alternativas indica que as mães (90,0%) estão um pouco mais harmonizadas na relação com o filho, do que o pai (83,4%). O dado confirma-se quando, ao serem perguntadas sobre irritações motivadas por pequenas coisas, elas, 46,6%, dizem que não se aplica em nada. Para aplica-se pouco, elas representam 40,0% do percentual e os pais, 63,4%.

À afirmação, eu e meu filho raramente nos zangamos, as mães, 76,7% respondem positivamente. O percentual relativo aos pais é de 58,4%. Ao mesmo tempo em que as mães entram um pouco mais em conflito com os filhos, causando aborrecimentos, as características da relação apontam para uma interação harmoniosa.

A forma como os pais e as mães lidam com os filhos de dois a cinco anos, sugere dados sobre o jeito particular de ser dos filhos, bem como, as exigências feitas por eles. A Tabela 40 desvenda as nuances dessa convivência.

Os participantes são atraídos a pensar nos filhos, do primeiro ao quarto, desde que atente para a faixa etária recomendada. A questão formulada é: como lida com a maneira de ser e as exigências do seu: primeiro, segundo, terceiro e quarto filho?

As alternativas disponíveis são: sem problemas, com poucos problemas, com problemas intermediários, com problemas, com muitos problemas, com problemas extremos.

**Tabela 40: Distribuição percentual sobre a forma de lidar com os filhos (2 a 5 anos).
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Sem problemas 0			Com poucos problemas 1			Com problemas intermediários 2			Com problemas 3			Com muitos problemas 4			Com problemas extremos 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Como lida com a maneira de ser e as exigências do seu:																		
149*. ...primeiro filho?	26,7	32,1	29,3	30,0	25,0	27,6	16,7	03,6	10,3	16,7	25,0	20,7	09,9	14,3	12,1	-	-	-
150. ...segundo filho?	31,6	28,6	30,3	26,3	14,3	21,2	26,3	35,7	30,3	15,8	21,4	18,2	-	-	-	-	-	-
151. ...terceiro filho?	50,0	-	40,0	50,0	100	40,0	-	-	20,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
152. ...quarto filho?	-	-	-	100	100	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

No geral, os filhos: não apresentam problemas, apresentam poucos ou problemas intermediários. De forma saliente, o primeiro filho aparece inicialmente como aquele que apresenta um pouco mais de tendência a problemas, pois as opções com problemas e com muitos problemas são assinalados para ele. A opção com problema também aparece para o segundo filho, mas em proporção menor.

O terceiro filho indica ausência de problemas, poucos problemas ou problemas intermediários.

O quarto filho não corresponde à realidade maciça dos participantes desse estudo, o que foi registrado anteriormente. Neste caso, torna-se desnecessário manipular o dado.

4.5 APOIOS DISPONÍVEIS

A Tabela 41 refere-se às estruturas de apoios disponíveis ao cuidado dos filhos pequenos. Os participantes fizeram indicações sobre as estruturas existentes e disponíveis, próximas deles, apontaram as que usam, e informaram sobre a gratuidade ou custo pelo uso.

Entre as estruturas externas, o primeiro bloco, selecionou: babá, avós, amigos, vizinhos e familiares. O resultado para esses apoios serão dados a partir do percentual referente à totalidade dos participantes. Dados notáveis serão explorados. A conduta pretende tornar a apreensão facilitada.

**Tabela 41: Distribuição percentual sobre as estruturas de apoio disponíveis para o cuidado dos filhos pequenos.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

Estruturas de apoio	Existe aqui perto						Utilizamos atualmente						Tem que ser paga					
	Sim			Não			Sim			Não			Sim			Não		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Estruturas externas																		
Babá	66,7	86,4	77,5	33,3	13,3	22,5	72,2	80,8	77,3	27,8	19,2	22,7	83,3	91,7	88,1	16,7	08,3	11,9
Avós	75,0	62,5	68,2	25,0	37,5	31,8	50,0	56,0	53,7	50,0	44,0	46,3	-	-	-	100	100	100
Amigos	73,7	73,7	75,0	26,3	26,3	25,0	25,0	24,0	24,4	75,0	76,0	75,6	-	-	-	100	100	100
Vizinhos	73,7	75,0	74,4	26,3	25,0	25,6	23,5	23,1	23,3	76,5	76,9	76,7	-	-	-	100	100	100
Outros familiares:	72,2	66,7	69,2	27,8	33,3	30,8	71,4	57,9	63,6	28,6	42,1	36,4	-	-	-	100	100	100
Quem?	Tios: 28,0						Irmãos: 10,4						Sobrinhos: 03,2					
Educação Infantil 1 turno	95,0	100	97,8	05,0	-	02,2	82,4	91,7	87,8	17,6	08,3	12,2	88,2	92,3	90,7	11,8	07,7	09,3
Educação Infantil 2 turnos	29,4	40,9	35,9	70,6	59,1	64,1	13,3	09,5	11,1	86,7	90,5	88,9	45,5	41,2	42,9	54,5	58,8	57,1
Escola do Ensino Fundamental	87,5	88,9	88,2	12,5	11,1	11,8	43,8	28,6	35,1	56,2	71,4	64,9	81,2	72,2	76,5	18,8	27,8	23,5
Atividades em tempos livres																		
Atividades alternativas (música, esporte, etc.)	82,4	87,0	85,0	17,6	13,0	15,0	42,1	44,4	43,5	57,9	55,6	56,5	81,2	84,0	82,9	18,8	16,0	17,1
Parque infantil/praça	44,4	61,5	54,5	55,6	38,5	45,5	35,3	44,0	40,5	64,7	56,0	59,5	15,4	28,6	23,5	84,6	71,4	76,5
Apoio aos pais e mães																		
Centro de apoio e informação para pais e filhos	31,6	38,5	35,6	68,4	61,5	64,4	22,2	16,0	18,6	77,8	84,0	81,4	15,4	23,5	20,0	84,6	76,5	80,0
Grupos de ajuda mútua	17,6	29,2	24,4	82,4	70,8	75,6	16,7	17,4	17,1	83,3	82,6	82,9	16,7	20,0	18,5	83,3	80,0	81,5
Aconselhamento educativo e familiar	23,5	47,8	37,5	76,5	52,2	62,5	05,9	22,7	22,5	94,1	77,3	77,5	21,4	26,7	22,2	78,6	73,3	77,8
Psicólogo escolar/ Apoio psicopedagógico	77,8	80,0	79,1	22,2	20,0	20,9	16,7	20,8	19,0	83,3	79,2	81,0	26,7	31,6	19,4	73,3	68,4	70,6
Aconselhamento/terapia para casais	41,2	58,3	51,2	58,8	41,7	48,8	22,2	08,7	07,5	77,8	91,3	92,5	16,7	29,4	25,8	83,3	70,6	74,2
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

Assim, apreciando o bloco em questão, disseram sim para a existência perto de suas residências: babá: 77,5%, avós: 68,2%, amigos: 75,0%, vizinhos 74,4% e outros familiares 69,2%. Os outros familiares puderam ser indicados em seguida. Foram 28,0% de tios, 10% irmãos e 03,2% sobrinhos.

Utilizam essas estruturas: babá: 77,3%, avós: 53,7%, amigos: 24,4%, vizinhos 23,3% e outros familiares 63,6%. Pagam pelos serviços da babá: 88,1%.

As outras estruturas externas dadas como opção foram: Educação Infantil um turno, Educação Infantil dois turnos, Escola do Ensino Fundamental. Elas estão próximas e disponíveis. A primeira para 97,8% do total, a segunda: 35,9% e a última para 88,2% dos colaboradores. Verifica-se que o percentual para Educação Infantil dois turnos é menor que para um turno.

Se utilizam atualmente, sim. Educação Infantil: um turno, para 87,8%; 11,0% dois turnos e 35,1% Ensino fundamental. Os pais e mães pagam pelos serviços: 90,7%, 42,9% e 76,5%, na ordem dos apoios mencionados anteriormente.

A Educação Infantil, em um turno, é o apoio externo mais utilizado e a maior parte paga por eles. No entanto, cabe destacar que o acesso aos participantes foi através de alunos inseridos na Educação Infantil da escola abordada.

Sobre as atividades em tempos livres: alternativas (música, esporte, outras), parque infantil/prça perto de casa. Os participantes disseram possuir perto de casa atividades alternativas (85,0%) e parques e praças (54,5%), sendo que 43,5% deles se utilizam das atividades e 40,5% dos locais referidos. Pagam pelo apoio 82,9% e 23,5% respectivamente. As atividades livres gratuitas são mais usadas que as pagas, apesar de existirem em menor oferta.

No que diz respeito à pessoa dos genitores diretamente, os apoios ventilados foram: centro de apoio e informação para pais e filhos, grupos de ajuda mútua, aconselhamento educativo e familiar, psicólogo escolar/apoio psicopedagógico, aconselhamento/terapia para casais.

A esses, os pais e mães responderam sim e estabeleceram os percentuais respectivos: 35,6%, 24,4%, 37,5%, 79,1%, 51,2%. É notório que os apoios não estão disponíveis tanto quanto os anteriores, salvo aquele que é oferecido pela escola. O percentual de uso é tímido: 18,6%, 17,1%, 22,5%, 19%, 07,5%, ordenadamente. Quanto ao pagamento, os números são proporcionais ao desuso.

Vale ressaltar que, quanto ao uso, as mães afirmam utilizar um pouco mais as babás e avós que os pais. Os pais dizem recorrer mais a outros familiares que as

mães. As mães afirmam usar mais a Educação Infantil, enquanto os pais dizem usar mais o Ensino Fundamental, isto pode ser decorrente de um conhecimento maior, por parte das mulheres, sobre as nomenclaturas atuais utilizadas nos diversos níveis educacionais.

As mães também declaram usar um pouco mais as atividades livres, o que não depende da presença ou existência do casal. Elas dizem usar mais o aconselhamento educativo e familiar, o psicólogo escolar e apoio psicopedagógico.

Os números referentes à avaliação dos participantes, sobre o apoio disponível para os filhos, podem ser visualizados na Tabela 42. Eles resultam da questão: quanto ao apoio disponível para cuidar dos seus filhos, até que ponto você tem dificuldade em encontrar apoio: em situações inesperadas (doença, mudança no horário escolar...), durante as férias?

Em Continuação, formulou-se a pergunta: quanto ao apoio disponível para cuidar dos seus filhos, até que ponto a oferta de apoio existente é suficiente para as suas necessidades e possibilidades?

Para mensurar a dificuldade de encontrar apoio nas circunstâncias citadas, os participantes selecionaram alternativas como: nenhuma, quase nenhuma, muito pouca, pouca, quase muita. Visualizar tabela:

**Tabela 42: Distribuição percentual da avaliação dos participantes, sobre o apoio disponível para os filhos.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nenhuma 0			Quase nenhuma 1			Muito pouca 2			Pouca 3			Quase muita 4			Muita 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Quanto ao apoio disponível para cuidar dos seus filhos até que ponto tem dificuldade:																		
154*. ...em situações inesperadas (ex: doença, mudança no horário escolar), em encontrar rapidamente apoio para cuidar dos seus filhos?	27,4	13,8	19,6	22,7	13,8	17,6	22,7	27,6	25,5	-	20,7	11,8	13,6	13,8	13,7	13,6	10,3	11,8
155. ...em encontrar, durante as férias, apoio suficiente para o acompanhamento dos seus filhos?	09,1	24,1	17,6	22,7	13,8	17,6	27,3	20,7	23,6	09,1	13,8	11,8	13,6	13,8	13,7	18,2	13,8	15,7
156. Quanto ao apoio disponível para cuidar dos seus filhos até que ponto a oferta de apoio existente é suficiente para as suas necessidades e possibilidades?	14,3	03,5	08,2	14,3	42,9	30,6	14,3	17,9	16,3	19,0	10,7	14,3	23,8	17,9	20,4	14,3	07,1	10,2
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Quanto aos resultados, obteve-se para situações inesperadas, escolhas bem distribuídas tendendo a nenhuma, quase nenhuma ou muito pouca necessidade. A última seleção foi a de maior adesão: 22,7% de pais e 27,6% de mães.

Em relação ao período de férias, os resultados são proximais, quase sem alteração. Sobre a oferta de apoio existente, a suficiência dela e correspondência às possibilidades, a alternativa quase nenhuma, agrupou 30,6% dos participantes. Há uma tendência para a insuficiência de oferta para apoio, apesar das afirmativas anteriores indicarem pouca dificuldade para encontrá-los.

Finalmente, objetivando os dados avaliativos disponíveis, foi destinado um espaço no questionário, para que fosse preenchido com os apoios que gostariam de utilizar e que faltam. Os participantes acrescentaram que desejariam ter mais apoio no trabalho, colônia de férias, curso de férias e pediatras.

A demanda relativa ao período de férias, deve corresponder ao pequeno percentual de 13,8% de mães que selecionaram: quase muita ou muita como alternativa para representar sua escolha no aspecto apoio nas férias.

A Tabela 43 explora e sintetiza afirmações que se aplicam às famílias dos participantes, acerca dos apoios disponíveis para o cuidado dos filhos. Interessa saber os motivos pelos quais, pais e mães recorrem a determinados tipos de apoio.

A questão é: recorro a um destes apoios: avós ou outros familiares para cuidar dos filhos, porque disponho de soluções mais pessoais, não confio no apoio externo, tenho o meu horário de trabalho organizado de forma a não necessitar do apoio externo, teria problemas de consciência se confiasse o acompanhamento dos meus filhos a uma instituição?

As respostas foram baseadas nas variáveis: não se aplica em nada, aplica-se muito pouco, aplica-se pouco, aplica-se, aplica-se muito, aplica-se totalmente.

**Tabela 43: Distribuição percentual de afirmações que se aplicam às famílias dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Não se aplica em nada 0			Aplica-se muito pouco 1			Aplica-se pouco 2			Aplica-se 3			Aplica-se muito 4			Aplica-se totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Recorro a um destes apoios: avós ou outros familiares para cuidar dos filhos, porque:																		
158*. Disponho de soluções mais pessoais	30,4	24,7	26,2	13,7	13,3	14,1	20,9	13,3	17,5	07,6	06,7	07,2	10,1	21,0	15,8	17,3	21,0	19,2
159. Não confio no apoio externo	29,0	37,7	33,1	29,0	27,7	27,9	-	10,1	07,2	08,0	-	03,7	26,0	14,3	19,2	08,0	10,2	08,9
160. Tenho o meu horário de trabalho organizado de forma a não necessitar do apoio externo	32,0	30,0	33,0	18,7	10,0	13,3	18,7	13,3	15,0	15,3	33,3	23,3	12,0	06,7	08,3	03,3	06,7	07,1
161. teria problemas de consciência se confiasse o acompanhamento dos meus filhos a uma instituição	22,0	30,0	26,7	15,3	-	07,7	26,4	23,3	24,3	09,0	20,0	14,3	12,0	16,7	14,3	15,3	10,0	12,7
Recorro ao apoio da babá porque:																		
162. Estou dependente no meu dia-a-dia deste apoio	17,7	20,0	18,3	11,0	-	05,0	04,3	-	01,7	11,0	10,0	10,0	14,3	13,3	13,3	41,7	56,7	51,7
163. Penso que o apoio da babá é bom para as crianças	21,0	16,7	18,5	21,0	16,7	18,3	14,3	33,3	26,6	21,6	06,6	13,3	04,3	16,7	10,0	17,8	10,0	13,3
164. Esta oferta é para mim um alívio	28,0	36,7	34,9	28,0	16,7	21,7	11,5	13,3	11,7	11,5	13,3	11,7	21,0	13,3	16,7	-	06,7	03,3
165. Apesar de ter problemas de consciência por confiar, em parte, o cuidado dos meus filhos a uma babá, decidi fazê-lo	30,7	33,3	31,3	15,6	06,7	12,8	15,6	20,0	17,7	15,6	13,3	14,3	15,6	16,7	16,0	06,9	10,0	07,9
Recorro ao apoio da instituição de educação infantil/escola porque:																		
166. Estou dependente no meu dia-a-dia deste apoio	37,7	46,7	44,7	11,2	06,7	08,3	11,2	03,3	06,7	21,0	20,0	20,0	11,2	13,3	11,7	07,7	10,0	08,6
167. Penso que a instituição de educação infantil é boa para o desenvolvimento da criança	08,1	-	04,0	-	-	-	06,3	-	03,7	06,3	06,7	09,0	23,0	10,0	15,0	56,3	83,3	68,3
168. Penso que esta oferta é um alívio para mim	48,7	50,0	50,3	14,6	06,7	10,0	17,8	16,7	16,7	13,6	13,3	13,3	05,3	13,3	09,7	-	-	-
169. Apesar de ter problemas de consciência por confiar, em parte, o cuidado dos meus filhos a uma instituição de educação infantil, decidi fazê-lo	59,2	50,0	55,4	22,5	16,7	18,3	05,8	13,3	08,3	-	06,7	03,3	-	03,3	04,7	12,5	10,0	10,0
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Para esse primeiro bloco de questões, a seleção não se aplica em nada, reuniu o maior percentual de genitores juntos. Analisando a afirmativa “disponho de soluções mais pessoais”, observa-se que 30,4% de pais e 24,7% de mães, optam pela seleção em destaque. As mães tendem um pouco mais, a soluções pessoais, pois selecionam as alternativas: aplica-se muito e aplica-se totalmente, somando um percentual razoável, quando comparado aos outros números.

Para confiança em apoio externo, além de não se aplica em nada, a segunda preferência dos pais é aplica-se muito pouco. Quanto ao horário de trabalho organizado sem necessidade de apoio externo, as opiniões transitam para além da primeira alternativa chegando à segunda opção de prioridade: aplica-se. A questão referente a confiar os cuidados dos filhos a uma instituição, encontrou adeptos também na variável “aplica-se pouco”.

Até então, a tabela traz dados percentuais distribuídos, não há informações salientes que evidenciem uma percepção mais objetiva. Entretanto, é possível sugerir uma preocupação acentuada dos participantes quanto a esses apoios.

Quanto ao apoio da babá, os percentuais são mais evidentes, até porque em tabelas anteriores, ficou demonstrado que esse apoio é usual. Quando perguntados se estão dependentes do apoio delas, 41,7% dos pais e 56,7% das mães declaram: aplica-se totalmente.

Se perguntados: penso que o apoio da babá é bom para as crianças, os participantes dividem opiniões, mas tendem às alternativas: aplica-se pouco, não se aplica em nada e aplica-se muito pouco, nesta ordem. Os depoimentos implicam em sugestões do tipo: elas são apoios necessários, mas não representam o melhor.

Quanto ao fato de as babás constituírem-se num alívio, os pais em conjunto dizem prioritariamente, não se aplicar em nada ou aplicar-se muito pouco. O que denota certa preocupação ao aderirem a esse apoio. Isto evidencia que não se sentem confortáveis e relaxados totalmente com as babás.

A próxima afirmação complementa as informações em julgamento, afinal eles são inquiridos: apesar de ter problemas de consciência por confiar, em parte, o cuidado dos meus filhos a uma babá, decidi fazê-lo. A variável não se aplica em nada, aparece como a favorita da maioria, o que conduz a pensar que os pais não chegam a ter problemas de consciência por terem decidido pelo apoio das babás.

Quanto à investida: recorro ao apoio da instituição de educação infantil/escola porque: estou dependente no meu dia; penso que a instituição de educação infantil é

boa para o desenvolvimento da criança; esta oferta é um alívio para mim; apesar de ter problemas de consciência por confiar, em parte, o cuidado dos meus filhos a uma instituição de educação infantil, decidi fazê-lo. Os pais e mães selecionaram: para a dependência diária do apoio institucional: não se aplica em nada: 44,7% do total e 20,0% aplica-se.

Diante do benefício da Educação Infantil para o desenvolvimento da criança, aplica-se totalmente, foi o índice relevante: 56,3% de pais e 83,3% de mães.

Quando ao alívio proporcionado pela instituição e as questões de consciência causadas pelo uso desse apoio, os genitores em conjunto, decidem a priori, que não se aplica em nada.

Os dados revelam que apesar de usarem frequentemente as instituições de Educação Infantil não se colocam majoritariamente como dependentes. Tão pouco, olham para o apoio com sensação de alívio ou com problemas de consciência, mas acreditam que são importantes para o desenvolvimento da criança.

Após avaliação sobre os apoios externos disponíveis: creches, Educação Infantil, babá e outros, acreditou-se ser importante perguntar para que idades existem esses apoios próximos dos participantes.

As idades que estão em foco distribuem-se na faixa de dois a cinco anos. Para a questão, 100% dos genitores, responderam que existem esses apoios. A partir dessa informação, questionou-se sobre quantas horas por dia, os filhos recebem apoio de um familiar, da babá ou de uma instituição.

**Tabela 44: Distribuição percentual de horas por dia, em que os filhos recebem apoio.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	0 h			1 até 5h			6 até 10h			11 até 15h			16 até 20h			Mais de 20h		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
172*. Quantas horas, por dia, seu filho passa com um familiar? (avó, tia, prima, etc)																		
Primeiro filho	51,9	57,2	54,6	33,3	32,1	32,7	14,8	07,1	10,9	-	03,6	01,8	-	-	-	-	-	-
Segundo filho	57,8	60,0	58,9	15,8	20,0	17,6	15,8	13,3	14,7	-	-	-	05,3	06,7	05,9	05,3	-	02,9
Terceiro filho	33,4	50,0	40,0	33,3	-	20,0	33,3	-	20,0	-	-	-	-	50,0	20,0	-	-	-
173. Quantas horas, por dia, seu filho passa com a babá?																		
Primeiro filho	25,9	32,1	29,1	44,5	32,1	38,2	29,6	32,1	30,9	-	-	-	-	03,7	01,8	-	-	-
Segundo filho	22,2	20,0	21,2	33,4	26,7	30,3	22,2	33,3	27,3	22,2	13,3	18,2	-	-	-	-	06,7	03,0
Terceiro filho	66,7	-	40,0	33,3	-	40,0	-	50,0	20,0	-	50,0	-	-	-	-	-	-	-
174. Quantas horas, por dia, seu filho passa em instituições?																		
Primeiro filho	07,4	03,6	05,4	81,5	89,3	85,4	07,4	07,1	07,3	03,7	-	03,7	-	-	-	-	-	-
Segundo filho	41,2	40,0	40,6	52,9	53,3	53,1	05,9	06,7	06,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Terceiro filho	100	50,0	75,0	-	50,0	25,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Na companhia de um familiar, somando as seleções feitas pelos genitores em conjunto, 54,6% dos participantes negaram que o primeiro filho receba esse apoio; 32,7% dizem que os mesmos ficam de uma a cinco horas com o familiar. São 10,9% apoiados de seis a 10 horas. Esses são os percentuais mais significativos. O segundo filho recebe apoio de um familiar nas seguintes porcentagens: 17,6% de uma a cinco horas e 14,7% de seis a 10 horas. Sem o apoio são: 58,9%. Esses dados levam a pensar que por serem mais novos, podem estar na companhia dos genitores ou em fase de amamentação, com as mães.

Recebendo o apoio da babá de uma a cinco horas estão 38,2% do primeiro filho e 30,3% do segundo. De seis a 10 horas diárias, estão 30,3% do primeiro, 27,3% do segundo. Vale dizer que 18,2% de segundos filhos são apoiados pelas babás de 11 a 15 horas por dia.

Optou-se por focar o terceiro filho separadamente, já que os percentuais do conjunto não são favoráveis à análise. Ver que pais e mães divergem muito, daí a necessidade de manipular os dados, usando outra lógica. Enquanto 66,7% dos pais dizem que os filhos não recebem o apoio da babá, ou 33,3% recebem de uma a cinco horas, 50,0% das mães dizem usar os serviços da babá de seis a 10 horas e outras 50,0% de 11 a 15 horas por dia.

Quanto à carga horária destinada ao apoio de instituições, ressaltam os números que apontam 85,4% do primeiro, 53,1% do segundo estão apoiados por instituições de horas, por dia.

No que se refere ao terceiro, 100% dos pais negam esse apoio e 50,0% das mães dizem recebê-lo. Mais uma vez, deve-se sugerir, em vista do exame pontual do instrumento preenchido, que os pais reconhecem como instituição, apenas a Educação Infantil.

4.6 ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO FAMÍLIA E TRABALHO: CAMPO PROFISSIONAL, VIDA EM COMUM, POLÍTICAS FAMILIARES E SOCIEDADE

O tópico conciliação foi explorado a fim de conhecer as estratégias usadas pelo casal de participantes, para acordar trabalho e família. Neste sentido, os

colaboradores foram convocados a pensar ações orientadas para o campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade objetivando esse fim.

A questão 175, elaborada na forma aberta, portanto escrita, pede que o participante indique o que tem feito para conciliar profissão e vida familiar. Continuando, solicita que sejam lidas as respostas anteriores e assinaladas com um asterisco, o que considera pouco importante, com dois o que avalia como importante e com três, o que é muito importante⁸. Cada pessoa estudada compartilhou até três atitudes estratégicas. Não responderam 11 pessoas.

No total foram obtidas 137 respostas que foram subdivididas em 16 categorias de atitudes estratégicas: (a) priorizar a convivência familiar (buscar e levar os filhos para a escola, ficar com eles antes de dormirem, após o trabalho ir direto para casa, almoçar em casa, etc.) – 45 respostas; (b) organizar/planejar as diversas atividades e horários – 16 respostas; (c) trabalhar apenas um turno ou reduzir a carga horária de trabalho – 14 respostas; (d) ter apoio de babá/empregada doméstica – 10 respostas; (e) primar pela qualidade do tempo em que passa com os filhos/família (fazer o que gostam, passear, brincar, ir a aniversários, fazer coisas juntos, etc.) – 10 respostas; (f) ter suporte do cônjuge (dividir tarefas e responsabilidades, alternar horários de trabalho) – seis respostas; (g) ter suporte dos avós da criança – seis respostas; (h) não levar trabalho para casa – cinco respostas; (i) não trabalhar à noite ou nos finais de semana – cinco respostas; (j) afetividade e amor – três respostas; (k) suporte da escola/educação infantil – três respostas; (l) deixar os problemas do trabalho lá e os da família, em casa – três respostas; (m) trabalhar no horário em que o filho está na escola – três respostas; (n) buscar ficar calmo/relaxado – duas respostas; (o) levar o filho algumas vezes para o ambiente de trabalho – duas respostas; (p) outros (trabalhar em casa esporadicamente, acompanhar o filho por telefone, utilizar transporte escolar, estar bem no trabalho) – quatro respostas.

Assim, constata-se o destaque dado para o fato de priorizar a convivência familiar, organizar/planejar as diversas atividades e horários e primar pela qualidade do tempo de convivência familiar. Além disso, cabe destacar os suportes recebidos da babá/empregada doméstica, do cônjuge e dos avós.

⁸ A classificação de muito importante, importante ou pouco importante será apresentada em publicação posterior.

Aprofundando o tema da conciliação na esfera do campo profissional, os pais e mães responderam sobre as carências que dificultam a relação trabalho e família.

Na tabela 45, os participantes usaram as opções: concordo totalmente que não deve ser feito, concordo que não deve ser feito, estou em dúvida se deve ou não ser feito, concordo que deve ser feito, concordo totalmente que deve ser feito para indicar o que deve ser feito no campo profissional para possibilitar a conciliação trabalho e família.

**Tabela 45: Distribuição percentual de carências no campo profissional para conciliação família e trabalho.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Concordo totalmente que não deve ser feito 0			Concordo que não deve ser feito 1			Estou em dúvida se deve ou não ser feito 2			Concordo que deve ser feito 3			Concordo totalmente que deve ser feito 4		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
176*. Possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo integral para parcial	25,0	13,3	19,0	07,1	13,3	10,3	28,6	13,3	20,7	03,6	10,0	06,9	35,7	50,1	43,1
177. Possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo parcial para tempo integral	55,6	73,3	64,9	14,8	06,7	10,5	07,4	10,0	08,8	03,7	06,7	05,3	18,5	03,3	10,5
178.1 Mais informação no local de trabalho sobre as medidas de apoio à família	-	03,4	01,8	07,7	10,3	09,1	23,1	10,3	16,4	19,2	20,7	20,0	50,0	55,3	52,7
178.2 Maior sensibilidade dos superiores hierárquicos às necessidades familiares	10,7	17,2	14,0	10,7	06,9	08,8	28,6	13,8	21,1	17,9	24,1	21,1	32,1	38,0	35,0
179. Atividades de formação e de promoção profissional tendo em conta a vida familiar dos funcionários	03,6	10,3	07,0	14,3	10,3	12,3	21,4	17,2	19,3	28,6	13,8	21,1	32,1	48,4	40,3
180. Medidas de apoio social e financeiro	11,1	03,6	07,3	11,1	14,3	12,7	11,1	21,4	16,4	33,3	17,9	25,5	33,4	42,8	38,1
181. Possibilidade de ajustamento do horário de trabalho	07,1	06,9	07,0	25,0	13,8	19,3	21,4	10,3	15,8	14,3	27,6	21,8	32,2	41,4	36,8
182. Co-participação financeira para a creche/escola dos filhos	07,4	7,4	07,4	14,8	18,5	16,7	22,2	07,5	14,8	25,9	25,9	25,9	29,7	40,8	35,2
183. Creche para os filhos no próprio local de trabalho	21,4	25,0	23,2	14,3	10,7	12,5	28,6	07,1	17,9	14,3	25,0	19,6	21,4	32,2	26,8
184. Possibilidade de trabalhar em casa para os funcionários que têm filhos	39,3	21,4	30,4	25,0	14,4	19,6	17,9	32,1	25,0	03,5	10,7	07,1	14,3	21,4	17,9
185. Possibilidade de levar os filhos para o local de trabalho	39,3	35,7	37,6	39,3	25,0	32,1	07,1	10,7	08,9	03,6	14,3	08,9	10,7	14,3	12,5
Porcentagem total	100														
Número de participantes	30 pais					30 mães					60 genitores				

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre a possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo integral em parcial, as opiniões estão distribuídas, entretanto “concordo totalmente que deve ser feito” tem os maiores percentuais. Pais 35,7% e mães 50,1%. Sobre a possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo parcial para tempo integral, a opção inversa é extrema: concordo totalmente que não deve ser feito, reúne a maioria de pais e mães: 55,6% e 73,3%, respectivamente.

Em seguida, sobre “mais informação no local de trabalho sobre as medidas de apoio à família”, as alternativas quatro e cinco juntas: concordo totalmente que deve ser feito e deve ser feito, agregam a preferência dos participantes: 72,7%.

Quanto à “maior sensibilidade dos superiores hierárquicos às necessidades familiares”, existe uma tendência à concordância, pois as alternativas dois, três e quatro obtêm a predileção dos pais e mães. Desse grupo, o percentual maior escorase em concordo totalmente que deve ser feito.

A declaração “atividades de formação e de promoção profissional tendo em conta a vida familiar dos funcionários”, sustenta a precedência de opções de concordância dos participantes. Entretanto há uma repartição de opiniões.

“Medidas de apoio social e financeiro para os empregados” é uma afirmação que conduz a uma tendência a concordar, já que os percentuais mais elevados estão dispostos nas duas últimas colunas da tabela: concordo que deve ser feito, concordo totalmente que deve ser feito.

“Possibilidade de ajustamento do horário de trabalho” e “co-participação financeira para a creche/escola dos filhos” são outras demandas dos participantes. Eles tendem a concordar com a necessidade, mantendo a posição anterior como prioritária.

Sobre “creche para os filhos no próprio local de trabalho” os números são mais diluídos, não há uma saliência significativa por uma opção, especialmente. Sobre a “possibilidade de trabalhar em casa para os funcionários que têm filhos” ou “possibilidade de levar os filhos para o local de trabalho”, a alternativa concordo totalmente que não deve ser feito sobressai diante das outras, apesar da pulverização de adesões.

Contemplado o conjunto de informações até aqui disponíveis, vale ressaltar que entre as estratégias de conciliação usadas pelos pais e mães, redução de trabalho, artifícios dirigidos a atividades profissionais, e apoios são fatores que anteciparam as necessidades expostas na Tabela 45.

O estudo da conciliação família e trabalho pressupõe uma reflexão na esfera da vida em comum. Aspectos da relação com o(a) companheiro(a), por exemplo, podem ser importantes para a composição da vida familiar e profissional.

Na Tabela 46, pode-se visualizar os resultados das respostas que os participantes formularam quanto ao medir a importância de: coordenarem o tempo, de serem claros e precisos na divisão de tarefas, de cumprirem acordos, de serem diretos na manifestação do descontentamento/insatisfação, de solucionarem os conflitos de modo construtivo, de apoiarem-se mutuamente, de reconhecerem mutuamente o trabalho um do outro, de quando necessário, assumirem as tarefas do outro, de não se esquivarem de tarefas desagradáveis ou enfadonhas.

**Tabela 46: Distribuição percentual de aspectos importantes da relação conjugal para a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Sem importância 0			Pouca importância 1			Média importância 2			Com importância 3			Muita importância 4		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
186* ...coordenarem o tempo de vocês	-	-	-	03,6	-	01,7	03,6	-	01,8	07,1	13,8	10,5	85,7	86,2	86,0
187. ...de serem claros e precisos na divisão de tarefas	-	-	-	03,4	-	01,7	10,3	03,4	06,9	17,2	17,2	17,2	69,1	79,4	74,2
188. ...de cumprirem acordos	-	-	-	-	-	-	06,9	-	03,4	17,2	10,3	13,8	75,9	89,7	82,8
189. ...de serem diretos na manifestação do descontentamento/ insatisfação	03,6	-	01,8	-	-	-	07,1	03,4	05,3	14,3	13,8	14,0	75,0	82,8	78,9
190. ...de solucionarem os conflitos de modo construtivo	03,4	-	01,7	03,4	-	01,7	06,9	-	03,4	06,9	03,4	05,2	79,4	96,6	88,0
191. ... de apoiarem-se mutuamente	-	-	-	-	-	-	06,9	-	03,4	06,9	06,9	06,9	86,2	93,1	89,7
192. ...de reconhecerem mutuamente o trabalho um do outro	-	-	-	-	-	-	10,3	03,4	06,9	06,9	03,4	05,2	82,8	93,2	87,9
193. ...de quando necessário, assumirem as tarefas do outro	-	-	-	03,4	-	01,7	13,8	06,9	10,3	03,4	10,3	06,9	79,4	82,8	81,1
194. ...de não se esquivarem de tarefas desagradáveis ou enfadonhas	03,6	03,4	03,5	-	-	-	07,1	10,3	08,2	21,4	24,1	22,8	67,9	62,2	64,9
Porcentagem total	100														
Número de participantes	30 pais					30 mães					60 genitores				

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Em vista desses aspectos, os participantes foram assertivos ao preferirem a opção “muita importância”, onde se encontra os percentuais mais altos de escolha. Na ordem de muita importância aferida, podem-se enumerar algumas afirmações: apoio mútuo, reconhecimento pelo trabalho do outro, coordenação do tempo, troca de tarefas, direito de manifestar insatisfação, outros.

Vale destacar que os percentuais aferidos pelas mães nesta coluna, são de maior valor que os dos pais.

Do mesmo modo que foram avaliadas as carências no campo profissional, os participantes decidiram sobre os aspectos da relação conjugal a serem melhorados para a conciliação da vida familiar e profissional. A Tabela 47 ilustra essas expectativas.

**Tabela 47: Distribuição percentual de aspectos da relação conjugal a serem melhorados para a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Concordo totalmente que não deve ser melhorado 0			Concordo que não deve ser melhorado 1			Estou em dúvida se deve ou não ser melhorado 2			Concordo que deve ser melhorado 3			Concordo totalmente que deve ser melhorado 4		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Eu e o meu companheiro devemos:															
195. ... coordenar-nos melhor em termos de tempo	17,2	06,9	12,1	10,3	17,2	13,8	20,7	06,9	13,8	10,3	27,6	19,0	41,5	41,4	41,3
196. ...encontrar regras claras e precisas sobre a distribuição de tarefas	13,8	13,8	13,8	20,7	17,2	19,0	17,2	06,9	12,1	24,1	38,0	31,0	24,2	24,1	24,1
197. ...ser mais rígidos no cumprimento dos acordos	13,2	20,7	17,1	20,7	17,2	19,0	20,7	17,2	19,0	24,1	27,7	25,9	20,7	17,2	19,0
198. ...manifestar diretamente descontentamento/insatisfação	13,8	03,5	08,6	20,7	17,2	19,0	13,8	31,0	22,4	17,2	27,6	22,4	34,5	20,7	27,6
199. ...solucionar os conflitos de forma construtiva	10,3	10,3	10,3	13,8	20,7	17,2	13,8	13,8	13,8	17,2	13,8	15,5	44,9	41,4	43,2
200. ...apoiar-nos mais	17,9	10,3	14,0	21,4	13,8	17,5	07,1	20,7	14,0	07,1	20,7	14,0	46,5	34,5	40,5
201. ...expressar maior reconhecimento um pelo outro	17,9	10,3	14,0	14,3	13,8	14,0	21,4	20,7	21,0	07,1	10,3	08,8	39,3	44,9	42,2
202. ...frequentemente e espontaneamente, assumir as tarefas que o outro deveria fazer	06,9	10,3	08,6	24,1	20,7	22,4	20,7	27,6	24,1	13,8	20,7	17,2	34,5	20,7	27,7
203. ...não nos esquivarmos das tarefas desagradáveis ou enfadonhas	24,1	10,3	17,2	20,7	10,3	15,5	17,2	24,1	20,7	13,8	38,1	25,9	24,2	17,2	20,7
Porcentagem total	100														
Número de participantes	30 pais					30 mães					60 genitores				

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

A afirmação em destaque é: eu e o meu companheiro devemos: coordenar-nos melhor em termos de tempo, encontrar regras claras e precisas sobre a distribuição de tarefas, ser mais rígidos no cumprimento dos acordos, manifestar diretamente descontentamento/insatisfação, solucionar os conflitos de forma construtiva, apoiar-nos mais, exprimir maior reconhecimento um pelo outro, frequentemente e espontaneamente, assumir as tarefas que o outro deveria fazer, não nos esquivarmos das tarefas desagradáveis ou enfadonhas.

Os aspectos listados são idênticos aos anteriores, sobre os quais os participantes disseram ter muita importância. Nesta fase, vale verificar o que os pais e mães acreditam ter conquistado como casal.

De maneira geral, ao somar os índices que correspondem à totalidade dos participantes, no que se refere às opções: concordo que deve ser melhorado e concordo totalmente que deve ser melhorado, eles tendem a concordar com a necessidade de investir em melhorias. O menor percentual é de 44,9% e o maior de 60,3% depois de efetuado o cálculo.

A adição de percentuais referentes às seleções: concordo totalmente que não deve ser melhorado e concordo que não deve ser melhorado alcança o maior indicador de 38,0% e o menor de 25,9%. Os outros números refletem a dúvida.

Usando o mesmo procedimento, após adicionar os percentuais apresentados pelos pais, verifica-se que o único aspecto em que a maioria deles, separadamente acredita que não deve ser melhorado é relativo a tarefas enfadonhas. Pensam que podem manter esquivando-se delas são 44,8% dos genitores.

Quanto às particularidades das mães, procede revelar que os indicativos numéricos sugeridos pela maior parte delas são maiores em sete afirmações. Os pais desejam mais melhorias que elas nas afirmações: manifestar sentimentos de insatisfação e solucionar conflitos de forma construtiva.

As necessidades de mudanças no âmbito das políticas familiares foram sinalizadas na Tabela 48. Os medidores de concordância são os mesmos da tabela anterior. A afirmação que motiva as opiniões é: as mudanças no nível da política familiar poderiam ajudá-lo(a) a melhorar a conciliação entre família e trabalho.

Entre as carências, estão: instituições de acompanhamento para crianças com horário de abertura flexível, melhor ajustamento aos horários de trabalho dos pais; acompanhamento para crianças nas férias das escolas; prolongamento do horário para dia inteiro nas creches e escolas; subsídio do estado para os locais de

acompanhamento de crianças, como: abono; extensão de uma rede de apoio para casos urgentes; melhoria da situação financeira das famílias, consoante o número de filhos.

Tabela 48: Distribuição percentual de mudanças no campo da política familiar para melhorar a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Concordo totalmente que não deve ser feito 0			Concordo que não deve ser feito 1			Estou em dúvida se deve ou não ser feito 2			Concordo que deve ser feito 3			Concordo totalmente que deve ser feito 4		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
As mudanças no nível da política familiar poderiam ajudá-lo(a) a melhorar a conciliação entre família e trabalho se houvesse:															
204*. ...instituições de acompanhamento para crianças com horário de abertura flexível, melhor ajustamento aos horários de trabalho dos pais	06,9	10,7	08,8	24,1	10,7	17,5	27,6	32,2	29,8	06,9	21,4	14,0	34,5	25,0	29,9
205. ...acompanhamento para crianças nas férias das escolas	13,8	07,1	10,5	06,9	14,3	10,5	24,1	21,4	22,8	31,1	25,0	28,1	24,1	32,2	28,1
206. ...prolongamento do horário para dia inteiro nas creches e escolas	41,4	44,8	43,2	20,7	27,6	24,1	17,2	13,8	15,5	13,8	06,9	10,3	06,9	06,9	06,9
207. ...subsídio do estado para os locais de acompanhamento de crianças, como:abono	20,7	03,4	12,1	13,8	24,1	19,0	20,7	13,8	17,2	13,8	10,3	12,1	31,0	48,4	39,6
208. ...extensão de uma rede de apoio para casos urgentes	06,9	06,9	06,9	06,9	10,3	08,6	20,7	10,3	15,5	20,7	17,2	19,0	44,8	55,3	50,0
209. ...melhoria da situação financeira das famílias, consoante o número de filhos	17,9	03,4	10,5	07,1	13,8	10,5	28,6	10,3	19,3	07,1	20,7	14,0	39,3	51,8	45,7
Porcentagem total	100														
Número de participantes	30 pais					30 mães					60 genitores				

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre os dois primeiros aspectos, as opiniões dos participantes encontram-se distribuídas entre as opções, sinalizando maior tendência a concordar. Quanto ao prolongamento para o dia inteiro de creches e escolas, os pais tendem a não concordarem, posicionando-se majoritariamente entre as duas primeiras opções.

No que se refere a subsídios do Estado para os locais de acompanhamento de crianças, os pais e mães tendem a concordar totalmente. Pais: 41,4% e mães: 44,8%. A mesma tendência é conservada para as duas últimas afirmações. Vale salientar que as opiniões são variadas e que os indicadores mais significativos estão em torno de 50,0% do total de pais. Os outros 50,0% estão fragmentados nas opções restantes.

Esses números somados às dúvidas sugerem que os pais podem pensar com maior aprofundamento em tais carências.

Sobre as condições sociais que favorecem a conciliação da vida familiar e profissional, os aspectos avaliados foram: maior tolerância para com famílias, eliminação do preconceito associado aos homens que exercem o seu direito à “licença paternidade”, reconhecer a importância de ter filhos para que existam no futuro pessoas que trabalhem e assegurem o bem-estar da sociedade, reconhecimento das vantagens econômicas das mães trabalhadoras.

Para averiguar a necessidade de melhorias de tais fatores, os pais e mães usaram as opções de escolha da tabela que antecede e optaram de forma abrangente pela tendência a concordar, o que representa a maioria do todo. Veja na Tabela 49, a seguir, condições sociais que favorecem a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes.

Tabela 49: Distribuição percentual das condições sociais que favorecem a conciliação da vida familiar e profissional dos participantes.

Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Concordo totalmente que não deve ser feito 0			Concordo que não deve ser feito 1			Estou em dúvida se deve ou não ser feito 2			Concordo que deve ser feito 3			Concordo totalmente que deve ser feito 4			
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	
Quanto às condições sociais o que ainda deve ser feito para facilitar a conciliação entre família e trabalho:																
210*. ...maior tolerância para com famílias	06,9	06,9	06,9	-	-	-	13,8	13,8	13,8	27,6	13,8	20,7	51,7	65,5	58,6	
211. ...eliminação do preconceito associado aos homens que exercem o seu direito à "licença paternidade"	06,9	03,4	05,2	06,9	03,4	05,2	10,3	06,9	08,6	10,3	10,3	10,3	65,6	76,0	70,7	
212. ...reconhecer a importância de ter filhos para que existam no futuro pessoas que trabalhem e assegurem o bem-estar da sociedade	10,3	06,9	08,6	-	06,9	03,4	34,5	20,7	27,6	13,8	10,3	12,1	41,4	55,2	48,3	
213. ...reconhecimento das vantagens econômicas das mães trabalhadoras	03,4	03,4	03,4	03,4	-	01,7	13,8	13,8	13,8	20,7	13,8	17,2	58,7	69,0	63,9	
Ordem de necessidade de mudança nos quatro domínios apresentados: campo profissional, vida em comum, política familiares e sociedade.																
Grau de Importância	Campo profissional				Vida comum				Política familiares				Sociedade			
Necessidade	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
Total	19,0	32,9	27,6	20,7	31,0	19,0	25,9	24,1	24,2	31,0	31,0	13,8	24,1	15,5	20,7	39,7
Pai	17,2	31,1	31,0	20,7	24,1	27,6	27,6	20,7	20,7	31,0	38,0	10,3	34,5	06,9	13,8	44,8
Mãe	20,7	34,5	24,1	20,7	38,0	10,3	24,1	27,6	27,7	31,0	24,1	17,2	13,8	24,1	27,6	34,5
Porcentagem total	100															
Número de participantes	30 pais					30 mães					60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Os percentuais orientados para discordância são pouco significativos, bem como, para a opção dúvida, salvo para a alternativa: reconhecer a importância de ter filhos. Os pais representados por essa opção são 34,5% e as mães 20,7%, uma média de 27,6% do total de pessoas. Havendo, portanto, a tendência a concordar com as afirmativas.

Estimulados a indicar entre os quatro domínios apresentados: campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade, qual deles carece de maiores mudanças, os pais decidiram: sociedade, políticas familiares, profissão e vida comum. As mães indicaram: vida familiar, profissão e sociedade juntas, em segundo lugar e políticas.

4.7 VIDA PESSOAL E VIDA EM COMUM: PRINCÍPIOS E VALORES INDIVIDUAIS, CONFIGURAÇÃO DA RELAÇÃO CONJUGAL

O estudo da vida pessoal implica em conhecer os conceitos e valores que orientam comportamentos, atitudes e percepções presentes no cotidiano das relações pessoais e diante das circunstâncias vivenciadas.

Em busca de dados que favoreçam o reconhecimento dessas nuances, os participantes assinalaram afirmações alinhadas com o próprio conceito de vida. As opções de escolha foram definidas assim: discordo totalmente, discordo muito, discordo, concordo, concordo muito e concordo totalmente. Para facilitar a apreensão de resultados, optou-se por considerar os percentuais referentes à totalidade de pessoas. Os fatos acentuados devem ser comentados com atenção.

Deve-se agrupar as opções que remetem à concordância e aquelas que apontam discordância assim: concordo, concordo muito e concordo totalmente e discordo totalmente, discordo muito, discordo. Vide tabela a seguir.

Tabela 50: Distribuição percentual de afirmações alinhadas ao conceito de vida dos participantes. Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011

AFIRMAÇÕES	Discordo totalmente 0			Discordo muito 1			Discordo 2			Concordo 3			Concordo muito 4			Concordo totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
214*. Mulheres e homens deveriam ter as mesmas obrigações quanto ao trabalho doméstico	03,4	-	01,7	06,9	03,4	05,2	27,6	10,3	19,0	13,8	06,9	10,3	17,2	24,1	20,7	31,1	55,3	43,1
215. A família deveria ter o direito de controlar o comportamento de todos os seus membros	20,7	10,4	15,5	03,4	13,8	08,6	20,7	20,7	20,7	10,3	20,7	15,5	17,2	17,2	17,2	27,7	17,2	22,5
216. Crianças e jovens menores de 18 anos deveriam obedecer sempre aos pais	03,6	03,4	03,5	-	-	-	07,1	06,9	07,0	10,7	10,3	10,5	28,6	17,2	22,8	50,0	62,2	56,2
217. É importante que a dona de casa garanta, uma vez por dia, uma refeição completa à família	10,3	17,2	13,8	10,3	-	05,2	03,4	06,9	05,2	10,3	13,8	12,1	10,3	06,9	08,6	55,4	55,2	55,1
218. Cada um deve fazer o que quer, sem se importar com a opinião da família	85,7	96,6	91,1	10,7	-	05,3	-	-	-	-	-	01,8	03,6	-	-	-	03,4	01,8
219. As crianças em idade escolar sofrem quando a mãe tem uma atividade profissional	10,3	14,3	12,3	06,9	14,3	10,5	17,2	14,3	15,8	17,2	25,0	21,1	17,2	07,1	12,3	31,2	25,0	28,0
220. Todos os membros da família devem ter as mesmas opiniões políticas e religiosas	35,7	51,9	43,9	14,3	17,2	15,8	17,9	10,3	14,0	07,1	06,9	07,7	10,7	10,3	10,5	14,3	03,4	08,8
221. Quando alguém tem um problema pessoal grave, deve decidir, por si próprio, qual a melhor solução. Isto é, não tem que seguir o conselho dos seus familiares	58,8	69,1	63,8	10,3	03,4	06,9	10,3	13,8	12,1	10,3	06,9	08,6	06,9	03,4	05,2	03,4	03,4	03,4
222. Não se pode exigir às mulheres que façam sozinhas o trabalho doméstico	06,9	-	03,4	03,4	-	01,7	06,9	03,4	05,2	03,4	03,4	03,4	13,8	10,3	12,1	65,6	82,9	74,2
223. Por princípio, coloco as necessidades da minha família à frente das minhas	-	03,4	01,7	03,6	06,9	05,3	07,1	06,9	07,0	17,9	38,0	28,1	32,1	27,6	29,8	39,3	17,2	28,1
224. O fato de os homens serem melhor pagos do que as mulheres tem a ver com a forma como investem na profissão	32,2	38,0	35,1	07,1	10,3	08,8	14,3	03,4	08,8	21,4	24,1	22,8	17,9	20,7	19,3	07,1	03,5	25,2
225. Cada um deve sempre fazer aquilo que é melhor para si, independentemente do que os outros membros da família achem	66,7	69,0	67,8	22,2	13,8	17,9	07,4	13,8	10,7	03,7	-	01,8	-	03,4	01,8	-	-	-
226. A organização do trabalho doméstico é responsabilidade da mãe	31,0	44,8	38,0	20,7	13,8	17,2	13,8	20,7	17,2	13,8	06,9	10,3	17,2	06,9	12,1	03,5	06,9	05,2
227. Deve-se evitar todo o tipo de comportamento que a família reprove	06,9	21,4	14,0	-	07,1	03,5	10,3	14,3	12,3	20,7	14,3	17,5	17,2	25,0	21,1	44,9	17,9	31,6
228. As mulheres são tão capazes de assumir a direção de uma empresa como os homens	03,4	-	01,7	-	-	-	0,34	03,4	03,4	10,3	-	05,2	13,8	06,9	10,3	69,1	89,7	79,4
229. Cada um deve seguir sempre o seu próprio caminho	24,1	20,7	22,4	20,7	17,2	19,0	27,7	17,2	22,4	13,8	27,6	20,7	03,4	10,3	06,9	10,3	07,0	08,6
230. Uma formação qualificada é muito importante sobretudo para os homens, dado que eles ocupam a maior parte dos lugares de chefia	14,3	34,6	24,6	17,9	24,1	21,1	14,3	06,9	10,5	14,3	17,2	15,8	17,9	-	08,7	21,3	17,2	19,3
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 participantes					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

A afirmativa inicial, “mulheres e homens deveriam ter as mesmas obrigações no que se refere ao trabalho doméstico”, coliga os participantes pela tendência a concordar: 74,1% do todo.

Sobre “a família deveria ter o direito de controlar o comportamento de todos os seus membros”, observa-se certo equilíbrio: 44,8% de discordância e 55,2% de concordância. As seleções são fragmentadas.

“Crianças e jovens menores de 18 anos deveriam obedecer sempre aos pais”, tem a concordância de 89,5% dos estudados. Sobre ser “importante que a dona de casa garanta, pelo menos uma vez por dia, uma refeição completa (almoço ou jantar) à família”, 75,8% tendem a concordar.

Quanto a “cada um deve fazer o que quer, sem se importar com a opinião da família”, 96,4% tende a discordar.

“As crianças em idade escolar sofrem quando a mãe tem uma atividade profissional”, 61,4% preferem concordar.

Sobre: “todos os membros da família devem ter as mesmas opiniões políticas e religiosas”, 73,7% aspira discordar. “Quando alguém tem um problema pessoal grave, deve decidir, por si próprio, qual a melhor solução. Isto é, não tem que seguir o conselho dos seus familiares”, 82,8% intenciona discordar da afirmação.

“Não se pode exigir às mulheres que façam sozinhas o trabalho doméstico”, 89,7% escolhe concordar. “Por princípio, coloco às necessidades da minha família à frente das minhas”, 86% também concordam.

“O fato de os homens serem mais bem pagos do que as mulheres tem a ver com a forma como investem na profissão”. Quase metade, 52,7% tende a discordar desta afirmação. “Cada um deve sempre fazer aquilo que é melhor para si, independentemente do que os outros membros da família achem”, 96,4% discordam. “A organização do trabalho doméstico é da responsabilidade da mulher”, 72,4% prefere discordar.

“Deve-se evitar todo o tipo de comportamento que a família reprove”, 70,2% do todo diz concordar. “As mulheres são tão capazes de assumir a direção de uma empresa como os homens”, 94,9% assevera concordar.

“Cada um deve seguir sempre o seu próprio caminho”, 63,8% apresenta convergência a discordar. “Uma formação qualificada é muito importante, sobretudo para os homens, dado que eles ocupam a maior parte dos lugares de chefia”, 56,2% resolvem discordar.

A respeito dos valores como princípios que orientam a vida dos participantes, eles foram chamados a julgá-los selecionando as opções: nada importante, pouco importante, média importância, importante, muito importante e extremamente importante.

Como forma de tornar mais concisa a análise, o que conseqüentemente torna a exposição mais clara e o entendimento mais preciso, elegeram-se os dados totais como referências. Agrupamentos de opções que sugerem importância e não importância serão feitas quando for favorável. Os aspectos ressaltantes serão tratados devidamente.

**Tabela 51: Distribuição percentual de valores como princípios que orientam a vida dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nada importante 0			Pouco importante 1			Media importância 2			Importante 3			Muito importante 4			Extremamente importante 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Qual a importância:																		
231*. ...da criatividade (originalidade, imaginação) como princípio orientador na sua vida	03,4	-	01,7	-	-	-	0,34	-	01,7	13,8	03,4	08,6	17,2	27,6	22,4	62,2	69,0	65,6
232. ...da polidez (cortesia, boas maneiras)	-	-	-	-	-	-	03,4	-	01,7	03,4	-	01,7	20,7	17,2	19,0	72,5	82,8	77,6
233. ...da preservação da imagem pública (proteger a minha reputação)	03,4	-	01,7	03,4	-	01,7	-	03,4	01,7	13,8	13,8	13,8	13,8	24,1	19,0	65,6	58,7	62,1
234. ...da preservação da vida excitante (experiências estimulantes)	17,2	17,9	17,5	10,3	10,7	10,5	13,8	21,4	17,5	31,1	21,4	26,5	20,7	14,3	17,5	06,9	14,3	10,5
235. ...da segurança nacional (proteção da nação contra os inimigos)	03,4	-	01,7	03,4	10,3	06,9	06,9	13,8	03,3	17,2	10,3	13,8	13,8	10,3	12,1	55,3	55,3	55,2
236. ...da obediência	-	-	-	03,4	-	01,7	03,4	06,9	05,2	20,7	13,8	17,2	17,2	20,7	19,0	55,3	58,6	56,9
237. ...do prazer em viver (gostar de comer, de sexo, lazer)	-	-	-	-	-	-	03,4	06,9	05,2	10,3	10,3	10,3	17,2	17,2	17,2	69,1	65,6	67,3
238. ...da devoção (aceitar os preceitos da fé)	-	-	-	03,4	-	01,8	06,9	03,6	05,3	17,2	10,7	14,0	13,8	21,4	17,5	58,7	64,3	61,4
239. ...da vida variada (cheia de desafio, novidade e mudança)	-	06,9	03,4	13,8	10,3	12,1	13,4	20,7	12,1	31,1	27,6	29,3	24,1	20,7	22,4	27,6	13,8	20,7
240. ...da curiosidade (ser explorador)	07,0	06,9	06,9	-	03,4	01,7	06,9	13,8	10,3	24,1	31,1	27,6	31,0	24,1	27,6	31,0	20,7	25,9
241. ...da auto-disciplina (auto-controle, resistência à tentação)	-	-	-	-	03,4	01,8	07,1	03,4	05,3	10,7	13,8	12,3	14,3	27,6	21,1	67,9	51,8	59,5
242. ...da audácia (procura de aventura e risco)	20,7	34,5	27,6	24,2	13,8	19,0	17,2	17,2	17,2	10,3	20,7	15,5	06,9	10,3	08,5	20,7	03,5	12,1
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

De uma maneira geral, os princípios foram considerados importantes, muito importantes e extremamente importantes, preferencialmente. Em todas as afirmações, salvo nas de número 234 e 241, os dados indicam essa convergência. Seguem quantitativos.

Sobre criatividade, polidez e preservação da imagem pública, proteção da reputação, como princípios norteadores da vida, obteve-se 88,0%, 96,0% e 81,1% do total de participantes juntando as opções muito importante e extremamente importante.

Quanto à importância da preservação da vida excitante, as opiniões foram distribuídas entre as opções, mas, ainda assim, a soma dos três graus de importância é igual a 54,5% dos participantes. A concentração maior é na alternativa importante: 26,5% de primazia.

Para os valores: importância da segurança nacional, proteção da nação contra os inimigos; obediência; prazer em viver; devoção; alcançaram-se os índices: 81,1%, 93,1%, 94,8%, 92,9% respectivamente de tendência a concordar, onde os percentuais mais elevados concebem a opção: extremamente importante.

Sobre a vida variada, cheia de desafios e novidades, as seleções mais significativas foram distribuídas nos níveis de importância apresentados antes. Adicionando-os alcança-se 72,4% do todo. O mesmo acontece com o valor curiosidade, sendo que a soma para esse é de 81,1%.

Autodisciplina, autocontrole, resistência à tentação é um princípio que tende a ser considerado importante: 92,9% dos participantes assim o definem. Dessa soma, 59,5% dizem ser extremamente importante.

Acerca da audácia (procura de aventura e risco) como princípio orientador da vida, há uma tendência à opção nada importante, pouco importante ou média importância: 63,8% da soma dos indicadores à esquerda da tabela 51. Apenas 36,1% indicam alguma importância.

A observação mais curiosa sobre os percentuais relativos à extremamente importante, dados mais salientes da tabela em questão, apontam que os pais são mais proeminentes quando os princípios são: autodisciplina, curiosidade, vida variada, prazer, imagem pública, audácia. Quanto às mães, são ressaltantes quanto aos valores: obediência, devoção, reputação, polidez, criatividade, vida excitante.

Tais valores selecionados como princípios que orientam a vida revelam perspectivas pessoais, bem como, agrupam pais e mães em torno de aspectos que

perfilam as características de homens e mulheres. Tais especificações remetem à vida social, costumes, cultura, educação, entre outros que fundamentarão considerações apresentadas na conclusão desse estudo.

A vida comum pode ser concebida como vetor importante para a conciliação trabalho e família na relação nuclear.

Neste contexto, pais com filhos pequenos estão expostos a tarefas domésticas, de manutenção e reparação da casa, cuidados com os filhos, tarefas profissionais e vivem a conjugalidade no cotidiano. Portanto, a configuração dessa relação pode sinalizar estratégias usadas pelos cônjuges para promover a conciliação desejada e investigada no estudo.

Sobre como se dá a conformação do casal, as experiências vivenciadas, decisões comuns, conflitos, atitudes e reações, os participantes desenharam o funcionamento de suas vidas juntos, a partir das questões propostas.

Os participantes avaliaram as afirmações com vistas nas variantes: não se aplica em nada, aplica-se muito pouco, aplica-se pouco, aplica-se, aplica-se muito, aplica-se totalmente.

**Tabela 52: Distribuição percentual de características da configuração da relação conjugal dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Não se aplica em nada 0			Aplica-se muito pouco 1			Aplica-se pouco 2			Aplica-se 3			Aplica-se muito 4			Aplica-se totalmente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
243*. O companheiro(a) e eu temos a mesma influência na nossa vida a dois	03,4	03,6	03,5	-	-	10,5	06,9	14,3	-	24,1	21,4	22,8	17,2	21,4	19,3	48,4	39,3	43,9
244. Continuo a ser eu próprio(a) dentro da relação	13,8	03,4	08,6	06,9	13,8	10,6	06,9	06,9	06,9	20,7	27,6	24,1	17,2	13,8	15,5	34,5	34,5	34,6
245. Penso que o companheiro(a) mostra em relação a mim tanto afeto como eu em relação a ele(a)	-	-	-	06,9	0,36	05,3	06,9	07,1	07,0	20,7	10,7	15,8	17,2	21,4	19,3	48,3	57,2	52,6
246. Tomo a maior parte das decisões sozinho(a), sem as discutir com o companheiro(a)	34,5	38,0	36,2	38,0	38,0	38,0	06,9	03,4	06,9	06,9	10,3	08,6	10,3	06,9	08,6	03,4	03,4	03,4
247. Tanto eu como o meu companheiro (a) contribuimos de igual modo para a nossa vida a dois	03,5	03,7	03,6	10,7	07,4	09,1	03,6	07,4	05,5	14,3	14,8	14,5	17,9	14,8	16,4	50,0	51,9	50,9
248. Penso que conseguiria viver sozinho(a), se fosse necessário	21,4	34,7	28,0	21,4	10,3	15,8	10,7	10,3	10,5	17,9	24,1	21,1	07,2	17,2	12,3	21,4	03,4	12,3
249. O companheiro(a) respeita-me e trata-me como uma pessoa que tem os mesmos direitos	03,4	0,36	03,5	03,4	10,7	07,0	06,9	03,6	05,3	10,3	03,6	07,3	13,8	17,9	15,8	62,2	60,6	61,4
250. Além dos interesses que partilho com o companheiro(a), tenho os meus próprios interesses	07,1	03,4	05,3	10,7	03,4	07,3	03,6	13,8	08,8	07,1	06,9	07,0	28,6	17,2	23,8	42,9	55,3	49,1
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre influência recíproca na vida um do outro, conservação da personalidade individual e afeto mútuo, os participantes tendem às seleções: aplica-se, aplica-se muito, aplica-se totalmente. O percentual total para cada afirmação é: 86,0%, 74,2% e 87,7% respectivamente.

Quando decisões particulares, sem acordo com o par, 36,2% diz não se aplicar em nada, 38,0% afirma aplicar pouco ou muito pouco e 45,7% divide-se em aplica-se, aplica-se muito, aplica-se totalmente.

No que se refere à contribuição destinada à vida a dois, 81,8% dos participantes selecionaram especialmente as opções: aplica-se totalmente, aplica-se muito, aplica-se, nesta ordem de intensidade.

Se viveriam sozinhos, caso fosse necessário, 28,0% afirmam que não, 26,3% aplica-se muito pouco e pouco e 45,7% optaram pelas três últimas seleções. Se o(a) companheiro(a) respeita e trata o parceiro com os mesmos direito, 84,5% optam por aplica-se totalmente, aplica-se muito, ordenadamente assim. Sobre interesses próprios, 79,9% dos participantes afirmam que têm seus próprios interesses.

Ao avaliarem as próprias percepções sobre a vivência conjugal, os participantes refletiram sobre: o companheiro preenche necessidades, se a vida a dois corresponde àquilo que se estava à espera, acerca da satisfação com a vida a dois e com a vida sexual. Ver tabela a seguir.

**Tabela 53: Distribuição percentual de percepções sobre a vivência dos participantes.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nada 0			Pouco 1			Em parte 2			Suficientemente 3			Muito 4			Completamente 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
251*. No presente o meu companheiro preenche as minhas necessidades	03,4	-	01,7	-	03,4	01,7	-	-	-	06,9	03,4	05,2	31,0	48,4	39,7	58,7	44,8	51,7
252. No presente a vida a dois corresponde àquilo que eu estava à espera	03,4	-	01,7	-	03,4	01,7	-	-	-	13,8	06,9	10,3	31,0	41,4	36,2	51,8	48,3	50,1
253. No presente estou satisfeita com a nossa vida a dois	03,4	-	01,7	-	03,4	01,7	-	03,4	-	03,4	03,4	03,4	24,1	27,6	25,9	69,1	65,6	67,3
254. No presente estou satisfeita com a nossa vida sexual	03,4	-	01,7	-	03,4	01,7	-	-	-	10,3	06,9	08,6	27,3	27,6	27,6	58,7	62,1	60,4
Avaliação da vida conjugal dos participantes em comparação com outros.																		
AFIRMAÇÃO	Extremamente má 0			Muito má 1			Má 2			Boa 3			Muito boa 4			Extremamente boa 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
255. Como avalia a sua vida a dois em comparação com a da maioria das outras pessoas?	03,8	03,5	03,7	-	-	-	-	-	-	07,7	03,6	05,6	15,4	17,9	16,7	73,1	75,0	74,0
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Há uma concentração de preferências pelas variáveis: suficientemente, muito e completamente. A satisfação completa com a vida a dois alcança 67,3% dos participantes. Em seguida, a satisfação sexual, o preenchimento de necessidades e a correspondência de expectativas em relação ao outro.

Comparando a avaliação feita pelo casal, de suas próprias relações com a dos outros casais, extremamente boa e muito boa corresponde à maioria: 74,0% e 16,7% na ordem.

A fim de examinar o grau de influência individual nas decisões do casal, os participantes foram indagados a responderem sobre quem decide prioritariamente: se, uma das pessoas do casal ou se, o par decide em conjunto. Além disso, foi considerada a frequência da deliberação e em que circunstâncias.

As alternativas são: eu decido sozinho(a), decidimos em conjunto ou, ele ou ela decide. Sempre, quase sempre e a maioria das vezes definem a intensidade das resoluções.

As suposições à disposição são: quem decide: sobre os amigos e familiares com quem se dão, como passam o tempo em conjunto, sobre as férias: quando, onde e o que se pode gastar, sobre a utilização a dar ao dinheiro, sobre as responsabilidades de cada um dentro do casal, quando e em que horário se exerce a atividade profissional? (turnos, ajustamentos de horário, etc.). Vide Tabela 54:

**Tabela 54: Distribuição percentual do grau de influência individual dos participantes nas decisões do casal.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	EU DECIDO SOZINHO (A)									DECIDIMOS EM CONJUNTO	ELE (A) DECIDE SOZINHO (A)										
	Sempre			Quase sempre			A maior parte das vezes				A maior parte das vezes			Quase sempre			Sempre				
Quem Decide:	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
256*. ...quais os amigos e familiares com quem se dão?	03,4	-	01,7	03,4	-	-	-	-	01,7	86,4	96,6	95,5	03,4	03,4	03,4	-	-	-	03,4	-	01,7
257. ...como passam o tempo em conjunto?	-	-	01,7	03,4	-	-	10,3	13,8	12,1	76,0	75,9	75,9	06,9	10,3	08,6	-	-	-	03,4	-	01,7
258. ...sobre as férias: quando, onde e o que se pode gastar?	03,4	06,9	01,7	03,4	-	05,2	03,4	13,8	08,6	76,0	69,0	72,5	13,8	06,9	10,3	-	03,4	-	-	-	01,7
259. ...sobre a utilização a dar ao dinheiro?	03,6	-	01,8	03,6	-	01,8	10,7	10,3	10,5	75,0	69,0	71,8	03,6	06,9	05,3	-	10,3	05,3	03,5	03,5	03,5
260. ...sobre as responsabilidades de cada um dentro do casal?	03,4	-	01,7	10,3	-	-	-	10,3	10,3	69,1	75,9	72,5	13,8	06,9	10,3	03,4	06,9	05,2	-	-	-
261. ...quando e em que horário se exerce a atividade profissional? (ex.: turnos, ajustamentos de horário, etc.)	06,9	03,4	05,2	03,4	06,9	05,2	17,2	06,4	10,3	69,1	69,0	69,0	03,4	13,8	08,6	-	03,5	-	-	-	01,7
Porcentagem total	100																				
Número de participantes	30 pais									30 mães						60 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

A opção: decidimos em conjunto, prevalece na opinião da maioria dos participantes para todas as afirmações. Segue ordem de preferência e importância: amigos: 86,4% de pais e 96,6% de mães; tempo em conjunto: 76,0% pais e 75,9% mães; férias: 76,0% e 69,0%; responsabilidades de cada um: 69,1% e 75,9%; destino do dinheiro: 75,0% e 69,0%; ajuste de horários: 69,1% e 69%.

Diante dos resultados percebe-se que há uma tendência a decisão em comum por parte da maioria dos casais estudados.

Convocados a pensar sobre os fatores que motivam conflitos nos casais participantes, perguntou-se: é motivo de conflito no casal: dinheiro/questões financeiras; organização do tempo livre; distribuição do trabalho em casa; sexualidade; profissão/trabalho; opiniões pessoais sobre política, religião, outros; questões pessoais, hábitos, interesses; relações com amigos e familiares; distribuição do trabalho relativo ao cuidado dos filhos; pontos de vista sobre educação dos filhos.

Os percentuais foram distribuídos entre as alternativas: nada conflituoso, pouco conflituoso, um pouco mais conflituoso, conflituoso, muito conflituoso, extremamente conflituoso. Vide Tabela 55.

**Tabela 55: Distribuição percentual de fatores que motivam conflitos no casal participante.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

AFIRMAÇÕES	Nada conflituoso 0			Pouco conflituoso 1			Um pouco mais conflituoso 2			Conflituoso 3			Muito conflituoso 4			Extremamente conflituoso 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
É motivo de conflito no casal:																		
262*. ...dinheiro/ questões financeiras	34,5	27,7	31,0	20,7	20,7	20,7	06,9	06,9	06,9	13,8	24,1	19,0	13,8	10,3	12,1	10,3	10,3	10,3
263. ...organização do tempo livre	20,7	20,7	20,7	17,2	10,3	13,8	06,9	24,1	15,5	44,9	27,7	36,2	10,3	17,2	13,2	-	-	-
264. ...distribuição do trabalho em casa	38,0	20,7	29,3	17,2	24,1	20,7	17,2	27,7	22,4	13,8	20,7	17,2	13,8	03,4	08,6	-	03,4	01,8
265. ...sexualidade	41,5	38,0	39,7	34,5	34,5	34,5	17,2	10,3	13,8	03,4	13,8	08,6	-	03,4	-	03,4	-	03,4
266. ...profissão/ trabalho	35,7	31,2	33,3	25,0	27,6	26,3	10,7	10,3	10,5	17,9	10,3	14,0	07,1	17,2	12,3	03,6	03,4	03,6
267. ...opiniões pessoais sobre política, religião...	51,8	60,7	56,1	31,0	17,9	24,6	06,9	14,3	10,5	06,9	03,6	03,5	03,4	-	03,5	-	03,5	01,8
268. ...questões pessoais, hábitos, interesses	34,7	27,6	31,0	31,0	27,6	29,5	17,2	17,2	17,2	10,3	10,3	10,3	03,4	13,8	08,6	03,4	03,5	03,4
269. ...relações com amigos e familiares	35,8	37,0	36,4	32,1	40,8	36,4	10,7	03,7	07,3	07,1	07,4	07,3	10,7	07,4	09,1	03,6	03,7	03,5
270. ...distribuição do trabalho relativo ao cuidado dos filhos	24,1	24,1	24,1	41,5	34,6	38,0	20,7	13,8	17,2	10,3	17,2	13,8	03,4	10,3	06,9	-	-	-
271...pontos de vista sobre educação dos filhos	31,0	34,6	32,8	38,0	24,1	31,0	03,4	10,3	06,9	20,7	17,2	19,0	06,9	06,9	06,9	-	06,9	03,4
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30						30						60					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Vale relevar que as opções foram selecionadas de forma bem distribuídas, entretanto, observa-se uma tendência a nada ou pouco conflituosa para os motivos postos.

O motivo menos conflitante com 80,0% de representação é para opiniões pessoais, em segundo lugar, 74,2% para sexualidade. Continuando na ordem: 72,8% relações entre amigos e familiares, ponto de vista educacional: 63,8%, cuidados com os filhos: 62,1%, interesses pessoais: 61,4%, profissão e trabalho: 59,6%. Aspecto importante para as conclusões desse estudo, já que remete ao conflito da conciliação entre as esferas: família e trabalho.

Apresentando percentual de 50,0% da soma nada conflituoso e pouco conflituoso, está: distribuição do trabalho de casa que alcança 39,6% de um pouco mais que conflituoso. Os motivos relacionados à distribuição de tempo livre aparecem com tendência a conflitos: 49,4% muito ou extremamente conflituoso e 34,5% nada ou pouco conflituoso. Os números apresentados agrupam pais e mães estudados.

Sobre as reações do(a) companheiro(a) durante discussões, os participantes responderam: nunca, eventualmente, algumas vezes, na metade das vezes, muitas vezes e sempre para as afirmações apresentadas na Tabela 56, a seguir:

**Tabela 56: Distribuição percentual de reações do companheiro(a) durante discussões.
Santo Antônio de Jesus (Ba), 2011**

ALTERNATIVAS	Nunca 0			Eventualmente 1			Algumas vezes 2			Na metade das vezes 3			Muitas Vezes 4			Sempre 5		
	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total	Pai	Mãe	Total
Como reage o seu companheiro quando discutem:																		
272*. ...esforça-se para conversar calmamente sobre o assunto	03,5	06,9	05,2	06,9	13,8	10,3	03,4	24,1	13,8	24,1	06,9	15,5	38,0	17,2	27,6	24,1	31,1	27,6
273. ...chega a ofender-me	37,9	45,0	41,5	45,0	31,0	37,9	03,4	13,8	08,6	10,3	03,4	06,9	-	03,4	01,7	03,4	03,4	03,4
274. ...não muda de assunto nem traz outros problemas para a discussão	24,1	17,2	20,7	24,1	24,1	24,2	17,2	24,1	20,7	07,0	10,3	08,6	13,8	07,1	10,3	13,8	17,2	15,5
275. ...fica calado	34,6	17,2	26,0	20,7	24,1	22,4	24,1	24,1	24,1	13,8	07,0	10,3	03,4	13,8	08,6	03,4	13,8	08,6
276. ...explode e liberta a sua raiva	35,7	31,0	33,3	32,1	34,7	33,3	10,7	24,1	17,5	14,3	03,4	08,8	03,6	03,4	03,6	03,6	03,4	03,5
277. ...a partir de certo ponto, recusa-se a falar	21,4	13,8	17,5	21,4	24,1	22,8	35,7	31,1	33,3	14,3	17,2	15,8	03,6	06,9	05,3	03,6	06,9	05,3
278. ...descontrola-se e diz coisas de que se arrepende depois	35,7	31,1	33,3	35,7	31,1	33,3	03,6	24,1	14,0	10,7	03,4	07,0	03,6	03,4	03,6	10,7	06,9	08,8
279. ... procura uma solução aceitável para os dois	11,1	-	05,3	07,4	13,8	10,7	14,8	20,7	17,9	18,5	10,3	14,3	22,2	24,1	23,2	26,0	31,1	28,2
280. ...passado um tempo deixa de ouvir-me	33,3	27,6	30,4	40,8	34,6	37,5	11,7	10,3	10,7	07,4	10,3	08,9	-	10,3	05,4	07,4	06,9	07,1
281. ...diz coisas que me magoam	39,4	27,6	33,3	21,4	41,4	31,6	10,7	13,8	12,3	10,7	06,9	08,8	10,7	06,9	08,8	07,1	03,4	05,2
282. ...vai embora e mostra-se desinteressado	60,7	58,7	59,7	17,9	13,8	15,8	07,1	06,9	07,0	03,6	03,4	03,5	10,7	17,2	14,0	-	-	-
283. ...tenta chegar a um acordo	03,6	03,4	03,5	10,7	06,9	08,8	10,7	24,1	17,5	07,1	17,2	12,3	32,1	13,8	22,8	35,8	34,6	35,1
Porcentagem total	100																	
Número de participantes	30 pais						30 mães						30 genitores					

* As numerações que antecedem as afirmativas referem-se ao número da questão que consta no instrumento de pesquisa.

Sobre “esforça-se para conversar calmamente sobre o assunto” a soma entre as opções muitas vezes e sempre reúne: 55,2% dos participantes, os outros estão distribuídos entre as demais seleções. Sobre possíveis ofensas, nunca e eventualmente somam: 79,4% do todo.

As variáveis nunca e eventualmente, são tendências para as afirmativas 274, 275 e 276 da Tabela 56. Adicionando os dois índices maiores, obtém a preferência, o que não significa números salientes. Há uma pulverização de opiniões.

Quando a opção é: “a partir de certo ponto, recusa-se a falar sobre o assunto”, 40,3% optam por nunca e eventualmente e 49,1% por algumas ou metade das vezes, portanto, certa tendência a calar sem solucionar a questão.

Para “descontrola-se e diz coisas que mais tarde se arrepende”, 66,6% optam por nunca ou eventualmente. Procura uma solução aceitável para os dois: 51,4% selecionaram muitas vezes e sempre. Quanto à: “deixa de ouvir, diz coisas que magoam ou vão-se embora”, 67,9%, 64,39% e 75,5% preferencialmente escolheu nunca ou eventualmente.

Sobre “chegar a um acordo”, 57,9% muitas vezes ou sempre chegam a isso.

Em vista dos dados da tabela em questão, as reações que dividiram mais opiniões são relativas à capacidade de dialogar, já que mudar de assunto, ficar calado e recusar a falar obtiveram os menores percentuais nas alternativas: nunca ou eventualmente. A dificuldade pode implicar em menor disposição para fazer acordos.

No geral, as reações são satisfatórias promovendo maior capacidade de conciliação entre o casal, consequente divisão de tarefas e aproximação entre trabalho e família.

Para finalizar a coleta de dados, uma questão aberta foi formulada a fim de que os pais livremente pudessem tecer comentários sobre o preenchimento do questionário. Alguns o fizeram e disponibilizaram outras sugestões:

A presente pesquisa e projeto é de bastante relevância para as famílias que passam por momentos de mudanças. Hoje observa-se que com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as famílias tendem a desestruturar-se mais do que nos tempos passados, quando se contava com a presença constante das mães nos lares para educar e acompanhar mais de perto, os seus filhos. Faz-se necessário que as mulheres tenham consciência do seu importante papel na educação de seus filhos e que valorize e dedique as suas horas vagas no ensino e acompanhamento dos mesmos, contribuindo assim para uma sociedade de pessoas, aptas para sempre fazer o bem e ajudar o seu próximo. (Pai WS participante do estudo).

O depoimento do pai revela apreço e admiração pelo papel que a mulher vem desempenhando frente à família, especialmente no cuidado com os filhos, entretanto, acredita que a inserção da mulher no mercado é fator desestruturante da família. A afirmação também pressupõe que a tarefa de cuidar é obrigação materna. O uso do pronome possessivo seu, no depoimento, aponta para as mães como responsáveis absolutas pela educação do filho.

Outra opinião sobre o instrumento em especial, salienta:

As questões postas merecem um tempo para reflexão. Portanto, o questionário foi cansativo. Propõe que a análise seja de um aspecto apenas, fragmentando o tema para vários trabalhos e análises. Uma vertente analisada promoveria maior fidelidade, mais profundidade, e maior participação. Aumentar a amostra e subsidiar/embasar melhor o estudo. Mas o tema: relação x filhos é por demais oportuno e importantíssimo para os tão "loucos e corridos tempos atuais". (Pai LS participante do estudo).

Quanto à segunda fala, ela reflete a sensação de alguns pais e mães ao preencherem o instrumento: extenso, difícil. O fato é que responder sobre a relação trabalho e família é um objeto complexo. A experiência familiar constitui-se das relações parentais e conjugais. Estas por sua vez, estão impregnadas das vivências pessoais na esfera do público, especialmente do trabalho. Neste sentido, a discussão do tema, ancora conceitos, demanda tempo e requer habilidade de articulação.

Outras experiências afirmaram: “Achei muito interessante, me fez rever e corrigir muitas coisas”, “guardo resultado dessa pesquisa, as questões são muito importantes para a reflexão do casal e, com certeza, o resultado vai impulsionar um novo sentido para a relação das famílias”; “apreciei participar, as questões são muito pertinentes à reflexão. Inclusive reavaliei alguns pontos da dinâmica familiar que precisam ser repensadas, junto com meu marido”; “comentar sobre vida a dois é sempre um assunto delicado nem todos gostam de falar, mas para nossa família saber e ter a certeza que vivemos bem é muito gratificante porque temos a certeza que Deus está em primeiro lugar em tudo. Agradecemos também, pois perguntas como essas nos faz refletir a cada segundo: como é bom ser família”; “gostaria de conhecer o resultado desta pesquisa”. (mães participantes do estudo).

Acredita-se que os comentários disponíveis tenham sido contemplados nas falas anteriores. Os participantes apontam a importância de discutir o tema, já que o debate motiva a reflexão e até promove mudança de atitude.

5 DISCUSSÃO

A discussão de resultados desse estudo priorizará os objetivos gerais e específicos propostos, já que os dados disponíveis foram analisados anteriormente, evitando redundâncias e focando nas respostas necessárias para sua conclusão.

O objetivo maior da pesquisa: identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional, motivou a investigação de aspectos específicos que circulam em torno da questão e que se analisados de maneira particular, podem contribuir para com o resultado final do estudo.

A relação trabalho e família, interações e implicações, por exemplo, foi estudada a partir do seguinte objetivo específico: identificar as influências da atividade profissional na vida familiar e vice-versa.

A vida familiar foi investigada por amostra. O conjunto das famílias estudadas apresentou o seguinte perfil: os participantes convivem juntos e têm filhos pequenos, entre dois e cinco anos. O tempo de convivência variou de dois a 20 anos, sendo 76,8% de casais com seis a 15 anos de vida em comum. São casados, 87,7%.

Moram na residência do casal, três ou quatro pessoas. Há um predomínio do modelo nuclear: pai, mãe e filhos, na quase totalidade: 98,4%. Deste percentual, 41,3% diz que a funcionária doméstica reside com a família. Os pais consideram mais a presença dessa funcionária que as mães: 46,2% dos pais e 36,3% das mães.

A maioria 83,3% tem um ou dois filhos e 90,2% da prole, vive a maior parte do tempo com os pais.

Quanto à escolaridade, as mães alcançaram maior nível escolar que os pais. São 46,7% Pós-Graduadas, 33,3% Graduadas e 20,0% têm Ensino Médio. Os pais são 33,0% com Pós-Graduação, 16,7 possuem nível Superior e 50,0% concluíram o Ensino Médio.

Quanto ao pertencimento a uma igreja ou comunidade religiosa, 68,3% declaram ser católicos.

Sobre as influências da atividade profissional na vida familiar e vice-versa, este estudo, orientado pela literatura, entende que família e trabalho são esferas

importantes para realização humana. Elas são cobiçadas e tornam-se fonte de concretização pessoal e social.

O estudo sobre as possíveis interações entre essas esferas distingue percepções, edificadas ao longo da história e vividas pelas pessoas enquanto trabalham e vivem em família.

Os modelos de interações família/trabalho estão na pauta dos estudos e precisam de dados empíricos. Afirmam Edwards e Rothbard (2000) que há um consenso entre estudiosos sobre duas formas primordiais de relação entre as esferas. A primeira realça o impacto do trabalho sobre a família e, a segunda, o impacto da família sobre o trabalho (FRONE; RUSSELL; COOPER, 1992; KELLOWAY; GOTTLIEB; BARHAM, 1999).

Quanto aos dados aos quais se referem os autores, a relação família e trabalho, nas famílias estudadas, revela as características profissionais dos participantes como fonte de análise e especificação dos modelos de interações vividos.

Sobre os setores de atuação profissional dos participantes: 30,0% trabalham no setor público, 30,0% no privado, 28,3% aparecem como autônomos. As mães, 33,3% estão no setor público e 33,3% no setor privado. Apenas 20,0% são autônomas enquanto 36,7% dos pais estão nessa condição laboral.

Segundo Fontes, Machado e Sorj (2007), o serviço público nos dias atuais tem favorecido às mulheres. Isto porque o acesso a ele, se dá via concurso e as mulheres são as candidatas com maior nível de escolaridade, o que foi evidenciado também neste estudo. O outro motivo é que as chefias nos setores públicos são mais condescendentes com as necessidades da mulher mãe, esposa e profissional, o que motiva o ingresso delas neste setor de trabalho. Além disso, o concurso público dificulta a discriminação sexual e o setor público abarca uma significativa gama de ocupações que foram tipificadas como “próprias para mulheres”, como por exemplo: os serviços educacionais, de saúde, entre outros.

A concentração dos participantes e profissionais está na área de Administração, 63,6% do total. A maioria dos pais são administradores: 33,9%. As mães 37,3% pertencem área de educação.

Quanto ao ganho salarial mensal, o que se verifica é que, apesar do maior nível de escolaridade, as remunerações das mães são mais baixas. Enquanto apenas 10,0% dos pais recebem até três salários mínimos, 33,3% das mães recebem o

mesmo valor. São 26,7% de pais que recebem mais de nove salários para 13,3% de mães.

A diferença de percentual relativa à remuneração entre homens e mulheres é uma constatação na literatura. Rocha-Coutinho (2000, p.81), escreve: “É possível que as normas que regem as relações de trabalho feminino estimulem a prática desigual de interesses. Isto porque os salários oferecidos às mulheres e o acesso limitado de ocupação do mercado por elas, é uma realidade importante”.

Nicholson (1987), sobre trabalho e aspectos da realidade brasileira, retrata o paradoxo instalado em uma nova ordem social onde a mulher encontra-se inserida no mercado de trabalho, porém não há mudanças de valores e de normas na gestão da vida familiar e do trabalho.

No que se refere à realização profissional, 66,4% dos participantes dizem estar muito ou totalmente realizados. Eles alimentam expectativa de evolução profissional, sendo que nos pais, isto é mais intenso. Pais e mães acreditam poder colocar em prática capacidades e habilidades pessoais enquanto trabalham.

Sobre isso, Hackman e Oldhan (1975), defendem que um trabalho realizador é importante para promover a satisfação desejada. Ele garante a possibilidade de uso de competências múltiplas, gerando identificação. Ainda, deve gerar um retorno no que se refere ao desempenho de atividades e ajustes necessários à performance do indivíduo.

Na perspectiva da valorização do trabalho, Borges e Yamamoto (2004), entende-o como possibilidade de aplicação das capacidades humanas por meio do empenho, portanto, de alta centralidade na vida.

Quanto à afirmativa: no final de um dia, sinto-me exausto(a), 64,3% dos pais e 60,0% das mães, tendem a concordar. A soma das alternativas: aplica-se, aplica-se muito e aplica-se totalmente, revelam o cansaço decorrente do trabalho diário, em ambos. O dado remete a reflexão anterior sobre a drenagem de recursos na relação família e trabalho (EDWARDS; ROTHBARD, 2000; FRONE, 2003).

Sobre os elementos estressores relativos ao trabalho, o ambiente aparece como fator que atinge mais os pais que as mães: 26,7% dos pais na metade das vezes e 23,3% das mães, eventualmente.

Outro componente avaliado foi o trabalho caracterizado como cansativo. Os pais consideraram um pouco mais cansativo o trabalho que realizam, que as mães.

São 33,3% deles, afetados muitas vezes. As mães, 30,0% sentem-se afetadas muitas vezes ou algumas vezes.

Comparando os dados desta pesquisa com o estudo realizado por Rocha, Almeida, Silva e Cezar-Vaz (2011), em artigo publicado sobre influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar, verifica-se uma aproximação nos resultados que salientam o cansaço físico e mental relacionado ao trabalho, influenciando nas tarefas familiares e causando desânimo e irritabilidade. Os homens apresentaram maior preocupação com o pouco tempo disponível em família em razão da profissão, asseguram as autoras, o que também é encontrado nesta dissertação.

No que se refere à remuneração indevida, 21,7% dos genitores sentem-se muitas vezes afetados. Os pais, 23,3%, dizem sentirem-se afetados algumas vezes, as mães, 23,3% sempre. Os índices são, portanto, coerentes com os resultados sobre faixa de rendimento mensal, apresentados anteriormente, bem como, sobre a remuneração feminina.

Sobre ameaça de perda do emprego, 69,5% do total, nunca se sente ameaçado. São 65,5% de pais e 73,3% de mães. Vale salientar que 30,0% da amostra trabalham no setor público, o que garante uma maior sensação de estabilidade no contexto brasileiro. Entre as mães, 33,3% são funcionárias públicas. O que também já foi ventilado e discutido antes.

Acerca das implicações imbricadas na relação trabalho e família, um percentual de 53,3% de pais e mães confia na possibilidade de distribuir os turnos do dia, entre trabalho e família, caso exista uma demanda familiar. A propósito, 61,7% dos genitores acreditam conseguir flexibilizar os horários de trabalho. Entretanto, as possibilidades de acordos para mães são menores que para os pais. São 70,0% de pais mais disponíveis, e 53,3% de mães. Vale lembrar que boa parte delas trabalha na Educação, o que pode implicar em horários específicos para aulas, entre outras atividades.

A propósito de possibilidades de dispensa, verifica-se que 86,7%, das mães, confirmam poder obtê-la. Apesar de menor flexibilidade no trabalho, elas são afirmativas no que diz respeito à concessão. Em porcentagem menor do que a delas, 70,0% dos pais acham que podem ser dispensados.

Rocha-Coutinho (2009), em pesquisa realizada com mulheres, constata que para atender os filhos, as mulheres são capazes de afastarem-se da carreira profissional. A autora conclui que o nascimento dos filhos de executivas com alto grau

de investimento na carreira, fez com que elas, oscilassem no momento de voltar ao trabalho.

A esse respeito, pais e mães pesquisados afirmam não sofrerem prejuízos na profissão por conta das obrigações familiares: 57,6% do total, 62,1% dos pais e 53,3% das mães, mas cabe destacar que elas, mais do que eles afirmam sofrer prejuízos.

Acerca dos apoios disponíveis pelo empregador, 73,3% dos consultados disseram não obtê-los. Desse total, 80,0% são pais e 66,7% mães. Os dados legitimam informações coletadas na revisão de literatura sobre a carência de políticas destinadas ao apoio e suporte familiar, especialmente os destinados para os homens/pais.

Petrini (2003) argumenta a favor da família quando afirma: a vida familiar para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos. Portanto, o apoio às famílias é uma carência para os participantes.

De acordo com Vêras (2003), vive-se no País em que a estrutura de poder vigente é focada em um modelo econômico que gera crescente riqueza para poucos, que garante e privilegia o crescimento da economia, sem uma política de renda justa e de atendimento às necessidades básicas do cidadão.

Guimarães e Almeida (2003) escrevem sobre a necessidade de adentrar na convivência cotidiana das famílias, conhecê-las para melhorar as relações familiares, fortalecendo a rede que elas constituem.

Apesar disso, a respeito das formas de apoio para assistência aos filhos, à compreensão dos chefes em relação às pendências familiares e à compreensão advinda do emprego em geral, a tendência dos participantes é de sentirem-se apoiados, entretanto, as mães demonstram maior satisfação que os pais, comparadas a eles.

Sobre a influência da profissão na vida familiar: a atividade profissional deixa os pais mais cansados para realizarem atividades em casa, que as mães. São: 46,7% dos pais e 43,3% das mães.

Quanto ao uso de capacidades profissionais nas tarefas de casa, verifica-se que ela tende a usar mais as habilidades profissionais em casa, que os pais. No que se refere à disponibilidade para as atividades de casa em proporção às profissionais, nota-se que as mães dedicam mais tempo que os pais. Após um dia estressante de trabalho, os pais sentem-se irritados: muitas vezes ou na metade das vezes.

Do mesmo modo, pesquisas atuais indicam que o trabalho doméstico continua sendo executado pelas mulheres, mesmo quando elas participam ativamente na economia familiar (IBGE, 2006; 2008; MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2008; SOARES; SABÓIA, 2007).

Araújo e Escalon (2005) escrevem que os homens são coadjuvantes das mulheres nas atividades domésticas.

A propósito da permanência de preocupações profissionais mesmo depois do expediente de trabalho, os pais conseguem dispersar melhor as preocupações que as mães.

As interações entre trabalho e família constituem-se num importante conflito entre papéis profissionais e familiares. Apesar de tudo isso, não é possível negar que os relacionamentos passam por tensas e rápidas mudanças e as decisões na família resultam cada vez mais de negociações, pontua Goldani (1993).

Polasky e Holahan (1998) justificam que a literatura demonstra o quanto é importante para a saúde e bem-estar do indivíduo, desempenhar-se nos diversos papéis dentro e fora de casa. Tais atividades aumentam a auto-estima e oferecem maiores oportunidades de apoio social.

Os resultados sobre as influências da vida familiar na atividade profissional indicam que a vida em família ressoa positivamente sobre as atividades profissionais. O afeto e confiança recebidos promovem autoconfiança para 60,0% dos participantes. O diálogo com o companheiro auxilia na resolução de problemas profissionais, na opinião de 56,7% dos respondentes. Portanto, a repercussão adversa das atividades familiares no trabalho, é mínima. Ainda assim, os dados indicam a presença de alguma preocupação familiar durante a jornada de trabalho, chega-se a: 61,7% de concordância dos participantes. Diante do exposto, existe um conflito em torno da conciliação entre as esferas ao mesmo tempo em que prevalece a necessidade de minimizá-lo para atender expectativas profissionais, individuais e familiares.

O próximo objetivo específico perseguido neste estudo buscou verificar como se dá a divisão de tarefas nas famílias dos participantes em termos de trabalho: (a) doméstico, (b) de manutenção/reparação e (c) relativo ao cuidado com os filhos. Além disso, verificou como os participantes comparam a divisão de tarefas em suas famílias com a praticada por outros casais. Ainda, qual a divisão desejada por eles.

A análise de dados referentes à divisão de tarefas destacam informações sobre quem faz o quê, o número de tarefas feitas, e como se organiza a divisão dos trabalhos, considerando os sete dias da semana.

Quanto a quantidade de tarefas domésticas, os números indicam que os participantes e seus companheiros ocupam-se muito pouco ou pouco delas, enquanto as outras pessoas realizam a maioria ou tudo, nesta ordem. Sobre o trabalho de manutenção/reparação, verifica-se que os pais fazem a maioria ou tudo, enquanto as mulheres fazem muito pouco ou pouco. Aqui cabe lembrar que, no Nordeste do Brasil, é bastante comum que as famílias tenham uma funcionária em suas residências, o que diminui a quantidade de tarefas domésticas a serem realizadas pelos familiares.

Acerca dos cuidados com os filhos, os participantes respondem que fazem a metade, 32,2% ou a maioria, 28,8%. As mães, a maioria das tarefas: 46,6% ou tudo: 26,7%. Os pais, a metade: 48,4% ou pouco, 24,1%.

Lamb (1987) explica que para cada hora de envoltura ativa gasta pelo pai com os filhos, correspondem outras três a cinco horas a encargo da mãe. Além da quantidade de tempo destinado por ela, vale destacar que os tipos de tarefas realizadas pela mulher são: banho, vestimenta, alimentação, higiene, outras, enquanto os pais ocupam-se em atividades relativas ao brincar.

Quanto à percepção relativa a tarefa feita pelo(a) companheiro(a), as mães sinalizam que o companheiro realiza a metade dos cuidados. Já os pais, 43,4%, indicam que a companheira faz tudo, 30,0% faz a maioria e 23,3% a metade.

Esses resultados também são registrados por Davis e Greenstein (2004). Ao apurarem dados de estudos sobre a questão, identificaram que os homens subestimam a própria contribuição nas tarefas domésticas, diferindo da avaliação das mulheres sobre elas mesmas.

Sobre as outras pessoas envolvidas com essa tarefa de cuidado com os filhos, os pais atribuem às outras pessoas, a maioria (38,0%) ou metade dos cuidados (20,7%). As mães também, num percentual menor, já que elas acreditam realizar a metade deles.

Ao avaliar a divisão de tarefas na família, os participantes declaram que a distribuição conjunta de afazeres domésticos e de manutenção/reparação é bastante justa ou um pouco justa. São realizadas pelo casal na opinião dos pais (46,4%) e das mães (51,7%). A alternativa eu próprio(a) para a mesma pergunta, foi assinalada por 14,3% dos pais e 34,5% das mães. A opção, o(a) companheiro(a) agrupou: 39,3%

dos pais e 13,8% das mães. Em síntese, as mães arcam com a maior parte dessas tarefas.

Relativo aos cuidados com os filhos, os participantes concordam que a divisão é um pouco justa: 36,7%. A opção, eu próprio(a) foi escolhida por 10,0% dos pais e 58,6% das mães. O(a) companheiro(a) por 50,0% dos pais e 06,9% das mães. Os dois, por 40,0% dos pais e 34,5% das mães. Agrupando todas as tarefas, obteve-se: as mães realizam 58,6% das tarefas e os pais 39,3%. Ou seja, as mães concentram o maior número atividades familiares.

Reafirmando, Jablonski (2007) salienta que ao comparar atividades domésticas e cuidados com os filhos, a participação masculina em relação às funções parentais é maior que nas atividades de casa. Entretanto, a atuação do pai é predominantemente complementar à da mãe. Há exceções, nos casos em que o homem tem horários de trabalho mais flexíveis que a mulher.

Sobre essa sobrecarga, escreve Diniz (1999), falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas, na administração da casa e na educação e cuidado dos filhos são fatores geradores de estresse na esfera familiar, vividos especialmente pelas mães. As características que marcam o trabalho feminino como: a desigualdade de salários com os homens, diferenças de acesso à promoção, à realização e ao investimento profissionais são fatores geradores de estresse na profissão.

Quanto ao trabalho profissional, 73,4% dos participantes trabalham em tempo integral dividido em dois turnos ou 18,3% em três turnos. São 36 a 42 horas de jornada semanal e de zero a quatro horas livres.

A configuração da jornada de trabalho: pais: 73,3% dois turnos e 20,0% três turnos; mães: 70,0% dois turnos e 16,7% um ou três turnos, indica que as duas pessoas dos casais, trabalham em tempo integral.

Segundo Diniz (1996), esses podem ser categorizados em três grupos: os casais de duplo trabalho, os de dupla carreira e os mistos. Duplo trabalho corresponde à configuração em que as atividades executadas por ambos, não exigem alto grau de instrução tão pouco, pressupõe progressão e durabilidade. Isto é pouco provável diante dos dados relativos a escolaridade.

Dupla carreira seriam aqueles que ocupam posições que exigem alto investimento e constante trabalho de capacitação. Segundo Gilbert e Rachlin (1987), esses estariam em frequente zona de conflito gerada pela exigência da carreira, estilo de vida acelerado e em progressão.

Os casais ditos mistos agregam as duas formas de ocupação onde um pode ser profissional de carreira e outro de trabalho. Essa denominação parece ser a que melhor caracteriza os casais da amostra. Uma das hipóteses é que os dados coletados não sinalizam conflitos elevados entre os participantes e seus pares.

Finalmente, apesar da carga horária de aproximadamente oito horas diurnas em atividades profissionais e poucas horas livres, o cuidado com os filhos é a tarefa mais realizadora para os pais, estimula sensações de satisfação, mas carece da disponibilidade de pessoas para compartilhar atribuições.

Quanto ao objetivo: caracterizar a relação dos participantes com os seus filhos em termos de facilidades, dificuldades e apoios recebidos no cuidado e educação deles; os resultados indicam que pais: 66,7% e mães: 58,7% tendem a reagir de forma mais implicante do que de costume diante de dificuldades como: estresse, malcriação, maus comportamentos, outros.

Os pais mostram ser menos implicantes que as mães e elas, 76,6%, dizem falar em voz alta ou gritar com os filhos quando são malcriados ou se comportam mal. Os pais também tendem à mesma reação, embora em quantidade menor. Depois de surgirem problemas com os filhos, os pais, 80,0% manifestam disposição de espírito a voltarem rapidamente ao normal. As mães: 70,0%. Elas parecem mais ressentidas.

Para a ocasião de malcriação dos filhos ou mau comportamento, os pais e mães juntos tendem a nunca castigá-los fisicamente: 84,7% do total de participantes. Da mesma forma, eles também tendem a não perderem o controle: 80,0% (pais), 76,6% (mães), 78,3% (todos).

Sobre a vida familiar em casa, nos últimos 12 meses, os participantes refletiram sobre dificuldades de entendimento uns com os outros, problemas com a distribuição de tarefas em casa, falta de tempo para relaxar, problemas com o comportamento de um ou mais filhos.

No que se refere à falta de compreensão, os participantes tendem a entenderem-se, a respeito da distribuição de tarefas em casa, pais e mães quase não se sentem sobrecarregados por esse motivo. Eventualmente foi a seleção de maior aderência. A escassez do tempo aparece como fator de maior dificuldade.

Greenhaus e Beutell (1985), em estudo sobre o conflito trabalho-família identificam três possíveis fontes de conflito. O primeiro deles baseia-se no tempo, pois o indivíduo tem muitas tarefas para executar num único tempo ou tempo reduzido. Ainda, as tarefas oriundas das duas esferas divergem e não podem ser atendidos em

pares. Essas pressões são evidenciadas por uma dificuldade física de cumprir as expectativas nos dois campos, ou ainda, são tensões que permanecem presentes mesmo quando o indivíduo está fisicamente ausente atendendo ao outro domínio. De acordo com McMillan, Morris e Atchley (2011), este é o tipo de conflito mais comum.

Harvey (2004), acrescenta: o que se verifica na atualidade é uma intensa compressão, tempo-espaço, ou aceleração do ritmo de vida, que por sua vez causa um impacto desorientador e destrutivo sobre as práticas políticas, sociais e econômicas, bem como, sobre a vida social e cultural. São movimentos e mudanças que atingem, de forma diferenciada e desigual, os diversos extratos da sociedade, gerando, também, distintos efeitos nas relações sociais.

A respeito da personalidade dos filhos em análise, pode-se supor que as crianças não promovem preocupações exageradas ou inserem-se em problemáticas inconciliáveis, entretanto, a existência de um filho pressupõe cuidados e inquietações inerentes a tarefa educativa. Sobre o relacionamento com eles, verifica-se que é harmoniosa e que apesar dos aborrecimentos com as mães serem mais frequentes, elas tendem a envolver-se mais emocionalmente, com os filhos.

Acerca de problemas com os filhos, os pais apontam: 63,4% de tendência a problemas para o primeiro filho e 68,4% para o segundo. Na opinião das mães, 53,6% representam o primeiro filho e 71,4% o segundo. Os pais tendem a terem dois filhos.

Sobre redes sociais de apoios usadas pelos genitores, eles disseram sim para: babá: 77,5%, avós: 68,2%, amigos: 75,0%, vizinhos 74,4% e outros familiares 69,2%. Os outros familiares: 28% de tios, 10,0% irmãos e 03,2% sobrinhos. Pagam pelos serviços da babá: 88,1%.

Rede social, segundo Lewis (1987, p. 443-444), “é um sistema composto por objetos sociais: pessoas, suas funções e situações que oferecem apoio instrumental e emocional à pessoa, em suas diferentes necessidades”.

A família abarca vários subsistemas a exemplo das relações pai-mãe, irmão-irmão, genitores-filhos, que em constante interação, influenciam e são influenciados uns pelos outros (DESSEN, 1994, 1997; FEIRING; LEWIS, 1978; MINUCHIN, 1985, 1988; TROST, 1995). A dinâmica de funcionamento interno da família está vinculada a outros sistemas fora dela. A escola, o trabalho, os vizinhos, as comunidades e toda a rede social, impactam sobre os intercâmbios entre os sujeitos e influenciam o desenvolvimento dos membros familiares.

Diante de tal concepção, Bronfenbrenner (1996) defende a necessidade de estudar a interdependência e a mútua influência dos processos intra e extrafamiliares no cotidiano das relações em família.

Sendo assim, a Educação Infantil, em um turno, é o apoio externo mais utilizado: 87,8% e a maior parte dos participantes paga por esse serviço educacional. Apenas 11,0% usam dois turnos. Os participantes disseram usar as atividades alternativas (85,0%) e os parques e praças (54,5%). Pagam pelo apoio 82,9% e 23,5% respectivamente.

No que diz respeito à pessoa dos genitores diretamente, os apoios mais disponíveis são aqueles oferecidos pela escola como serviços de orientação educacional. Os participantes acrescentaram que desejariam ter: mais apoio no trabalho, colônia de férias, curso de férias e pediatras.

Sintetizando, as babás e a Educação Infantil são apoios disponíveis e usados pelos genitores, há ressalvas quanto à confiança na babá. Sobre instituição de Educação Infantil, os pais consideram o benefício importante para o desenvolvimento dos filhos.

Tais dados indicam a preocupação dos adultos com a educação dos filhos, refletida por Moreira e Carvalho (2008). Segundo as autoras, os pais e as mães sentem-se protagonistas da educação da prole.

Quanto ao tempo de apoio, os índices variaram mediante idade dos filhos. O segundo filho aparece mais ou menos apoiado pelas babás. Elas prioritariamente constituem-se no apoio permanente dos pais para atender qualquer necessidade. Quanto ao apoio de instituições, os números apontam 85,4% do primeiro, 53,1% do segundo recebem esse apoio, de 1 até 5 horas, por dia.

Caracterizar a relação dos participantes com seus companheiros, identificando influências do trabalho na relação e descrever possíveis estratégias adotadas pelos participantes para conciliar família e trabalho são os objetivos seguintes do percurso percorrido.

Contemplado o conjunto de informações disponíveis, vale ressaltar que entre as estratégias de conciliação usadas pelos pais e mães, redução de trabalho, artifícios dirigidos a atividades profissionais, e apoios são fatores destacados pelos participantes como estratégias de conciliação.

Sobre a relação de apoio entre pais e mães, os participantes foram assertivos ao preferirem a opção muita importância para: coordenarem o tempo,

serem claros e precisos na divisão de tarefas, cumprirem acordos, serem diretos na manifestação do descontentamento/insatisfação, solucionarem os conflitos de modo construtivo, apoiarem-se mutuamente, reconhecerem mutuamente o trabalho um do outro, e quando necessário, assumirem as tarefas do outro. Não se esquivarem de tarefas desagradáveis ou enfadonhas, agregam percentuais altos de escolha dos participantes.

Na ordem de muita importância aferida, podem-se enumerar: apoio mútuo, reconhecimento pelo trabalho do outro, coordenação do tempo, troca de tarefas, direito de manifestar insatisfação, outros. Vale destacar que os percentuais aferidos pelas mães nesta coluna, são de maior valor que os dos pais.

Entre os apoios internos, constitutivos da própria família, os pais são considerados os mais importantes no cuidado aos filhos, afirmam as mulheres. Neste sentido, o pai aparece mais uma vez, como coadjuvantes das mães. Em segundo lugar, as avós maternas são as preferidas. O apoio dos amigos e de outros membros familiares, como pai, sogro e sogra, é considerado como menos importante (BELSKY, 1981; BRONFENBRENNER, 1986; LEVITT; WEBER; CLARK, 1986).

Foram também avaliadas as carências no campo profissional, os participantes decidiram sobre os aspectos da relação conjugal a serem melhorados para a conciliação da vida familiar e profissional. Os aspectos listados são idênticos aos anteriores, sobre as quais os participantes disseram ter muita importância. Nesta fase, vale verificar o que os pais e mães acreditam ter conquistado como casal.

Após adicionar os percentuais apresentados pelos pais, sobre esses recortes, verifica-se que o único aspecto em que a maioria deles, separadamente, acredita que não deve ser melhorado é relativo a tarefas enfadonhas. Pensam que podem manter esquivando-se delas são 44,8% dos pais. Eles desejam mais melhorias que elas nas afirmações: manifestar sentimentos de insatisfação e solucionar conflitos de forma construtiva.

Entre as carências no âmbito das políticas familiares, os pais destacaram: subsídios do estado para os locais de acompanhamento de crianças. Os pais e mães tendem a concordar totalmente. Pais: 41,4% e mães: 44,8%.

Estimulados a indicar entre os quatro domínios apresentados: campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade, qual deles carece de maiores mudanças, os pais decidiram: sociedade, políticas familiares, profissão e vida

comum. As mães ordenaram: vida familiar, profissão e sociedade juntas, em segundo lugar e políticas.

Sobre as condições sociais que favorecem a conciliação da vida familiar e profissional, os aspectos avaliados foram: maior tolerância para com famílias, eliminação do preconceito associado aos homens que exercem o seu direito à “licença paternidade”, reconhecer a importância de ter filhos para que existam no futuro pessoas que trabalhem e assegurem o bem-estar da sociedade, reconhecimento das vantagens econômicas das mães trabalhadoras.

Sendo assim, Petrini (2004) afirma que algumas mudanças são irrenunciáveis conquistas porque ampliam a liberdade, estimulam relações igualitárias, respondem exigências pessoais e humanas.

O último objetivo específico ambicionou identificar possíveis diferenças entre as concepções e práticas sobre a relação família-trabalho apresentadas por pais e mães. Neste sentido a vida comum pode ser concebida como vetor importante para a conciliação trabalho e família na relação nuclear.

Neste contexto, genitores com filhos pequenos estão expostos a tarefas domésticas, de manutenção e reparação da casa, cuidados com os filhos, tarefas profissionais e vivem a conjugalidade no cotidiano. Portanto, a configuração dessa relação pode sinalizar estratégias usadas pelos cônjuges para promover a conciliação desejada e investigada no estudo.

Sobre como se dá a conformação do casal, as experiências vivenciadas, decisões comuns, conflitos, atitudes e reações, os participantes desenharam o funcionamento de suas vidas juntos, a partir das questões propostas.

Acerca dos aspectos: influência recíproca na vida um do outro, conservação da personalidade individual e afeto mútuo, os participantes convergem. As seleções: aplica-se, aplica-se muito, aplica-se totalmente alcançam o percentual total de: 86,0%, 74,2% e 87,7% respectivamente.

Quando decisões particulares, os participantes tendem mais a decisões conjuntas, acreditam na contribuição da vida a dois, como fator de conciliação. Crêem na importância da vida conjugal, respeitam e tratam o parceiro com os mesmos direitos, 84,5% e afirmam ter interesses próprios: 79,9%.

Ao avaliar as próprias percepções sobre a vivência conjugal, decidem que suficientemente, muito e completamente o companheiro preenche necessidades, a vida a dois corresponde àquilo que se estava à espera, estão satisfeitos com a vida a

dois e com a vida sexual. A satisfação completa com a vida a dois alcança 67,3% dos participantes. Em seguida a satisfação sexual, o preenchimento de necessidades e a correspondência de expectativas em relação ao outro.

Comparando a avaliação feita pelo casal, de suas próprias relações com a dos outros casais, extremamente boa e muito boa corresponde à maioria: 74,0% e 16,7 na ordem.

Sobre tomar as decisões, “decidimos em conjunto” prevalece na opinião da maioria. Segue ordem de preferência e importância: amigos: 86,4% de pais e 96,6% de mães; tempo em conjunto: 76,0% pais e 75,9% mães; férias: 76,0% e 69,0%; responsabilidades de cada um: 69,1% e 75,9%; destino do dinheiro: 75,0% e 69,0%; ajuste de horários: 69,1% e 69,0%.

Diante dos resultados percebe-se que há uma tendência a decisão em comum por parte da maioria dos casais estudados.

Sobre conflitos na relação casal, o motivo menos conflitante com 80,0% de representação é para opiniões pessoais, em segundo lugar, 74,2% para sexualidade. Continuando: 72,8% relações entre amigos e familiares, ponto de vista educacional: 63,8%, cuidados com os filhos: 62,1%, interesses pessoais: 61,4%, profissão e trabalho: 59,6%. Aspecto importante para as conclusões desse estudo, já que remete ao conflito da conciliação entre as esferas: família e trabalho.

Sobre o desafio de vencer tais conflitos, Gilbert e Rachlin (1987) entendem que o apoio ao outro e a capacidade de empatia com os desafios enfrentados pelo parceiro são fatores importantes para a saúde e qualidade da vida conjugal. A experiência de casais brasileiros aponta para os dilemas que os casais enfrentam para implementar um estilo de vida de duplo trabalho.

No caso desse estudo, observa-se que os casais entendem e implementam o apoio mútuo como estratégia de conciliação, entretanto trabalho e família apresenta-se como elemento de maior conflito. Apresentando percentual de 50,0% da soma nada conflituoso e pouco conflituoso, está: distribuição do trabalho de casa e os motivos relacionados à distribuição de tempo livre.

Finalmente, sobre o objetivo: identificar algumas diferenças entre as concepções e práticas sobre a relação família-trabalho apresentadas por pais e mães, os dados permitiram visualizar que ambos estão afinados em relação a esse respeito. Eles entendem as implicações advindas da natureza do relacionamento, afirmam a importância do trabalho para a realização pessoal, mas priorizam a família. A

afirmação ressoa uma contradição, uma vez que os participantes dizem priorizar a família, mas dispensam apenas quatro horas para ela.

Quanto às diferenças, demonstram alguma divergência de prioridades no campo das políticas que favorecem a conciliação entre as esferas. A exemplo disso, as mães mostram-se mais interessadas a concordar com horários flexíveis das instituições de apoio externos e vantagem financeira para as famílias mediante quantidade de filhos.

As mães também sinalizam práticas de conciliação orientadas para os mecanismos e artifícios criados para cumprir as atividades profissionais, cogitam levar os filhos com elas para o trabalho, resolvem cuidar pessoalmente das tarefas escolares e abdicar do desenvolvimento profissional para estar com os filhos. Ainda, procuram não ocupar cargos que demandem uma sobrecarga maior. Os pais sinalizam sobre a importância de voltar para casa, assim que concluem o trabalho, apoiar a esposa e a babá, buscar os filhos na escola e almoçar em casa.

Comparando os achados desse estudo com outros anteriormente citados e também pensados a partir do Projeto *Famwork*, vale identificar resultados comuns como: o estresse físico e mental relacionado ao trabalho, influenciando nas tarefas familiares e causando apatia; importância de redes de apoio familiar como recorrência, diante da resolução dos problemas profissionais e na criação de um ambiente propício ao enfrentamento dos desafios impostos pelo trabalho; percepção positiva dos participantes quanto à vida familiar, consciência de que ela não prejudica a atividade profissional, entretanto, consideram a influência do pensamento familiar no trabalho. Discernimento de que tais influências não anulam a conciliação entre vida familiar e atividade profissional; compreensão da necessidade de adaptar comportamentos para lidar com as demandas da interação família/trabalho: dividir tarefas domésticas, muito embora as mulheres ainda sintam-se sobrecarregadas; maior inclinação dos pais para cuidar dos filhos; busca constante por atividades profissionais flexíveis e sensíveis às atividades familiares a fim de gerar mais satisfação, autonomia profissional e produtividade.

Finalmente, os casais pesquisados apresentam mais semelhanças que diferenças de concepções e práticas na relação família-trabalho. O modelo conjugal delineado e indicado para denominar o tipo do relacionamento da maioria: casais mistos (profissionais de carreira ou de trabalho em turno integral) coincide com a

realidade vivida pelos casais atuais, no contexto da contemporaneidade e das demandas advindas desse momento social, econômico e histórico.

A fim de desenhar a diversidade dos novos modelos conjugais na relação com o trabalho, Giddens (2005), escreve que a globalização econômica vem afetando as relações familiares, afinal, o empreendimento econômico representa um índice de sucesso nas relações contemporâneas. Homens e mulheres trabalham juntos e duramente para produzir um patrimônio familiar confortável. Tal perspectiva quebra o pacto da vida pública para o homem e privada para a mulher. A relação é intensamente balizada pela parceria econômica, além da afetiva.

Conforme o autor, o lugar do masculino e do feminino constituídos culturalmente deforma-se. O homem compreende a desmistificação relativa às tarefas domésticas e cuidados com os filhos, antes recomendado às mulheres e mães, apesar de nem sempre, mostrar-se pronto e disposto para isto.

O tempo é de viver uma transição e flexibilização de papéis relativizados entre sexos em prol do fortalecimento e satisfação das relações. Neste contexto, a conjugalidade é um espaço de aquisição amorosa em que os sujeitos se reconhecem complementares e dividem desejos pessoais relativos também à profissionalização. Fala-se de uma afinidade de clara significação na vida de cada cônjuge mediante alto grau de intimidade entre os pares e legitimidade entre os adultos.

Mesmo assim, Singly (1993) atenta para as marcas da individualidade do casal contemporâneo. O autor realça a cautela dispensada à qualidade das relações conjugais no espaço familiar em conformidade com as particularidades do casal. Tais relacionamentos constituem-se a partir das identidades desvalorizando a dependência e estimulando o reconhecimento da identidade pessoal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral que orientou esse estudo aspirou identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional.

Esse alvo foi definido mediante tema de pesquisa com foco nas possibilidades de conciliação entre família e trabalho, esferas consideradas centrais para a realização individual e recursos de desenvolvimento e bem estar da sociedade.

Nesta perspectiva, a interação família e trabalho passa a ser um desafio para o exercício da parentalidade, conjugalidade, divisão e conciliação de tarefas profissionais e familiares, entre os cônjuges (DINIZ, 2009).

As mudanças atuais do mercado de trabalho potencializam os estudos que aproximam as contingências familiares das profissionais, na contemporaneidade. Até pouco tempo trabalho e família eram domínios independentes, a ideia de diálogo permanente entre os dois mundos, foi formalizada por estudos que afirmam haver uma relação estreita, íntima e dinâmica entre eles.

Segundo Clark (2000), Edwards e Rothbard (2000), Namasivayam e Zhao (2007) e Eby, Maher e Butts (2010), uma vez identificada a existência dessa interdependência entre trabalho e família, o desafio volta-se para a busca de equilíbrio entre os dois domínios.

Novos valores relacionais são incorporados. Féres-Carneiro (1999; 2003) anuncia que as mudanças concentram-se nas relações estabelecidas entre o casal e entre pais e filhos. Na relação pais e filhos, cresce o investimento destinado à educação, saúde física e emocional. Para Campanini (1989), há um aumento de gratificação emocional e afetiva dos pais para com os filhos.

Quanto à integração família e trabalho, os estudos de Diniz (1996) apontam para os diferentes arranjos conjugais a fim de explicar prováveis dificuldades e facilidades experienciadas na prática do cotidiano familiar em busca da conciliação trabalho e família.

Assim, o desafio dos estudos sobre família é conhecer a medida das transformações vividas por ela, a partir das mudanças que ocorreram na sociedade ao longo do século XX. A flexibilização para explorar novos modelos relacionais deve

ser uma tendência para tais estudos, neste momento atual. A relação trabalho e família aparece como eixo significativo da transformação vigente acessível à investigação que deve avançar.

O presente estudo, por sua característica essencialmente quantitativa, realizou por amostragem, uma pesquisa densa e objetiva, aprofundando os significados da relação trabalho e família. Os eixos estruturantes do instrumento aplicado permitiram olhar para as interações, implicações e possibilidades de relacionamento família/trabalho a partir dos segmentos: caracterização das famílias dos participantes; profissão: realização, satisfação, organização e influências família e trabalho; divisão de tarefas: conflitos e negociações para conciliar demandas familiares e profissionais; vida familiar: relações casal e pais e filhos; conciliação: estratégias orientadas para a vida comum e vida pessoal.

Os principais resultados obtidos foram: necessidade dos pais para conciliar trabalho e família, disposição dos pais para cuidar dos filhos mais que para tarefas domésticas, quando estão dividindo responsabilidades. Percepção de que a relação conjugal harmoniosa pode facilitar a conciliação, entre outros

No trajeto percorrido, ficou evidente a necessidade de escavar ainda mais a questão que motivou esse. Outras demandas constituem-se em viés relevantes para galgar novos conhecimentos. Comparar os resultados obtidos no contexto da cidade de interior com outros resultantes da capital, onde o tempo parece mais curto. Verificar como se organizam e depreendem esforços para este fim, as famílias de classes sociais menos favorecidas, aquelas que não podem pagar por apoios. Além disso, como as famílias monoparentais conciliam tais necessidades.

A fim de alcançar achados para além das alternativas propostas pelo instrumento, a indicação de uma pesquisa qualitativa atenderia especificidades ou nuances que ficaram reprimidas por não constarem no instrumento de coleta de dados.

Priorizar o escopo tempo, redes de apoio, jornada de trabalho, artifícios estratégicos pessoais, aspectos salientes entre as dificuldades de conciliação, como foco para a investigação pode ampliar o saber e sugerir novos ganhos para as Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS

- AMMANN, S. B. (1997). Mulher: trabalha mais, ganha menos, tem fatias irrisórias de poder. Em Anuário da Educação 95/96: **a educação formal: entre o comunitarismo e o universalismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1997, p. 84-104.
- ANTUNES, R. (1995). **Adeus ao trabalho**. São Paulo: Cortez.
- ARIÈS, P. (1978). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.
- BARNES, G. G. (1994). A esposa e o mundo do trabalho. In: PERELBERG, R. J. e MILLER, A. C. (Orgs.). **O sexo e o poder nas famílias**. Rio de Janeiro: Imago. 1994, p. 223-255.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.
- BERGSON, H. (1988). **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- BERMAN, M. (1988). **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras. (original publicado em 1982).
- BERQUÓ, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: L.M. Schawrcz (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, v. 4. p. 411-438.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M. (1997). **Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas da educação da criança**. Temas em Psicologia, v. 3. P. 33-49.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **Arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORGES, A; CASTRO, M. G. (orgs). **Família, gênero e gerações. Desafios para as políticas sociais**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BORGES, L. O. e YAMAMOTO, O. H. (2004). O mundo do trabalho. In: ZANELLI, J. C., BORGES-ANDRADE, J. E. e BASTOS, A. V. B. (Orgs). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BORGES, L. O. e YAMAMOTO, O. H. (2010). O significado do trabalho para psicólogos brasileiros. In: BASTOS, A. V. B. e GONDIM, S. M. G. (Orgs). **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BORGES, L. O. **O significado do trabalho e a socialização organizacional**. Brasília, 1998. Tese. Doutorado Universidade de Brasília.

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. Sociologia. 2. ed. Renato Ortiz (Org.). São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7, Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

----- . A economia das trocas lingüísticas, in: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'água, 2003.

BRITO-DIAS, C. M. S. (1994). **A importância dos avós no contexto familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.10. p. 31-40.

BRONFENBRENNER, U. (1986). **Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives**. Developmental Psychology, v. 22. p. 723-742.

BRONFENBRENNER, U. (1996). Ecological systems theory. In: ARAÚJO, C. e ESCALON, C. (2005). **Genero, família e trabalho no Brasil**. RJ: FGV.

BRUSCHINI, C. e RIDENTI, S. (1994). **Família, casa e trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 88. p. 30-36.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: M. Maruani e H, Hidrata (orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC. P. 323 – 356.

CAMARANO, A. A.; MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (org.) **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 1999. p.1-15.

CAMPANINI, Giorgio. **Realtà e problemi della famiglia contemporânea**. Milano: Paoline, 1989.

CAMPANINI. **Le politiche familiari oggi**, op.cit., p.81.

CARTER, B. E Mcgoldrick, M. (1988). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARNET: The Canadian Aging Research Network (1993). **Work and family: The survey findings for the work and eldercare research group**. Guelph, ON: author.

CASTELLS, M. (1999). A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2: **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS, M. **Il potere delle identità**. Tradução: PANNOFINO, G. Milano: Università Bocconi Editore. 2003. (Original publicado em 1997).

CEZAR-VAZ, Marta Regina. **Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães**. Acta Paul Enferm, 2011; 24(3): 373-80.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CLARK, S. C. (2000). **Work/family border theory: a new theory of work/family balance**. Human Relations, 53, 6, 747-770.

COOPER, D. A morte da família. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

D'AGOSTTINI, F. **Filosofia della familia**. op. cit. p.135-136.

DESSEN, M.A. & Lewis, C. (1998). **Como estudar a família e o pai**. Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia, v. 8. p. 105-122.

DESSEN, M.A. (1994). **Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 10. p. 213-220.

DESSEN, M.A. (1997). **Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico**. Temas em Psicologia, v. 3. p. 51-61.

DINIZ, Cláudia. Homens e mulheres frente à interação casamento e trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: FERES-CARNEIRO. Terezinha. (Org.) **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

Diniz, G. (1996). **Dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio em casais que trabalham fora em tempo integral**. Em Féres-Carneiro, T. (Org.). Coletâneas da ANPEPP:

DONATI, P. **Manuale di sociologia della famiglia**. Bari: Laterza. 1998.

DONATI, P. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: 2008.

EBY, L. T, MAHER, C. P e BUTTS, M. M. (2010). The Intersection of Work and Family. In: EDWARDS, J. R. e COOPER, C. L. (1990). **The person-environment fit approach to stress: Recurring problems and some suggested solutions**. Journal of Organizational Behavior, 11(4), 293-307.

EDWARDS, J. R. e ROTHBARD, N. P. (2000). **Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs.** The Academy of Management Review, 25, 178-199.

EDWARDS, J. R. (1992). **A cybernetic theory of stress, coping, and well being in organizations.** The Academy of Management Review, 17(2), 238-274.

FALCKE, D.; DIEHI, J. A.; WAGNER, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. Em Wagner, A. (Org.). **A família em cena: tramas, dramas e transformações** Petrópolis, RJ: Vozes. p. 172-188.

FANTI, C; RISTUM, M. A mediação da babá na relação com crianças em ambientes domésticos. Em Moreira. L e Carvalho A. (Org.). **Família e Educação: Olhares de Psicologia.** São Paulo: Paulinhas, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. Em Féres-Carneiro, T. (1998). **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade.** Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v. 11 (2), p. 379-394.

FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). (2001). **Casamento e família: do social à clínica.** Rio de Janeiro: Nau.

FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). (2003). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas.** São Paulo: Loyola.

FERES-CARNEIRO, Terezinha; PONCIANO, MAGALHÃES. Família e casal: da tradição à modernidade. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. (Org.) **Família em movimento.** SP: PUC, 2003.

FERES-CARNEIRO. Terezinha. **Casal e família: entre a tradição e a transformação.** Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FERES-CARNEIRO. Terezinha. Casamento contemporâneo: Construção da identidade conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casamento e família: Do social à clínica.** Rio de Janeiro: NAU, 2001, p. 67-80.

FRASER, M. T. D. (2005). **Vivências cotidianas do conflito trabalho-família: um estudo em profundidade com casais.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. 2005.

FREYRE, G. **Casa Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Rio de Janeiro: Record. 1992.

FRONE, M. R. (2003). Work-family balance. In: Handbook of Occupational Health Psychology. QUICK, J. C. e TETRICK, L. E. Washignton (Orgs.). American Psychological Association.

FRONE, M. R., RUSSELL, M. e COOPER, M. L. (1992). **Antecedents and outcomes of work-family conflict: testing a model of the work-family interface**. Journal of Applied Psychology, 77(1), 65-78.

FRONE, M. R., YARDLEY, J. K. e MARKEL, K. S. (1997). **Developing and testing an integrative model of the work-family interface**. Journal of Vocational Behavior, 50(2), 145-167.

FONTAINE, A. M; ANDRADE, C.; MATIAS, M.; GATO, J.; MENDONÇA, M. (2007). Family and work division in dual earner families in Portugal. In I CRESPI (Ed), **Gender mainstreaming and family policy in Europe: perspectives, research and debates**. EUM: Macerata.

GIDDENS, A. (1992). **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora Unesp.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução: FIKER, R. São Paulo: Unesp. 1991 (Original publicado em 1990).

GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GILBERT, L. A.; RACHLIN, V. **Mental health and Psychological Functioning of Dual-Career families**. The Counseling Psychologist, 1987.

GOLDANI, Ana Maria. **As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação**. In: Caderno PAGU n. 1 – publicação IFCH/UNICAMP – Campinas.

GORNICK, J. C.; MEYERS, M. K. **Families that work: policies for reconciling parenthood and employment**. New York: Russell Sage Foundation, 2003.

GOUHIER, H. (1989). **Bergson dans l'histoire de la pensée occidentale**. Paris: J. Vrin.

GREENHAUS, J. H. e BEUTELL, N. J. (1985). **Sources of conflict between work and family roles**. Academy Management Review, 10, 76–88.

HACKMAN, J., e Oldhan, G. (1975). **Development of job diagnostic survey**. Journal of Applied Psychology, 60(2), 159-170.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. Spaces of Hope. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2006). Estudos e pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 19, **Síntese dos indicadores sociais**. Recuperado em 23 jan. 2010, em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>

populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sinteseindic sociais2006/indic_sociais2006.pdf

JABLONSK, B (1998). Paternidade hoje, uma Metanálise. Em: SILVEIRA Paulo (org.) **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 121-129.

———. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. Em Féres-Carneiro, T. **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Loyola. p. 141-168.

———. Atitudes frente à crise do casamento. Em Féres-Carneiro, T. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Nau. p. 81-95.

———. **Até que a vida nos separe**. Rio de Janeiro: Agir.

———. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: T. Féres-Carneiro (Org.). **Casal e família: entre a tradição e transformação**. Rio de Janeiro: NAU. 1999. p. 55-69.

JABLONSKI, Bernardo.; PERLIN, G.; DINIZ, G. **Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?** Rio de Janeiro: Psicologia Clínica, 2005, v.17, n.2, p.15-28.

KALOUSTIAN, S.M. (Org.) **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994. p.11.

KELLOWAY, E. K., GOTTLIEB, B. H., & BARHAM, L. (1999). **The source, nature, and direction of work and family conflict: A longitudinal investigation**. Journal of Occupational Health Psychology, 4, 337–346.

LAMELA, D.; NUNES-COSTA, R.; FIGUEREDO, B. Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.15, n.1, jan./mar, 2010, p.205 -216.

LEWIS, C. e DESSEN, M.A. (1999). **O pai no contexto familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 15, p. 09-16.

MARKMAN, H.J., & HALFORD, K. (2005). **International perspectives on couple relationship education**. **Family Process**, 44, 139-146.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade. Núcleos de Pesquisa 1.

MCMILLAN, H.S., MORRIS, M. L. & ATCHLEY, E. K. (2011). **Constructs of the work/life interface: a synthesis of the literature and introduction of the concept of work/life harmony**. Human Resource Development Review, 10(1), 6-25.

MONTALI L. **Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida.** Rev Bras Ciênc Soc. 2000;15(42). P. 55-71.

MOREIRA. L E CARVALHO A. O olhar dos pais de camada média sobre educação dos filhos. Em MOREIRA. L E CARVALHO A (Org.). **Família e Educação: Olhares de Psicologia.** São Paulo: Paulinhas, 2008

MORIN, Edgar. O Método II. A Vida da Vida. Lisboa, Europa-América, 1980. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

MORIN, E. M. (2001, jul./set.). **Os sentidos do trabalho.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, 41(3), p. 8-19.

MORIN, E., TONELLI, M. J. e PLIOPAS, A. L. V. (2007). **O trabalho e seus sentidos.** Psicologia & Sociedade, 19, edição especial 1, p. 47-56.

———. (2003). **O trabalho e seus sentidos** [CD-ROM]. In Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Porto Alegre, RS: ANPAD, p. 283.

MUNHÓZ, M. L. P. (1996). **Implicações das famílias de origem na formação do casal: modelos e padrões.** Tese de Doutorado, PUC, São Paulo.

NAMASIVAYAM, K. & ZHAO, X. (2007). **An investigation of the moderating effects of organizational commitment on the relationships between work-family conflict and job satisfaction among hospitality employees in India.** *Tourism Management*, 28, 1212-1223.

NORONHA, Olinda Maria. **Quanto Tempo o tempo tem.** Educ. Soc. vol.24 n. 85. Campinas, 2003.

OLIVEIRA, M. C. (1995). **A família brasileira no limiar do ano 2000.** Trabalho apresentado no Seminário Equidade entre os Sexos: uma agenda para a virada do século, na Sessão sobre Relações de Gênero, Trabalho e Família, organizado pela Fundação Carlos Chagas, São Paulo.

Oliveira, S. R., Piccinini, V. C., Fontoura, D. S., & Schweig, C. (2004). **Buscando o sentido do trabalho** [CD-ROM]. In Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (pp. 283). Porto Alegre, RS: ANPAD.

PERLI e DINIZ. **Casais que trabalham e são felizes.** Psicologia Clinica. Rio de Janeiro, vol.17, n.2, p.15 – 29 , 2005.

PERLIN, G. (2001). **Casais que trabalham fora e são felizes: mito ou realidade?** Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Psicologia, UnB.

PETRINI e ALCÂNTARA, M. **A família em mudança**. Revista Veritati, v. 2,n.2, p.79-93, 2003.

PETRINI, João Carlos. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. In: JACQUET, Christine e COSTA, Livia Fialho (Org.) **Família em Mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

PETRINI, João Carlos. G., Fonseca, R. & Porreca, W. (2010). **Pobreza, capital humano, capital social e familiar**. Memorandum, 19, 184-197. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP.

POLASKY, L. J. & HOLAHAN, C. K. (1998). **Maternal self-discrepancies, inter-role conflict, and negative affect among married professional women with children**. Journal of Family Psychology, 12(3), 388-401.

RIBEIRO, R.M., SABÓIA, A.L., Branco, C.H. e BREGMAN, S. (1998). Estrutura familiar: trabalho e renda. Em S.M. Kaloustian (Org.), **Família brasileira: a base de tudo**. Brasília, DF: Unicef/São Paulo: Cortez Editora.

RICHARDSON, Roberto, JARRY et alli. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. Revista e Ampliada. São Paulo, Atlas, 1999.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2000). **Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades**. Psicologia Clinica, 12 (2), 65-82.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In: FERES- CARNEIRO (Org.) **Família e casal. Saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: 2007.

ROCHA-COUTINHO, M. L.. **De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocesso ou um "novo" modelo de família**. In: Terezinha Féres-Carneiro. (Org.). Casal e família: permanências e rupturas. 01 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. São Pauo: Zahar, 2003.

SANNICOLA, L. (A cura di): L'intervento di rete. Napoli: Liguori, 1994; SANTORO, F.; PETRINI, J.C.; MORANDÉ, P.;FORNARI, A. (Org.) **A cultura da solidariedade**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1999), "A Reinvenção Solidária e Participativa do Estado", Oficina do CES, 134.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana e CARUSI, Danielle. DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Equidade de gênero nas negociações coletivas: cláusulas relativas ao trabalho da mulher 1996-2000**. São Paulo, 2003.

SOUZA RA, CARVALHO AM. **Programa de saúde da família e qualidade de vida: um olhar da Psicologia**. Estudos de Psicologia. v.8, nº.3. Natal. 2003.

SANNICOLA, L. **Redes sociales y menores en riesgo: solidaridad y servicios en el acogimiento familiar**. Buenos Aires: Ed. Lumem Humanitas, 1996.

SARTI, Cynthia A. Famílias Enredadas. In COSTA, A. R. e VITALE, M. A. F. / (org.) **Família – Redes, laços, políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Célia; N. Anastácio, GUEDES Sílvia. O descompasso entre a função parental e a dupla carreira dos pais. In: Moreira e Carvalho (Org.) **Família e Educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas. 2008. p. 199 – 208.

SILVA, M. R. S. **Projeto vida familiar e profissional - entre as responsabilidades e as demandas enfrentadas pelos pais na sociedade contemporânea**. Rio Grande: Escola de Enfermagem; 2008.

SILVA, Marisa. **Vida profissional e familiar: padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis**. Dissertação De Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto, 2007

SILVA, Maria e SOLIS-PONTON. **Ser pai, ser mãe – parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. 2ª Edição. Casa do psicólogo.

SIMIONATO-TOZO, S.M.P. e BIASOLI-ALVES, Z.M.M. (1998). **O cotidiano e as relações familiares em duas gerações**. Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia, v. 8, p. 137-150.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SINGLY, F. (1993). **Sociologie de la famille contemporaine**, Paris: Nathan.

SORJ, FONTES E MACHADO. **Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro. Zahar, 1981.

TROST, J. (1995). O processo de formação da família. Em J. Gomes-Pedro e M.F. Patricio (Orgs.), **Bebé XXI: criança e família na viragem do século**, p. 55-67. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura. Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 122-134.

VELLOSO, J.P.; CAVALCANTI, R.A. (Org.) Modernidade e pobreza. São Paulo: Nobel, 1994; VERAS, M.P.B. (Ed.) **Por uma sociologia da exclusão social**. São Paulo: EDUC, 1999.

VIRILIO, P. (1999) **A bomba informática** (L. V. Machado, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade. (Obra original publicada em 1998).

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse e VERZA, Fabiana (2005). **Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea**. Petrópolis: Porto Alegre, RS, 2005.

WAGNER, A. e FÉRES-CARNEIRO, T. (2000). **O recasamento e a representação gráfica da família**. Temas de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. São Paulo, 2003.

WAGNER, A. e OLIVEIRA, M. A. M. (2000). **A família recasada: Papéis, função e a educação dos filhos**. Revista Alcance, 7(5), 27-35

WAGNER, Adriana. A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas. In FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

WALSH, F. (2002). Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? Em Andolfi, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmica**. Porto Alegre: Artmed.

Apêndice A

Carta Convite

Prezados Pais,

Eu, Cinthia Barreto Santos Souza, aluna do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, convido você, pai e mãe para participarem da pesquisa: Trabalho e família: o (des)compasso entre realização profissional, conjugalidade e cuidados com os filhos.

Sua importante participação vai oferecer os dados necessários para o meu Projeto de Pesquisa que deve ser concluído com a escrita de uma dissertação a ser apresentada à Universidade Católica de Salvador – UCSAL, sobre o tema.

Os participantes serão casais com filhos pequenos na faixa de 2 a 5 anos que trabalham fora e convivem em família. O objetivo da pesquisa é identificar nas dinâmicas familiares, possíveis estratégias de conciliação entre realização profissional, relações conjugais e cuidados com os filhos pequenos.

As famílias pesquisadas devem residir na Cidade de Santo Antonio de Jesus, interior da Bahia. Sua participação vai possibilitar a identificação de recursos usados pelas famílias para alcançar realização profissional, satisfação conjugal e educação dos filhos.

Sua participação é livre e para tal, deve preencher o documento anexo, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Agradeço sua atenção e aguardo retorno até a data de devolução desse:

Cinthia Barreto Santos Souza - Mestranda
Universidade Católica do Salvador - UCSAL
Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea
Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/BA. CEP 40.231-902
Tel.75.8843.298. E-mail: cinthia.familia@yahoo.com.br

APÊNDICE C
QUESTIONÁRIO FEMININO

Dados de identificação

1. Sexo: masculino **FEMININO**

2. Qual é a sua idade? anos.

3. Desde quando convive na mesma casa com o seu companheiro?
4. São casados? sim não Caso afirmativo, desde quando?
5. Foi casada anteriormente? sim não
6. Quantos filhos tem? (incluir adotivos, em processo de adoção, enteados)

7. Dados relativos aos filhos

	Sexo		Idade		Vive a maior parte do tempo conosco	
	feminino	masculino	anos	meses	sim	não
Primeiro(a) filho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo (a) filho (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro(a) filho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quarto(a) filho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. Quantas pessoas moram em sua casa?

9. Identifique quem são essas pessoas (ex: meu marido, minha filha, meu pai, meu enteado, meus dois filhos, empregada doméstica, etc):

10. Qual é o seu nível de escolaridade?

- Ensino Fundamental
Ensino Médio
Superior
Pós-Graduação

11. Pertence a alguma Igreja ou comunidade religiosa? sim não
Se sim, a qual? _____

12. Qual a sua atividade profissional no momento?

Marque a alternativa que se aplica a você:

- Funcionária do setor público Funcionária do setor privado Autônoma

13. Em que faixa de rendimento mensal individual você se encontra?

- Até 3 salários mínimos De 7 a 9 salários mínimos
De 4 a 6 salários mínimos Mais de 9 salários mínimos

27. Existem formas de apoio suficientes para os pais prestarem assistência aos filhos (exemplo, assistência inadiável a familiares doentes). —————
28. O meu superior/chefe mostra-se muito compreensivo em relação à minha situação familiar (exemplo, na distribuição do trabalho, na marcação das férias, etc.) —————
29. Considero que, em geral, no meu emprego, há muita compreensão relativamente à minha situação familiar. —————

Influência da atividade profissional na vida familiar

Em que medida, ao longo do último ano, a sua atividade profissional influenciou a sua vida familiar?

- | | nunca | | | | sempre |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 30. Devido à minha atividade profissional, sinto-me muito cansada para realizar as coisas que tenho que fazer em casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 31. Utilizo as minhas capacidades profissionais nas tarefas de casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 32. Devido à minha atividade profissional, tenho menos tempo para as de casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 33. Após um dia de trabalho estressante fico facilmente irritada. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 34. As coisas que faço no trabalho ajudam-me a lidar melhor com problemas em casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 35. Não consigo me desligar das preocupações profissionais quando estou em casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 36. O que faço no meu trabalho torna as conversas que tenho em casa mais interessantes. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Influência da vida familiar na atividade profissional

Em que medida, ao longo do último ano, a sua vida familiar influenciou a sua atividade profissional?

- | | nunca | | | | sempre |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 37. A minha vida familiar ajuda-me a descansar e sentir-me preparada para enfrentar os desafios profissionais do dia seguinte. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 38. As tarefas de casa impedem-me de dormir o suficiente para o bom desempenho da minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 39. O estresse em casa torna-me mais irritada no emprego. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 40. O afeto e a consideração que recebo em casa dão-me mais autoconfiança na minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 41. As minhas responsabilidades familiares diminuem a dedicação que posso ter à minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 42. Não consigo me desligar das preocupações familiares ou pessoais durante a atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 43. Conversar com o meu companheiro ajuda-me a lidar melhor com problemas profissionais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Divisão de tarefas

Divisão de tarefas na família

Distinguimos **trabalho doméstico** (limpar, cozinhar, lavar louça, lavar roupa, passar a ferro, compras diárias, etc.), de **trabalhos de manutenção/reparação** (executar pequenos consertos, tratar das plantas/animais, ocupar-se do carro/moto/bicicleta, tratar de assuntos burocráticos e financeiros, etc.), de **trabalho relativo ao cuidado dos filhos** (trocar fraldas, dar banho, preparar e dar de comer, brincar, dar apoio nas atividades escolares, levar e trazer, etc.). Interessa-nos saber quem faz o quê, o número de tarefas que faz e como se organiza a divisão dos trabalhos. Ao responder às perguntas, pense **nos 7 dias da semana**.

44. Que quantidade de trabalho doméstico faz o seu companheiro, você e outras pessoas (empregada doméstica, filhos e outros familiares, etc.)?

	nada						tudo
	0	1	2	3	4	5	
Eu própria	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
O meu companheiro	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
Outras pessoas	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

45. Que quantidade de trabalho de manutenção/reparação fazem as pessoas em sua casa?

	nada						tudo
	0	1	2	3	4	5	
Eu própria	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
O meu companheiro	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
Outras pessoas	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

46. Que quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos fazem as pessoas em sua casa?

	nada						tudo
	0	1	2	3	4	5	
Eu própria	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
O meu companheiro	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
Outras pessoas	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

Avaliação da distribuição do trabalho

47. Como avalia a distribuição, entre você e o seu companheiro, do trabalho doméstico e do trabalho de manutenção/reparação, conjuntamente?

muito	bastante	um pouco	um pouco	bastante	muito	
injusta	injusta	injusta	justa	justa	justa	
<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

→ Quem realiza mais atividades? Eu própria O meu companheiro Os dois

48. Como avalia a divisão do trabalho relativo ao cuidado dos filhos, entre você e o seu companheiro?

muito	bastante	um pouco	um pouco	bastante	muito	
injusta	injusta	injusta	justa	justa	justa	
<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

→ Quem realiza mais atividades? Eu própria O meu companheiro Os dois

Atividade profissional

49. Você trabalha quantos turnos?

tempo integral (3 turnos) tempo integral (2 turnos) tempo parcial (1 turno)

50. Calcule, aproximadamente, quantas horas por semana, você e o seu companheiro utilizam nas atividades profissionais:

Eu própria	_____	horas por semana
O meu companheiro	_____	horas por semana

51. Calcule, aproximadamente, quanto tempo livre por semana, você e o seu companheiro têm individualmente, sem nenhuma obrigação familiar ou profissional.

Eu própria	_____	Horas
O meu companheiro	_____	Horas

Tarefas como um peso ou como uma fonte de realização/satisfação pessoal.

- | | nada | | | | | muito | | | | | |
|---|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|-------|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 52. Até que ponto se sente sobrecarregada com o trabalho que tem que fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)? | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 53. Até que ponto se sente realizada/satisfeita com o trabalho que tem que fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)? | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 54. Até que ponto se sente sobrecarregada com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos? | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 55. Até que ponto se sente realizada/satisfeita com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos? | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

Conciliação das suas obrigações familiares e profissionais

- | | nada | | | | | muito | | | | | |
|---|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|-------|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 56. As minhas obrigações familiares dificultam o cumprimento das minhas obrigações profissionais (pontualidade, rendimento diário, horas extras, etc.) | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 57. As minhas obrigações familiares impedem-me de ter o tempo que gostaria para a minha atividade profissional/carreira. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 58. A minha atividade profissional dificulta o cumprimento das minhas obrigações familiares. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 59. A minha atividade profissional impede-me de estar com a família o tempo que desejaria. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

Conciliação entre profissão e família no que diz respeito ao seu companheiro:

- | | nada | | | | | muito | | | | | |
|--|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|-------|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 60. A atividade profissional do meu companheiro dificulta o cumprimento das suas obrigações familiares. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 61. A atividade profissional do meu companheiro impede-o de passar com a família o tempo que ele gostaria. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

Cedências que tem que fazer perante as dificuldades em conciliar profissão e família.

77. ... na quantidade de trabalho que faz em casa e na que fazem outras mulheres ? —————
78. ... na quantidade de trabalho que o seu companheiro faz em casa e na que outros homens fazem? —————
79. ... na quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz e na que o seu companheiro faz? —————
80. ... na quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz e na que outras mulheres fazem? —————
81. ... na quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que faz o seu companheiro e na que outros homens fazem? —————

Conclusão que você chega quando compara a quantidade de trabalho que é feita por você, pelo seu companheiro e por outras pessoas

- | | muito menos | menos | um pouco menos | igual | um pouco mais | mais | muito mais |
|---|--------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| 82. A quantidade de trabalho doméstico e de manutenção feito por você em relação ao <u>seu companheiro</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 83. A quantidade de trabalho doméstico e de manutenção que você faz em comparação com <u>outras mulheres</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 84. A quantidade de trabalho doméstico que faz <u>o seu companheiro</u> em comparação com <u>outros homens</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 85. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz em comparação com <u>o seu companheiro</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 86. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz em comparação com <u>outras mulheres</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 87. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que <u>o seu companheiro</u> faz em comparação com <u>outros homens</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |

As pessoas são diferentes no seu grau de exigência quanto à arrumação e limpeza:

88. Como avalia as suas exigências e as do seu companheiro no que se refere à arrumação e limpeza da casa?

	muito baixas	0	1	2	3	4	5	muito altas
As minhas exigências	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As exigências do meu companheiro	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Divisão desejada do trabalho familiar

Como gostaria que fosse feita a distribuição do trabalho familiar (doméstico, manutenção/reparação e cuidado com os filhos).

Sobre a vida familiar na sua casa, nos últimos 12 meses, com que frequência se sentiu sobrecarregada devido aos motivos:

	nunca					muitas vezes
	0	1	2	3	4	5
101 Dificuldades em se entenderem uns com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
102 Problemas com a distribuição de tarefas em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
103 Falta de tempo para relaxar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
104 Problemas com o comportamento de um ou mais filhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

RESPONDA, A SEGUIR, SOBRE SEU/SUA FILHO/A INDICADO/A PARA O ESTUDO.

Indique como tem lidado com ele/a, nos últimos dois meses.

	nunca					muitas vezes
	0	1	2	3	4	5
105 Brinco com o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
106 Acaricio o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
107 Falo e converso com o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
108 Dou valor aos progressos que o meu filho faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
109 Ouço o que o meu filho me diz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
110 Interrompo ou paro o que estou fazendo, sempre que o meu filho precisa de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
111 Fico nervosa com o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

O que necessita o/a seu/sua filho/a nesta fase da vida:

	não é importante			é muito importante		
	0	1	2	3	4	5
112 Carinho, atenção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
113 Que confie nele	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
114 Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
115 Independência, autonomia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
116 Proximidade, ligação com a família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
117 Regras claras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Caracterize o comportamento do/a seu/sua filho/a, no último mês.

	não se adequa em nada	adequa-se em parte	adequa-se totalmente
118 É nervoso, hiperativo, não consegue estar quieto muito tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
119 Tem frequentemente dores de cabeça, dores de barriga ou enjoos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
120 Divide seus brinquedos com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
121 Faz birra frequentemente ou é temperamental.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
122 Prefere brincar sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
123 É fácil de lidar, obedece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

173 Quantas horas, por dia, seu filho passa com babá?

	0 h	1 até 5 h	6 até 10 h	11 até 15 h	16 até 20 h	mais de 20 h
Primeiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

174 Quantas horas, por dia, seu filho passa em instituições? (escola, creche, etc)

	0 h	1 até 5 h	6 até 10 h	11 até 15 h
Primeiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conciliação

175. Indique, utilizando poucas palavras, suas estratégias, ou seja, o que tem feito para conciliar a atividade profissional com a vida familiar.

1. _____
2. _____
3. _____

Releia a lista anterior e assinale a importância que atribui a cada estratégia com 1, 2 ou 3 estrelas, de acordo com a seguinte escala:

* pouco importante	** importante	*** muito importante
-----------------------	------------------	-------------------------

Seguem quatro áreas em que é possível fazer alterações para melhor conciliar família e trabalho: campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade.

Campo Profissional

Indique para cada uma das seguintes afirmações o que deve ainda ser feito no nível profissional, para possibilitar a conciliação entre família e trabalho.

	não deve ser feito		deve ser feito		
	0	1	2	3	4
176 Possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo integral para parcial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
177 Possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo parcial para tempo integral.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
178 Mais informação no local de trabalho sobre as medidas de apoio à família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
178 Maior sensibilidade dos superiores hierárquicos às	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

necessidades familiares.

- 179 Atividades de formação e de promoção profissional tendo em conta a vida familiar dos funcionários. ————
- 180 Medidas de apoio social e financeiro para os empregados. ————
- 181 Possibilidade de ajustamento do horário de trabalho (p. ex. Coordenação de horário de trabalho com os da instituição de educação infantil/escola). ————
- 182 Co-participação financeira para a creche/escola dos filhos. ————
- 183 Creche para os filhos no próprio local de trabalho. ————
- 184 Possibilidade de trabalhar em casa para os funcionários que têm filhos. ————
- 185 Possibilidade de levar os filhos para o local de trabalho. ————

Vida em comum

Indique em que medida os seguintes aspectos da relação com a seu companheiro são importantes para a conciliação da vida familiar e profissional. **Qual é a importância de ...**

- | | Sem importância | | Muito importante | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 186 coordenarem o tempo de vocês. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 187 serem claros e precisos na divisão de tarefas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 188 cumprirem acordos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 189 serem diretos na manifestação do descontentamento/insatisfação. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 190 solucionarem os conflitos de modo construtivo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 191 apoiarem-se mutuamente. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 192 reconhecerem mutuamente o trabalho um do outro. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 193 quando necessário, assumirem as tarefas do outro | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 194 não se esquivarem de tarefas desagradáveis ou enfadonhas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Indique em que medida os seguintes aspectos da sua relação podem ainda ser melhorados para conciliar a sua vida familiar e profissional: **eu e o meu companheiro devemos:**

- | | não deve ser melhorado | | deve ser melhorado | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 195. coordenar-nos melhor em termos de tempo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 196 encontrar regras claras e precisas sobre a distribuição de tarefas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 197 ser mais rígidos no cumprimento dos nossos acordos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 198 manifestar diretamente descontentamento/insatisfação. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 199 solucionar os conflitos de forma construtiva. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 200 apoiar-nos mais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 201 exprimir maior reconhecimento um pelo outro. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- 202 frequentemente e espontaneamente, assumir as tarefas que o outro deveria fazer. ————
- 203 não nos esquivarmos das tarefas desagradáveis ou enfadonhas. ————

Políticas familiares

Que mudanças no nível da política familiar poderiam ajudá-la a melhorar a conciliação entre família e trabalho

- | | não deve ser feito | | | | deve ser feito |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 204 Instituições de acompanhamento para crianças com horário de abertura flexível, isto é, melhor ajustamento aos horários de trabalho dos pais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 205 Acompanhamento para crianças nas férias das escolas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 206 Prolongamento do horário para dia inteiro nas creches e escolas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 207 Subsídio do estado para os locais de acompanhamento de crianças, como por exemplo um abono. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 208 Extensão de uma rede de apoio a que se possa recorrer em casos urgentes. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 209 Melhoria da situação financeira das famílias, consoante o número de filhos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Sociedade

Quanto às condições sociais o que ainda deve ser feito para facilitar a conciliação entre família e trabalho.

- | | não deve ser feito | | | | deve ser feito |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 210 Maior tolerância para com famílias (ex: não haver desvantagem na procura de emprego, casa, etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 211 Eliminação do preconceito associado aos homens que exercem o seu direito à “licença paternidade”. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 212 Reconhecer a importância de ter filhos para que existam no futuro pessoas que trabalhem e assegurem o bem-estar da sociedade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 213 Reconhecimento das vantagens econômicas das mães trabalhadoras. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Considere os 4 domínios apresentados (**campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade**) e indique em qual vê maiores necessidades de mudança. Ordene o quadro, de acordo com o grau de **importância**. Use o número 1 para indicar 1ª necessidade e assim por diante.

Campo Profissional	<input type="checkbox"/>
Vida em comum	<input type="checkbox"/>
Políticas familiares	<input type="checkbox"/>
Sociedade	<input type="checkbox"/>

- 277 A partir de certo ponto, recusa-se a falar sobre o assunto. —————
- 278 Descontrola-se e diz coisas de que mais tarde se arrepende. —————
- 279 Procura uma solução aceitável para os dois. —————
- 280 Passado um tempo deixa de ouvir. —————
- 281 Diz coisas que me magoam. —————
- 282 Vai-se embora e mostra-se desinteressado. —————
- 283 Tenta chegar a um acordo. —————

A sua opinião é muito importante. Assim, se desejar, o próximo espaço destina-se a comentários relativos ao preenchimento deste questionário.

Agradecemos sinceramente a sua participação!

**SOLICITAMOS QUE DEVOLVA O QUESTIONÁRIO ATÉ NO MÁXIMO,
/ / 2011.**

APÊNDICE D
QUESTIONÁRIO MASCULINO

Dados de identificação

1. Sexo: MASCULINO feminino

2. Qual é a sua idade? anos.

3. Desde quando convive na mesma casa com a sua companheira?
4. São casados? sim não Caso afirmativo, desde quando?
5. Foi casado anteriormente? sim não
6. Quantos filhos tem? (incluir adotivos, em processo de adoção, enteados)

7. Dados relativos aos filhos

	Sexo		Idade		Vive a maior parte do tempo conosco	
	feminino	masculino	anos	meses	sim	não
Primeiro(a) filho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo (a) filho (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro(a) filho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quarto(a) filho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. Quantas pessoas moram em sua casa?

9. Identifique quem são essas pessoas (ex: minha esposa, minha filha, meu pai, meu enteado, meus dois filhos, empregada doméstica, etc):

10. Qual é o seu nível de escolaridade?

Ensino Fundamental
Ensino Médio
Superior
Pós-Graduação

11. Pertence a alguma Igreja ou comunidade religiosa? sim não
Se sim, a qual? _____

12. Qual a sua atividade profissional no momento?

Marque a alternativa que se aplica a você:

Funcionário do setor público Funcionário do setor privado Autônomo

13. Em que faixa de rendimento mensal individual você se encontra?

Até 3 salários mínimos De 7 a 9 salários mínimos
De 4 a 6 salários mínimos Mais de 9 salários mínimos

Profissão

Horário de trabalho e realização profissional

Assinale em que medida as seguintes afirmações se aplicam a você:

- | | não se aplica em nada | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | aplica-se totalmente | |
|---|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|----------------------|--------------------------|
| 14. Sinto-me realizado na minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 15. Estou satisfeito com as possibilidades de evolução na minha vida profissional. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 16. Na minha atividade profissional sinto-me satisfeito por poder colocar em prática as minhas capacidades. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 17. No final de um dia de trabalho sinto-me exausto. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

Com que frequência se sentiu afetado, nos últimos 6 meses, na sua atividade profissional, devido aos seguintes fatores:

- | | nunca | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | muitas vezes | |
|--|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|--------------|--------------------------|
| 18. Ambiente de trabalho tenso. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 19. Trabalho cansativo. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 20. Sensação de que o trabalho não é devidamente remunerado. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 21. Ameaça de perda do trabalho/emprego. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

Organização profissional e familiar

Indique se as seguintes afirmações se aplicam, ou não, ao seu emprego. Quando não souber responder, coloque um x no ponto de interrogação "?".

- | | sim | não | ? |
|---|--------------------------|-----|--------------------------|
| 22. No meu emprego, existe a possibilidade de trabalhar em tempo parcial por razões familiares. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 23. Existe flexibilidade no meu período de trabalho diário (horários de chegada e saída, interrupções, turnos, etc.) | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 24. Em certas circunstâncias são aceitas dispensas, mesmo que comunicadas sem grande antecedência (ida ao pediatra, primeiro dia de escola, reunião de pais, etc.) | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |
| 25. No meu emprego existe apoio para a assistência aos filhos dos trabalhadores (auxílio financeiro para despesas com filhos em idade escolar ou pré-escolar, etc.) | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

Avalie o grau de compreensão existente no seu emprego relativamente às questões familiares.

- | | não se aplica em nada | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | aplica-se totalmente | |
|--|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------|----------------------|--------------------------|
| 26. Fico prejudicado (possibilidade de ser promovido, atingir um lugar de chefia, participar em ações de formação, etc.) por causa das minhas obrigações familiares. | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> | — | <input type="checkbox"/> |

27. Existem formas de apoio suficientes para os pais prestarem assistência aos filhos (exemplo, assistência inadiável a familiares doentes). —————
28. O meu superior/chefe mostra-se muito compreensivo em relação à minha situação familiar (exemplo, na distribuição do trabalho, na marcação das férias, etc.) —————
29. Considero que, em geral, no meu emprego, há muita compreensão relativamente à minha situação familiar. —————

Influência da atividade profissional na vida familiar

Em que medida, ao longo do último ano, a sua atividade profissional influenciou a sua vida familiar?

- | | nunca | | | | sempre |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 30. Devido à minha atividade profissional, sinto-me muito cansado para realizar as coisas que tenho que fazer em casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 31. Utilizo as minhas capacidades profissionais nas tarefas de casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 32. Devido à minha atividade profissional, tenho menos tempo para as de casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 33. Após um dia de trabalho estressante fico facilmente irritado. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 34. As coisas que faço no trabalho ajudam-me a lidar melhor com problemas em casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 35. Não consigo me desligar das preocupações profissionais quando estou em casa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 36. O que faço no meu trabalho torna as conversas que tenho em casa mais interessantes. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Influência da vida familiar na atividade profissional

Em que medida, ao longo do último ano, a sua vida familiar influenciou a sua atividade profissional?

- | | nunca | | | | sempre |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 37. A minha vida familiar ajuda-me a descansar e sentir-me preparado para enfrentar os desafios profissionais do dia seguinte. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 38. As tarefas de casa impedem-me de dormir o suficiente para o bom desempenho da minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 39. O estresse em casa torna-me mais irritado no emprego. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 40. O afeto e a consideração que recebo em casa dão-me mais autoconfiança na minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 41. As minhas responsabilidades familiares diminuem a dedicação que posso ter à minha atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 42. Não consigo me desligar das preocupações familiares ou pessoais durante a atividade profissional. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 43. Conversar com a minha companheira ajuda-me a lidar melhor com problemas profissionais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Divisão de tarefas

Divisão de tarefas na família

Distinguimos **trabalho doméstico** (limpar, cozinhar, lavar louça, lavar roupa, passar a ferro, compras diárias, etc.), de **trabalhos de manutenção/reparação** (executar pequenos consertos, tratar das plantas/animais, ocupar-se do carro/moto/bicicleta, tratar de assuntos burocráticos e financeiros, etc.), de **trabalho relativo ao cuidado dos filhos** (trocar fraldas, dar banho, preparar e dar de comer, brincar, dar apoio nas atividades escolares, levar e trazer, etc.). Interessa-nos saber quem faz o quê, o número de tarefas que faz e como se organiza a divisão dos trabalhos. Ao responder às perguntas, pense **nos 7 dias da semana**.

44. Que quantidade de trabalho doméstico faz a sua companheira, você e outras pessoas (empregada doméstica, filhos e outros familiares, etc.)?

	nada					tudo	
	0	1	2	3	4	5	
Eu próprio	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
A minha companheira	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
Outras pessoas	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

45. Que quantidade de trabalho de manutenção/reparação fazem as pessoas em sua casa?

	nada					tudo	
	0	1	2	3	4	5	
Eu próprio	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
A minha companheira	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
Outras pessoas	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

46. Que quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos fazem as pessoas em sua casa?

	nada					tudo	
	0	1	2	3	4	5	
Eu próprio	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
A minha companheira	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>
Outras pessoas	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>

Avaliação da distribuição do trabalho

47. Como avalia a distribuição, entre você e a sua companheira, do trabalho doméstico e do trabalho de manutenção/reparação, conjuntamente?

muito	bastante	um pouco	um pouco	bastante	muito
injusta	injusta	injusta	justa	justa	justa
<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—
<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—

- Quem realiza mais atividades? Eu próprio A minha companheira Os dois

48. Como avalia a divisão do trabalho relativo ao cuidado dos filhos, entre você e a sua companheira?

muito	bastante	um pouco	um pouco	bastante	muito
injusta	injusta	injusta	justa	justa	justa
<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—
<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—	<input type="checkbox"/>	—

→ Quem realiza mais atividades? Eu próprio A minha companheira Os dois

Atividade profissional

49. Você trabalha quantos turnos?
 tempo integral (3 turnos) tempo integral (2 turnos) tempo parcial (1 turno)
50. Calcule, aproximadamente, quantas horas por semana, você e sua companheira utilizam nas atividades profissionais:
- | | | |
|-------------------|-------|------------------|
| Eu próprio | _____ | horas por semana |
| Minha companheira | _____ | horas por semana |
51. Calcule, aproximadamente, quanto tempo livre por semana, você e a sua companheira têm individualmente, sem nenhuma obrigação familiar ou profissional.

Eu próprio	_____	Horas
Minha companheira	_____	Horas

Tarefas como um peso ou como uma fonte de realização/satisfação pessoal.

- | | | | | | | |
|--|------|---|---|---|---|-------|
| | nada | | | | | muito |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
52. Até que ponto se sente sobrecarregado com o trabalho que tem que fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)?
53. Até que ponto se sente realizado/satisfeito com o trabalho que tem que fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto)?
54. Até que ponto se sente sobrecarregado com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos?
55. Até que ponto se sente realizado/satisfeito com as tarefas relativas ao cuidado dos filhos?

Conciliação das suas obrigações familiares e profissionais

- | | | | | | | |
|--|------|---|---|---|---|-------|
| | nada | | | | | muito |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
56. **As minhas obrigações familiares** dificultam o cumprimento das minhas obrigações profissionais (pontualidade, rendimento diário, horas extras, etc.)
57. **As minhas obrigações familiares** impedem-me de ter o tempo que gostaria para a minha atividade profissional/carreira.
58. **A minha atividade profissional** dificulta o cumprimento das minhas obrigações familiares.
59. **A minha atividade profissional** impede-me de estar com a família o tempo que desejaria.

Conciliação entre profissão e família no que diz respeito à sua companheira:

- | | | | | | | |
|--|------|---|---|---|---|-------|
| | nada | | | | | muito |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
60. A atividade profissional da minha companheira dificulta o cumprimento das suas obrigações familiares.
61. A atividade profissional da minha companheira impede-a de passar com a família o tempo que ela gostaria.

Costumes da sociedade local — — — — —

Tradições familiares — — — — —

68. Até que ponto as seguintes pessoas ou circunstâncias influenciaram a atual distribuição das tarefas relativas ao cuidado dos filhos?

	nada						muito
	0	1	2	3	4	5	
Eu próprio	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A minha companheira	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As características da nossa relação	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As condições financeiras	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Costumes da sociedade local	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tradições familiares	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Grau de satisfação quanto à divisão, entre você e a sua companheira, das diferentes tarefas de casa.

	nada					totalmente	
	0	1	2	3	4	5	
69. Satisfação com a distribuição, entre você e a sua companheira, do trabalho que é necessário fazer em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto).	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
70. Satisfação com a distribuição, entre você e a sua companheira, das tarefas relativas ao cuidado dos filhos.	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Avaliação quanto à divisão de tarefas praticadas por outros casais.

71. A distribuição do trabalho **em sua casa** é melhor ou pior do que a que é feita pelos outros casais?

muito pior	pior	um pouco pior	igual	um pouco melhor	melhor	muito melhor
<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>

72. A distribuição das tarefas relativas ao **cuidado dos filhos** é melhor ou pior do que a que é feita por outros casais?

muito pior	pior	um pouco pior	igual	um pouco melhor	melhor	muito melhor
<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>

Indique até que ponto sente que a sua companheira dá valor ao seu trabalho.

	nenhum					muito	
	0	1	2	3	4	5	
73. Trabalho que faz em casa (trabalho doméstico e de manutenção/conserto).	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
74. Tarefas relativas ao cuidado dos filhos por você realizadas.	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
75. Trabalho profissional.	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Quando refletimos sobre a nossa própria situação, pensamos frequentemente no que se passa com as outras pessoas. As perguntas que se seguem relacionam-se com estas constatações.

Com que frequência pensa ...

	nunca					muitas vezes	
	0	1	2	3	4	5	
76. ... na quantidade de trabalho que faz em casa (doméstico e de manutenção/conserto) e na que faz <u>a sua companheira</u>	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

77. ... na quantidade de trabalho que faz em casa e na que fazem outros homens ? —————
78. ... na quantidade de trabalho que a sua companheira faz em casa e na que outras mulheres fazem? —————
79. ... na quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz e na que a sua companheira faz? —————
80. ... na quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz e na que outros homens fazem? —————
81. ... na quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que faz a sua companheira e na que outras mulheres fazem? —————

Conclusão que você chega quando compara a quantidade de trabalho que é feita por você, pela sua companheira e por outras pessoas

- | | muito menos | menos | um pouco menos | igual | um pouco mais | mais | muito mais |
|---|--------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| 82. A quantidade de trabalho doméstico e de manutenção feito por você em relação à sua <u>companheira</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 83. A quantidade de trabalho doméstico e de manutenção que você faz em comparação com <u>outros homens</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 84. A quantidade de trabalho doméstico que faz <u>a sua companheira</u> em comparação com <u>outras mulheres</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 85. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz em comparação com <u>a sua companheira</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 86. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que você faz em comparação com <u>outros homens</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |
| 87. A quantidade de trabalho relativo ao cuidado dos filhos que <u>a sua companheira</u> faz em comparação com <u>outras mulheres</u> é | <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> | — <input type="checkbox"/> |

As pessoas são diferentes no seu grau de exigência quanto à arrumação e limpeza:

88. Como avalia as suas exigências e as da sua companheira no que se refere à arrumação e limpeza da casa?

	muito baixas	0	1	2	3	4	5	muito altas
As minhas exigências	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As exigências do meu companheiro	<input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	— <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Divisão desejada do trabalho familiar

Como gostaria que fosse feita a distribuição do trabalho familiar (doméstico, manutenção/reparação e cuidado com os filhos).

Sobre a vida familiar na sua casa, nos últimos 12 meses, com que frequência se sentiu sobrecarregado devido aos motivos:

	nunca					muitas vezes
	0	1	2	3	4	5
101 Dificuldades em se entenderem uns com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
102 Problemas com a distribuição de tarefas em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
103 Falta de tempo para relaxar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
104 Problemas com o comportamento de um ou mais filhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

RESPONDA, A SEGUIR, SOBRE SEU/SUA FILHO/A INDICADO/A PARA O ESTUDO.

Indique como tem lidado com ele/a, nos últimos dois meses.

	nunca					muitas vezes
	0	1	2	3	4	5
105 Brinco com o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
106 Acaricio o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
107 Falo e converso com o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
108 Dou valor aos progressos que o meu filho faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
109 Ouço o que o meu filho me diz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
110 Interrompo ou paro o que estou fazendo, sempre que o meu filho precisa de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
111 Fico nervoso com o meu filho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

O que necessita o/a seu/sua filho/a nesta fase da vida:

	não é importante			é muito importante		
	0	1	2	3	4	5
112 Carinho, atenção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
113 Que confie nele	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
114 Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
115 Independência, autonomia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
116 Proximidade, ligação com a família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
117 Regras claras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Caracterize o comportamento do/a seu/sua filho/a, no último mês.

	não se adequa em nada	adequa-se em parte	adequa-se totalmente
118 É nervoso, hiperativo, não consegue estar quieto muito tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
119 Tem frequentemente dores de cabeça, dores de barriga ou enjoos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
120 Divide seus brinquedos com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
121 Faz birra frequentemente ou é temperamental.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
122 Prefere brincar sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
123 É fácil de lidar, obedece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

173 Quantas horas, por dia, seu filho passa com babá?

	0 h	1 até 5 h	6 até 10 h	11 até 15 h	16 até 20 h	mais de 20 h
Primeiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

174 Quantas horas, por dia, seu filho passa em instituições? (escola, creche, etc)

	0 h	1 até 5 h	6 até 10 h	11 até 15 h
Primeiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conciliação

175. Indique, utilizando poucas palavras, suas estratégias, ou seja, o que tem feito para conciliar a atividade profissional com a vida familiar.

1.

2.

3.

Releia a lista anterior e assinale a importância que atribui a cada estratégia com 1, 2 ou 3 estrelas, de acordo com a seguinte escala:

* pouco importante ** importante *** muito importante

Seguem quatro áreas em que é possível fazer alterações para melhor conciliar família e trabalho: campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade.

Campo Profissional

Indique para cada uma das seguintes afirmações o que deve ainda ser feito no nível profissional, para possibilitar a conciliação entre família e trabalho.

	não deve ser feito					deve ser feito
	0	1	2	3	4	
176 Possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo integral para parcial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
177 Possibilidade de transformar a atividade profissional de tempo parcial para tempo integral.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
178 Mais informação no local de trabalho sobre as medidas de apoio à família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
178 Maior sensibilidade dos superiores hierárquicos às necessidades familiares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

- 179 Atividades de formação e de promoção profissional tendo em conta a vida familiar dos funcionários. ————
- 180 Medidas de apoio social e financeiro para os empregados. ————
- 181 Possibilidade de ajustamento do horário de trabalho (p. ex. Coordenação de horário de trabalho com os da instituição de educação infantil/escola). ————
- 182 Co-participação financeira para a creche/escola dos filhos. ————
- 183 Creche para os filhos no próprio local de trabalho. ————
- 184 Possibilidade de trabalhar em casa para os funcionários que têm filhos. ————
- 185 Possibilidade de levar os filhos para o local de trabalho. ————

Vida em comum

Indique em que medida os seguintes aspectos da relação com a sua companheira são importantes para a conciliação da vida familiar e profissional. **Qual é a importância de ...**

- | | Sem importância | | Muito importante | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 186 coordenarem o tempo de vocês. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 187 serem claros e precisos na divisão de tarefas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 188 cumprirem acordos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 189 serem diretos na manifestação do descontentamento/insatisfação. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 190 solucionarem os conflitos de modo construtivo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 191 apoiarem-se mutuamente. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 192 reconhecerem mutuamente o trabalho um do outro. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 193 quando necessário, assumirem as tarefas do outro | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 194 não se esquivarem de tarefas desagradáveis ou enfadonhas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Indique em que medida os seguintes aspectos da sua relação podem ainda ser melhorados para conciliar a sua vida familiar e profissional: **eu e minha companheira devemos:**

- | | não deve ser melhorado | | deve ser melhorado | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 195. coordenar-nos melhor em termos de tempo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 196 encontrar regras claras e precisas sobre a distribuição de tarefas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 197 ser mais rígidos no cumprimento dos nossos acordos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 198 manifestar diretamente descontentamento/insatisfação. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 199 solucionar os conflitos de forma construtiva. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 200 apoiar-nos mais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 201 exprimir maior reconhecimento um pelo outro. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 202 frequentemente e espontaneamente, assumir as tarefas que o outro deveria fazer. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 203 não nos esquivarmos das tarefas desagradáveis ou enfadonhas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Políticas familiares

Que mudanças no nível da política familiar poderiam ajudá-lo a melhorar a conciliação entre família e trabalho

	não deve ser feito			deve ser feito	
	0	1	2	3	4
204	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
205	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
206	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
207	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
208	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
209	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sociedade

Quanto às condições sociais o que ainda deve ser feito para facilitar a conciliação entre família e trabalho.

	não deve ser feito			deve ser feito	
	0	1	2	3	4
210	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
211	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
212	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
213	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Considere os 4 domínios apresentados (**campo profissional, vida em comum, políticas familiares e sociedade**) e indique em qual vê maiores necessidades de mudança. Ordene o quadro, de acordo com o grau de **importância**. Use o número 1 para indicar 1ª necessidade e assim por diante.

Campo Profissional	<input type="checkbox"/>
Vida em comum	<input type="checkbox"/>
Políticas familiares	<input type="checkbox"/>
Sociedade	<input type="checkbox"/>

- 277 A partir de certo ponto, recusa-se a falar sobre o assunto. —————
- 278 Descontrola-se e diz coisas de que mais tarde se arrepende. —————
- 279 Procura uma solução aceitável para os dois. —————
- 280 Passado um tempo deixa de ouvir. —————
- 281 Diz coisas que me magoam. —————
- 282 Vai-se embora e mostra-se desinteressada. —————
- 283 Tenta chegar a um acordo. —————

A sua opinião é muito importante. Assim, se desejar, o próximo espaço destina-se a comentários relativos ao preenchimento deste questionário.

Agradecemos sinceramente a sua participação!

***SOLICITAMOS QUE DEVOLVA O QUESTIONÁRIO ATÉ NO MÁXIMO,
02 DE SETEMBRO DE 2011.***

ANEXOS

Rede de
Ensino

IMES



INSTITUTO MANTENEDOR DE ENSINO SUPERIOR

Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER DO CEP/IMES

O protocolo nº 3630 Título do projeto: Família e Trabalho: O(des)compasso entre convivência conjugal, cuidados com os filhos pequenos e atividades profissionais, teve **PARECER considerado APROVADO**, na Reunião Plenária do CEP/IMES realizada em 14 de Novembro de 2011.

- Aprovado
- Não Aprovado
- Projeto com Pendências
- Aprovado com Recomendações

Dar conhecimento ao pesquisador, e lembrar a necessidade de entrega do relatório final.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Amador de Almeida Sousa
Coordenador Comitê de Ética em Pesquisa
IMES



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ata de DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO de **Cinthia Barreto Santos Souza** no Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Aos 23 de fevereiro de 2012, às 08:30 horas, reuniram-se no Auditório da Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, desta Instituição, a Banca Examinadora, composta pelos Professores Doutores Miriã Alves Ramos de Alcântara, Lílian Perdigão Caixêta Reis e por mim, Lúcia Vaz de Campos Moreira orientador(a), para examinar a dissertação intitulada **De casa para a rua e da rua para casa: implicações e interações família e trabalho** de autoria de **Cinthia Barreto Santos Souza**.

Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando à conclusão de que *ele está aprovado e recomenda-se a publicação dos resultados.*

Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu, orientador(a) do(a) mestrando(a), lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelos examinadores, pelo(a) mestrando(a) e por mim.

Salvador, 23 de fevereiro de 2012.

Lúcia Vaz de Campos Moreira
Orientador

Cinthia Barreto Santos Souza
Mestrando

Lilian Perdigão Caixêta Reis
Examinador

Miriã Alves Ramos de Alcântara
Examinador

